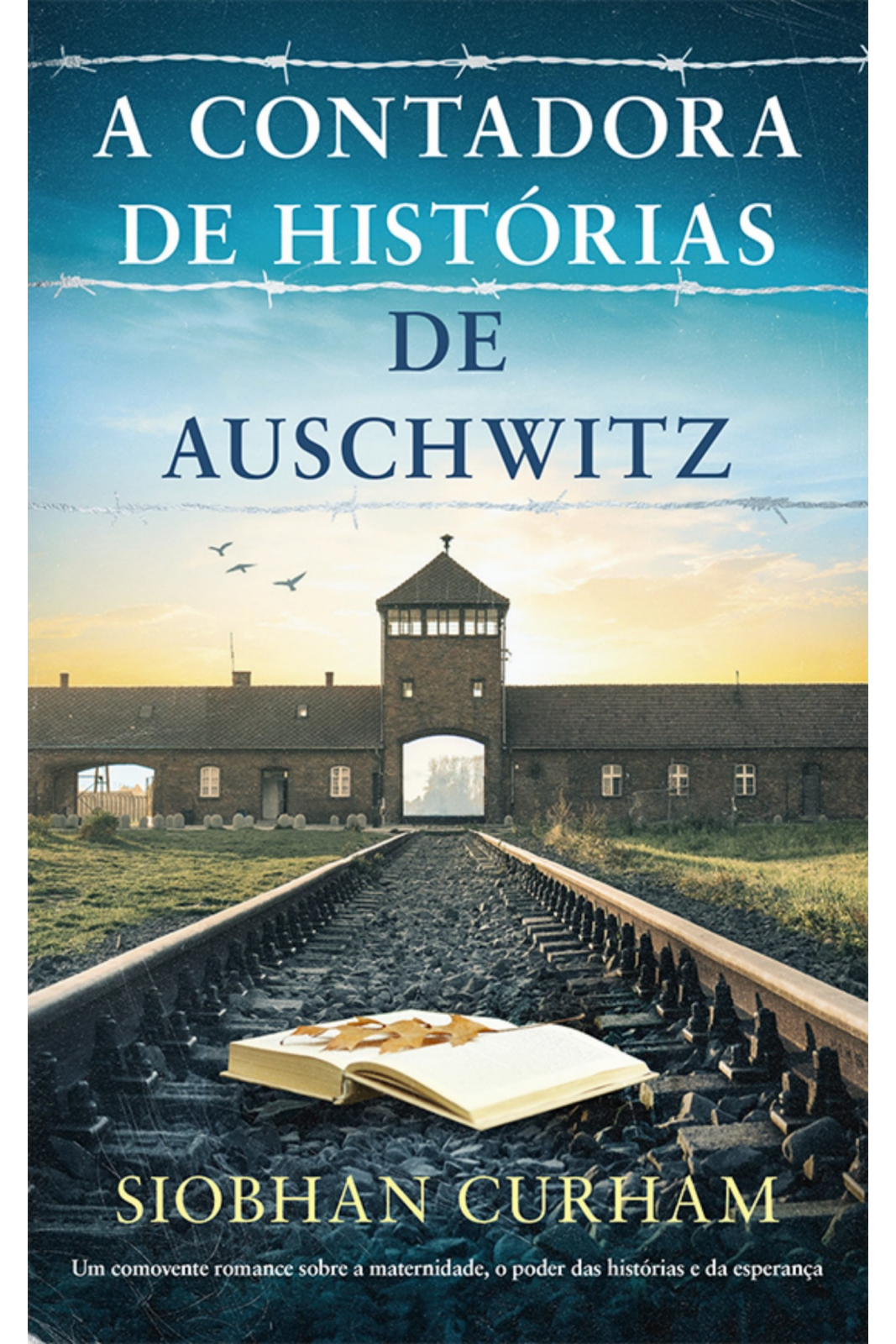




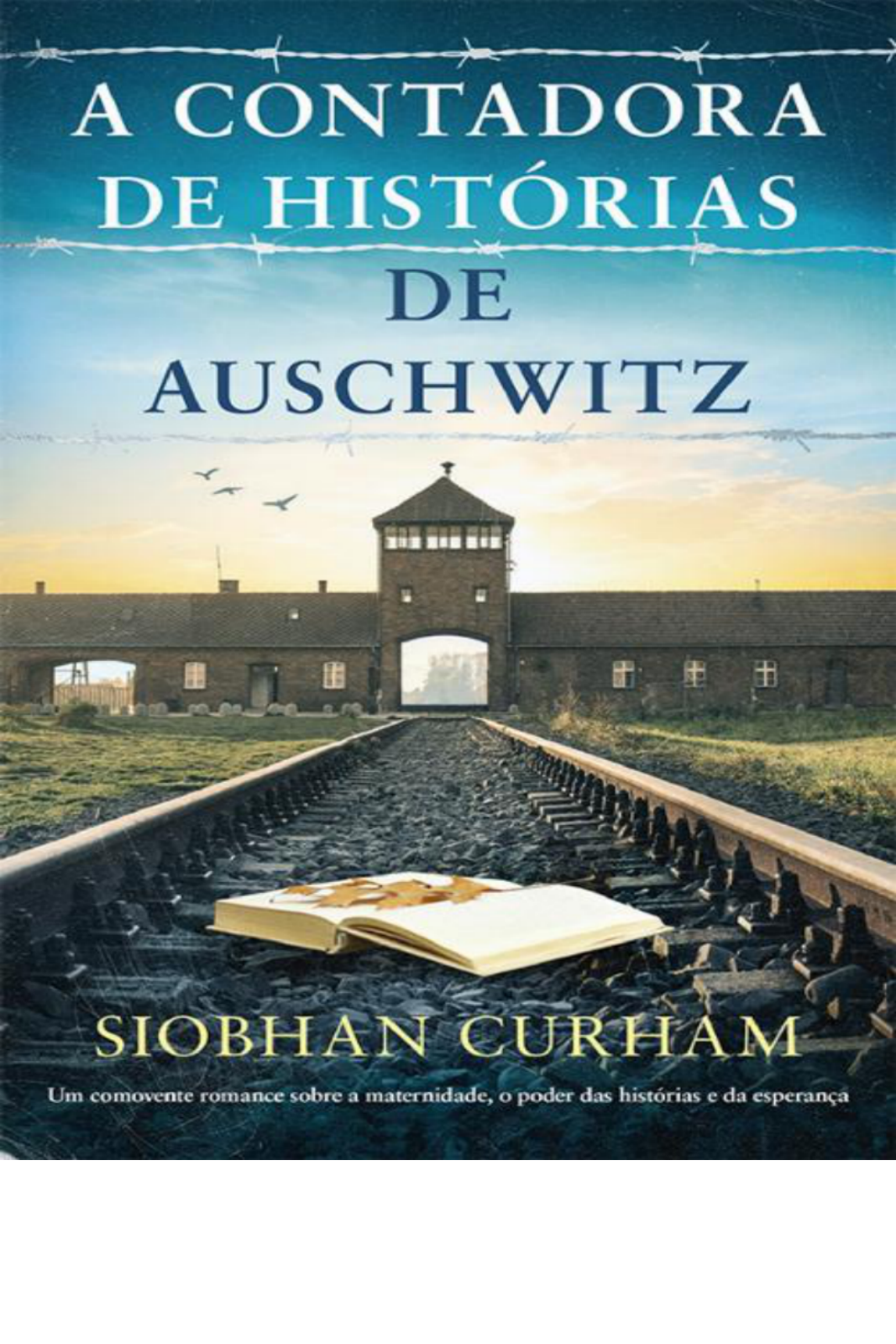
A CONTADORA DE HISTÓRIAS DE AUSCHWITZ

SIOBHAN CURHAM

Um comovente romance sobre a maternidade, o poder das histórias e da esperança

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



A CONTADORA DE HISTÓRIAS DE AUSCHWITZ

SIOBHAN CURHAM

Um comovente romance sobre a maternidade, o poder das histórias e da esperança

Siobhan Curham é a autora premiada de quase 50 livros de ficção e não ficção. E seja qual for o tema, Siobhan adora escrever livros que elevem e inspirem. Além de escrever romances, colabora frequentemente com jornais e revistas, incluindo *The Guardian*, *Breathe* e *Cosmopolitan*.

Dear Portuguese readers,
I would love it if you
read my new book *My
First Roman on the Internet*
in *Portuguese* !
A conversation with historians of
the "Internet"

Thank you so much !

Stéphane

A contadora de histórias de Auschwitz

Siobhan Curham

Publicado em Portugal por:

Singular®

Divisão Editorial Literária – Porto

Email: info@singulareditora.pt

Título original:

The storyteller of Auschwitz

Copyright © Siobhan Curham, 2023

Publicado originalmente na Grã-Bretanha em 2023, por Storyfire Ltd, via Bookouture.

Tradução: Ana Mendes Lopes

Design da capa: © Lisa Horton

Imagens da capa: © Shutterstock

1.^a edição em papel: janeiro de 2024

Rua da Restauração, 365

4099-023 Porto

Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-989-789-039-0

*Todos os campos de concentração precisam de um poeta,
alguém que saiba como é a vida lá e que, mesmo assim, sirva
de bardo e cante sobre o que vê... Permitam-me que seja o
coração pensante nestas casernas.*

Etty Hillesum

Prólogo

Todas as histórias dignas do seu nome têm os protagonistas de joelhos quando o fim se aproxima. Enquanto contadora profissional de histórias, sei que é assim – *fi-lo* em todos os romances que escrevi. Depois, claro, o herói encontra forças que nem sabia que tinha, que o ajudam a erguer-se uma última vez e a matar o metafórico dragão. Enquanto permanecia deitada no meu beliche, naquele lugar esquecido por Deus no final da linha de caminhos de ferro, onde acabava a humanidade, a ouvir os guardas a gritar lá fora palavras que aprendi a detestar – “*Raus! Schnell!*” –, sabia que tinha chegado a esse momento na história da minha vida. A última reviravolta chocante, a nova profundidade da sua crueldade fizera-me mergulhar mais fundo, cair de joelhos – mas eu não queria reerguer-me. Queria ficar ali até que o que restasse da minha pele e dos meus ossos se desintegrasse e caísse como pó por entre as tábuas da cama até ao chão. Não havia nada, absolutamente *nada* que me fizesse desejar viver. Não tinha um único motivo que me incentivasse a procurar nas profundezas por forças que não sabia que tinha. E, ainda assim...

Enquanto ponderava desistir, as palavras do Tomasz chegaram até mim como ecos de um outro tempo:

“Assim que tudo isto acabar, vai poder contar ao mundo o que nos fizeram. Pode escrever tudo num livro.” Quando ele me disse isto, no início da guerra, não fazia ideia do significado que aquelas palavras assumiriam, do que nos iam fazer, o que iam fazer às pessoas que amava. Então, alguma coisa começou a arder dentro de mim. Uma simples centelha de raiva perante a injustiça de tudo o que aconteceu. Por que razão haviam de sair incólumes depois de tudo o que fizeram?

Ao longe, ouvi uma criança a chorar e fui instantaneamente transportada para o terrível momento em que o meu mundo desabou e me obrigaram a cair de joelhos. Mas porque haveria a minha história de acabar ali? Os alemães já tinham abreviado tantas histórias.

Ocorreu-me depois outro pensamento: Pode alguém verdadeiramente morrer se a sua história continuar a existir? O corpo pode desaparecer, sim, mas o espírito passa a viver no reino do folclore, de forma a poder ser trazido de volta sempre que a sua história for contada.

Senti um nó gelado e duro de determinação a comprimir-me o fundo da barriga. Se sobrevivesse para contar a história do que aconteceu, poderia não apenas contar ao mundo inteiro o que aqueles monstros nos fizeram, mas também trazer as pessoas que amava de volta à vida. Toda a sabedoria, as complexidades, os amores e as paixões continuariam a viver. Baixei o olhar para o meu corpo frágil, para os ossos que se espetavam sob a pele fina como papel e mordida pelas pulgas. E num momento de absoluta clarividência, percebi que a minha história não podia terminar ali. Eu tinha de sobreviver. Precisava de contar as suas histórias para que também eles pudessem sobreviver. Precisava de partilhar as bênçãos incríveis que me deram para que outros pudessem também beneficiar delas. Estremecendo com a dor persistente na minha anca, sentei-me lentamente na cama.

Capítulo Um

Paris, outubro de 1940

Percebi que algo de errado se passava assim que cheguei ao *Café de la Paix* e vi o meu editor, “o indomável Anton Janvier” (como era frequentemente descrito no *Paris Journal*), a escutinar o menu com a intensidade de um detetive à procura de pistas. Anton fizera as suas refeições no *la Paix* durante grande parte da vida adulta, até era conhecido por, em alguns dias, ali tomar o pequeno-almoço, o almoço e o jantar. Conhecia o menu de uma ponta à outra, por dentro e por fora, e *nunca* precisava de o observar antes de pedir o que quer que fosse.

Outros sinais de que nem tudo estava bem eram as sombras escuras sob os seus olhos e o cabelo, normalmente bem penteado para trás, a esvoaçar em madeixas grisalhas ao sabor da brisa. Habitualmente, quando me encontrava com o Anton para almoçar, ele estava na sua mesa favorita da esplanada, já a meio de uma garrafa de *Beaujolais*, a admirar a vista da Ópera, do outro lado da praça. Olhei para o lado de lá da Place de l’Opéra e reprimi um tremor ao ver os soldados alemães a marchar, as botas engraxadas a brilhar sob o sol dourado pálido do outono. Era de espantar que os ombros do Anton estivessem curvados e a testa franzida? Desde que os Nazis tinham ocupado a nossa adorada cidade, em junho, todos os parisienses deviam ter mais uma ou duas novas rugas, de tanto franzirem o sobrolho. Talvez o motivo pelo qual o Anton parecia tão desconfortável não tivesse nada que ver comigo. Esperava que não... mas mesmo que assim fosse, eu tinha o meu Plano B na manga. E, perdoem-me a falta de modéstia, era um plano extraordinário.

Inspirei, toquei no cabelo acabado de encaracolar e compus o rosto no que esperava ser uma expressão de otimismo desafiante, apesar de todas as adversidades.

– Bom dia, meu querido amigo! – Lancei o cumprimento com a alegria habitual enquanto me aproximava da mesa.

O Anton pousou o menu e levantou-se para me saudar, mas reparei que o sobrolho franzido se intensificou antes de se forçar a sorrir.

– Claudette! – exclamou, dando-me um beijo em cada face.

Fiquei ainda mais apreensiva. Há anos que não me tratava pelo meu nome completo. Assim que o meu romance de estreia, *As Aventuras de Aurélie*, saiu e se tornou num sucesso de vendas, o Anton e eu tornámo-nos os melhores amigos e ele referia-se sempre a mim pelo meu diminutivo de infância, Etty. Conhecemo-nos há sete anos e desde então já escrevi mais quatro romances sobre a Aurélie, cada um construído sobre o sucesso do livro anterior. As mulheres de França acolheram nos seus corações a minha espevitada heroína dançarina e ficaram envolvidas nas suas aventuras. No entanto, isto acontecera antes de os alemães chegarem e começarem a banir os livros de determinados autores.

– Como estás? – perguntou o Anton, quando nos sentámos. A garrafa de vinho à sua frente estava quase vazia.

– Estou bem – respondi. – E tu?

– Ah, estou assim-assim, como sabes. – Encolheu os ombros e reparei que o casaco de veludo cor de ameixa que vestia estava um pouco largo. Mesmo um *bon vivant* como o Anton, que continuava a poder comer em restaurantes, fora afetado pelo racionamento de alimentos introduzido em setembro. Os alemães decidiram que nós, os franceses, sempre que fôssemos comer fora, só podíamos pedir uma entrada, um prato principal e um pedaço de queijo. “Um pedaço de queijo! Eu sou um homem, não um rato!”, barafustara o Anton, ao saber da notícia, aparentemente sem conseguir ponderar um futuro que não incluísse o consumo de uma tábua de queijos duas vezes por dia.

Um empregado de mesa apareceu e Anton pediu o *cassoulet* de salsicha – pois o outro prato predileto, o *blanquette* de vitela, tinha sido uma outra vítima da ocupação nazi. Pedi a minha sopa de cebola favorita; felizmente, as cebolas tinham escapado à seleção.

– Trago boas notícias – disse eu num tom alegre.

– Ai sim? – Ele inclinou-se para a frente e baixou a voz. – Vais sair de Paris?

– O quê? Não! – Quando os alemães começaram a sua marcha por Paris, muitas das pessoas fugiram da cidade, incluindo o meu adorado vizinho, Levi, que vivia no apartamento por cima do meu. Implorou-

me que fosse com ele, mas recusei. Trabalhara tanto para ter o meu apartamento na margem esquerda do Sena, não ia desistir dele por ninguém, muito menos por Hitler e os seus capachos.

– Oh. – O Anton deixou-se cair para trás na cadeira, com um ar desiludido.

– Acabei o primeiro rascunho do Livro Cinco. Consegui finalmente perceber o que fazer com o perseguidor irritante da Aurélie... – Fiz uma pausa para efeitos dramáticos. – Ele tem um fim pegajoso dentro de uma tina de papas de aveia na cozinha do Hotel Ritz. – Tinha esperança de que esta ideia pudesse provocar uma das gargalhadas sonoras do Anton, mas a expressão dele ficou ainda mais triste.

– T-também tenho algumas notícias – balbuciou, pegando na garrafa e enchendo o meu copo com o vinho que restava.

– Tens? – O meu estômago contorceu-se. A avaliar pela expressão grave, não era o tipo de notícia que estava habituada a receber vinda dele, pois normalmente eram sobre as vendas dos livros que tinham ultrapassado todas as expectativas.

Inclinou-se para a frente mais uma vez e olhou para a direita e para a esquerda antes de continuar.

– É a respeito do novo decreto que o governo emitiu: *Le Statut des Juifs* – murmurou.

Fiquei com os cabelos da nuca arrepiados. Desde que soubera do maldito decreto que proibia os judeus de terem certas profissões que o medo se instalara no fundo do meu pensamento. Poderia o meu pior pesadelo estar prestes a realizar-se?

Não te esqueças do Plano B, recordou-me a minha voz interior. *Não te esqueças do espírito empreendedor que te trouxe até aqui – desde os bairros de lata de Marselha até ao coração literário de Paris. Esse espírito pode facilmente ludibriar este governo traiçoeiro!*

– Lamento muito – continuou ele, baixando o olhar para a mesa. – Nós... já não temos autorização para publicar os teus livros.

Lutei contra o instinto de engolir em seco. Tudo na minha vida mudou quando o Anton me oferecera o meu primeiro contrato de publicação. Tornar-me autora fora como receber as chaves de um reino mágico que estava a anos-luz de distância do mundo no qual crescera. Desde a publicação do meu primeiro romance, a minha vida

seguia uma trajetória paralela à da minha heroína na ficção, Aurélie, num maravilhoso exemplo de a vida a imitar a arte, ou de a arte a imitar a vida – era impossível saber qual das hipóteses era real, pois os nossos destinos tornaram-se tão intrinsecamente ligados. A ideia de ver esta possibilidade arrancada de mim era quase demasiado para compreender. Não estaria apenas a perder a minha carreira, mas também a minha identidade.

– Lamento muito – repetiu o Anton. Quando os olhos castanhos dele finalmente se cruzaram com os meus, vi que estavam brilhantes e marejados de água.

– Não faz mal – respondi num tom jovial. – Já tinha antecipado que as suas leis estúpidas podiam causar-me problemas, por isso criei um plano astuto para as contornar... – Hesitei e rezei silenciosamente que ele aprovasse o meu plano. – A partir deste momento, e até à derrota dos alemães, escreverei sob um pseudónimo. Estava a pensar em Edith London. Edith, em homenagem à minha cantora favorita, o *Pequeno Pardal*, claro, e London porque, bem, sempre quis conhecer Londres. – Forcei um sorriso. – Sonho em ir beber o chá das cinco no *Fortnum and Mason* e andar num daqueles táxis pretos. Já para não falar em ouvir a forma peculiar como falam dos verdadeiros londrinos: “Então, minha velha holandesa!” – Tinha a noção de que estava a esmorecer, mas receei que, se parasse de falar, o Anton pudesse menosprezar a minha ideia. – Na verdade, é uma expressão carinhosa – acrescentei, vendo a sua expressão confusa.

– Que expressão?

– “Minha velha holandesa”. É o que os londrinos chamam às suas esposas.

– Queres casar com um londrino?

– Não! Só quero ouvi-los falar. – Comecei a mexer com nervosismo no canto do guardanapo, frustrada por termos levado a conversa numa direção errada. – Então, o que achas da minha ideia acerca do pseudónimo?

Mal me atrevi a respirar enquanto esperava pela resposta. Escrever sob outro nome fora a única solução que conseguira encontrar quando me imaginei perante esta situação. Se o Anton dissesse que não, não sabia o que mais podia fazer.

Horrorizada, vi-o a abanar a cabeça.

– Como explicaríamos o facto de os livros da Aurélie passaram a ser subitamente escritos por outra pessoa?

– Podemos pôr esta série em suspenso até a guerra acabar – retorqui, tentando não pensar em todo o trabalho que dedicara ao recém-acabado primeiro rascunho do quinto livro. Por muito que me custasse, quando pensei neste plano, ocorreu-me que o Anton me desse esta mesma resposta. Estava disposta a fazer uma pausa nesta série. Estava disposta a fazer o que fosse preciso, desde que pudesse continuar a escrever. – Posso escrever outra coisa completamente diferente. – Olhei para ele com esperança. – Por favor.

– Lamento, mas é demasiado perigoso. – Pousou a mão sobre a minha em cima da mesa. Tinha as unhas roídas até ao sabugo. – Por enquanto, tens de esquecer a escrita, Claudette. Precisas de sair daqui. Eu conheço pessoas. Posso ajudar-te a fugir para a zona livre.

Não consegui evitar resfolegar perante a ideia. As partes não ocupadas de França podiam estar livres da governação direta dos nazis – pelo menos, por enquanto –, mas não havia como negar que o nosso primeiro-ministro, o Marechal Pétain, era um fantoche de Hitler. Afinal, não fora ele mesmo a compor o decreto contra os judeus franceses?

– Mas não quero fugir. – Afastei as mãos das do Anton e bebi um gole de vinho. Era tão azedo como vinagre e queimou-me o fundo da garganta.

– As coisas aqui só vão piorar – murmurou ele. – Por favor, deixa-me ajudar-te.

– Mas e os judeus que não vão conseguir fugir? – Fitei-o com uma expressão desafiadora. – Não vou virar as costas ao meu povo. – Na verdade, há anos que não punha os pés numa sinagoga, não desde que o meu pai me batera e eu fugira para Paris. Desde esse dia, fizera tudo para esquecer as minhas origens; já não cumpria com as tradições e rituais, mas agora que estava a ser perseguida apenas pela minha origem religiosa, sentia uma poderosa sensação de lealdade a formar-se dentro de mim.

O Anton gesticulou para o empregado e pediu mais vinho.

– Tinha a sensação de que serias obstinada relativamente a este

assunto.

– Não estou a ser obstinada, é só que... – Como podia explicar-lhe qual o significado que teria para mim fugir de tudo aquilo que construía? O Anton nascera numa família abastada e o sucesso da sua editora só aumentara a sua fortuna. Ele não sabia o que era vir do nada. Não fazia ideia de como era viver assombrada pelo medo de um dia ter de lá regressar. Então, ocorreu-me uma ideia aterradora. – Se já não vais publicar o quinto livro, queres que devolva o adiantamento?

Para meu alívio, ele abanou a cabeça.

– Não, claro que não.

Pelo menos, já era alguma coisa. Felizmente, não torrara o dinheiro todo e um dos aspetos positivos de ter sido pobre era saber muito bem como fazer render um franco.

Ficámos sentados em silêncio durante um instante enquanto eu fitava a ópera. Segundo o Anton, que era perito em folclore literário, Oscar Wilde, que adorava ir ao *Café de la Paix*, julgou ver, certa vez, a aparição de um anjo enquanto estava sentado nesta mesmíssima esplanada. Acontece que se tratava do reflexo de uma das estátuas douradas empoleiradas no cimo do edifício ornamentado. É provável que Wilde também tivesse bebido um ou dois copos de absinto a mais. A primeira vez que o Anton me contou esta história, achei-a hilariante e senti-me entusiasmada por estar a seguir os passos de semelhante génio da literatura – e por estar a beber dos mesmos copos –, mas naquele momento a recordação fez-me sentir frio. Sem saber exatamente como, pareceu-me simbólico do que acontecera a esta grandiosa cidade. Já nada era o que parecia, quaisquer sinais das nossas vidas anteriores não passavam de meras aparições.

O empregado chegou com a nossa comida e uma nova garrafa de vinho. Peguei na colher e mexi nos pedaços de pão que flutuavam à superfície. Sobre o queijo era visível um brilho oleoso, o que só fez aumentar a sensação de náusea que me invadia.

– Se precisares de alguma coisa, continuo aqui – disse Anton, entalando o guardanapo no colarinho da camisa.

– Obrigada – murmurei, comendo uma colherada de sopa. Podia ser a minha súbita disposição azeda que avinagrara a comida, mas a sopa não me pareceu tão saborosa ou reconfortante como era normal.

Senti as lágrimas a arderem-me nos cantos dos olhos. – Na verdade, não tenho fome – disse, empurrando a taça de sopa. – Acho que é melhor ir embora.

– Etty, por favor. – O Anton olhou para mim com um ar suplicante.

– A sopa tem um sabor horrível – disse eu com ar queixoso. – Percebe-se perfeitamente que nem caldo de carne tem.

Ele fitou-me, espantado, à medida que a fúria ardia por entre a neblina do meu choque. Porque me convidara a vir aqui para me dar esta notícia? Agora, o café que fora o cenário de tantas lembranças felizes ficaria para sempre na minha memória como o lugar onde os meus sonhos e esperanças foram abruptamente esmagados. Ele devia ter-me pedido que fosse ao escritório – a não ser que... talvez não quisesse que uma judia fosse vista a entrar na sua editora. As palavras dos cartazes venenosos que tinham sido espalhados por toda a cidade de Paris regressaram ao meu pensamento: *O nosso inimigo é judeu.*

– É repugnante – soltei bruscamente, enquanto me levantava.

– Etty. – Ele levantou-se também, tirou o guardanapo do colarinho. – Não sei o que dizer.

Olhei para o outro lado da mesa, para o meu velho amigo, o meu mentor, a única pessoa em quem julgava poder confiar o cuidado da minha carreira literária.

– Sem caldo de carne não é realmente a mesma coisa – balbuciei, depois virei costas e fugi, enquanto as lágrimas me caíam pelo rosto.

Capítulo Dois

Paris, outubro de 1940

Não sei bem como, mas consegui recompor-me por tempo suficiente para chegar a casa. O meu apartamento à beira-rio, com as longas janelas de guilhotina e tetos altos, foi o primeiro lugar onde me senti verdadeiramente em casa. À semelhança do *Café de la Paix*, era como um museu de memórias reunidas com amor – para onde quer que olhasse, lembrava-me de conversas maravilhosas, de jantares cheios de gargalhadas, de encontros apaixonados. Ao longo dos cinco anos em que aqui vivi, transformei-o no tipo de lar com que sempre sonhei em criança, cheio de livros e artefactos e antiguidades interessantes, rádios em todas as divisões para poder ter sempre música para dançar. Acima de tudo, criara neste apartamento um porto seguro onde me podia abrigar do resto do mundo – o antídoto perfeito para a casa de horrores onde cresci.

Enquanto subia a escada de mármore até ao segundo andar, sentia o medo a crescer dentro de mim. Sem os meus contratos de publicação, como teria dinheiro para continuar a viver aqui? O meu último adiantamento não duraria para sempre, apesar de toda a minha perícia na sua gestão. Entrei em casa e fui diretamente para a sala de estar e o meu lugar favorito para pensar – o banco à janela com vista para o rio. Sentei-me e abracei uma das almofadas de veludo contra o peito. Estaria o meu vizinho Levi certo ao partir quando partiu? Oh, como sentia falta de ouvir os seus passos suaves a atravessar o teto de um lado para o outro. Como sentia falta dos sons do seu piano que deslizavam com a brisa pelas janelas abertas.

Voltei o olhar para a sala de estar e por instantes consegui ouvir o eco fantasmagórico das conversas descontraídas, das gargalhadas e da música de festas passadas. Olhei de relance para a minha máquina de escrever, sobre a secretária em frente à outra janela. O manuscrito do quinto livro da Aurélie estava cuidadosamente pousado ao seu lado. Comecei a sentir o desespero a agigantar-se dentro de mim ao pensar em todo o trabalho que aquelas páginas me tinham exigido – todo o planeamento, as voltas e reviravoltas para descrever o seu mais

recente interesse amoroso com um homem rebelde, mas adorável.

Atravessei a sala com passos largos, peguei no manuscrito e passei as páginas, olhando com desalento para milhares de palavras tão cuidadosamente datilografadas. Quando era criança, ficava espantada com o modo como as letras certas se conjugavam para formar as palavras corretas com poder para criar mundos novos. No entanto, as palavras agora pareciam-me apenas sinais sem o menor significado, rabiscos que nunca mais seriam lidos.

Uma agitação repentina quebrou o silêncio e ouvi vozes masculinas no átrio do prédio. Senti o sangue gelado ao identificar o som agudo que já conhecia: botas a marchar escadas acima. Soldados alemães. Estariam aqui para me virem buscar? Para me dizer que já não podia continuar a trabalhar como escritora porque cometera o crime de nascer judia?

Mas os passos continuaram a marchar para lá da minha porta e encaminharam-se para o andar de cima. Estremeci ao ouvir o som de uma batida brusca e a seguir ouvi as botas a atravessarem o meu teto. Olhei para cima, tentando imaginar o que estavam a fazer no apartamento do Levi. Alguns minutos depois, ouvi alguns deles a cantar uma canção alemã enquanto desciam as escadas.

Encostei-me à parede ao lado da janela e espreitei para a rua. Uma carrinha do exército estava estacionada ao lado do nosso prédio e um soldado levava um dos quadros do Levi às costas. Senti a garganta comprimida. A coleção de obras de arte do Levi era a menina dos seus olhos. Da primeira vez que me convidara a ir a sua casa para beber um *cocktail*, mostrou-me os quadros com o mesmo afeto com que um pai apresenta os filhos. “Nunca casei”, dissera-me ele, antes de beber um gole do seu *kir royale*. “O meu piano é o meu único e verdadeiro amor” A seguir, presenteara-me com a maravilhosa história da sua vida a correr o mundo enquanto pianista de concerto. Em cada cidade por que passava, comprava uma obra de arte. Achei as histórias dos quadros ainda mais cativantes do que as obras em si – sobretudo quando me contou como dera um recital privado de piano para Rembrandt. E agora aqueles porcos nazis levavam as suas coisas sem a menor preocupação. Estremeci quando um deles atirou outro quadro para a parte de trás da carrinha, sem sequer ter cuidado ou se

preocupar com o facto de poder ser de um mestre da pintura.

Mas, como se veio a revelar, os alemães não estavam interessados apenas nas obras de arte do Levi. Ao longo das horas seguintes, observei enquanto enchiam a carrinha com toda a espécie de bens materiais mundanos, até roupa de cama e frigideiras. Quando os vi a levar a sua adorada cadeira de baloiço para a carrinha, quase quebrei e tive de lutar contra o impulso de correr até à rua e atirar-me a eles. O que estavam a fazer não era apenas motivado pela ganância; parecia que queriam apagar todas as provas de que o Levi alguma vez existira.

À medida que a carrinha finalmente se afastava, olhei em redor da sala de estar, para as minhas próprias posses. Como acontecia com os quadros do Levi, todos os meus objetos tinham também uma história associada. O busto estragado, já só com uma orelha, de Mozart que comprara por pena numa feira de rua, a máquina de costura antiga que usava para pendurar os meus colares, o gramofone que fora a peça central de tantas festas, o meu adorado rádio dos anos 20 de estilo *Art Déco*. Os meus olhos pousaram depois sobre a boneca da Aurélie, com o vestido de lantejoulas vermelhas, de pé sobre a prateleira da lareira, a acolher o mundo de braços abertos. O Anton mandou-a fazer para mim quando o terceiro romance se tornou num sucesso de vendas instantâneo. Até este momento, a boneca era simplesmente um símbolo divertido de tudo o que conseguira alcançar, mas aquele sorriso pintado parecia agora provocar-me, recordar-me de tudo o que me fora roubado. Num acesso de fúria cega, atravessei a sala, peguei na boneca e descí as escadas a correr até à rua.

O sol já desaparecera por detrás de uma enorme massa de nuvens cinzentas e o ar tinha aquele aroma a chuva iminente. Senti uma energia estranha a correr-me nas veias, uma sensação que não me assaltava desde o dia em que fugira de casa. Como se atreviam os nazis a invadir o nosso país e pilhar os nossos pertences? Como se atreviam a dizer-nos em que podíamos ou não trabalhar? Porquê, meu Deus, porque é que o Anton não concordou com o meu plano? Por que razão não me deixou continuar a minha carreira sob um pseudónimo?

Tinha de parar de pensar nele. E tinha de parar de pensar na Aurélie. Já não podia contar com nenhum dos dois.

Fui até à ponte e, sem pensar duas vezes, atirei a boneca para a água escura.

Assim que ouvi o barulho que fez ao cair na água, arrependi-me. Como podia ter tão pouca compaixão para com a minha própria criação literária? Como fora capaz de a enviar para uma sepultura de água? Ela não tinha culpa de nada do que estava a acontecer. Salvaram-me da pobreza, das dificuldades, e era assim que eu retribuía? Não era melhor que um alemão impiedoso.

– Oh, Aurélie, lamento imenso – gritei, subindo para o parapeito da ponte. Vi de relance o seu cabelo ruivo brilhante, mas antes de poder mergulhar para a salvar, ouvi passos a correr na minha direção. Que fosse um soldado alemão, já não me importava com nada.

– O que está a fazer? – perguntou a voz de um homem em francês, cuja pronúncia não consegui situar. Senti um par de mãos fortes a agarrar os meus braços por trás.

Olhei de relance sobre o ombro e vi um homem com um elegante fato preto. No entanto, o cabelo curto e a cicatriz em forma de relâmpago no rosto sugeriam que talvez se sentisse mais confortável numa roupa menos formal.

– Preciso de a salvar – gritei, debatendo-me para me libertar daquelas mãos.

– Porra! – Ele espreitou para a água. – Ela caiu ao rio?

– Sim – arquejei.

Ele largou-me e despiu o casaco.

– O que vai... Não, o senhor não está a entender... – balbuciei, enquanto ele saltava para o parapeito da ponte com a agilidade de um atleta.

– Não se preocupe, eu vou buscá-la – disse, antes de se deixar cair para a água.

– Não! – gritei.

– Já não a consigo ver. É uma criança? – perguntou-me lá de baixo, a voz a ecoar sob a ponte com um timbre sinistro.

– Não, hum, é uma boneca – respondi, fazendo uma careta enquanto esperava pela resposta.

Seguiu-se um silêncio terrível, até ele nadar para uma zona onde o conseguia ver.

– Uma boneca? – gritou.

– Sim. Peço desculpa, mas o senhor não me deu tempo para explicar.

Ouvi um palavrão abafado e o som da água à medida que ele nadava em direção à margem.

Peguei no casaco dele, que estava no chão, e apressei-me a ir ter com ele.

– Uma boneca! – resmungou o homem, enquanto saía da água. A camisa, agora encharcada, colava-se ao corpo, revelando ombros largos e braços musculados. Trazia na mão uma Aurélie muito desarranjada. – É esta?

Assenti, sentindo-me corar.

– Mas não é uma velha boneca qualquer – respondi, ao tirá-la das mãos, desesperada por me redimir.

– Não me diga? – Limpou um pouco de sujidade do olho. – Então, que tipo de boneca é?

Tirei um lenço de tecido do bolso e entreguei-lho.

– Tome, para se secar. Bem, pelo menos o rosto.

– Obrigado – murmurou ele, franzindo o sobrolho para o pequeno quadrado de tecido.

– Sou escritora – respondi. – Escrevo uma série de livros intitulada *As Aventuras de Aurélie*. Talvez já tenha ouvido falar?

Ele abanou a cabeça.

– Bem, a sua mulher ou irmã devem saber de que livros se tratam.

– Não tenho mulher nem irmã – resmungou o homem, limpando o rosto ao lenço e manchando de castanho o tecido de algodão branco.

– Pronto, está bem. Bem, de qualquer maneira, o meu editor mandou fazer a boneca para me oferecer – disse, desesperada por salvar esta situação, e o que restava da minha dignidade.

– Que simpático – respondeu ele num tom seco.

– Sim – concordei, decidindo ignorar o sarcasmo. – Mas tive um dia muito mau e acabei por atirá-la ao rio.

– *Atirou-a* ao rio? – Fitou-me como se eu tivesse acabado de sair de um hospital psiquiátrico.

– Sim, mas depois arrependi-me imediatamente, por isso estava prestes a saltar para a salvar, mas o senhor antecipou-se.

Ele soltou um longo suspiro. Claramente, eu era a criatura mais lamentável que alguma vez tivera a infelicidade de encontrar.

– Lamento imenso – disse eu, desolada.

Que dia terrível este. Porém, o meu azar ainda não terminara. Do cimo da rua chegou-nos o ruído de pneus a chiar. Por estes dias, os únicos carros que povoavam as ruas de Paris eram os *Mercedes* pretos descapotáveis conduzidos pelos alemães.

– Merda! – exclamou o homem.

– Não faz mal, ainda não está na hora do recolher obrigatório – assegurei.

– Não posso deixar que me vejam – disse ele, olhando freneticamente em redor, como se procurasse um esconderijo.

– Rápido. – Puxei-lhe a manga encharcada e atravessámos a estrada para entrarmos no meu prédio. – Venha comigo – indiquei, conduzindo-o escada acima.

No exterior, ouvi o carro a parar de repente e o meu coração saltou uma batida. Ter-nos-iam visto? Abri a porta do meu apartamento com as mãos trémulas e fiz sinal ao homem para que me seguisse.

– Vive aqui? – murmurou ele, olhando para o lustre pendurado no teto do *hall* de entrada.

– Vivo, bem, pelo menos por enquanto.

Apressei-me a entrar para a sala de estar e espreitei para a rua. Alguns homens com uniformes alemães saíram do carro e olharam para os dois lados da rua.

– Eles... estão especificamente à sua procura? – perguntei, fechando rapidamente as cortinas.

– Não, mas se me encontrarem, estou metido num rico sarilho – respondeu o homem, de pé à entrada da sala. – Andam à procura de todos os judeus não franceses. Estão a reunir-nos e a mandar-nos para um campo nos Pirenéus.

– O senhor é judeu?

Ele assentiu e ficou imediatamente com uma expressão defensiva.

– Não se preocupe, assim que forem embora, saio daqui.

– Não faz mal, eu... eu também sou judia. – Depois de oito anos em que tentei esquecer a minha origem, senti-me estranha por dizer estas palavras em voz alta.

– É? – Ele olhou em redor da sala, como se estivesse a tentar encontrar provas, até que os olhos pousaram sobre os castiçais de prata do Shabbat, em cima da mesa de jantar: os únicos artefactos que restavam da minha vida antiga. Tinham pertencido à Madame Bellamy, a minha vizinha de infância, que eu adorava. Quando morreu, deixou-mos em herança, mas já se passara muito tempo desde que acendera as velas numa sexta-feira à noite. O homem olhou novamente para a janela. – Eles ainda aí estão?

Espreitei e vi os homens a entrar no carro.

– Estão, mas creio que estão prestes a ir embora. – Esperei alguns segundos, mas o carro não se mexeu. – Ou talvez não.

– Ótimo – resmungou ele.

– Não há problema, pode ficar aqui enquanto for preciso. De qualquer maneira, não sei se seria muito seguro sair nesse estado; não passa exatamente despercebido no meio da multidão. – Apontei para ele, que pingava água para a alcatifa. – Se quiser, pode limpar-se na casa de banho. Vou ver se encontro alguma coisa que possa vestir. Há uns anos, passei por uma fase em que vestia fatos de homem, embora me pareça que lhe vão ficar um pouco apertados. – Olhei de relance para os seus ombros enormes e senti uma centelha de apreensão. Deveria mesmo estar a dizer a um homem, que era claramente forte como um touro, para se despir na minha casa de banho? – E, já agora, gostava que soubesse que sou perita no sistema de luta conhecido por *Krav Maga* – acrescentei, esperando que ele não percebesse que era uma mentira descarada. O mais perto que estivera da técnica de combate corpo a corpo desenvolvida na Eslováquia para ajudar os judeus a protegerem-se de ataques antissemitas foi quando ouvi o Levi a falar-me dela.

– Não me diga? – Pela primeira vez desde que os nossos caminhos se haviam cruzado, o homem sorriu, e o rosto transformou-se instantaneamente de sombrio em juvenil. Tinha uma covinha no queixo tão profunda que parecia ter sido feita com um cinzel. Senti o instinto familiar de pegar num dos muitos cadernos que tinha espalhados pelo apartamento para quando a inspiração surgia de repente. Ele podia ser a base perfeita para um intrigante desconhecido numa das próximas aventuras da Aurélie. Com a mesma rapidez, senti-

me trespassada por uma onda de mágoa. Não haveria próximas aventuras para a Aurélie.

– Sim, mas de qualquer maneira, porque não lhe mostro onde é a casa de banho, antes de que me deixe a alcatifa toda castanha? – Levei-o rapidamente pelo corredor.

– Eu também sou lutador – revelou ele enquanto me seguia.

O meu coração parou.

– Oh, a sério?

– Sim, sou pugilista.

– Ah.

– Chamo-me Tomasz Zolanvari, talvez já tenha ouvido falar? – O sorriso dele alargou-se. Estava evidentemente a brincar com o meu comentário anterior, mas o sorriso era caloroso, não trocista.

– Não, lamento. O pugilismo não é bem a minha área.

– Oh, pensei que pudesse ser, já que é perita em combate corpo a corpo.

– Pois, bem, prefiro participar nos combates, em vez de ser mera espectadora – resmunguei, entrando na casa de banho e abrindo as torneiras, enquanto rezava que o meu rosto, tão quente, arrefecesse um pouco. Era péssima a mentir. O meu rosto denunciava-me sempre.

– Bem, esta casa de banho é quase do tamanho do meu apartamento! – exclamou ele, virando-se num círculo para observar melhor a divisão.

– Ah, sim. Olhe, se quiser, pode tomar um banho – repliquei, corada. – E talvez possa lavar as suas roupas no lavatório. Vou procurar alguma coisa que possa vestir.

Ele assentiu.

– Está bem. Muito obrigado.

Fechei a porta e demorei um instante a recompor-me antes de me apressar a ir ao meu quarto e procurar nas prateleiras do armário por alguma coisa – *qualquer coisa* – vagamente adequada a ele. A única coisa que encontrei que talvez tivesse o tamanho certo foi um robe de cetim cor-de-rosa com rosas bordadas no peito. Ficaria ridículo, mas pelo menos não estaria despido. Levei o robe à casa de banho.

– Encontrei algo que pode vestir enquanto a sua roupa seca – disse através da porta. – Deixo-o aqui fora.

– Está bem, obrigado – respondeu ele, e ouvi o barulho da água na banheira.

Que dia louco este.

Regressei à sala de estar e espreitei para a rua. O crepúsculo aproximava-se, alastrando-se sobre a rua em longas sombras escuras. O carro já não estava ali, mas vi uma patrulha de soldados a caminhar pelo passeio ao longo do rio.

Peguei na boneca Aurélie, suja de lama.

– Lamento muito – murmurei, segurando-a contra o peito. Fizera muitos amigos desde que chegara a Paris, mas a Aurélie fora a minha companheira constante, como uma amiga imaginária que vivia na minha cabeça. – Vou ter saudades tuas – murmurei.

Porquê? Vou continuar na tua cabeça, imaginei-a a responder. E nem mesmo o próprio Hitler me pode tirar de lá.

Capítulo Três

Paris, outubro de 1940

Para me distrair dos nazis que patrulhavam o exterior do meu apartamento e do desconhecido que estava nu na minha casa de banho, decidi ir para a cozinha e pôr a chaleira ao lume. Enquanto esperava que a água fervesse, liguei o rádio. À medida que a cozinha se enchia de música, a tensão que sentia foi-se aligeirando. Estava a dar a canção *Elle fréquentait la rue Pigalle*, de Edith Piaf – uma das minhas canções favoritas do último ano. Adorava a forma como a letra contava uma história e que esta história fosse sobre uma mulher de Pigalle – um dos meus bairros preferidos de Paris. Adorava o burburinho enérgico dos seus bares, dos salões de danças e da comunidade artística, de tal forma que fizera dele o lar fictício da Aurélie. Também me sentia ligada à protagonista da canção, que vinha do lado errado do mundo. Afinal, não era essa também a minha história, a que ficava para lá da superfície glamourosa dos contratos literários e do apartamento na margem esquerda do Sena? Era um dos motivos pelos quais gostava tanto de Edith Piaf. Sentia que os nossos espíritos eram almas gémeas.

Estava eu a rodopiar pela cozinha, a cantar para um pilão que me servia de microfone, quando o Tomasz apareceu à porta da cozinha com o meu robe vestido, o cetim cor-de-rosa esticado sobre os ombros largos. Segurava à sua frente a roupa molhada, enrolada numa trouxa.

– Estava a pensar fazer qualquer coisa para comermos. Tem fome? – perguntei, pousando rapidamente o pilão no almofariz.

– Estou esfomeado – respondeu ele. – Mas... – Olhou em redor da cozinha, como se procurasse a comida.

– Não se preocupe, tenho algumas coisas na despensa.

– Não, não estava à procura de comida, mas de um relógio.

– De um relógio? – Fitei-o, confusa.

– Sim, sabe que horas são?

– Porquê, está prestes a transformar-se numa abóbora?

Foi a vez de ele fazer um ar confuso e a situação tornou-se ainda mais constrangedora.

– Era uma piada – murmurei. – Sabe, como a Cinderela, que precisava de sair do baile antes da meia-noite? Pensei que tinha de comer até uma certa hora também.

– E tenho, hoje, tenho – retorquiu ele. – O *seudah hamafseket*, a refeição da separação, tem de ser comida antes de o sol se pôr.

– Oh, sim, claro – respondi apressadamente, quando me apercebi de que devia ser véspera do *Yom Kippur*. – Não se preocupe, ainda temos tempo. Ainda nem são cinco da tarde.

– Ótimo.

Trocámos um sorriso constrangido enquanto eu tentava desesperadamente recordar-me dos rituais do *Erev Yom Kippur*.

– Mas, antes disso, deixe-me levar estas roupas molhadas para secarem junto à lareira. – Tirei-lhe a roupa molhada das mãos.

– Ainda tem carvão? – interrogou ele, seguindo-me até à sala de estar.

– Não, mas tenho muito com que acender o fogo. – Peguei no manuscrito que estava na secretária e pousei-o ao lado da grelha da lareira.

– Isso não me parece o material mais adequado.

– Pois não, mas também não vai servir para mais nada – resmunguei.

– O que é? – perguntou ele, enquanto eu pegava nos fósforos que estavam na prateleira da lareira.

– É, ou *era*, o meu último romance.

– O quê? – Ele segurou-me na mão para me impedir. – Não pode incendiar o seu trabalho só para secar a minha roupa. Tem mais alguma cópia?

Abanei a cabeça.

– Não, mas também já não tenho carreira enquanto autora, por isso, o que importa?

– Como assim, já não tem carreira? Porque não?

– *Le Statut des Juifs* – repliquei de modo sombrio. – Graças à submissão do nosso governo aos nazis, já não posso ganhar a vida a escrever livros.

Ele franziu o sobrolho, um trejeito que era um pouco menos ameaçador, agora que estava vestido com um robe cor-de-rosa.

– Foi por esse motivo que atirou a boneca ao rio?

– Sim. Pensei que me faria sentir melhor se não tivesse aqui comigo, a sorrir-me da prateleira da lareira, a recordação constante do que me tiraram.

– Podia tê-la simplesmente guardado num armário.

Abanei a cabeça.

– Podia, mas não seria suficientemente dramático.

Ele soltou uma gargalhada.

– Bem, não há dúvida de que conseguiu criar um drama.

– Pois foi. Desculpe. – Pousei o estendal de madeira em frente à lareira.

– Então, quantos livros escreveu? – questionou o Tomasz, enquanto pendurava as calças no estendal.

– Este seria o quinto a ser editado. – Acenei com a cabeça na direção do manuscrito.

Ele inclinou-se à minha frente e afastou-o da lareira.

– Eles nunca poderão impedi-la de ser escritora, a não ser que lhes dê permissão para isso.

– Não está a entender. O meu editor já não tem autorização para publicar os meus livros. Os nazis proibiram a venda de livros de autores judeus.

– Sim, eles também fizeram isso na minha terra natal, na Polónia. Até incendiaram os livros escritos por judeus.

Senti-me enjoada perante a simples ideia.

– E, no entanto, aqui está, prestes a incendiar o seu próprio livro – continuou ele num tom suave.

Tirei-lhe o manuscrito das mãos e agarrei-o com força contra o peito.

– Não sei o que se passa comigo hoje. Sinto-me tão... impotente.

Ele assentiu.

– Acredite que a compreendo muito bem, mas não pode permitir que eles vençam.

– Já venceram – retorqui com um suspiro. – Tiraram-me a minha carreira.

– Como escreve as suas histórias? – perguntou-me o Tomasz.

– Ali, naquela máquina de escrever. – Apontei para a secretária à

janela.

– Não, antes de usar a máquina, como lhe ocorrem as histórias?

– Oh, compreendo. Surgem-me no pensamento.

– Exatamente. E os nazis estão dentro da sua cabeça?

– Só quando penso neles.

– Então, não pense neles. Continue a compor as suas histórias. E, um dia, assim que tudo isto acabar, quando os tivermos derrotado, poderá tirar as histórias da sua cabeça e voltar a pô-las em papel.

– Foi o que ela acabou de me dizer! – exclamei, apontando para a minha descomposta Aurélie, que estava em cima da mesa.

– A boneca falou consigo? – Ele franziu o sobrolho.

– Não em voz alta, mas na minha cabeça. – Ri-me. – Não fique com um ar tão preocupado. Todas as minhas personagens falam comigo. De que outra forma poderia contar as suas histórias?

Ele encolheu os ombros e ofereceu-me um sorriso divertido.

– Não me parece que esteja em posição de fazer troça de mim. – Olhei de forma sugestiva para o robe de cetim.

– Lá isso é verdade. – E foi a vez de ele corar.

Seguiu-se um momento de silêncio.

– Vou preparar o nosso festim – disse, tentando quebrar o embaraço crescente entre nós. – Bem, um festim à medida das senhas de racionamento.

– Tem a certeza? – Ele parecia preocupado. – Se não tiver comida suficiente, não me importo nada de começar já o meu jejum.

– Não, não há problema. Fique aqui e esteja à vontade.

Apressei-me a regressar à cozinha, esperando que ele não viesse atrás de mim para ter um instante para me recompor. Não tinha tempo suficiente para fazer bolas de matzá antes de o sol se pôr, mas estava quase certa de que conseguia reunir os ingredientes necessários para fazer a canja de galinha da Madame Bellamy – menos a galinha, claro. Fui buscar as minhas duas últimas cenouras e a cebola à despensa.

No ano anterior, o Levi convidara-me para jantar no seu apartamento no *Erev Yom Kippur* e deliciámo-nos com frango, batatas e *challah* fresco. Depois, após acendermos as velas *yahrzeit* para recordar os mortos, ele foi à sinagoga e eu voltei para o meu

apartamento, onde escrevi um capítulo sobre a Aurélie a dançar no *Moulin Rouge* e recorri a todas as minhas forças para não pensar no meu pai, que, segundo soubera, morrerá um ano antes.

Há algum tempo que não ansiava pelo conforto de uma família verdadeira e amorosa. Os amigos que fizera desde que me mudara para Paris tornaram-se numa família escolhida cuidadosamente selecionada. Mas desde que os alemães nos invadiram, os meus amigos espalharam-se por todo o lado, com a maior parte a mudar-se para zonas não ocupadas ou a fugir do país. Quão mais fácil seria este estranho mundo novo se tivesse pais adorados ainda vivos, ou um irmão ou dois, até mesmo um primo distante? Enquanto começava a picar a cebola, os meus olhos encheram-se de lágrimas. O que ia eu fazer? Como poderia sobreviver sozinha a esta situação?

– Posso ajudar em alguma coisa? – O som da voz do Tomasz sobressaltou-me. Virei-me para o encontrar de pé à entrada da cozinha e limpei rapidamente os olhos.

– Maldita cebola que me deixou a chorar – murmurei. – Receio já não ter tempo para fazer bolas de matzá, mas talvez me possa ajudar a fazer canja de galinha, mas sem a galinha.

– Canja de galinha sem galinha? – repetiu ele, erguendo uma sobrancelha.

– Sim, é o último grito da culinária racionada.

– Ah, estou muito familiarizado com essa culinária – disse ele quando lhe entreguei as duas cenouras.

Enquanto ele começava a cortar as cenouras, imaginei a Aurélie na sua cozinha em Pigalle, depois de ter conhecido um pugilista num dos seus espetáculos, que se ofereceu para lhe fazer o jantar. Contudo, ele não estaria vestido com um robe cor-de-rosa. Idealizei uma personagem baseada no Tomasz, com calças de sarja e camisa de manga curta, os músculos dos braços a fletir à medida que cortava os vegetais. *Para de pensar na Aurélie!*, repreendi-me silenciosamente.

– Então, o Tomasz é da Polónia? – perguntei, enquanto punha o tacho ao lume.

– Sim. Mas vim para França quando tinha dezoito anos. Os meus pais mandaram-me para cá, para junto do meu tio, que é, ou era, alfaiate em Pletzl, no Marais – acrescentou, como se eu não estivesse a

par da alcunha *yiddish* para o bairro judeu, no quarto *arrondissement*.

– Ah, sim – respondi com ar conhecedor, embora, na verdade, só me tivesse aventurado por Pletzl uma vez, de forma a fazer pesquisa para uma cena de um dos meus romances, em que a Aurélie vai à procura de uma boa canja depois de ter tido uma gripe fortíssima. – E há quanto tempo está aqui? – perguntei, em parte para tentar descobrir a idade dele.

– Há sete anos. O mais irónico é que os meus pais mandaram-me para cá para fugir do antissemitismo crescente na Polónia.

– É, de facto, irónico – acrescentei, juntando os vegetais ao tacho. Então, ele tinha vinte e cinco anos, os mesmos que eu. – As coisas lá eram muito más?

– Bastante. – Ele fez um sorriso pensativo. – Mas não era tudo mau. Foi lá que me senti inspirado a ser pugilista.

– Como?

– Enquanto crescia, ao ver as pessoas a ser agredidas brutalmente só por serem judias, senti que precisava de saber defender-me, a mim e aos outros. Mas como é perita em *Krav Maga*, deve entender-me bem.

Amaldiçoei a minha mentira anterior – devia saber que acabaria por me assombrar.

– Foi por isso que o Imi Lichtenfeld a desenvolveu – continuou ele –, para que os judeus se pudessem defender contra os fascistas de Bratislava.

– Eu sei – respondi, de modo desafiante.

– Tem de me mostrar um pouco da sua técnica – provocou ele com um sorriso travesso.

– Creio que não seria adequado para esta noite. Devemos fazer a nossa expiação e pedir perdão.

– É justo. – Mas o sorriso conhecedor sugeria que percebera a minha mentira.

Assim que acabámos a sopa, levámo-la para a mesa da sala de jantar em tigelas fumegantes. O aroma da cebola fez com que o meu estômago se contorcesse de fome. Graças à minha saída dramática do *Café de la Paix*, desde o pequeno-almoço que não comera

absolutamente nada.

– Tem família em Paris com quem passar o *Yom Kippur*? – perguntou o Tomasz, depois de nos sentarmos.

– Não tenho família – respondi.

Ele fez uma pausa, com a colher a meio caminho da boca.

– O que quer dizer com isso? Toda a gente tem família.

– A minha mãe morreu quando eu era pequena e o meu pai há um par de anos. Eram ambos filhos únicos e os meus avós também já morreram.

– Lamento.

– Não é preciso. Eu não lamento. – Mas a minha bravata era desmentida pela solidão que sentia bem dentro de mim. – O mais semelhante a uma família que tive aqui em Paris foi o meu vizinho, Levi, que vive, ou *vivia*, aqui por cima, mas ele fugiu assim que soube que os alemães estavam a caminho.

– Não se sentiu tentada a ir com ele?

– Não! Por que motivo sentiria? E para onde havia de ir? A França de Vichy não é mais livre do que a França ocupada.

Ele assentiu.

– E, além disso, trabalhei arduamente para isto. – Gesticulei em redor do apartamento. – Porque haveria de permitir que os alemães fiquem com a minha casa?

– Pagou-a sozinha?

– Claro. De que outra forma acha que a poderia ter conseguido?

– Não faço ideia. Presumi que vinha de uma família rica ou que casara com um homem abastado.

– Já decidi há muito tempo que nunca me hei de casar – respondi num tom desafiador.

– Oh, a sério? – Ele arqueou uma sobrancelha e eu tomei nota mental de que este trejeito era também uma característica atraente para uma personagem, isto se algum dia voltasse a escrever ficção.

– Sim.

– Atrevo-me a perguntar porquê?

– Porque nunca vou querer estar numa posição em que um homem possa controlar-me.

– Interessante. – Ele assentiu, pensativo. – Mas e se conhecer um

homem que não a queira controlar?

– Prefiro não correr o risco. De qualquer maneira, tenho muito orgulho em dizer que paguei este apartamento sozinha.

Algo no modo como ele olhava para mim mudou. Como se já não me visse como uma mulher tola que falava com personagens imaginárias e atirava bonecas ao rio por puro capricho. Olhava-me agora com curiosidade e respeito.

– É uma mulher muito interessante, Claudette Weil.

– Obrigada... Espere lá, como é que sabe o meu nome completo?

– Enquanto estava aqui na cozinha, espreitei a estante da sala.

– Ah, compreendo.

– Admiro-a por ficar aqui – disse ele com uma expressão terrivelmente séria.

– A sério? – Apesar de não conhecer de todo o Tomasz, o facto de declarar a sua admiração acendeu em mim uma centelha de esperança.

– Sim, sobretudo por ser escritora.

– O que quer dizer com isso? – Senti-me imediatamente defensiva. Estaria ele a sugerir que as pessoas artísticas não seriam suficientemente corajosas para enfrentar os nazis?

– A Claudette tem um propósito real para ficar aqui.

Pousei a colher.

– Tenho?

– Claro que sim. Esqueça as histórias da sua dançarina de Pigalle...

– Era evidente que também lera a sinopse do meu livro. – Quando tudo isto acabar, vai poder contar ao mundo o que nos fizemos. Pode escrever tudo num livro.

– Sim, presumo que o podia fazer. – Pensei no facto de ter deliberadamente determinado que a Aurélie seria cristã, em vez de judia, e senti uma pontada de culpa. Quando era criança, sempre achei a Igreja Católica muito melodramática e envolvente. Aquele incenso todo e a conversa de culpa e do pecado, a noção de contar os meus segredos mais sombrios a um padre durante a confissão era extraordinariamente emocionante. – Mas ela não é judia. – Apontei para a boneca da Aurélie, que estava agora encostada ao castiçal, em cima da mesa.

– E então? – O Tomasz olhou para mim, confuso.

– Oh, está a dizer que devia escrever não ficção?

– Não sei. Suponho que não importa, desde que conte ao mundo o que aconteceu aqui.

Acabámos de comer a sopa em silêncio e depois o Tomasz olhou de relance para o relógio na lareira.

– O sol está quase a pôr-se. Acendemos as velas?

– Sim, claro. – Pensei no Levi, quando no ano passado acendeu as velas ao pé de mim. No total, acendeu três velas – uma para recordar os defuntos, duas para celebrar o dia. Se pelo menos me conseguisse lembrar da oração. Fui buscar os fósforos e uma vela num castiçal de vidro.

– Eu acendo-as e o Tomasz diz a oração.

– Muito bem. – Ele afastou os pratos para o lado.

Acendi primeiro a vela do castiçal de vidro, murmurando o que conseguia lembrar-me do *kaddish*, enquanto tentava afastar as memórias do meu pai. A seguir, afastei a Aurélie para acender as duas velas do castiçal.

– *Barukh ata adonai eloheinu melech ha-olam asher kiddishanu b'mitzvotav v'tzivanu l'hadlik ner shel shabbat v'shel yom ha-kippurim* – recitou o Tomasz, enquanto eu as acendia. A voz era profunda e melodiosa, como um violoncelo – outra característica bastante agradável, anotei mentalmente, antes de afastar o pensamento. – Recitamos também o *Shehechiyanu*? – perguntou ele.

– Oh, sim, claro que sim – respondi, rezando para ainda me lembrar.

– *Barukh ata adonai eloheinu melech ha-olam shehechiyanu, v'kiymanu, v'higiyanu la-zman ha-zeh.*

Repeti cada uma das palavras uma fração de segundo depois, para parecer que continuava a ser fluente.

– Acho que já não iremos à sinagoga para o *Kol Nidrei* – disse o Tomasz, com um sorriso triste.

– Não – respondi, aliviada por escapar a mais um momento potencialmente embaraçoso por não me recordar das palavras da oração.

– Mas eu podia cantá-la agora – continuou ele.

Combati a vontade de franzir o sobrolho. Se o Tomasz alguma vez virasse as costas ao pugilismo, tornar-se rabi podia certamente ser uma vocação alternativa.

– Sim, claro que sim. Seria maravilhoso. – Sentei-me mais direita na minha cadeira, com uma vontade súbita e inapropriada de me rir desta situação bizarra. Um homem desconhecido estava sentado à minha mesa com um robe de cetim cor-de-rosa e preparava-se para entoar uma oração que dava início ao *Yom Kippur*. Mas eu sabia que não me devia rir, de maneira nenhuma. *Kol Nidrei* era uma ocasião muito séria e rir-me seria completamente inaceitável.

– Posso usar a sua toalha de mesa? – perguntou o Tomasz.

Fitei-o, confusa.

– Para quê?

– Como talit. É branca – acrescentou ele, à laia de explicação.

E quando eu pensava que as coisas não podiam ser mais surreais.

– Sim, claro que pode.

Afastamos as tigelas de sopa e eu levantei o castiçal para que ele pudesse tirar a toalha e enrolá-la sobre os ombros como se fosse um xaile de oração.

– Esteja à vontade para usar qualquer coisa branca também – sugeriu ele, assentindo para o meu vestido verde-esmeralda. – E se tiver alguma coisa que possa usar como kipá...

– Oh, sim. – Levantei-me, meio desajeitada. – Volto já.

Fui apressadamente ao meu quarto, onde metade do conteúdo do meu roupeiro continuava espalhado no chão, depois das minhas buscas anteriores. A única peça de roupa branca que tinha era uma blusa que usava por cima da roupa durante o breve período em que me dediquei à pintura, depois de um encontro com Pablo Picasso no *Café de Flore*. Não conseguira tirar as manchas de carmesim e azul, mas talvez fosse suficientemente branca para passar no teste. Por outro lado, o que podia dar ao Tomasz para ele usar como kipá? O meu olhar caiu sobre um pequeno naperon que a Madame Bellamy me oferecera e que costumava ter na cómoda. Sim, tinha algumas margaridas bordadas, mas pelo menos era redondo.

Vesti a blusa por cima do vestido e voltei para a sala de estar. O Tomasz encontrava-se agora de pé à cabeceira da mesa, com o meu

robe e a toalha sobre os ombros; a imagem era de tal forma caricata que tive de disfarçar uma gargalhada errante com um acesso de tosse.

– Sente-se bem? – perguntou ele.

– Sim, sim, muito bem – balbuciei. Nunca pensei que seria possível tanta graça ao que quer que fosse neste que era o mais terrível dos dias, por isso sentia-me verdadeiramente grata pela distração. – Acha que isto serve... como kipá? – Entreguei-lhe o naperon. – Se não se importar com as margaridas. – Mais uma vez, lutei contra o impulso de me rir.

– Gosto muito de margaridas – respondeu ele bruscamente.

– Oh, eu também! – exclamei, enquanto lhe pousava o naperon na cabeça.

– Posso começar? – interrogou ele, parecendo subitamente tímido.

– Sim, por favor. – Fiquei do outro lado da mesa, um tanto constrangida, com as chamas das velas a tremeluzirem entre nós.

Mas assim que ele começou a cantar, todo o meu constrangimento e vontade de rir desapareceram por completo. A voz dele a cantar era ainda mais melodiosa, mais parecida com o violoncelo, e fiquei imediatamente hipnotizada. As palavras saíam tão carregadas de emoção que em alguns pontos era possível ouvir a forma nítida como a voz se quebrava. Era mais bonito e comovente do que qualquer cantor que ouvira em criança.

Fechei os olhos e de repente estava ali, na minha cidade natal, Marselha, rodeada por adultos que entoavam as mesmas palavras em hebraico. O *Kol Nidrei* fora originalmente escrito durante a Idade Média, quando os judeus foram perseguidos e forçados a converter-se a outras religiões. O cântico falava da absolvição das pessoas de todos os votos que podiam ter feito noutras fés quando estavam sob ameaça de morte. Quando era mais nova, tudo isto me parecia um tanto irrelevante e confuso, mas à medida que a voz do Tomasz enchia a sala, as palavras tornaram-se dolorosamente adequadas aos tempos que vivíamos. Iriam os nazis obrigar-nos a renunciar à nossa fé? A juntar-nos a eles no culto da chamada “raça superior”? Senti uma indignação a agigantar-se dentro de mim, ao mesmo tempo que a voz do Tomasz aumentava de intensidade. Pensei nos judeus que cantaram o *Kol Nidrei* ao longo dos tempos e, pela primeira vez, senti uma

pontada no peito, uma profunda sensação de lealdade para com o meu povo. Quando o Tomasz chegou à parte em que a congregação deve juntar-se ao coro, cantei instintivamente com ele. O som das nossas vozes misturou-se em harmonia e desafio, e a sensação era tão agri-doce, tão tocante, que fiquei com o rosto húmido de lágrimas.

Depois de ele entoar os cânticos pela terceira vez, como era tradição, já não via o ridículo do robe cor-de-rosa, da toalha de mesa a servir de xaile; tudo o que via era o seu olhar intenso a fixar-se no meu por entre a luz das velas e tudo o que sentia era uma presença maior entre nós, como se com a paixão e o ardor na sua voz tivesse conjurado o próprio Deus, que estava agora connosco.

O Tomasz aclarou a garganta e desviou os olhos, como se se sentisse subitamente embaraçado.

– Bem – disse ele –, isto foi qualquer coisa.

Limpei as lágrimas do rosto. O que acabara de acontecer era tão real e puro que senti uma vontade urgente de me desfazer de todo o fingimento.

– Tenho uma confissão a fazer.

– Tem? – O Tomasz olhou para mim com curiosidade. – Bem, se não puder fazer a sua expiação durante o *Yom Kippur*, quando a poderá fazer?

Ambos nos rimos enquanto nos sentávamos.

– É verdade, mas o que queria dizer é... – Hesitei.

– Sim? – incentivou-me ele, num tom suave.

– Há muitos anos que não vou à sinagoga.

– Quantos?

– Desde que fugi... de casa. Há oito anos.

– Oh.

– Desde essa altura que não pratico de todo. Estava a tentar...

Ele olhou para mim com uma expressão interrogativa.

– Estava a tentar esquecer-me.

– De Deus?

– Não, sim. Não. Não sei.

Ele riu-se com a minha indecisão.

– Na verdade, estava a tentar esquecer-me do meu pai, mas na minha cabeça ele estava tão intrinsecamente ligado a Deus, à ida à

sinagoga, que não consegui separar os dois.

– Compreendo – respondeu ele.

Fitei-o com esperança.

– Compreende?

– Sim. – O Tomasz desviou o olhar para a chama das velas. – Há coisas das quais também gostava de me esquecer. Mas funcionou? Conseguiu esquecê-lo?

Fui assaltada pela memória de um dos meus pesadelos mais recorrentes. O meu pai a vir na minha direção, a gritar comigo por ser um inconveniente tão grande, o maior erro que ele alguma vez cometera na vida. E eu encolhida a um canto, a cobrir a cabeça com os braços.

– Grande parte – murmurei.

– Lamento – disse o Tomasz, com um ar estranho.

– Porquê?

– Por a ter obrigado a acender as velas. Por cantar o *Kol Nidrei*. Não sabia...

– Não, não precisa de lamentar – interrompi-o. – Foi lindo. Muito comovente. Senti... – Fiz uma pausa, debatendo-me para exprimir o que sentia.

– O quê?

– Senti que estava de regresso a casa, mas não à casa da minha família. Uma casa mais profunda, aqui no meu coração. Oh, é tão difícil exprimi-lo por palavras!

– E é escritora – brincou ele.

– Bem... era escritora – disse, encolhendo os ombros.

– É escritora. – O sorriso do Tomasz desvaneceu-se. – Fico contente por a ter ajudado a sentir-se assim. Neste momento, a nossa fé é mais importante do que nunca. Não apenas porque é uma fonte de força, mas porque é mais uma das formas para não deixarmos os alemães ganharem. Não podemos deixar que apaguem a nossa identidade.

Assenti, pensativa. Durante muito tempo, pensei no judaísmo como sendo apenas a identidade do meu pai. Mas aos olhos dos nazis, e do meu próprio governo, eu era judia. Talvez estivesse na altura de reclamar a minha fé e usá-la com orgulho.

– Sabe, se o pugilismo não funcionar para si, devia mesmo

considerar uma carreira como rabi ou chantre.

A expressão do Tomasz manteve-se sombria.

– Oh, não, não há a menor hipótese de isso vir a acontecer.

– Porque não? – perguntei, imediatamente intrigada.

– Digamos apenas que fiz algumas coisas que um rabi jamais faria.

– Oh, compreendo. – Contorci-me na cadeira. Pela gravidade da resposta, estava claramente a referir-se a mais do que trabalhar ao *Shabat* ou comer pão fermentado durante a Páscoa.

– Não se preocupe, está em segurança comigo, mas tenho muito para expiar.

– Não temos todos? – trinei, tentando tornar o ambiente um pouco mais ligeiro. – Mas tenho a certeza de que nada do que fez foi tão terrível como o que os nazis estão a fazer, nem remotamente.

Surpreendendo-me, ele abanou a cabeça

– Há alguma forma pela qual possa pedir perdão pelo que fez? – interroguei, pensando no significado de teshuvá. – Pode pedir perdão à pessoa em causa?

– Não posso.

– Sei como pode ser difícil pedir perdão a alguém. No ano passado, tive de pedir desculpa a um padeiro por lhe ter gritado porque o bolo que encomendei sabia a alho. Na altura, não me apercebi de que não tinha lavado a faca com que estivera a cortar alguns vegetais e que cortara o bolo com ela. Depois, quando me lembrei, senti-me tão mal que tive de resolver a questão. Foi muito difícil pedir-lhe desculpa na padaria dele, à frente de tantos clientes, sobretudo porque ele estava claramente a apreciar o meu desconforto. Mas no fim senti-me muito melhor, mais leve. Se a pessoa decidir mostrar pouca graciosidade quando lhe fazemos um pedido de desculpas, é lá com ela. Desde que consigamos...

– Não posso pedir desculpas à pessoa pelo que fiz – interrompeu-me o Tomasz, com a voz tensa. – Porque a matei.

Capítulo Quatro

Paris, outubro de 1940

Recuei instintivamente na cadeira.

– Matou alguém?

O Tomasz levantou-se e foi até ao lado oposto da mesa, com um ar destroçado.

– O que estou a fazer, a contar-lhe estas coisas?

– Foi... durante um dos combates de boxe? – perguntei, esperando aligeirar um pouco a severidade daquela confissão.

– Não.

Senti a apreensão a crescer dentro de mim. Estaria ele prestes a confessar um homicídio a sangue-frio, e depois teria de me matar também, já que eu seria a única testemunha viva? O instinto para pegar no meu caderno de notas mais próximo misturou-se com o medo que sentia. Já conseguia imaginar: a Aurélie a conhecer um assassino traria à série um aspeto mais sombrio e picante.

Não vai haver mais livros da Aurélie e agora a tua vida pode agora estar em perigo!, gritou a minha voz interior.

– Quer beber uma chávena de chá? – perguntei subitamente, ansiosa por mudar de assunto e por sair da sala.

Seguiu-se um instante de silêncio, durante o qual a minha pergunta me pareceu cada vez mais ridícula. O Tomasz acabara de me contar que matara alguém e eu sugeri ir fazer um chazinho. Os nossos olhares cruzaram-se e ambos começámos a rir. Eram gargalhadas que tinham uma certa nota de histerismo – pelo menos da minha parte.

– Desculpe. Não sei porque lhe fui contar isto – disse ele, com um ar envergonhado.

– Não faz mal. Faça de conta que nunca aconteceu. Eu já me esqueci e, como é evidente, nunca o vou mencionar. – Cruzei os dedos sob a mesa, esperando que fosse o suficiente para o tranquilizar.

Ele fitou-me, ansioso.

– Oh, não, não fique preocupada, por favor. Jamais faria alguma coisa para a magoar.

– Não me ocorreu nem por um instante que fizesse – menti.

– Eu não sou... não foi... – Parou de falar e apertou o cinto do robe de cetim.

Esperei que continuasse a falar, uma parte de mim ansiosa pela sua revelação, a outra com a esperança de que me desse mais informações. Nunca conhecera um assassino antes, pelo menos não que soubesse. E, como uma traça que se sente atraída pela luz, eu andava sempre à procura de detalhes brilhantes para poder transferir para os meus livros. Mas o Tomasz permaneceu calado. Tinha um ar tão desolado e fora tão bondoso comigo que me custava imaginar que pudesse fazer-me algum mal.

– Bem, não estava certamente à espera de que o meu dia acabasse assim – acabou por dizer, olhando timidamente para o robe e para a toalha de mesa.

– Nem eu, mas tenho de lhe dizer que este foi o dia mais interessante que vivi desde há muito, muito tempo.

O Tomasz soltou uma gargalhada, tirou a toalha de mesa dos ombros e pousou-a nas costas de uma das cadeiras.

– Para mim também foi. – Sorriu-me. – Ainda bem que atirou a sua boneca ao rio – continuou num tom suave.

– Também acho. – Ambos olhámos para a pobre Aurélie, com o cabelo ruivo frisado, agora já seca.

Eu e o Tomasz passámos as horas seguintes a contar um ao outro a história resumida das nossas vidas até àquele momento. Partilhei com ele alguns dos episódios menos brutais da minha infância e umas quantas histórias divertidas da cena literária francesa. Ele falou da sua paixão de infância pela pesca e do mentor que o ensinou a lutar. No entanto, não me contou mais nada a respeito da confissão anterior. Quanto mais o conhecia e ficava encantada com aquela mistura de sabedoria mundana e sentido de humor gaiato, mais curiosidade sentia.

Até que, por volta da meia-noite, já não conseguia lutar contra o cansaço que se abatera sobre mim e soltei um enorme bocejo.

– É melhor deixá-la ir dormir – disse instantaneamente o Tomasz.

– Está bem. Vai... vai ficar bem a dormir aqui na *chaise longue*? – Já passava da hora do recolher obrigatório, por isso não havia grande

alternativa.

– Claro que sim – retorquiu ele prontamente.

Fui buscar alguma roupa de cama e almofadas.

– Muito obrigado por tudo – agradeceu ele enquanto fazia a cama improvisada.

– Não, eu é que *lhe* agradeço – respondi, e senti uma onda de tristeza por esta estranha, porém, mágica, noite estar a acabar. – Até amanhã.

– Sim. Boa noite.

Quando saí da sala, olhei para trás por cima do ombro e vi o Tomasz de pé, a silhueta recortada contra a luz das velas, perdido nos seus pensamentos.

Assim que cheguei ao meu quarto, abri a gaveta de cima da mesa de cabeceira e tirei o caderno que ali guardava para escrever alguma inspiração noturna. Abri uma página em branco e escrevi Tomasz Zolanvari em cima, sublinhando o nome para dar ênfase.

Na manhã seguinte, acordei com a gargalhada de uma mulher que flutuara desde a rua lá em baixo. Por um abençoado momento, enquanto deslizava naquele estado leve e solto que fica algures entre o sono e a consciência, parecia uma manhã como outra qualquer antes da ocupação. Depois, os eventos do dia anterior começaram a assentar no meu pensamento. O Anton deixara de me dar trabalho. Já não tinha editor. Já não era escritora. Atirara a Aurélie para o rio. O Tomasz Zolanvari salvara-a...

O Tomasz Zolanvari.

Saí rapidamente da cama, pus um xaile sobre a camisa de dormir e saí do quarto. A porta da sala de estar estava aberta. Talvez o Tomasz já estivesse a pé. Entrei para verificar e o meu coração caiu-me aos pés. Os cobertores estavam primorosamente dobrados em cima das almofadas ao fundo da *chaise longue*, assim como o meu robe cor-de-rosa. O estendal de roupas em frente à lareira estava vazio. Tudo o que restava daquela noite mágica eram os cotos ardidos das velas e a cera derretida a cair como veias pelo castiçal de prata. Depois, vi um pedaço de papel ao fundo da mesa, encostado à boneca da Aurélie. À medida que me aproximava, vi que era a capa do meu manuscrito.

Muito obrigado por tudo, escrevera o Tomasz, numa letra pequena, mas elegante. *E nunca se esqueça de que será sempre uma escritora, o mundo precisa mais de si do que nunca. Tem de contar a história de tudo o que nos estão a fazer.* Tomasz. Não deixara qualquer morada nem convite para o voltar a ver, coisa que me deixou mais desiludida do que gostaria de admitir.

Li aquele bilhete várias vezes, como se tentasse prolongar a minha ligação com ele. Depois olhei para a Aurélie e senti uma pontada de preocupação. Agora que o nosso tempo juntos acabara e que não tinha mais nada para me distrair da minha dura realidade, iria eu regressar à depressão na qual o Tomasz me encontrara, no cimo da ponte? Mas senti uma semente de determinação a instalar-se no meu coração, o que me deixou aliviada.

Peguei na Aurélie e devolvi-a ao lugar habitual na prateleira da lareira. Agradava-me o facto de ela agora ter um aspeto desarranjado e cansado do mundo; pareceu-me, de certa forma, simbólico. Ela esteve perto de encontrar a sua sepultura de água, mas conseguiu sobreviver, por isso eu também seria contagiada por este espírito. Podia não conseguir escrever sobre a Aurélie num futuro próximo, mas o meu encontro com o Tomasz dera-me um novo propósito. E talvez as histórias que eu viesse a contar se revelassem bastante mais importantes do que as da minha heroína bailarina.

Depois de me vestir e de comer o resto da sopa como pequeno-almoço, desci as escadas para ir buscar a minha bicicleta à arrecadação do átrio do prédio. Assim que me encontrei na rua, a pedalar com vigor, a minha nova determinação floresceu definitivamente. Desde que era criança que andar de bicicleta era algo que me fazia sentir melhor – a par do refúgio dos livros. Quando tinha cerca de oito anos, encontrei uma bicicleta abandonada numa viela perto da minha casa e reclamei-a rapidamente como minha propriedade. Estava enferrujada e era demasiado grande para mim, mas não me importei. Andar de bicicleta pela cidade fazia-me sentir livre como um passarinho. E com a minha imaginação fértil, a bicicleta transformava-se numa imensidão de coisas – num automóvel, num avião, num cavalo e, por vezes, até num dragão. As

possibilidades eram inesgotáveis e nunca me senti mais livre do que quando pedalava para longe de casa, o vento a soprar-me o cabelo e uma canção a sair-me dos lábios. Se pelo menos agora pudesse pedalar sem parar, ir para longe, muito longe da guerra. Mas como um nevoeiro insidioso, os nazis tinham alastrado pela Europa, cobrindo tudo à sua passagem com um manto de terror e dor. A Grã-Bretanha era o único sítio onde ainda não tinham conseguido chegar, mas nem mesmo com a minha imaginação fértil podia pedalar até ao outro lado do mar.

Acelerei, o meu pensamento inundado de memórias da noite anterior: as velas, os cânticos, a conversa sincera. E depois, o mais bizarro de tudo, a confissão do Tomasz sobre como matara alguém. Mas quem? E como? E porquê?

Quem? Como? Porquê? Onde? E o quê? As cinco perguntas que formavam o ponto de partida de qualquer história. Só que o Tomasz deixara comigo apenas as perguntas e quase nenhuma resposta. Contudo, tinha a resposta de quem ele era. Sabia o nome dele e a profissão. O problema era não ter qualquer conhecimento sobre pugilismo, por isso nem podia verificar se ele me dissera a verdade. Todavia, conhecia um homem que talvez soubesse dizer-me alguma coisa. Travei de repente e dei meia-volta, regressando ao Bairro Latino.

– Tomasz Zolanvari? – disse o Bruno, assentindo entusiasmado. – Claro que já ouvi falar do Tomasz Zolanvari.

O Bruno era o dono de um restaurante chamado *Era Uma Vez*, mesmo no coração do Bairro Latino. Fora este nome que me trouxera até cá pela primeira vez, numa escaldante noite de agosto, há já alguns anos. Achei que qualquer restaurante com nome de início de história seria certamente uma experiência interessante, e, na mesma medida, a pessoa que escolhera *Era Uma Vez* para dar nome a um estabelecimento devia ser uma personagem intrigante. Não ficara desiludida: eu e o Bruno demo-nos imediatamente bem. Ele era apaixonado pelas obras de Albert Camus e uma daquelas pessoas que vivia num estado de deslumbramento perpétuo em relação ao mundo, algo que achava contagioso. Também era um grande apaixonado por

desporto.

– Então, ele é pugilista? – perguntei.

– Sim, claro que é. Há alguns anos ganhou o título de campeão de peso-médio, mas depois retirou-se dos ringues. – O Bruno passou a mão pelo cabelo preto encaracolado. – Foi uma pena. Ele tinha talento para continuar. Café? – Pegou na cafeteira que estava por trás do bar. – É do verdadeiro – murmurou. – Comprei um pouco no mercado negro.

– Comprou? Sim, por favor! – Os meus olhos arregalaram-se perante a possibilidade de beber café de verdade. Desde que os alemães infligiram as suas restrições punitivas sobre nós que estávamos reduzidos a beber um substituto sensaborão de café que, diziam os rumores, era feito com bolotas moídas. Sempre adorara os carvalhos enquanto árvores, mas como fonte de café eram uma terrível desilusão.

O Bruno encheu uma chávena de porcelana branca com o líquido escuro e espesso, e passou-ma.

Não fui capaz de conter um gemido quando bebi o primeiro gole.

– Oh, café, tive tantas saudades tuas! – Um dos aspetos positivos da ocupação era o facto de os prazeres simples que antes tínhamos como garantidos agora nos deixarem num estado de êxtase abençoado.

O Bruno riu-se enquanto também servia uma chávena para si.

– Então, não sabe por que razão ele desistiu de combater? – interoguei, quando parei de suspirar pelo café.

O Bruno abanou a cabeça.

– Não. Porque pergunta?

Felizmente, enquanto ia de bicicleta para lá, tivera tempo para pensar numa desculpa.

– Estou a fazer pesquisa para um projeto de escrita.

– Ah, compreendo. Então, o novo *decreto* não afetou o seu trabalho? Fiquei preocupado consigo quando ouvi as notícias.

O meu entusiasmo alimentado a café começou a esmorecer.

– Afetou, sim. Já não posso escrever os meus romances.

– Não! – Ele bateu com uma das mãos gorduchas sobre o balcão e senti-me comovida pela honestidade do seu pesar, sobretudo porque *As Aventuras de Aurélie* não eram exatamente a sua preferência

literária. Depois, franziu o sobrolho com uma expressão confusa. – Então, agora vai escrever sobre pugilistas?

– Não exatamente – suspirei. – Para ser sincera, não sei muito bem sobre o que hei de escrever, sei apenas que tenho de continuar a fazê-lo. Não posso permitir que me roubem a minha identidade.

– É assim mesmo. – O Bruno olhou de relance para a esquerda e para a direita antes de se debruçar sobre o balcão na minha direção. – No outro dia, ouvi falar de uma coisa para a qual talvez possa escrever.

– O que é? – Fitei-o, cheia de esperança.

– A Resistência – murmurou ele.

– A Resistência? – murmurei de volta, sentindo um arrepio de entusiasmo a percorrer-me a espinha.

– Sim, os habitantes de Paris estão a acordar lentamente do seu torpor e a começar a combater a escumalha nazi.

– Oh, graças a Deus! – Já vira sinais de que o povo podia estar a virar, mas até então limitavam-se a riscar os cartazes alemães.

– Se estiver interessada, posso pô-la em contacto com eles – continuou o Bruno. – Mas seria algo bastante perigoso.

– Não me importo – respondi com ar de desafio. E a verdade é que não me importava mesmo. Sentia realmente que não tinha nada a perder. Tanto quanto me era dado a entender, a oportunidade de poder escrever novamente valia a pena o risco.

– Muito bem, deixe comigo e venha cá outra vez na segunda-feira, mas tem de ser mesmo muito cuidadosa. Os alemães têm espões e colaboradores em todo o lado. Quando aqui vier, certifique-se de que ninguém a segue, e se vir alguém suspeito na rua, deve dar a volta ao prédio e bater três vezes na porta da cozinha.

Ergui as sobranceiras. Este tipo de comportamento de capa e espada pertencia certamente a um livro de espões. Parecia um sonho surreal que estas coisas se passassem na vida real, em Paris, mas o Bruno continuava a olhar para mim com seriedade.

– Claro que sim. – Bebi o resto do café, levantei-me para ir embora e dei-lhe um beijo no rosto com a barba por fazer. – Obrigada.

Voltei para casa de bicicleta, sentindo-me alegre e leve como um passarinho, a cafeína e o entusiasmo a correrem-me nas veias. O

Anton podia ter-me abandonado, mas graças ao Tomasz e ao Bruno, talvez ainda pudesse escrever. E a possibilidade de fazer parte de alguma espécie de movimento de resistência enchia-me de esperança.

Capítulo Cinco

Paris, novembro de 1940

Venho para a reunião de Les amis d'Alain Fournier, repeti vezes sem conta na minha cabeça enquanto pedalava ao longo da Avenida Nova Iorque, em direção aos Jardins do Trocadéro. Passaram-se quatro semanas desde que o Bruno me fizera aquela oferta tão cativante e agora, por fim, recebera instruções para ir a uma reunião. Intrigava-me o facto de a reunião ter lugar no Le Musée de l'Homme, onde passara algumas tardes antes da guerra a observar os armários de curiosidades, enquanto me questionava sobre os intrigantes artefactos recolhidos nos cinco continentes. Naquela altura, o museu parecia ser uma celebração da humanidade. Enquanto arquejava, deslumbrada, ao ver as máscaras vindas das planícies de África e os potes antigos desenterrados dos desertos da Ásia, jamais poderia imaginar na sombria reviravolta que aguardava a humanidade; no flagelo da Europa que ameaçava agora a civilização.

Venho para a reunião de Les amis d'Alain Fournier, ensaiei mentalmente mais uma vez, ao prender a bicicleta no exterior do museu. Presumia que a reunião de uma sociedade literária em homenagem a um dos maiores escritores franceses fosse apenas um disfarce. Ou talvez fosse uma forma elaborada de verificar se eu estava à altura da tarefa, qualquer que fosse. Felizmente, eu era uma grande admiradora do romance de Fournier, *Le Grand Meaulnes*, e se fosse preciso podia falar durante horas sobre as voltas e reviravoltas do amor de Augustin por Yvonne.

Não fales demasiado, avisei a mim mesma enquanto subia os degraus do formidável edifício de pedra branca, tentando não olhar para a Torre Eiffel ao longe, a mesma que costumava ser um símbolo de liberdade para mim, na altura em que sonhava fugir para Paris. Mas desde que os nazis ali chegaram e prenderam nela a horrível cruz suástica que a mera visão da estrutura metálica deixava o meu coração apertado. Agora, o feito de engenharia de Koechlin e Nougier parecia-me mais um símbolo de opressão.

Mas podes estar prestes a descobrir como combater essa opressão,

recordei-me.

– Venho para a reunião de Les amis d’Alain Fournier – disse à senhora que estava na secretária da receção.

Ela olhou para mim de alto a baixo, como se estivesse a avaliar uma costeleta de borrego no talho, e durante um hediondo momento pensei que ela iria ver-me como insatisfatória e mandar-me embora. A única coisa que me dera alento ao longo das últimas semanas fora a esperança de poder voltar a escrever – isso e sonhar acordada com histórias sobre o misterioso Tomasz Zolanvari. Depois do que me pareceu uma eternidade, ela assentiu brevemente e disse:

– Aguarde um instante, por favor. – A seguir, pegou no telefone e murmurou qualquer coisa tão baixo que foi impossível ouvir as suas palavras. Pousou o auscultador do telefone e voltou a assentar. – A sociedade literária reúne-se na cave. Na sala 213. Pode ir de elevador. – Apontou para o outro lado do átrio.

– Muito obrigada. – Apressei-me a ir embora antes que ela mudasse de ideias.

Ao contrário dos espaços arejados do museu por cima, quando saí para a cave senti-me a entrar num verdadeiro labirinto de túneis. Corredores e mais corredores frios, escuros e a cheirar a bafio e a livros antigos, tudo a acrescentar intensidade a esta noção de estar a fazer algo proibido.

Encontrei finalmente a sala 213 e bati à porta. Os murmúrios que se ouviam dentro do quarto pararam subitamente.

A porta abriu-se e um homem espreitou cá para fora. O rosto parecia-me estranhamente familiar, mas não o consegui situar.

– Olá, venho para a reunião de *Les amis d’Alain Fournier* – repeti, antes de baixar a voz. – Chamo-me Claudette. O nosso amigo em comum, Bruno, pôs-me em contacto convosco.

– Ah, sim. – O homem abriu um pouco mais a porta. Duas mulheres e outro homem estavam sentados em redor de uma mesa. – Entre, por favor.

Entrei na sala, consciente de que todos os olhares estavam pousados em mim.

– O Bruno disse-me que é romancista – disse o homem, fazendo sinal para que me sentasse numa das cadeiras vazias.

– Sou, sim. Ou pelo menos era. O meu editor já não tem autorização para publicar os meus livros, graças aos alemães – repliquei, ansiosa por mostrar as minhas credenciais de resistente. – Escrevo uma série de romances intitulados *As Aventuras de Aurélie*. – O homem ficou com um olhar vazio, mas fui recompensada com o assentir de reconhecimento de uma das mulheres presentes. – Só que agora o decreto implica que já não tenho autorização para escrever, pelo menos oficialmente – acrescentei, querendo deixar as minhas intenções bastante claras.

– É terrível – murmurou a mulher, e sorri-lhe com gratidão.

– O Bruno contou-me que gostaria de continuar a escrever – disse o homem, sentando-se no seu lugar no círculo, à minha frente.

– Sim, quero muito. – Estava a começar a sentir-me um pouco como num jogo de póquer, mas quem iria mostrar a sua mão primeiro? – Sobretudo se puder escrever sobre algo que faça uma diferença positiva. – Baixei a voz. – Contra os ocupantes.

O homem olhou em redor para os outros, como se procurasse aprovação, e cada um deles assentiu, à vez.

– Chamo-me Jean Cassou – apresentou-se ele.

– Como assim, o Jean Cassou? – reagi, esquecendo instantaneamente o meu desejo de ser levada a sério e ficando a olhar boquiaberta para o famoso romancista, poeta e crítico como se fosse uma criança deslumbrada. Não era de admirar que o seu rosto me parecesse familiar. Arrepiei-me ao pensar que esperara que ele soubesse quem era a Aurélie. Apesar do enorme sucesso dos meus livros, ainda me sentia um pouco como uma fraude na presença de autores de literatura; receava que albergassem ressentimentos por esta jovem estrela vinda de Marselha que invadira o mundo deles com histórias de salões de dança e outras frivolidades. E agora aqui estava, frente a frente com um verdadeiro génio literário.

Ele riu-se.

– Sou o escritor Jean Cassou, sim.

– É... é um prazer conhecê-lo – balbuciei, antes de olhar em redor para o resto do grupo, tentando identificar algum outro prodígio literário.

– Chamo-me Yvonne Odon – disse a mulher. – Sou a chefe das

bibliotecárias aqui do museu. Esta é a historiadora da arte, Agnes Humbert. – Apontou para a mulher ao seu lado e trocámos um sorriso. – E este é o Boris Vildé – continuou a Yvonne. – É um dos etnógrafos do museu.

– Muito gosto em conhecê-la – disse o Vildé, no que me pareceu uma pronúncia russa.

– Igualmente – respondi, com o coração dilatado.

– O Bruno fala muito bem de si – revelou o Cassou, com um sorriso.

– Eu também só tenho coisas boas a dizer sobre ele! – retorqui rápida e entusiasticamente. – E do seu café.

Porque disseste isso?, choramingou a minha voz interior. *Pareces uma tontinha tagarela.*

– Do seu café? – O Cassou ergueu o sobrolho.

– Sim, ele serve o mais delicioso do cafés, ou pelo menos servia – acrescentei, sem saber se o Bruno queria que as pessoas soubessem acerca da reserva de café que comprara no mercado negro, mesmo que fossem seus colegas da Resistência.

Para meu alívio, o Cassou sorriu. Eu podia ter escrito vários romances que foram sucessos de vendas, mas na presença de um vulto da literatura, podia ficar facilmente reduzida a uma rapariga trémula.

– Ele deu-me a sua palavra em como a Claudette é de confiança – continuou o Cassou.

– Claro que sou! – exclamei – Não suporto o que está a acontecer em França. O que estão a fazer ao povo judeu. Se não fizer nada para lutar contra eles, sinto que vou enlouquecer.

– É exatamente o que disse ao Jean – afirmou a Agnes, a historiadora de arte.

O Cassou assentiu e ambos me sorriram calorosamente. Senti uma onda de alívio, era como se tivesse passado por um teste importante.

– Já alguma vez escreveu peças jornalísticas? – perguntou o Cassou.

– Não. – O coração caiu-me aos pés. Será que, afinal, não passara no teste? – Mas sou escritora de romances autodidata, por isso certamente poderei também escrever textos jornalísticos. Aprendo muito depressa.

– Gosto do seu entusiasmo. – O Cassou ficou pensativo por instantes. – Talvez possa escrever alguma coisa sobre as dificuldades dos judeus que vivem em Paris. De forma anónima, claro.

– Claro – repeti, sentindo um formigueiro na espinha.

– Vamos contar-lhe o que planeamos fazer? – perguntou a Yvonne. Para meu alívio, o resto do grupo assentiu.

– Estamos a fundar um jornal – disse-me o Cassou. – Um jornal clandestino, contra os fascistas que invadiram a nossa cidade.

Fiquei com a pele arrepiada. A ideia de existir um jornal clandestino, e de fazer parte dele, era como uma dose de adrenalina que me entrava diretamente no coração. Toda a impotência que sentira nos últimos tempos começava a dissipar-se.

– Vamos poder usar a impressora aqui do museu – explicou a Yvonne.

– Mas, como é evidente, é algo muito arriscado – acrescentou o Vildé –, por esse motivo, não pode dizer uma única palavra a ninguém.

– Claro que não.

– Talvez possa escrever quinhentas palavras sobre a experiência dos judeus em Paris – sugeriu o Cassou –, e se estiver bem, incluímos o seu texto na primeira edição do jornal.

– Eu... eu não sei o que dizer – gaguejei. Não sabia o que esperar desta reunião secreta, mas isto excedia todas as minhas expectativas. A seguir, para meu profundo embaraço, comecei a chorar.

– Oh, não, aconteceu alguma coisa de errado? – perguntou a Agnes, pousando uma mão no meu ombro.

– Não, está tudo bem – respondi. – São lágrimas de felicidade, juro. É que me sinto tão bem por poder fazer novamente alguma coisa de útil. Creio que não me tinha apercebido de como me doía que algo que sinto que nasci para fazer me fosse arrancado, que tenha sido dispensada pelo meu editor. Sinto que fui atirada para um monte de restos que me faz sentir uma cidadã de segunda no meu próprio país.

– Então, escreva sobre esse tema no seu artigo – incentivou o Cassou, num tom suave. – As pessoas precisam de saber. Precisam de ser chamadas à razão. De acordo com a minha experiência, as histórias pessoais são a forma mais poderosa de conquistar o apoio das

peessoas.

- Assim farei. Obrigada. – Tirei um lenço do bolso e assoei o nariz.
- Como vos faço chegar o artigo?
 - Entregue-o ao Bruno. Uma semana é suficiente?
 - Sim, claro que é. Ultimamente, não tenho tido muito para fazer.
 - Obrigado. – O Cassou levantou-se e percebi que era a deixa para me ir embora.

Levantei-me rapidamente e cumprimentei-o com um aperto de mão.

- Foi um gosto conhecer-vos. – Olhei para os restantes com gratidão.
- Igualmente – disse a Yvonne, e os outros assentiram, concordando.

Saí do museu e senti o meu espírito elevado como os acordes finais de uma sinfonia. A noção de que estas pessoas se tinham reunido na cave de um museu para tentar resistir à ocupação alemã restaurara poeticamente a minha fé na humanidade. Estava tão entusiasmada que decidi fazer algo em que andava a pensar nas últimas semanas – fui de bicicleta até ao Pletzl, no quarto *arrondissement*, para ver se conseguia encontrar o Tomasz.

À semelhança da minha criação literária, a Aurélie, eu não era o tipo de mulher que ia à procura – a pé ou de bicicleta – de um homem, mas nas poucas horas em que estivemos juntos o Tomasz tivera um impacto tão grande na minha vida, que sentia que precisava de mais tempo com ele. E agora tinha a desculpa perfeita para o tentar encontrar – queria agradecer-lhe por me mostrar que podia usar a minha escrita como uma arma contra os alemães.

Enquanto pedalava estrada fora, quase ouvia a Aurélie a fazer um estalido com a língua. *Uma mulher completamente emancipada não tem a menor necessidade de ir atrás de um homem.* Era uma das suas falas mais populares e que voltava agora para me atormentar. *Uma mulher completamente emancipada está demasiado ocupada a perseguir as suas paixões e a criar as suas próprias aventuras.*

– Ai, deixa de ser tão espertalhona – resmunguei entre dentes, quase a desejar ter criado uma heroína recatada e inexperiente que

não sabia pensar pela sua própria cabeça, como as que apareciam na maior parte dos romances. O problema com as personagens que vivem na nossa cabeça é não haver forma de lhes escapar, sobretudo quando são tão truculentas como a Aurélie. Comecei a cantarolar *La Marseillaise* para me distrair.

Quando cheguei a Place Saint-Paul, desmontei a bicicleta e prendi-a a um candeeiro de rua. A palavra *yiddish* Pletzl significa “pequeno lugar” e enquanto percorria uma das ruas estreitas que partiam da praça, senti que ali a cidade se dobrara sobre si mesma. As paredes encardidas dos edifícios de cinco andares de cada um dos lados da rua pareciam inclinar-se sobre a estrada, fazendo com que a luz pálida de inverno se desvanecesse.

As estrelas de David que se viam nas montras dos talhos e das padarias deixavam-me simultaneamente grata e desconfortável. Era reconfortante estar rodeada por tantos símbolos de um povo que não me julgaria, mas também me sentia igualmente horrorizada por eles. Comparada com a minha opulenta e verdejante rua à beira-rio, havia aqui mostras de pobreza por todo o lado, desde os rostos encovados das pessoas que passavam por mim às roupas que lhes pendiam largas sobre o corpo. Pelo menos no sítio onde vivia, eu não me destacava. Estas pessoas eram alvos desprotegidos à espera dos alemães.

Motivo pelo qual debes escrever o teu artigo, afirmou calmamente a voz na minha cabeça.

Olhei para baixo, para o meu casaco debruado a pelo, dolorosamente consciente e um pouco envergonhada da minha riqueza, comparativamente ao que me rodeava. Se era a este local que estava habituado, não admirava que o Tomasz tivesse ficado tão espantado por eu viver sozinha num apartamento tão espaçoso.

A placa de uma livraria fez-me parar de repente. Muitos dos livros na montra eram em hebraico e de natureza claramente religiosa. Mas quando tentei abrir a porta para entrar, estava fechada. Claro que estava. Se eu fora proibida de escrever livros só por ser judia, não havia a menor hipótese de o nosso odioso governo permitir que os livros judaicos fossem vendidos.

– Posso ajudá-la? – perguntou uma voz débil algures por cima de mim, fazendo-me sobressaltar.

Olhei para cima e vi um homem com uma barba branca pontiaguda como a de um gnomo a espreitar pela janela do terceiro andar. Um par de óculos de aros de arame pendurados numa corrente pendiam-lhe do pescoço e ondulavam no ar.

– Oh, estava só a pensar se podia comprar um livro, mas já vi que a livraria está fechada – respondi.

– Pois aí é que se engana – disse o homem. – A porta está fechada, mas a livraria não.

– Oh, compreendo. – Não consegui deixar de sorrir. – Presumo que não sabe como posso conseguir que a porta se abra, pois não? – Quase esperava que me revelasse que precisava de lhe dizer a palavra secreta.

– Um momento – pediu ele, e desapareceu da janela, que se fechou com um baque.

Passou-se mais de um minuto e comecei a questionar-me se teria sido vítima de uma partida quando o homem apareceu vindo de uma viela ao lado da livraria. Visto de perto ainda se parecia mais com um gnomo: magro e os ombros curvados, o que o fazia parecer não ter mais do que metro e meio de altura. Os olhos escuros e redondos dardejavam para um lado e para o outro antes de se iluminarem ao fitar-me.

– Bom dia, e a menina quem é?

– Chamo-me Claudette Weil – repliquei, estendendo a mão. Ele não demonstrou reconhecer o meu nome, mas também não esperava que isso acontecesse. Aquela livraria não parecia ser o tipo de loja onde os meus livros se vendiam.

Ele aceitou a minha mão e deu-lhe um aperto rápido. Era uma mão surpreendentemente forte para um homem tão pequeno.

– Muito gosto em conhecê-la. Chamo-me Solomon Finkelstein.

– Muito gosto. O senhor é o proprietário desta livraria?

Ele abanou a cabeça, o que me deixou confusa, enquanto tirava do bolso das calças um enorme molho de chaves.

– Não, eu sou o Guardião dos Livros, o Guardador de Histórias e o Anfitrião dos Poemas. – Sorriu-me com ar travesso por cima do ombro ao abrir a porta. – Acho que soa muito mais excitante do que proprietário de uma livraria, não lhe parece?

– Oh, sim, completamente! – Ri-me enquanto o seguia para o interior da livraria. Senti que estava na presença de uma verdadeira alma gémea.

– Procura algum livro em particular? – perguntou ele, antes de fechar a porta atrás de mim. – Só para manter os indesejados lá fora – disse, em jeito de explicação.

– Compreendo. – Senti a pele a formigar. Depois de ter ido à reunião daquela manhã no museu, era maravilhoso testemunhar mais um pequeno gesto de rebeldia. – Gostava só de dar uma vista de olhos, se puder ser – respondi, demasiado envergonhada em admitir que estava ansiosa por ler textos que me ajudassem a redescobrir a minha cultura. Desde que o Tomasz me falara da necessidade de impedir que os alemães apagassem a identidade judaica e da sensação mágica que me invadira ao ouvi-lo entoar o *Kol Nidrei*, sentia uma necessidade crescente de voltar a ligar-me à fé da minha infância. – Oh, e também gostava de lhe perguntar se conhece um homem chamado Tomasz Zolanvari.

– É escritor? – perguntou o Solomon.

– Não, é pugilista, ou era até há uns anos, mas creio que vive aqui no Pletzl. – Olhei para ele com esperança.

O Solomon pensou durante um instante, depois abanou a cabeça.

– Infelizmente, não conheço.

– Não faz mal – repliquei com leveza, tentando disfarçar a minha desilusão. – Nesse caso, vou só procurar um livro.

– Procure à vontade! Se precisar de mim, estou ali a fumar o meu cachimbo. – Apontou para uma poltrona ao lado do balcão.

– Claro que sim – respondi com um sorriso.

Afastando-me dos livros em hebraico, pois sabia que não ia conseguir entendê-los, peguei num livro de orações em francês e levei-o ao nariz, inspirando o aroma terroso. Ouvi o Solomon a rir e virei-me para o encontrar a observar-me por entre uma nuvem de fumo do cachimbo.

– O gesto de um verdadeiro bibliófilo – comentou ele.

Soltei uma gargalhada.

– É verdade. Sempre adorei o cheiro dos livros, desde que era criança. Para mim, é o cheiro das histórias.

– Sim! – exclamou ele, aplaudindo com as mãos retorcidas. – E não há nada mais importante do que as histórias... desde que sejam transformadoras, isto é.

– O que quer dizer com isso?

– Conhece os trabalhos de Baal Shem Tov?

Abanei a cabeça.

– Era um rabi do século XVIII no meu país natal, a Polónia, e o fundador do Judaísmo Hassídico.

Assenti.

– Em certa ocasião, pediram a um dos seus discípulos, um homem idoso tão mutilado que mal podia mexer-se, que contasse uma história sobre o meu mestre. Este contou que Baal Shem costumava saltar e dançar enquanto rezava.

Não consegui evitar sorrir perante a imagem. Dançar enquanto se rezava tornava a ocasião muito mais divertida.

– O homem embrenhou-se de tal forma na história que estava a contar que se levantou e começou a dançar para exemplificar. E nesse instante ficou curado das suas mazelas.

– Uau.

– Precisamente. – O Solomon deu uma nova baforada no cachimbo. – Todas as histórias deviam ter o poder de transformar o ouvinte e o contador.

Pensei na forma como os meus romances da Aurélie me transformaram, dando-me coragem para ser tão destemida como a minha heroína. E, a avaliar pelas cartas que recebia das minhas leitoras, parecia que também tinha transformado muitas outras vidas pelo caminho.

– Nunca tinha pensado sob essa perspetiva. Adoro – disse, levando o livro para o pagar. – Quanto lhe devo? – Tirei o porta-moedas da carteira.

– Nem um único franco – retorquiu ele.

– O quê? Mas tenho de lhe pagar alguma coisa.

O Solomon abanou a cabeça.

– É a minha boa ação de hoje.

– Mas...

– Insisto – interrompeu ele. – A menina conhece o conceito de *tikun*

olam?

– Sim. – Franzi o sobrolho, tentando lembrar-me da definição. – Significa reparar o mundo.

– Exatamente.

– Através da oração – continuei, à medida que a memória regressava.

– E boas ações – acrescentou o Solomon.

– Oh. – Não me lembrava desta parte e ele deve ter reparado na minha confusão, porque num abrir e fechar de olhos já estava de pé e à procura numa das estantes de livros.

– Onde estás? – cantarolou numa voz melodiosa, empurrando os óculos até à ponta do nariz.

Tive novamente de reprimir a vontade de rir. Um homem que falava com livros era definitivamente o meu tipo de pessoa.

– Aqui estás! – Regressou e com um gesto triunfante pousou o livro em cima do balcão, mesmo à minha frente. Era uma coletânea de contos hassídicos. – Tem tempo para mais uma história muito breve? – perguntou.

– Eu tenho *sempre* tempo para uma história – respondi.

– Excelente! – Os olhos dele iluminaram-se. – Em certa ocasião, no início dos tempos, quando o Criador andava muito ocupado a criar o mundo, perdeu momentaneamente o controlo do processo.

– Deus perdeu o controlo? – interoguei, achando o conceito de um Deus propenso a desastres estranhamente reconfortante.

– É verdade, e centelhas do Seu ser espalharam-se pelo mundo físico, onde ficaram encurraladas; por isso, o Seu poder diminuiu ligeiramente, deixando o mundo vulnerável ao caos e à maldade.

– Como a dos nazis? – perguntei, e o Solomon assentiu. Uma das perguntas que me atormentava desde que os alemães tinham começado a perseguição dos judeus era como podia Deus permitir semelhante crueldade. Um Deus enfraquecido fazia certamente mais sentido. – Então, não há esperança para nós? – acrescentei, meio a brincar.

– Oh, há esperança, sim! – retorquiu ele de modo triunfal. – Podemos corrigir tudo o que há de errado e curar o mundo.

– Como?

– Através do *tikun olam*. Sempre que realizamos um ato de contemplação religiosa, como orar ou fazer uma boa ação por outra pessoa, uma das centelhas de Deus que ficaram presas consegue libertar-se e regressar a Ele. Assim, a bondade do mundo é fortalecida.

– Assenti para o livro de contos e sorriu-me. – É desta forma, centelha a centelha, que o mundo se vai reparar e a harmonia será restaurada.

Visualizei as centelhas a descerem pelo céu como estrelas-cadentes que se cravavam no mundo, à espera de serem libertadas e, enquanto o Solomon me entregava os livros, imaginei uma destas centelhas a libertar-se das suas páginas e a subir aos céus numa espiral de luz.

– Adoro esta história – murmurei.

– Eu também. Ajuda-me a manter a minha sanidade no meio de toda a loucura que nos rodeia.

Assenti. O que ele dizia fazia todo o sentido.

– Deixe-me embrulhar-lhe os livros – disse ele, tirando um rolo de papel pardo de debaixo do balcão. – Só para o caso de a mandarem parar e a revistarem.

O facto de levar comigo dois simples livros me poder meter em sarilhos em plena cidade de Paris – um dos centros literários do mundo – trouxe-me instantaneamente de regresso à realidade.

– Muito obrigada, mas, por favor, tem de me deixar pagar-lhe de alguma forma.

– Prometa-me que vai libertar centelhas de luz todos os dias, aconteça o que acontecer. É certamente o melhor presente que pode dar a mim e ao mundo. – Levantou o olhar dos livros embrulhados.

– Sim, claro que prometo.

Entregou-me os livros e sorriu-me. Aqueles olhos castanhos estavam leitosos com a idade, mas conseguia imaginar como deviam cintilar como estrelas quando era novo.

– Foi um gosto conhecê-la, Claudette.

– Todos os meus amigos me tratam por Etty.

– E todos os meus amigos me tratam por Solly, Etty – replicou ele.

– Adeus, Solly. Espero que os nossos caminhos voltem a cruzar-se.

– Adeus, Etty. Também espero que sim.

Saí da livraria comovida com este encontro tão bonito e pungente.

E, mais uma vez, tinha de agradecer ao Tomasz Zolanvari. Ter-me cruzado com ele parecia cada vez mais obra do destino e fez-me desejar ainda mais voltar a vê-lo.

Vislumbrei uma padaria na esquina ao fundo da rua e dirigi-me para lá. A porta era contornada por um padrão de xadrez com minúsculos azulejos azuis e brancos, e na rua estavam dispostas algumas mesas redondas pequenas. Decidi comprar alguma coisa para comer e ver o mundo passar. Era, evidentemente, uma possibilidade remota ver o Tomasz ali, o tipo de coisa que jamais escreveria num romance, já que era demasiado estereotipado e inverosímil, ainda assim... A vida real tinha frequentemente o hábito de ser mais estranha do que a ficção e não conseguia livrar-me da sensação de que estávamos destinados a encontrar-nos naquele dia.

Assim que entrei na padaria, o meu nariz foi inundado por um aroma que me levou diretamente à infância, quando, impaciente, esperava enquanto a Madame Bellamy mexia a sua famosa canja de galinha ao fogão, puxando-lhe o avental vezes sem conta e perguntando: “Já está pronta?”

Uma senhora magra de cabelos a ficarem grisalhos estava atrás do balcão, a dispor um tabuleiro de *bagels* acabados de cozer. Levantou o olhar e sorriu-me.

– *Shalom*.

– *Shalom* – respondi. A palavra parecia estranha ao sair da minha boca. Estranha, mas não desagradável. – Este cheirinho é canja de galinha? – perguntei, quase a salivar.

– É, sim, bem, mais ou menos. Tive de usar nabos, em vez de galinha. – Olhou para mim e ergueu as sobrancelhas, como quem diz: *O que se pode fazer?*

– Posso comer um pouco, por favor? E um *bagel*.

– É para já.

Enquanto ela preparava a minha comida, peguei no porta-moedas.

– Acho que nunca a vi por aqui – disse ela, sem levantar o rosto.

– Pois não, estou de passagem. Bem, na verdade, vim à procura de uma pessoa.

– Ai sim? – A senhora olhou de relance para mim.

– Sim, o Tomasz Zolanvari. Ele vive aqui, no Pletzl. Por acaso não

o conhece?

Uma breve expressão de reconhecimento cruzou-lhe o rosto, mas depois abanou a cabeça com firmeza.

– Não, nunca ouvi falar nesse nome.

Não a podia culpar por ser desconfiada, dado o clima de medo em que vivíamos.

– Ele é meu amigo.

– E não sabe onde ele vive? – Franziu o sobrolho e ficou com a tigela de sopa na mão, sem saber se podia confiar-ma ou não.

– Não, não exatamente. Mas sei que o tio dele era alfaiate aqui – respondi, exibindo a única prova que possuía relativamente à sua identidade.

A senhora encolheu os ombros.

– Lamento. Não sei quem é.

Peguei na sopa e no *bagel*, e sentei-me numa das mesas da rua. Ela conhecia o Tomasz, tinha a certeza. Mas por que motivo se retraíra tanto quando mencionei o nome dele? Talvez suspeitasse que eu era uma colaboradora nazi ou haveria alguma outra razão misteriosa para o Tomasz Zolanvari não querer ser encontrado? Estremeci e levantei a gola do meu casaco, à medida que as palavras que me confessara durante o *Erev Yom Kippur* ecoavam na minha memória: “Não posso pedir desculpas à pessoa pelo que fiz... porque a matei.” Quem era este misterioso Tomasz Zolanvari que tivera um impacto tão grande na minha vida. E quem teria ele matado?

Capítulo Seis

Paris, fevereiro de 1941

Era uma vez, um rabi chamado Yaakov Rabinovicz, que vivia na Polónia, no século XVIII. Certo dia, ia ele a caminhar na rua quando se deparou com uma carroça de feno virada. A carroça era tão grande que bloqueava toda a estrada e os fardos de feno estavam espalhados por todo o lado. Um camponês cristão estava ao lado da carroça, com um ar destruído.

– Por favor, senhor, não me pode ajudar a endireitar a minha carroça?
– suplicou o camponês.

O rabi sabia que seria um mitzvah ajudar o homem e que a luz do mundo aumentava com cada ato de bondade, mas tinha a certeza de que não era suficientemente forte para levantar a carroça, por isso abanou a cabeça.

– Lamento muito – respondeu –, mas não posso.

– Pretende dizer, na verdade, que não quer – respondeu o camponês. – Não está disposto a ajudar-me.

Aquela acusação trespassou o rabi até ao âmagos e este dirigiu-se imediatamente para a carroça; juntos, os homens tiveram a ideia de colocar algumas placas de madeira sob a carroça para usarem como alavanca e a endireitarem. Depois, colocaram os fardos de feno em cima da carroça e o camponês agradeceu ao rabi antes de se preparar para continuar a viagem.

– Posso caminhar um pouco ao seu lado? – perguntou o rabi.

– Claro, irmão – respondeu o cristão, e começaram a caminhar num silêncio compassivo.

Algum tempo depois, o rabi fez a pergunta que o inquietava.

– Por que razão disse que eu não estava disposto a ajudá-lo quando lhe respondi que não me julgava capaz de o fazer?

– Porque ninguém sabe o que é capaz de fazer até tentar, de facto, fazê-lo – replicou o cristão.

– Mas o que o levou a pensar que eu seria capaz de levantar a carroça?
– interrogou o rabi.

– Porque o senhor apareceu exatamente no sítio e no momento em que

eu precisava de ajuda – respondeu o cristão, sorrindo.

O rabi soltou uma gargalhada.

– A seguir vai dizer-me que estava destinado a aparecer aqui para o ajudar.

– Mas claro que estava, irmão – retorquiu o cristão, com uma risada.

Hoje, enquanto caminhava pelas ruas da minha adorada cidade de Paris, enquanto judia, senti a carruagem da minha vida a ser virada na estrada. Para todos os lados em andei, vi cartazes a declarar ódio por mim. O meu próprio governo decretou que já não posso viver da minha profissão. Amigos e conhecidos tiveram de fugir para salvar as suas vidas. E fui aconselhada a fazer o mesmo. Mas porque devo desistir da vida e da casa pelas quais tanto me esforcei? E, de qualquer maneira, para onde iria? Há ainda algum lugar seguro na Europa para os judeus?

Agora, mais do que nunca, preciso de um irmão ou uma irmã cristãos que venham em meu auxílio. Se está a ler isto e sente que não podia fazer nada para ajudar, por favor, retire inspiração neste velho conto hassídico. Como sabe se pode ou não ajudar alguém antes de tentar? Pense no amor, na esperança e na bondade que o seu gesto pode libertar. E se toda a sua vida o tiver conduzido até aqui, a este momento, em Paris, precisamente para poder ajudar um irmão ou uma irmã que precisa de si?

Enquanto lia o meu artigo no terceiro número de *Résistance*, o jornal clandestino criado pelo Cassou e os seus amigos, senti-me trespassada por uma emoção mais forte do que qualquer sensação de entusiasmo que senti ao ver os meus livros publicados pela primeira vez. Só de pensar que o meu texto, inspirado num dos contos do livro que o Solly me ofereceu, podia, por sua vez, inspirar os parisienses a erguerem-se quando mais precisávamos deles, deixava-me plena de alegria e esperança, e fazia-me pensar novamente no Tomasz. Os nossos caminhos tinham-se cruzado apenas durante poucas horas, e vários meses antes, mas continuava a sentir em mim os efeitos positivos do nosso encontro. Como acontecera ao rabi e ao cristão do conto, eu e o Tomasz tínhamo-nos certamente cruzado naquele dia na ponte por um motivo. Podia não estar mais perto de o encontrar, mas ele conduziu-me até este momento.

Passei as pontas dos dedos sobre a página escrita à máquina. Com o cabeçalho impresso a stencil e a tinta meio esborratada, *Résistance* parecia ter sido feito na cave de alguém, precisamente porque fora isso que acontecera. Fiquei momentaneamente sem conseguir respirar enquanto pensava na coragem dos homens e das mulheres na cave do museu, que arriscavam tudo para tentar atear uma fagulha de resistência nesta cidade.

Depois de ler toda a edição três vezes, escondi a minha cópia de *Résistance* por baixo da banheira, sob uma tábua solta do soalho. Também ali escondera o castiçal do Shabbat que a Madame Bellamy me deixara e a sua aliança de casamento – os meus bens mais preciosos –, não fossem os soldados aparecer de repente para pilhar o meu apartamento, como haviam feito com o do Levi. A seguir, apliquei um pouco de batom e escovei o cabelo. Estava na altura de levar o meu artigo mais recente ao Bruno.

Fui buscá-lo onde estava, acabadinho de sair da máquina de escrever, e dobrei a página várias vezes em quadrados cada vez mais pequenos, até toda a folha me caber dentro do sutiã. Ao longo dos últimos meses, já me habituara a tais manobras de capa e espada, mas de vez em quando a insanidade desta situação ainda me surpreendia e deixava-me novamente repleta de indignação. Como tínhamos chegado a este ponto? Como se deixara a minha amada França cair nas mãos desta infestação de ódio e opressão? Apesar de tudo, pelo menos voltara a poder escrever para um público, mesmo que jamais pudessem saber que era eu a autora dos textos.

Enquanto me encaminhava para o restaurante do Bruno, pensei no facto de, não há muito tempo, eu adorar ser uma autora publicada e a forma como as minhas leitoras me acolheram nos seus corações. Ser escritora fora uma enorme ajuda para apagar os anos em que o meu pai destruiu a minha autoestima com torrentes constantes de insultos. Escrever para o *Résistance* fez-me perceber que já não precisava desta aclamação por parte do público. O Solly, com quem agora me encontrava todas as semanas, fez-me compreender que o mais importante agora era libertar mais luz para o mundo, sobretudo nestes dias tão sombrios. Aprendera também outra lição vital: sempre que libertamos luz para o mundo, também beneficiamos do seu brilho.

Quando cheguei ao Bairro Latino, ainda a pensar neste meu novo papel, estava a fervilhar de otimismo. Observei a rua em frente ao restaurante. Um homem estava encostado à parede a fumar um cigarro. A gola do casaco estava levantada e o chapéu puxado para baixo, obscurecendo-lhe o rosto. Seria um dos espões dos alemães? Quando o homem virou a cabeça e olhou para mim, um arrepio percorreu-me a espinha.

Não me podia dar ao luxo de correr riscos, por isso passei por ele, com o coração a bater descompassado, e fui até ao final do quarteirão. Depois de dobrar a esquina, olhei pela montra de uma modista de chapéus, como se estivesse fascinada com os exemplares ali exibidos, e esperei para ver se o homem me seguia. A folha de papel dobrada e guardada no interior do meu sutiã parecia cravar-se na pele. Quem sabia que castigo me aguardava se fosse apanhada com aquele artigo. Era um pensamento que me tornava instantaneamente cautelosa. Caminhei em redor do quarteirão, parando de vez em quando para verificar que não estava a ser seguida, até chegar à viela que dava acesso às traseiras do restaurante. Aproximei-me rapidamente e bati três vezes. O ar tinha um odor desagradável, com o cheiro que vinha de uma fila de caixotes do lixo, e conseguia ouvir ao longe o som das botas dos soldados alemães.

Despache-se!, implorei silenciosamente. Abra a porta!

Depois do que me pareceu uma eternidade, mas que deve ter sido apenas meio minuto, a porta abriu-se ligeiramente e um adolescente com um avental de cozinha espreitou.

– Venho ver o Bruno – disse-lhe calmamente. – Ele está à minha espera.

O rapaz observou o pátio atrás de mim e depois abriu a porta apenas o suficiente para eu passar.

– Vá para o escritório – sibilou, assentindo para a porta na outra extremidade da cozinha.

Apresssei-me a passar por um *chef* que mexia uma panela ao fogão e entrei no corredor escurecido. Senti o aroma do charuto do Bruno no ar e segui-o até uma porta entreaberta ao fundo do corredor. Encontrei o Bruno debruçado sobre a secretária, o cenho profundamente franzido.

– Aconteceu algo terrível – murmurou ele assim que me viu, fazendo-me sinal para entrar.

O meu estômago contorceu-se.

– Conte-me.

O Bruno fechou a porta atrás de mim.

– Eles foram presos.

– Quem? – perguntei, meio apática, sem realmente querer ouvir a resposta.

– Os fundadores do *Résistance*. Foram denunciados por alguém que trabalha no museu.

– Não! – Enquanto pensava na minha visita ao museu, senti-me fisicamente enjoada. Não voltara a ver qualquer elemento do grupo do museu depois daquele primeiro encontro, pois achavam que seria mais seguro para mim permanecer afastada, mas a coragem deles causara um enorme efeito em mim e era devastador pensar que o Jean Cassou, a Yvonne, a Agnes e o Boris estavam a definhar na cadeia e enfrentavam uma potencial pena de morte.

O Bruno passou a mão pelo cabelo áspero e escuro.

– Lamento imenso. É melhor ir-se embora daqui e ficar longe durante uns tempos, só por precaução, caso os alemães descubram que também estou envolvido.

– Oh, Bruno! – Agarrei-lhe no braço, como se, ao ligar-me fisicamente a ele, pudesse, de alguma forma, impedir que os acontecimentos se sucedessem. A ideia de os alemães prenderem uma das poucas pessoas em quem ainda podia confiar em Paris era demasiado para o meu pobre coração suportar. – O que havemos de fazer com o meu último artigo?

– Tem de o destruir. – Encaminhou-se para a secretária e pegou numa caixa de fósforos. – Se quiser, faça-o por si agora mesmo.

Virei-me de costas e tirei o pedaço de papel do meu sutiã. Entreguei-lho. O Bruno levou-o até à grelha e pegou-lhe fogo. À medida que o papel se enroscava e brilhava, as minhas palavras a desvanecerem-se em fumo, tive de reprimir uma enorme vontade de chorar.

– Deve destruir também quaisquer outras provas do seu trabalho para o *Résistance* – alertou ele, virando-se para mim.

Pensei nas cópias que escondera sob a minha banheira. Tinha tanto orgulho nelas, tanto orgulho por ter feito alguma coisa para dar luta. Pestanejei para afastar as lágrimas.

O Bruno envolveu-me nos seus braços rechonchudos e deu-me um abraço apertado.

– Lamento muito, Etty.

Inspirei o cheiro a alho e a charuto que se entranhara no tecido da camisa dele e tentei guardá-lo, assim como ao Bruno, na minha memória. A seguir, ele levou-me de volta pela cozinha. Quando a porta das traseiras se fechou com um estrondo atrás de mim, era como se alguém tivesse entalado o meu coração num torno e o apertasse, espremendo até à última gota a esperança que havia nele. Olhei para a viela sombria e senti uma solidão a trepar por mim acima como se fosse uma neblina gelada. Não suportava a ideia de ir para casa, por isso parti na direção do quarto *arrondissement* e para o Pletzl.

Quando cheguei à livraria do Solly, esgueirei-me pela passagem ao lado do edifício e bati à porta que dava acesso ao seu apartamento, por cima da loja. Tínhamo-nos habituado a fazer ali os nossos encontros semanais, já que era mais seguro do que o risco de sermos vistos na livraria. Como já fizera com o Bruno, combinara também com o Solly uma batida especial na porta, para ele saber que era eu.

Durante um terrível momento, pensei que não estivesse em casa, ou pior, que tivesse sido levado pela polícia ou pelos alemães, mas depois ouvi passos nas escadas e a porta abriu-se uma frincha.

– Etty, minha querida – cumprimentou ele com a voz trémula, fazendo sinal para entrar.

– Oh, Solly, aconteceu uma coisa terrível. Mais uma vez!

– Ora, ora, meu anjo, se eu tivesse um franco por cada vez que ouvi essas palavras... – murmurou enquanto subíamos as escadas.

A sala de estar do Solly fora essencialmente conquistada pelos livros, com alguns pequenos espaços livres, um numa extremidade do sofá, outro numa das poltronas, para as pessoas se sentarem. Empoleirei-me no braço do sofá ao lado de uma pilha de tomos de poesia encadernados a couro e juntei as mãos.

– As pessoas para quem tenho andado a escrever foram presas.

Alguém as denunciou. – Não contara ao Solly os detalhes do meu trabalho para o *Résistance*, disse-lhe apenas que estava a usar os meus dotes de escrita para ajudar a libertar França.

– Oh, não. Lamento muito saber disso. – Os olhos leitosos arregalaram-se em sinal de alarme. – Está em perigo? Precisa de um sítio onde se esconder?

– Não sei. Espero que não. – Ninguém, a não ser o Bruno, o Cassou e os outros membros do grupo, sabia que eu escrevia para o *Résistance* e tinha a certeza de que nenhum deles me denunciaria. Mas e se fossem torturados?

A minha preocupação devia ser evidente, porque o Solly deu-me uma palmadinha no ombro.

– Se precisar pode sempre ficar aqui. Embora não tenha a certeza de que será seguro durante muito mais tempo.

– Obrigada, mas, a não ser que consiga encolher-me até ao tamanho de um marcador de livros, não sei se caibo aqui na sua casa – brinquei, tentando aligeirar o ambiente, mas sem sucesso. Inspirei o ar. Apesar de não ver qualquer indício de comida, cheirava-me a qualquer coisa apimentada. – É mostarda o que estou a cheirar? – perguntei.

– São os meus pés – respondeu o Solly, levantando as pernas das calças. Ele estava agora tão magrinho que as calças lhe escorregavam pela anca, apesar de o velho cinto de couro estar apertado no último furo.

– O que quer dizer com isso? – Fitei-o, espantada.

– Tenho mostarda nos pés.

– Porquê?

– Para os manter quentes. Todos os parisienses mais chiques aderiram a esta moda de inverno, não sabia? – disse ele com uma risada.

Mas eu só sentia vontade de chorar. Olhei para o meu casaco e tive vergonha. Onde estava eu com a cabeça, vir vê-lo assim e ostentar a minha riqueza? Despi o casaco e estendi-lho.

– Quero que fique com este casaco.

– Não sei se condiz com as minhas calças – trinou ele, erguendo as sobranceiras brancas como a neve.

– Não é para usar, pelo menos na rua. Mas pode usá-lo como manta.

Ele franziu o sobrolho.

– E a Etty, o que vai vestir?

– Tenho outros casacos – repliquei, encolhendo os ombros.

– Mas e como vai para casa hoje? Está tanto frio.

– Vou ficar bem. Eu caminho muito rápido, hei de conseguir aquecer.

O Solly olhou para o casaco de pelo nas minhas mãos.

– Certamente, não me vai impedir de libertar uma centelha de luz divina – disse-lhe, revelando aquele que, esperava eu, era o meu trunfo.

Ele soltou uma gargalhada e aceitou o casaco.

– Creio que a treinei muito bem. – Dirigiu-se para a velha poltrona puída, cujas costas assumiram na perfeição, ao longo dos anos, o molde da sua espinha. Ao sentar-se, colocou o casaco sobre as pernas e o rosto dele rasgou-se num sorriso aliviado. O brilho grato dos olhos parecia enviar centelhas de luz que se erguiam em espiral na sala. Mas depois lembrei-me do que acontecera aos fundadores do *Résistance* e o meu coração ensombrou-se novamente.

– Odeio os alemães, odeio o que nos estão a fazer. E odeio a nossa polícia e o nosso governo por alinharem com eles.

Estava à espera de que o Solly assentisse e concordasse comigo, mas, surpreendendo-me, ele abanou a cabeça.

– Não devemos odiar ninguém – disse ele num tom suave. Já conhecia o Solly suficientemente bem para saber que, quando falava, as palavras eram sempre sábias, pois dizia aquele tipo de coisas que nos ficavam na cabeça durante muito tempo, semanas e até meses, e das quais retirávamos grande conforto, ainda assim...

– Mas os alemães estão tão inundados de ódio.

– Exatamente, e é por essa mesma razão que os devemos amar.

– Amar? – Mal consegui cuspir a palavra.

– Sim, para compensar a falta de amor que eles trazem ao mundo.

– Está a falar a sério, Solly?

– Claro que estou, o mais possível. Foi este um dos maiores ensinamentos do Grande Rabi Pinchas de Koretz.

– Peço desculpa, mas não há a menor hipótese de conseguir amar aqueles... – Não sei como, mas consegui impedir-me de dizer um palavrão. – Não consigo. – Pensei nas almas corajosas por detrás do *Résistance* e nos horrores que agora os esperavam. A ideia de que eu devia amar os seus captores e a cobra que os denunciara parecia-me absolutamente ridícula.

O Solly olhou para mim e riu-se.

– Em tempos, eu também fui como a Etty, muito cheio de fogo e indignação justificada... – Uma vez que o Solly se tornara rapidamente numa das minhas pessoas favoritas, o meu coração alegrou-se com a comparação. – Mas depois fiquei bem – continuou ele.

Fitei-o, indignada.

– Está a dizer que estou doente?

O Solly deu mais uma risada.

– De certa forma, sim. – Inclinou-se para a frente. – Diga-me uma coisa, este ódio que tem por eles, como a faz sentir?

– Zangada – respondi.

– E?

Imaginei o ódio dentro de mim como algo azedo que se enroscava no fundo do meu estômago.

– Amarga.

– E acha que esta amargura lhe faz bem?

– Não. Mas não podemos deixar que saiam incólumes com tudo o que estão a fazer.

Ele recostou-se na poltrona.

– E quem é que falou em deixá-los sair incólumes?

– Não estou a entender.

– Ainda podemos lutar contra as injustiças, mas se lutar a partir de um lugar de amor, não acaba por se envenenar a si mesma durante o processo.

Olhei para ele sem mostrar qualquer expressão.

– Posso contar-lhe uma história?

Fiquei um pouco mais animada. Adorava as histórias do Solly.

– Claro. – Recostei-me no sofá, fazendo com que a pilha de livros de poesia desmoronasse no meu colo.

O Solly pegou no cachimbo que estava em cima da mesa ao seu lado e acendeu-o.

– Era uma vez um homem muito sábio que se chamava Hillel, que era conhecido por nunca perder as estribeiras, por manter a calma em todas as circunstâncias.

Fechei instintivamente os olhos e senti voltarem a mim as recordações da Madame Bellamy a ler-me histórias antes de dormir – pequenas bolsas de carinho e amor vindas da minha infância que eu estimava muito.

– Hillel era tão conhecido por ser paciente que um dia um homem lá da terra apostou quatrocentos zuzim com o seu amigo em como conseguia fazer Hillel perder a cabeça.

– Zuzim? – Lancei-lhe um olhar inquiridor.

– Eram antigas moedas hebraicas feitas de prata. – O Solly deu uma nova baforada no cachimbo antes de continuar. – Então, este homem foi visitar Hillel à sua casa numa sexta-feira à noite, mesmo antes do *Shabat*, quando sabia que o sábio estava a tomar banho. Bateu à porta e esperou, enquanto Hillel se secava e vestia um robe antes de sair para falar com ele. O homem fez uma pergunta que sabia que era ridícula: “Porque é que os babilónios têm a cabeça redonda?” Mas em vez de ficar impaciente, Hillel elogiou o homem por fazer uma pergunta tão boa e respondeu o melhor que pôde. Depois, voltou para o banho e o homem esperou o tempo suficiente para ele começar a lavar o cabelo, momento em que voltou para fazer outra pergunta. Mais uma vez, Hillel teve de passar pela maçada de sair do banho, vestir o robe e enrolar uma toalha à cabeça. E, mais uma vez, o homem fez-lhe uma pergunta ridícula. Hillel agradeceu-lhe a pergunta, respondeu calmamente e regressou ao banho. Nem mesmo quando o homem o interrompeu uma terceira vez com uma pergunta sem sentido ele perdeu a calma.

– A sério? – Fitei o Solly, incrédula. Se alguém me interrompesse três vezes com perguntas tontas enquanto eu estava a lavar o cabelo, o mais certo era atirar-lhe com um balde de água do banho.

– Sim, a sério. E quando o homem, muito zangado, informou Hillel de que, graças à sua paciência inabalável, perdera quatrocentos zuzim, este disse-lhe que era melhor perder oitocentos zuzim do que fazer

Hillel, ou qualquer outra pessoa, perder a paciência. – O Solly deu uma nova baforada do cachimbo.

– É só isso? – Franzi o sobrolho perante um fim tão pouco satisfatório. Se tivesse sido eu a escrever esta história, o convencido do Hillel seria obrigado a beber a água do seu próprio banho.

– Sim.

– Mas e se não nascermos com a paciência do Hillel?

– Acho que até ele não nasceu com aquela paciência toda – respondeu o Solly. – Mas escolheu cultivá-la. E escolheu definir as situações de forma que não o deixassem zangado. Em vez de encarar aquele homem como um aborrecimento, olhou para ele como alguém disposto a aprender e aproveitou a oportunidade de o ensinar.

– Certo. Se pelo menos os nazis nos fizessem perguntas irritantes enquanto estamos a lavar o cabelo, em vez de nos perseguirem e culparem os judeus por todos os males do mundo...

– Mas não está a entender? – O Solly olhou para mim com intensidade. – Aplica-se o mesmo princípio.

– Como?

– Podemos encará-los como os opressores odiosos ou vê-los como pessoas que escolheram o mal ao amor e cujas almas foram corrompidas.

– Mas...

– Não faças aos outros o que não queres que façam a ti. É neste conceito que se baseia toda a Torá, e o resto são apenas comentários. Este foi o maior ensinamento de Hillel – acrescentou o Solly, em jeito de explicação.

Como desejava ter a paciência do Hillel e a sabedoria do Solly, mas sempre que pensava no que acontecera ao Cassou e aos outros, sentia-me inundada de raiva e desespero. Olhei para o velho relógio que marcava as horas em cima da prateleira da lareira. Se queria chegar a casa antes do recolher obrigatório, tinha de sair naquele momento.

– É melhor ir andando – disse, levantando-me.

– Tem a certeza? – O Solly olhou para mim, preocupado.

– Sim. Obrigada pela história.

– As histórias demoram tempo a fazer efeito – disse-me ele, estremecendo enquanto se levantava. – Na verdade, eu diria que as

melhores histórias são as que produzem efeitos mais lentos.

– Sim, espero bem que funcione antes de eu passar por cima de um alemão qualquer – murmurei, enquanto o Solly me acompanhava até à porta.

– Vou rezar por si. – Forcei um sorriso, não querendo parecer ingrata. – Tem a certeza de que fica bem sem o seu casaco? – perguntou ele com um arrepio, quando abriu a porta e uma brisa gelada entrou.

– Claro que sim. – Virei-me e dei-lhe um beijo no rosto. – *Bonne chance*, Solly.

– *Bonne chance*, minha querida Etty.

Quando me afastei na rua, ouvi o Solly a fechar a porta e a correr o ferrolho atrás de mim, e qualquer coisa naqueles ruídos me inundou de pesar. O facto de um velho homem ter de viver assim, a pôr mostarda nos pés para tentar aquecer-se, sem poder abrir a sua amada livraria e num estado de medo constante, era o suficiente para me deixar ultrajada. Como podia não querer fazer aos nazis o mesmo que eles nos estavam a fazer? Como podia alguma vez tratá-los com amor?

A chuva caía agora tocada a vento e cada pingo picava-me o rosto e fazia-me estremecer. Tudo me parecia tão difícil, tão desesperado. Percorri a rua estreita em direcção ao rio. Mais à frente, ouvi pessoas a conversar num bar – era o único som que se ouvia por aqui. O ruído aumentou quando uma porta se abriu e um vulto saiu imerso numa nuvem de fumo. Eu só fumava quando estava embriagada, ou seja, raramente, e algo cada vez mais difícil de acontecer por estes dias, mas senti-me subitamente assaltada por um desejo enorme de beber vinho para aquecer o estômago e adormecer os pensamentos temerosos. Antes de ter tempo para reconsiderar, empurrei a porta e entrei.

O bar era minúsculo e parecia ainda mais claustrofóbico quando todos se viraram para olhar para mim. Seguindo o aroma do vinho como se fosse um cão pisteiro, abri caminho até ao bar ao fundo da sala, onde um homem alto me observava enquanto secava um copo.

– Vinho tinto, por favor – pedi, grata por as pessoas terem recomeçado as conversas.

Olhei em redor enquanto o homem me servia um copo de vinho.

Este era exatamente o tipo de lugar que imaginava que o Tomasz frequentasse. Talvez o empregado do bar o conhecesse.

– Ando à procura de alguém – disse-lhe, enquanto pagava o vinho.
– Tomasz Zolanvari.

Não tinha a certeza se fora coincidência ou não, mas os dois homens que estavam no bar ao meu lado pararam imediatamente de falar.

– Nunca ouvi falar dele – respondeu rapidamente o empregado de bar, talvez rapidamente de mais.

Amaldiçoei a minha estupidez. A cidade estava pejada de traidores e denunciadores; seria de espantar que as pessoas em qualquer um dos bairros judeus desconfiassem de quem por ali surgia a fazer perguntas? Peguei no copo de vinho e sentei-me a uma mesa no canto. O homem que estava ao meu lado no bar disse qualquer coisa ao companheiro e foi-se embora, mas não sem antes me lançar um olhar intenso.

Eu não sou o inimigo, sou uma de vós! Era o que eu lhe queria gritar, mas na verdade já não sentia que pertencia a lado nenhum. E agora já nem tinha a sensação de pertencer a uma comunidade, como quando escrevia para o *Résistance*. A solidão a que tentara escapar através dos livros, dos passeios de bicicleta e dos sonhos infundáveis começou a agigantar-se dentro de mim até ficar quase sem conseguir respirar. E se nunca conseguisse recuperar a minha vida antiga? E se estivesse destinada a passar o resto dos meus dias isolada e sozinha, sem qualquer forma de extravasar a minha imaginação e as minhas paixões?

Bebi um enorme gole de vinho, com vontade de sair dali e ir para casa o mais depressa possível. Já ia ter de correr pelo menos durante parte do percurso para conseguir chegar antes da hora do recolher obrigatório.

Assim que acabei de beber o vinho, saí apressadamente para a rua. O vento frio queimou-me o rosto como se tivesse levado uma bofetada e o álcool no estômago vazio fez-me sentir zozza. Enquanto caminhava ao longo da rua, ouvi passos atrás de mim, a ganhar vantagem e a encurtar a distância. Parei para deixar que quem quer que fosse com tanta pressa me ultrapassasse, mas em vez disso senti

um braço enroscar-se à volta da minha cintura, e antes que pudesse reagir, estava a ser puxada para a reentrância escura da porta de uma loja.

Capítulo Sete

Paris, março de 1941

Tentei dar uma cotovelada ao meu atacante, mas a mão dele era demasiado forte e não fui capaz de me mexer.

– Por que razão anda a fazer perguntas sobre o Tomasz Zolanvari? – rugiu uma voz masculina junto ao meu ouvido. – O que quer com ele? Quem a enviou?

– Enviei-me a mim mesma – respondi.

Ele afrouxou ligeiramente a mão e empurrei o cotovelo para trás com toda a força que fui capaz de reunir.

– Ai! – gritou o homem, mas em vez de a minha cotovelada o ter deixado desamparado, como esperava, ele apertou-me ainda com mais força. – Quem é você? – perguntou.

– O meu nome é Claudette Weil – respondi. – E fique a saber que o Tomasz é um grande amigo meu.

– Não me diga? – O homem virou-me para que ficasse de frente para ele. A gola do casaco estava levantada e o boné puxado para baixo, mas consegui ver a parte de baixo da cicatriz que tinha na face e a covinha do queixo.

– Oh.

– O que foi? Não está satisfeita por ver o seu grande amigo? – interrogou o Tomasz, soltando-me.

– Já o vi vestido com o meu robe cor-de-rosa, creio que isso constitui um certo nível de intimidade – respondi, e ele sorriu abertamente, deixando-me aliviada. Durante meses, sonhara em reencontrar o Tomasz, mas agora que o tinha mesmo à minha frente, não sabia o que havia de fazer ou dizer.

– Porque está aqui? Por que razão tem andado à minha procura? – quis ele saber.

Nos meus sonhos, o reencontro com o Tomasz não era nada parecido com esta ocasião. Nos meus sonhos, ele ficava sempre maravilhado por me ver, não espantado.

– Eu... q-queria agradecer-lhe – balbuciei. Quis agradecer-lhe durante tanto tempo, mas isto numa altura em que ainda estava a

escrever para o *Résistance*, antes de eles terem sido traídos.

– Porquê?

Baixei a voz.

– Porque fiz o que me sugeriu. Comecei a escrever sobre o que está a acontecer em Paris. Sobre o que estão a fazer aos judeus.

– A sério? Então, e o decreto?

– Estava a escrever para um jornal clandestino – murmurei. – Para a Resistência.

– Isso é fantástico – respondeu ele, mas pareceu-me distraído.

– Foi, sim... até as pessoas para quem escrevia serem presas.

– Não! – Olhou rapidamente para os dois lados da rua, como se estivesse preocupado com a possibilidade de também ele poder ser preso só por ser visto comigo.

Senti-me invadida por uma profunda desilusão. Senti-me tão tonta por ter sonhado que o nosso reencontro fosse algo fadado a acontecer, algo memorável, por investir tanta esperança num resultado feliz.

– É melhor ir andando – disse, entre dentes. – Está quase na hora do recolher obrigatório.

– E vai conseguir chegar a tempo? – Ele olhou para mim, preocupado. – E não tem frio sem um casaco?

– Sim. Não, estou bem.

– Quer que a acompanhe a casa?

– Não, não é preciso. Está tudo bem. Eu fico bem. – *Bem, bem, bem, bem!* A palavra parecia regressar a mim como um eco no meio da escuridão, como uma provocação. Eu estava tudo menos bem. A minha imaginação estúpida e a sua capacidade para me tentar com fins impossivelmente felizes ainda ia acabar por ser a minha morte.

Comecei a andar para ele não ver as lágrimas que se juntavam nos meus olhos.

– Vou acompanhá-la – disse o Tomasz, correndo para me alcançar.

– Não é seguro andar por aqui sozinha... apesar dos seus talentos com o *Krav Maga*. E, por falar nisso, estou surpreendido por nem sequer ter sido capaz de se defender das minhas mãos, ainda há pouco.

– Em situações normais, teria sido perfeitamente capaz – respondi num tom rígido, grata pelo ligeiro amaciar da disposição dele. – Apanhou-me de surpresa, mais nada.

– Hum, certamente, uma lutadora como a Claudette recebeu treino para lidar com o elemento surpresa – troçou ele, sorrindo amplamente.

Mas antes que lhe pudesse responder, ouviu-se uma comoção um pouco mais à frente na rua e uma voz masculina gritou:

– Sai, seu porco judeu!

– Merda! – praguejou o Tomasz. – É a polícia. – Agarrou-me no braço e puxou-me para uma viela ao lado de uma padaria.

– O que estão a fazer? – murmurei.

– A intimidar-nos. É o seu novo passatempo favorito – sibilou em resposta.

Corremos até ao fundo da pequena viela e o Tomasz espreitou para verificar se a costa estava livre. Ouviram-se mais batidas e gritos.

– Depressa – ordenou ele, levando-me por outra rua estreita. Parou mais ou menos a meio e abriu uma porta que outrora dava acesso a uma ourivesaria, mas que agora estava entaipada. – Entre. – Fez-me sinal para que o seguisse para o interior.

A porta abria diretamente para um lanço de escadas íngremes semelhantes às da casa do Solly. Segui-o até ao piso de cima, onde ele abriu mais uma porta.

– Bem-vinda ao paraíso – disse ele num tom seco, enquanto me incentivava a entrar rapidamente.

A única coisa que consegui distinguir no meio da escuridão foram pilhas instáveis de grades e caixas. O ar frio cheirava a bafio e a humidade.

– Que lugar é este? – murmurei.

– É a minha casa – respondeu o Tomasz.

Ouvi o som de um fósforo a ser riscado e o espaço encheu-se com o brilho cintilante de uma lamparina. Olhei em redor e vi que as duas janelas tinham sido entaipadas por dentro.

– Vive aqui? – perguntei, incapaz de disfarçar o meu choque.

– Sim, lamento que não haja lustres ou banheiras com torneiras douradas.

– Não, desculpe, não quis que soasse dessa forma, fiquei apenas... surpreendida. Onde é que dorme?

– Quer ver a minha cama? – Ele tirou o boné e olhou para mim

com ar intrigado. O cabelo estava um pouco mais comprido do que antes e o queixo mostrava a sombra da barba escura a crescer.

Corei imediatamente.

– Não... eu... eu só... É que parece que não tem aqui muito espaço.
– Acenei para as caixas.

– Há espaço suficiente para mim e para as ratazanas. – Ele fitou-me com uma expressão de desafio, como se quisesse provocar em mim uma qualquer espécie de reação histérica. Mal ele sabia que quando eu era criança adotara várias ratazanas como animais de estimação.

– Oh, isso é bom – respondi. – As ratazanas são excelentes animais de companhia, e olhe que falo por experiência própria. Quando era pequena, ficava sempre contente quando as tinha por perto.

Ele franziu o sobrolho.

– Viveu com ratazanas quando era pequena?

– Sim, bem, elas viviam por baixo das tábuas do soalho da minha casa. A minha favorita era uma boa amiga, a *Rat-tat-tat*. Nem sempre vivi num mundo de banheiras com torneiras douradas e lustres, sabe? – acrescentei, sentindo necessidade de ganhar o seu respeito e provar de uma vez por todas que não era uma princesa mimada.

Ele começou a rir.

– A Claudette é uma caixinha de surpresas.

– Mas agradáveis, espero? – Olhei para ele e o Tomasz assentiu, antes de se virar.

– Bem, parece que é a minha vez de ser o seu anfitrião. Quer beber alguma coisa?

– Sim, por favor.

Ele desapareceu por trás de uma parede de caixas num dos cantos e reapareceu com uma garrafa de vinho e dois copos na mão.

– Aqui tem... – Fez-me sinal para que o seguisse através de um corredor de grades até ao canto oposto do espaço, onde havia um colchão de solteiro no chão. Ao lado da cabeceira da cama improvisada estava um livro e um relógio de pulso. Questionei-me instintivamente que livro seria. Sei que, provavelmente, não devia julgar as pessoas pelos livros que leem, da mesma forma que não se deve julgar um livro pela capa, mas todos o fazemos, ou pelo menos eu faço-o; no entanto, agora estava demasiado escuro para conseguir

ler o título do livro. – Peço desculpa – disse o Tomasz, com um ar um pouco constrangido. – Mas é o único sítio onde nos podemos sentar.

– Não faz mal. – Não consegui encontrar outras palavras enquanto me sentava com cuidado numa extremidade do colchão. Um aroma suave a suor erguia-se da roupa de cama. Mas não era desagradável. As coisas pareciam estar finalmente a melhorar. Este podia não ser de todo semelhante ao reencontro que imaginara, mas estava certamente a tornar-se interessante.

O Tomasz sentou-se na outra ponta do colchão e serviu dois copos. Depois pousou a garrafa em cima do livro e entregou-me um deles.

– *Mazel tov* – disse de forma inexpressiva, erguendo o seu copo.

– Estamos a brindar a quê? – perguntei, enquanto tocava com o meu copo no dele.

– Aos velhos amigos. – Sorriu timidamente.

– Está a referir-se a mim? – perguntei de repente, demasiado feliz com este desenvolvimento para ser recatada.

– Claro – respondeu ele, e o seu sorriso desvaneceu-se. Baixou o olhar para o colo. – Pensei muito em si desde o *Yom Kippur*.

– Eu também pensei muito em si! – exclamei.

– A sério?

Os nossos olhares cruzaram-se e senti qualquer coisa a agitar-se nas profundezas do meu estômago.

– Sim, como estava a tentar explicar-lhe antes, sinto-me muito grata por o ter conhecido.

– Por a encorajar a continuar a escrever? – perguntou o Tomasz.

– Não apenas por isso.

– Por salvar a sua boneca?

– Não! Quero dizer, estou agradecida por a ter salvado da sua sepultura de água, mas fez muito mais do que isso, Tomasz. Conhecê-lo mudou tudo, para melhor.

Bebi um gole de vinho para ganhar coragem antes de lhe contar como, inadvertidamente, me ajudou a encontrar um novo amigo no Solly, que, por sua vez, dera um propósito muito mais profundo à minha vida.

– O Tomasz fez-me sentir tão melhor – concluí, esperando não ter exagerado nem feito com que se sentisse constrangido. Pela minha

experiência, os homens preferiam mulheres que guardavam as emoções junto ao peito. A minha heroína literária não seria certamente tão exuberante e franca numa situação como esta. Mas vivíamos em tempos sem precedentes e fora tão difícil encontrar o Tomasz que não sabia se o voltaria a ver depois desta noite. Não me podia dar ao luxo de andar a jogar joguinhos. Olhei de relance para ele e vi, com surpresa, que estava a limpar os olhos.

– Está a chorar?

– Não! – exclamou, mas recusou-se a olhar para os meus olhos.

– Espero honestamente não o ter perturbado, mas, com as coisas no estado em que estão, não encontro sentido em não sermos francos com as pessoas, sobretudo se tivermos alguma coisa boa para dizer.

Ele assentiu.

– É que já se passou muito tempo desde que...

– O quê? – insisti suavemente.

– Desde que alguém disse algo tão agradável sobre mim. – A voz dele era pouco mais do que um murmúrio.

– Bem, fui sincera em cada uma das minhas palavras – respondi.

O ar fresco que nos rodeava pareceu-me subitamente mais quente. Era uma sensação tão boa finalmente encontrá-lo, poder agradecer-lhe e vê-lo ficar tão comovido. Imaginei que uma das centelhas de Deus se iluminara e libertara entre nós.

– Obrigado – murmurou o Tomasz, virando-se ligeiramente para ficar de frente para mim.

– Não tem de agradecer.

O calor entre nós intensificou-se e senti uma pontada de desejo profundamente dentro de mim. Nem sequer acho que fosse algo sexual, embora o considerasse certamente um homem atraente. Naquele momento, tudo o que queria era ser abraçada. Andava há tanto tempo a lutar contra as forças da solidão e do medo; andava há tanto tempo a tentar ser forte. O desejo de ser abraçada, de absorver um pouco da sua força, era absolutamente avassalador.

Ele pousou a mão na cama, entre nós, e instintivamente espelhei aquele movimento para a minha mão ficar ao lado da dele. O Tomasz aproximou os dedos dos meus e as pontas tocaram-se, enviando o que me pareceram minúsculas estrelas-cadentes que me trespassaram.

– Etty – murmurou, e o som do meu nome nos lábios dele, a urgência com que o pronunciou, fez-me perder todo e qualquer raciocínio. Era evidente que algo parecido estava a acontecer com ele.

As nossas mãos juntaram-se e os dedos entrelaçaram-se, até que ouvi arquejar. A seguir, os nossos corpos estavam pressionados um contra o outro, os nossos lábios procuravam-se mutuamente, exprimindo num beijo aquilo que não conseguíamos dizer por palavras.

Escrevera em todos os livros da Aurélie cenas de amor apaixonadas, mas fazia-o como uma forma de invocar estes pensamentos positivos para mim. Desde que chegara a Paris já tivera vários encontros românticos bastante agradáveis, mas nunca sentira o tipo de atração eletrizante que sentia naquele momento. Começara até a pensar que era uma sensação que só existia na ficção, na poesia ou no cinema.

A barba curta do Tomasz arranhava-me a pele, mas só fazia com que a intensidade do momento fosse maior. Ele envolveu-me nos braços e puxou-me para mais próximo até cairmos sobre o colchão.

– Oh, Etty – voltou a murmurar, passando a mão pelo meu cabelo.

Pousei-lhe a mão sobre o peito e senti o bater do coração. Era disto que sentia falta, era esta a sensação por que tanto ansiava. A proximidade com outro ser humano. A sensação de que, independentemente dos horrores que pudéssemos ter pela frente, ficaríamos bem porque nos tínhamos um ao outro.

– Sinto-me tão feliz – sussurrei, movendo a mão para lhe acariciar o rosto. E, naquele instante, tudo mudou. Ele afastou-se como se lhe tivesse dado uma bofetada.

– Desculpe. Não sei o que... – Sentou-se abruptamente. – Não a convidei a vir aqui para...

Fiquei ali deitada, atordoada. O que acontecera para provocar no Tomasz esta mudança tão súbita? Fizera alguma coisa de errado?

Ele olhou para lá de mim, para o livro que repousava ao lado do colchão, e reparei que, por entre as páginas, espreitava uma fotografia.

– Nunca devia ter... peço desculpa – murmurou, levantando-se da cama com dificuldade. Vê-lo tão mortificado fez-me sentir

desconfortável. Isto certamente nunca acontecia nos filmes.

Ele murmurou qualquer coisa sobre ir à casa de banho e desapareceu por entre os caixotes.

Sentei-me no colchão e alisei o cabelo, depois peguei no livro e observei a capa. Era um exemplar da Torá. Abri-o e olhei para a fotografia; o que vi fez com que o meu estômago se contraísse. Era do Tomasz com uma mulher. Ela tinha os braços em redor dos ombros dele e olhava-o com ar afetuoso. Ele ria-se para a máquina fotográfica. Tinha um ar tão feliz e despreocupado, tão apaixonado, que era como estar a olhar para uma pessoa diferente.

Larguei o livro como se fosse um carvão incandescente e senti uma estranha mescla de vergonha e raiva a trepar por mim. Que tola tinha sido, a falar sem parar sobre o que o Tomasz significara para mim! Que tola tinha sido, a sonhar com um final feliz para nós quando durante este tempo todo ele estava claramente apaixonado por outra mulher. Era agora evidente que não quisera voltar a ver-me, afinal, ele sabia onde eu morava. Podia ter voltado à minha casa em qualquer altura, se quisesse ver-me novamente, mas não o fizera. A minha solidão e o meu medo transformaram-me numa tonta desesperada e ele quase se aproveitara da minha vulnerabilidade. Mas agora acabou-se.

Levantei-me do colchão e apressei-me a percorrer o labirinto de caixas. Felizmente, não vi sinais do Tomasz. Silenciosa como um rato, deixei aquela casa e desci as escadas em bicos de pés, depois saí para o entardecer frio. Já passara a hora do recolher obrigatório, mas não queria saber. Preferia arriscar com a polícia e os alemães a enfrentar o embaraço de passar mais tempo com o Tomasz e a mulher que guardava, como um segredo, por entre as páginas do seu livro.

Capítulo Oito

Paris, setembro de 1941

Consegui sair de Pletzl e chegar a casa em segurança, mantendo-me aninhada contra os cantos escuros das ruas, como se fosse uma sombra, e passei os meses seguintes a tentar esquecer-me de tudo o que me fazia lembrar o Tomasz Zolanvari e a expressão mortificada do seu rosto depois de me beijar. Com a necessidade desesperada de estabelecer uma qualquer espécie de rotina, e sem a motivação de escrever para o *Résistance*, comecei a passar as manhãs na biblioteca e as tardes no *Café de Flore*, que, felizmente, fora deixado em paz pelos alemães e continuava a ser um ponto de convergência de escritores, artistas e filósofos. Era agradável estar na companhia dos poucos amigos escritores que continuavam em Paris, apesar de, por vezes, sentir a inveja a borbulhar dentro de mim como lava incandescente quando estes começavam a falar das publicações dos seus novos livros.

Todas as sextas-feiras visitava o Solly para um Shabbat pré-recolher obrigatório e um pouco mais de inspiração espiritual. Não demorou muito para que o que acontecera com o Tomasz deixasse de ser embaraço e se transformasse numa raiva acesa que endurecia sempre que visitava Pletzl; uma parte de mim queria dar de caras com ele para lhe dizer poucas e boas pela forma desajeitada com que me tratara. Mas é evidente que não estava fadado a acontecer e nunca mais voltei a vê-lo.

Certo dia, quando regressava a casa pela Rua Saint-Benoît, vinda do *Café de Flore*, parei no exterior do edifício onde Madame d'Aulnoy vivera e conduzira o seu infame salão literário, no século XVII. Madame d'Aulnoy sempre fora uma espécie de heroína literária para mim; quando era criança, adorava os seus livros de contos de fadas, *Les Conte des Fées*, e quando, já em adulta, li sobre a vida extraordinária que tivera, o meu amor por ela só cresceu. Quando tinha treze anos, casaram-na com um barão trinta anos mais velho. Segundo todos os relatos, o barão era um homem tão desagradável que, quando tinha dezoito anos, Madame d'Aulnoy conspirou para o implicar num crime de alta traição cujo castigo era a pena de morte. O

plano fracassou e esteve presa durante um breve período, mas depois foi perdoada por falta de provas. Acabou por regressar a Paris, comprou a sua casa na Rua Saint-Benoît e criou o salão literário onde foi a primeira escritora a instituir os contos de fadas como um género literário. Aquilo de que mais gostava naqueles contos de fadas eram as heroínas destemidas e dinâmicas. Enquanto fitava o edifício onde Madame criara as suas histórias, fiz uma promessa a mim mesmo de que voltaria a lê-las para me servirem de inspiração, e quando cheguei a casa, sacudi o pó ao meu exemplar de *Les Contes des Fées* e voltei a familiarizar-me com as minhas velhas amigas de infância.

O verão chegara como um amigo distante que não víamos há muito, e inspirada pelo deslumbrante brilho do sol, acrescentei à minha rotina diária mais um passeio de bicicleta, bem cedo pela manhã, logo depois de o recolher obrigatório terminar, às cinco da manhã. Era maravilhoso andar pela rua antes de a cidade despertar do sono e voltei a refugiar-me nos meus sonhos de infância, em que fazia de conta que a bicicleta era tudo e mais alguma coisa, desde um cavalo selvagem a uma carruagem com asas. Claro que devia ter adivinhado que, com o jogo do gato e do rato de que os alemães tanto gostavam, a minha pretensa liberdade seria sol de pouca dura.

Em maio, após uma série de buscas no 11.^o *arrondissement*, tinham sido reunidos milhares de judeus. Foram levados para um campo de concentração nos subúrbios de Paris chamado Drancy – que fora criado a partir de um complexo de apartamentos ainda em construção que devia ter sido um modelo para habitação moderna –, onde se situavam os primeiros prédios altos de estilo americano construídos em toda a França. O complexo já recebera a alcunha de *La Cité de la Muette*, a Cidade Silenciosa, e agora este nome assumira um tom bastante mais ominoso, pois o governo enviava para ali o povo judeu.

No fim de agosto, foram introduzidas algumas leis novas cujo único propósito parecia ser esmagar o espírito dos judeus. A primeira foi o confiscar dos nossos rádios. Já tinha vendido o meu gramofone em maio para angariar algum dinheiro e a possibilidade de viver uma vida sem música e sem a companhia que o rádio me proporcionava deixava-me fora de mim. A ideia de ter de viver unicamente com os meus pensamentos frenéticos não era muito animadora.

Passava cada vez mais tempo a pedalar pelas ruas de Paris, mas por mais depressa que andasse ou por mais criativos que os meus percursos sonhadores fossem, não conseguia fugir aos medos que me invadiam.

Até que, numa manhã de setembro, andava a pedalar pela *Boulevard des Italiens* quando vi algo que me horrorizou e enfureceu. Um enorme estandarte fora pendurado numa das fachadas do Palácio Berlitz, a anunciar uma exposição intitulada *LE JUIF ET LA FRANCE – Os Judeus e a França*. A imagem ilustrativa mostrava um velhote com um enorme nariz adunco a segurar um globo com as mãos em forma de garra. Os alemães odiavam-nos tanto não tiveram o menor pejo em organizar uma exposição para o proclamarem. Aquela imagem enojou-me tanto que quase embati num homem que atravessava a estrada.

– Veja lá por onde vai, sua cabra estúpida! – disse-me com toda a fúria.

Era como se o ódio estivesse a jorrar de cada recanto e brecha da cidade que outrora me acolhera e elogiara.

Continuei a pedalar, os olhos turvos com lágrimas. Ao longo de toda a alameda, fui vendo cartazes a anunciar a exposição colados nos candeeiros de rua e outros edifícios. Como acontecera uma coisa destas? Como o permitíramos? Quanto mais pedalava e mais cartazes via, mais a minha tristeza se transformava em raiva. Como podiam as pessoas ser tão fracas? Como podiam seguir esta gente como se fossem carneiros? Compreendia que estivessem assustadas, mas como conseguiam acolher a mesma gente que matara tantos soldados franceses na Batalha de França – e que haviam aprisionado milhares mais?

Assim que cheguei a casa, abri um livro de contos hassídicos que o Solly me oferecera e abri-o numa página ao acaso, em busca de inspiração.

“Um homem deve ser como um recetáculo que recebe de boa vontade tudo o que o seu dono serve nele, seja vinho, seja vinagre.” Visualizei os nazis a verterem a sua amargura para dentro de mim. Porque havia de o receber de boa vontade? Porque o faria qualquer um de nós? Era uma noção que, para mim, não fazia sentido. Frustrada, atirei o livro para o chão.

Depois de um deplorável almoço em que só comi meia baguete recessa, voltei à minha bicicleta. Ansiava regressar ao Palácio Berlitz para rasgar os malditos cartazes e gritar com quem estivesse na fila para ver a exposição. Mas em vez disso, forcei-me a pedalar na direção oposta. Ia fingir que era a famosa personagem de Madame d'Aulnoy, Belle-Belle, que montava o seu cavalo falante, *Comrade*, a caminho de uma batalha contra um dragão; era um dos meus sonhos de criança favoritos.

Ia veloz pela estrada fora, a sentir a brisa morna nos cabelos, quando vi dois polícias de pé numa esquina, mesmo à minha frente.

– *Halt!* – gritou o mais velho, levantando a mão. Tinha o rosto era vermelho e transpirado.

Travei com relutância e parei junto deles.

– Documentos, por favor – rosnou-me, enquanto o outro, mais novo, continuava a olhar.

Tirei os meus documentos de identificação do bolso e entreguei-lhos, tentando combater a onda de indignação por ver um excelente sonho diurno rudemente interrompido.

– Ah, é judia – disse o polícia, ao ver a letra *J* carimbada nos documentos.

Fiquei imediatamente irritada. Este não era, definitivamente, o dia para testar a minha tolerância.

– *Mademoiselle*, a sua bicicleta, por favor – disse o outro polícia, dando um passo na minha direção com a mão estendida.

– Como assim? – perguntei, franzindo o sobrolho.

– Os judeus já não têm permissão para possuir bicicletas – declarou o polícia transpirado, erguendo a voz como se estivesse a dar um sermão.

– Porquê? – Fitei-o, horrorizada.

– Lamento – disse o mais novo, tendo pelo menos a sensibilidade para, constrangido, se apoiar ora num pé, ora no outro.

– Mas não estão a perceber, eu preciso da minha bicicleta – implorei.

E foi então que ouvi a minha velha amiga Aurélie a ganhar vida dentro da minha cabeça: *Diz-lhes para irem para o inferno e pedala daí para fora*, incitou. Era certamente o que ela teria feito. Só que eu não

estava num romance em que podia escrever uma fuga segura para mim mesma.

– Entregue a bicicleta, imediatamente – ordenou o *Rosto Transpirado*, sem demonstrar a mais pequena centelha de remorso.

Fitei-o, incrédula. Bastava recuar um par de anos e estes homens jamais teriam falado comigo assim. Encarariam como um dever proteger os cidadãos como eu. Como conseguira Hitler envenenar tantas mentes tão depressa?

– Desmonte a bicicleta! – gritou o *Rosto Transpirado*, e antes que tivesse tempo de reagir, deu-me uma bofetada na cara.

Não sei como, mas enquanto a tontura se desvanecia, consegui manter o equilíbrio e ouvi a Aurélie a gritar: *Não o deixes vencer! Não o deixes tirar-te a bicicleta!*

– Vá para o inferno! – gritei, antes de voltar a sentar-me na bicicleta e começar a pedalar furiosamente.

Ouvi os passos dos polícias a correrem pela rua atrás de mim. Imaginei que era a destemida Belle-Belle a montar *Comrade*. Eles não iam conseguir apanhar-me. Pedalava cada vez mais depressa e o som dos passos tornou-se mais longínquo. Estava a conseguir. Ia escapar! Eles podiam ter ficado com os meus rádios, mas jamais iriam deitar as mãos à minha bicicleta.

Mas depois, vindo aparentemente do nada, um vulto negro apareceu na minha visão periférica. Um carro vinha na minha direção através de uma rua lateral. Ouvi o guincho dos travões quando o carro me bateu na roda da frente e fui projetada para o chão em voo picado, a bicicleta caiu em cima de mim, a roda da frente ainda a girar. Os passos dos polícias tornaram-se novamente mais sonoros. Ouvi a porta do carro a abrir e um homem a gritar qualquer coisa em alemão. O polícia mais velho, mais transpirado do que nunca, alcançou-me.

– Ela é judia – disse atabalhoadamente, ofegante da perseguição.

Senti mãos a agarrarem-me, a levantaram-me, e dei por mim frente a frente com um soldado alemão. Tinha o braço esfolado e doía-me o lado da anca.

– Estávamos a tentar confiscar-lhe a bicicleta e ela fugiu – queixou-se o polícia, como se fosse uma criança petulante.

O soldado alemão fitou-me diretamente nos olhos.

– Já não têm permissão para bicicletas – disse ele num francês macarrónico. – Compreende?

Assenti, sentindo-me atordoada com o choque.

– Devo prendê-la? – perguntou o polícia mais velho, com a ansiedade de um cão de caça a cheirar sangue. Entretanto, o mais novo levantava a minha preciosa montada do chão.

O alemão pensou por um instante, depois abanou a cabeça.

– Não, leve só bicicleta. – Olhou novamente para mim, o rosto completamente inexpressivo. – Agora vá para casa antes de violar o recolher obrigatório.

Fui para casa a arrastar os pés, zozza e com dores; o meu espírito combativo desapareceu sem deixar rasto. Se já me tinham levado os rádios e a bicicleta, certamente não tardariam muito a levar tudo o resto. Quando esse dia chegasse, o que faria eu?

Capítulo Nove

Paris, maio de 1942

À medida que os meses passavam, as regras contra o povo judeu tornavam-se cada vez mais punitivas. No final de 1941, o recolher obrigatório foi antecipado em mais uma hora, começando às oito da noite, em vez de às nove, não que este facto fosse realmente importante, pois já não podíamos entrar em lugares públicos. Era a coisa mais estranha do mundo, passar pelas salas de música, teatros, cafés e parques que costumava frequentar e que agora me estavam vedados. Era como ter morrido e depois regressado como um fantasma, a assombrar os velhos locais da minha vida, completamente invisível para aqueles que costumavam dar-me as boas-vindas de braços abertos. Tinha vontade de gritar: *Ainda estou aqui! Ainda estou viva!*

Felizmente, podia contar com as minhas visitas semanais ao Solly, que me ajudava a manter viva a chama da esperança. Todas as semanas, ele perguntava-me como ajudara a libertar mais luz para o mundo, o que implicava que semanalmente tinha a missão de recolher exemplos para partilhar com ele. Passado algum tempo, tornou-se algo natural e dava por mim a desejar alegremente “tenha um bom dia!” às pessoas que passavam por mim na rua, a escrever palavras de encorajamento em pedaços de papel e jornais que depois deixava espalhados pela cidade, para as pessoas os encontrarem. Escrevia coisas como: NÃO SE ESQUEÇA DE AMAR e É MAIS CORAJOSO DO QUE JULGA. Depois, deixava os pedaços de papel entalados em bancos ou escondidos sob pedras. A alegria que sentia ao imaginar que alguém encontrava as palavras certas no momento certo também me iluminava por dentro.

No final da primavera de 1942, comecei a fazer voluntariado numa associação de solidariedade para crianças judias, cujos pais tinham sido mortos ou levados pelos alemães para Drancy ou para a prisão. Apesar de a minha função ali ser ajudar a servir as refeições, não demorei muito a encontrar nas crianças uma escapatória para a minha necessidade de contar histórias. Inspirada pela Madame d’Aulnoy,

todos os dias, depois do almoço, reunia as crianças num círculo e contava-lhes contos de fadas que criava especialmente para elas. A maior parte das histórias eram protagonizadas por crianças incrivelmente corajosas que derrotavam monstros com nomes de sonoridade alemã. E foi assim que os meus dias se instalaram num novo ritmo, à noite criava as histórias em casa, depois, no dia seguinte, atravessava a cidade para as contar no meu “salão literário” frequentado por pessoas pequeninas de olhos arregalados. Adorava o entusiasmo delas e a forma como se envolviam profundamente nas histórias; a maneira como arquejavam, horrorizadas, e se riam, maravilhadas, a cada volta e reviravolta, o que fazia com que grandes clarões de luz inundassem a sala.

Nas minhas visitas semanais ao Solly, contava-lhe as histórias das *minhas* crianças e ele passou a adorá-las também, apesar de nunca as ter conhecido. Certo dia, disse-me um provérbio hassídico:

– “Quando uma criança desce a rua, um grupo de anjos vai à sua frente a proclamar: «Abram alas para a imagem do Sagrado.»” Diria o mesmo sobre si, Etty. O que está a fazer, a forma como está a ajudar, é à imagem de Deus.

– Oh, também não diria tanto – brinquei, mas senti uma alegria a desenrolar-se nas profundezas do meu ser e no meu peito, como se fosse a mais cintilante rosa amarela. Durante toda a minha infância, ansiei por qualquer migalha de aprovação que conseguisse obter do meu pai, mas tudo o que recebera fora desdém e escárnio. Sentir o orgulho que o Solly tinha em mim era como um bálsamo para a alma e sentia-me verdadeiramente grata.

Mas depois – mais uma vez – os alemães atingiram-nos com um golpe ainda mais selvagem, ordenando-nos que cosêssemos uma estrela amarela com a palavra *JUDEU* na lapela esquerda dos nossos casacos.

– Recuso-me a usar semelhante coisa! – garanti ao falar com o Solly, na sexta-feira depois de a regra entrar em vigor. – Não deixarei que me marquem como se fosse um pedaço de carne.

Estava à espera de que ele concordasse comigo, mas enquanto pousava o *challah* na mesa, sorriu-me e abanou a cabeça; percebi que se aproximava mais uma das suas pérolas de sabedoria.

– E se escolhesse não encarar a estrela dessa forma?

Sentei-me e suspirei.

– Então, como hei de a encarar, por amor de Deus? Certamente, nem o Solly consegue encontrar um aspeto positivo nesta iniciativa medonha!

Ele continuou a sorrir.

– E se encarar a estrela como um escudo, afinal, não é exatamente isso que é a Estrela de Davi... a *Magen David*... um símbolo de proteção? – Entregou-me uma carteira de fósforos para eu acender as velas. Nos meses de verão, devido à hora do recolher obrigatório, tínhamos de começar o *Shabbat* antes de o sol se pôr.

– Mas não sinto que me vá proteger – argumentei –, parece mais que estou a usar um enorme alvo no peito.

– Só se escolher pensar assim – respondeu ele num tom suave.

Suspirei, como fazia frequentemente depois dos sermões do Solly, mas já sabia que não devia desvalorizar de imediato as coisas que me ensinava.

E como já era de prever, na segunda-feira seguinte, quando estava a fazer o meu voluntariado na associação, encontrei um uso muito bom para a sua sabedoria. Várias crianças estavam muito ansiosas e confusas por terem de usar a estrela e chegaram ao meu salão literário pós-almoço cheias de perguntas a este respeito. Como não queria que ficassem mais perturbadas, contei-lhes a história de um jovem rei chamado David, que, antes de ir para a batalha, fez um escudo redondo para se proteger. Para o tornar mais forte, usou dois triângulos interligados presos na parte de trás do escudo. A batalha foi tão feroz que os dois triângulos se fundiram e formaram a forma de uma estrela de seis pontas, levando o jovem David à vitória.

– A partir desse dia, a estrela formada pelos dois triângulos ficou conhecida como *Magen David*, ou o escudo de David – expliquei às crianças. – É um símbolo de grande força perante as adversidades. – Enquanto olhava em redor e via os rostos aliviados, fiz uma oração silenciosa a agradecer ao Solly.

Embora contrariada, cós uma estrela no meu casaco – como podia não a usar agora, depois do que contara às crianças? Inicialmente, fiquei animada com as reações que obtive dos meus conterrâneos

parisienses. Muitas pessoas faziam questão de olhar para a estrela e a seguir sorrir como se estivessem solidárias comigo. Um senhor até me parou na rua para me dizer que estava profundamente destroçado com o que estava a acontecer e assegurou-me, num sussurro, que havia muitos franceses desesperados por livrarem a França dos alemães. Mas a cada dia chegavam-me mais histórias de prisões e deportações.

Numa tarde escaldante no início de julho, cheguei ao Pletzl depois do meu turno na associação ansiosa por contar ao Solly o meu último conto para o salão literário infantil. Mas quando dobrei a esquina para a sua rua, o que vi gelou-me o sangue. Um grupo de polícias estava reunido no exterior da livraria. A janela fora partida e o chão em redor dos pés estava pejado de estilhaços de vidros que cintilavam como diamantes ao sol – era uma imagem de uma beleza terrível, desoladora.

Parei, incapaz de me mexer, e observei enquanto alguns soldados que entraram na livraria começaram a atirar os livros para o passeio. *Oh, Solly, por favor, espero que esteja em segurança. Por favor, esteja bem,* rezei em silêncio, olhando para as janelas escurecidas do seu apartamento. *Oh, não, não!* Debati-me contra o impulso de gritar quando vi o Solly ser obrigado a marchar atrás dos soldados, com uma velha mala de viagem na mão. Quando o Solly viu os seus amados livros espalhados no chão, parou de caminhar e ouvi-o dizer qualquer coisa. Um dos polícias que o segurava gritou-lhe que se mexesse. O Solly continuou a falar, numa voz baixa e murmurada. Estava a rezar. Mesmo num momento de profunda escuridão, ele conseguia concentrar-se na luz.

Recuperando, por fim, o uso das minhas pernas, caminhei com passos largos pela rua, na direção deles. Tinha de fazer alguma coisa. Tinha de impedir que o levassem. Mas o que podia fazer? E como?

À medida que me aproximava, o Solly levantou a cabeça e os nossos olhares cruzaram-se. Ele foi muito rápido e abanou a cabeça quase impercetivelmente, enquanto desviava os olhos. Os polícias empurraram-no para a parte de trás do carro. Mais livros saíram a voar da livraria, caindo na rua, aos meus pés.

– Afaste-se! – gritou-me um dos polícias.

Não sei como, mas fiz com que as minhas pernas continuassem a

andar para lá do Solly; afastei-me, apesar de todas as células do meu corpo desejarem entrar no carro atrás dele. O vidro partido estalou sob os meus pés, os estilhaços quase tão quebrados como o meu coração.

Capítulo Dez

Paris, julho de 1942

No dia seguinte, praticamente sem ter dormido e com a barriga a doer de fome, peguei no livro de contos hassídicos que o Solly me oferecera.

– Por favor, diz-me o que fazer – murmurei, antes de o abrir numa página ao acaso. *Todos devemos observar cuidadosamente para que lado o nosso coração nos puxa, li, e escolher seguir esse caminho com todas as nossas forças.* Naquele momento, o meu coração impelia-me a procurar o Solly, sentia-o como a mais poderosa das forças. A ideia de viver num mundo sem a sua sabedoria e luz era demasiado deprimente para compreender.

– Certo! – disse em voz alta, como se quisesse motivar-me. – Vou encontrá-lo.

Uma vez que o sítio mais provável para onde o teriam enviado era Drancy, decidi começar por ali. Partia-me o coração pensar que o Solly fora levado para lá. O resto do pessoal na associação tinha imensas histórias para contar sobre quão brutais eram as condições no complexo: a palha que servia de cama, a falta de comida. E ele era tão idoso, tão frágil. Como sobreviveria? Como chegáramos a este ponto? O mundo tinha enlouquecido.

O marido de uma das mulheres que trabalhava na associação fora levado para Drancy cerca de um mês antes e eu sabia que os detidos ali podiam escrever aos entes queridos, assim como receber encomendas. Se conseguisse determinar que o Solly estava em Drancy, pelo menos podia escrever-lhe e ele podia responder-me, se quisesse. Sentei-me à secretária e escrevi apressadamente uma carta ao Solly, na qual dei-lhe a minha morada e pedi que me escrevesse a pedir qualquer coisa de que precisasse; teria todo o gosto em enviar-lhe o que fosse necessário. Assim que assinei a carta e a pus dentro de um envelope, senti-me um pouco melhor. Pelo menos estava a fazer alguma coisa.

A caminho de Drancy, passei pela associação para explicar que tinha tido uma emergência, mas que voltaria no dia seguinte. Desde

que o governo promulgara uma nova lei que obrigava os judeus a andarem apenas na última carruagem dos comboios que eu evitava andar de metro, mas naquele dia não tinha escolha. Drancy ficava a quase dez quilómetros de Paris e sem a minha bicicleta sentia que não tinha energia para fazer uma caminhada de ida e volta. Estava demasiado fraca devido à fome constante.

No subsolo, o ar era pegajoso, quente e cheirava a suor estagnado. Enquanto me encaminhava para o fundo da plataforma, debatia-me para reprimir a minha indignação. Por que razão tínhamos de viajar numa carruagem separada, como se estivessemos infetados com alguma doença contagiosa? De que tinham tanto medo as pessoas? Sentia que se me demorasse demasiado tempo na injustiça de toda esta situação, acabaria por perder o juízo. Por isso, preferi perder-me no conto de fadas da Madame d'Aulnoy, *O Pássaro Azul*. No entanto, era difícil concentrar-me e de vez em quando deixava que os meus olhos se afastassem da página para se fixarem brevemente nos meus companheiros passageiros, para lhes ver a expressão assombrada dos rostos sobre as estrelas amarelas que levavam ao peito.

Cheguei a Drancy a sentir-me enjoada de tantos nervos. E se tivesse vindo numa verdadeira caça aos gambuzinos? E se, afinal, o Solly não estivesse aqui? E se acabasse por ser detida? Marchar em direção a Drancy com uma estrela amarela no peito não era o mesmo que entrar na toca do leão com um cartaz a dizer: “Por favor, come-me!”? *Não sejas cobarde*, ouvi a Aurélie a dizer na minha cabeça. *Eu não teria fugido e tu também não o deves fazer*. Por isso, continuei a andar em direção à toca do leão.

Depois de ouvir falar tanto deste local, era estranho ver finalmente o campo de deportação pela primeira vez. O facto de ter sido concebido originalmente como um complexo habitacional tornava a experiência ainda mais pungente, ao vê-lo assim pessoalmente, com as vedações altas de arame farpado e torres de vigia, os guardas posicionados aos portões. Fiquei novamente incrédula e desesperada por o governo e a polícia franceses conseguirem fazer uma coisa destas aos seus próprios cidadãos.

Não te concentres nisso, concentra-te no Solly, incitei-me, pensando na carta que levava no bolso. Se tinha alguma esperança em descobrir

se ele estava aqui e em fazer-lhe chegar a carta, caso estivesse, teria de ser agradável para com os guardas, de forma que a tentar que eles me ajudassem. Invoquei toda a minha coragem e dirigi-me para o portão.

– Sim? – O guarda olhou para mim de alto a baixo com uma expressão de desdém, antes de se concentrar na estrela amarela que eu levava ao peito.

– Bom dia, acho que uma pessoa que conheço foi trazida para aqui. Seria possível verificar?

Ele suspirou como se fosse a última coisa que lhe apetecia fazer e senti mais uma vez a minha indignação a ferver e a assomar à superfície.

Mantém a calma, precisas de ser mais esperta do que ele, murmurou a Aurélie.

– Sei que é uma maçada e peço imensa desculpa, mas o meu tio-avô tem uma saúde muito frágil. Para ser franca, ele nunca chegou a recuperar desde que foi mordido pelo leão e gostava muito de conseguir entregar-lhe a sua medicação.

– Ele foi mordido por um leão? – O guarda olhou finalmente para mim com algo que se aproximava de interesse.

– Foi, mas, felizmente, conseguiu salvar a criança que caiu no recinto dos leões, por isso já valeu de alguma coisa. Ele era tratador no jardim zoológico, sabe. – Não fazia a menor ideia de onde me surgira esta história, mas conseguira captar a atenção do guarda, e isso era o mais importante.

– Como se chama o seu tio? – perguntou ele.

– Tio-avô. Chama-se Solomon Finkelstein.

– Certo, e a menina é?

– Etty Weil.

O guarda voltou à sua guarita ao lado do portão e eu cruzei os dedos enquanto esperava. O complexo era uma espécie de praceta com três lados, e do local onde me encontrava, conseguia ver o pátio no centro. De vez em quando, alguém entrava no meu campo de visão. Olhei para cima, para o que teriam sido blocos de apartamentos. Como seria de esperar, as janelas não tinham vidros. Estremeci ao pensar no frio que ali faria durante o inverno.

– Sim, o seu tio-avô está aqui – revelou o guarda, quando

regressou.

– Está? Oh, que maravilha! – exclamei. Tirei a carta do bolso do casaco. – Pode entregar-lhe esta carta, por favor?

Horrorizada, vi-o a pegar no envelope e a rasgá-lo para o abrir, começando a ler a carta. Felizmente, tive o pressentimento de que as cartas poderiam ser inspecionadas, ainda assim ele podia ter tido a decência de esperar até que me fosse embora.

Mordi o lábio e esperei, com o coração a bater descompassado. Tive todo o cuidado de não escrever nada incriminatório, mas da maneira como as coisas estavam, em breve os judeus seriam proibidos de escrever palavras tão inofensivas como “sim” ou “porque”! Depois do que me pareceu uma eternidade, o polícia voltou a pôr a carta no envelope e assentiu.

– Muito obrigada, *monsieur*! – agradeci, encarecida, sentindo nojo de mim mesma.

Virei-me e arrastei os pés de regresso à estação, enquanto me agarrava à esperança de que o guarda mantivesse a sua palavra e entregasse a carta ao Solly.

Quando regresssei a Paris, saí do metro uma paragem antes da minha, ansiosa por fugir do ar quente como sopa. Não que à superfície estivesse muito melhor. Apesar de o céu estar coberto de nuvens brancas sem se ver uma nesga de sol, a humidade comprimia o ar como se a própria terra tivesse uma tampa por cima. Ao passar por Notre Dame, esforcei-me muito por encontrar uma bênção em que me pudesse concentrar, mas era como tentar seguir uma partícula de pó. Naquele instante, quando pensava que o desespero e a fome me podiam finalmente derrotar, uma borboleta esvoaçou mesmo à minha frente e pousou no meu braço. Fiquei tão espantada que parei de imediato. Ficámos ali imóveis durante alguns segundos, eu e a borboleta, e então ela abriu as suas asas finas como seda, como se quisesse recordar-me de que ainda existia beleza no mundo. As asas eram um caleidoscópio de tons alaranjados, castanhos e beges, no padrão mais intrincado que já vira. *Não desistas*, parecia dizer-me. *Ainda há coisas possíveis de acontecer, a vida ainda é capaz de criar este tipo de magia*. E a seguir levantou voo.

Fui atrás dela, enfeitçada, não querendo que aquele momento de encantamento terminasse. A borboleta voou em espirais à minha frente, como se quisesse que a seguisse. Sonhei que me conduzia até casa e que ficava a viver comigo no meu apartamento. Havia de lhe chamar *Esperança* e ela iria esvoaçar à minha volta todos os dias, tecendo um caminho mágico de alegria e deslumbramento. Ri-me quando ela voou ainda mais alto e segui-a enquanto continuava a conduzir-me, até aterrar, por fim, num arbusto à minha frente. Com cuidado para não a assustar, aproximei-me lentamente.

– Ei, você! – Uma voz masculina trespassou o meu sonho acordado.
– Judia! – gritou ele, fazendo com que o coração me caísse aos pés.

Virei-me e vi um polícia a franzir o sobrolho para mim.

– Não pode estar aí – disse, marchando na minha direção.

Fiquei inicialmente confusa, mas depois percebi que a borboleta me conduzira até um pequeno jardim público atrás da catedral. Já tinha estado tantas vezes neste jardim. Como podia subitamente ser um crime para mim estar aqui? Um jovem casal que estava sentado num banco ali próximo fitava-me.

– Tem de sair daqui – avisou o polícia, quando me alcançou. Os olhos dele eram pequenos, maldosos e demasiado próximos sobre o nariz bulboso.

– Estava só a admirar a borboleta – respondi debilmente.

Como se viesse em minha defesa, a borboleta saiu do arbusto e pousou no caminho ao meu lado. O polícia fez um sorriso malicioso e antes que eu pudesse fazer alguma coisa, levantou a perna e esmagou a borboleta contra o chão com toda a força.

– Não! – gritei, e antes que conseguisse pensar melhor, estava a bater com os punhos cerrados no peito dele, que mais parecia um barril. – Como foi capaz de fazer uma coisa destas?

– Saia imediatamente do parque! – gritou ele, empurrando-me para longe.

– Não! – bradei também.

Durante um terrível instante, fitámo-nos em silêncio. *Um dia*, disse para mim mesma, *um dia, quando tudo isto acabar, vou escrever um romance com uma personagem baseada neste brutamontes e vou arranjar-lhe uma morte horrível para vingar a borboleta. Talvez seja esmagado por*

um elefante.

– Não volto a avisá-la – disse ele com uma voz baixa e contraída. – Saia imediatamente do parque, sua judia imunda.

Não tenho a certeza se foi o calor, a fome ou os meses e meses de medo e frustração, mas naquele instante deixei de me importar com as consequências. Estava cansada de ser tratada daquela forma.

– Maltratar uma mulher com metade do seu tamanho e uma pobre borboleta fá-lo sentir-se mais homem, é? – repliquei.

O casal no banco estava agora inclinado para a frente, as bocas abertas, como se o filme que estavam a ver tivesse chegado ao momento crítico da ação.

– E tudo porque tenho este emblema estúpido no peito – continuei. Agarrei na estrela e puxei. Como era uma costureira terrível, a estrela saiu facilmente. Atirei-a para o chão e pisei-a, como ele fizera à borboleta. – Agora sou livre de fazer o que me apetecer – gritei, claramente zonza com tanta adrenalina. Virei costas e comecei a percorrer o carreiro, assobiando alegremente. Quando ia a passar pelo banco de jardim, vi os olhos do casal arregalarem-se com horror para alguma coisa atrás de mim, e senti uma mão a agarrar-me na gola e a puxar-me para trás.

– Venha comigo – rosnou o polícia.

Era a mais estranha das sensações. Vivera durante meses em perfeito pavor de ser detida ou presa, mas agora, num momento de absoluta clareza de espírito, percebi que não tinha realmente nada a perder. Terem levado o Solly fora a última gota. O que mais me restava agora em Paris?

– Estão a ver isto? – gritei para o casal que estava no banco. – Sou presa por passear num jardim. É nesta França que vocês querem viver?

Ambos desviaram os olhos e vi que me tornara convenientemente invisível para ambos, da mesma forma que me tornara invisível quando passava por bares e cafés que costumava frequentar. Naquele momento, odiei-os mais do que ao polícia, odiei-os pela cobardia. Há apenas um par de anos, a mulher talvez tivesse estado na fila da livraria para comprar um exemplar assinado de um dos meus romances. Agora, nem sequer conseguia olhar-me nos olhos.

O polícia levou-me pelo jardim fora, para lá dos restos mortais da borboleta, já uma mera mancha cor de ferrugem no chão. Era assim tão facilmente que se acabava com a beleza – parecia-me, de alguma forma, um gesto horivelmente simbólico. Quando saímos do jardim, ele levou-me em direção a outros dois polícias, que conversavam junto à catedral.

– Detive esta judia por estar no jardim – informou-os o assassino de borboletas. Questionei-me se um dos outros teria um pingó de consciência para lhe dizer que talvez estivesse a exagerar, mas, não, os dois homens limitaram-se a assentir.

– De qualquer maneira, provavelmente iríamos apanhá-la antes do fim da semana – disse um deles.

– O que quer dizer com isso? – perguntei.

– Não é da sua conta – rosnou o meu captor, apertando-me o braço ainda com mais força.

Fiquei com a pele arrepiada. Há semanas que corriam rumores a respeito de novas buscas e detenções. Estaria o homem a falar disso? Tinham mais ações planeadas? Estariam os franceses a tentar livrar o país de todos os judeus que aqui viviam? Esmagar-nos até não restar nada de nós, como acontecera à borboleta?

Capítulo Onze

Paris, julho de 1942

Depois de um interrogatório apressado e francamente ridículo na esquadra da polícia, onde o assassino de borboletas afirmou que eu – uma mulher com metade do seu tamanho – o “ataquei fisicamente”, fui obrigada a uma espera interminável numa cela antes de ser atirada para a parte de trás de uma carrinha, juntamente com outra mulher e uma rapariga adolescente que presumi serem mãe e filha, já que o rosto de ambas assumia a mesma forma de coração e os cabelos eram duas melenas lustrosas arruivadas. Eram tão parecidas que me faziam lembrar as bonecas russas que se aninhavam umas dentro das outras. Questionei-me se comigo e com a minha mãe se verificaria o mesmo, caso ela ainda fosse viva.

– Por que razão tinhas de dizer ao polícia para ir para o inferno? – perguntou a rapariga, com ar desalentado, assim que a carrinha começou a andar.

– Porque é o lugar dos vermes como ele – respondeu a senhora, com um ar tenso, antes de me oferecer um sorriso tímido.

– Quanto a isso, está muito certa – intervim, assentindo em solidariedade.

A rapariga bufou e baixou o olhar para o colo. Pelo que pude perceber, estavam ambas vestidas com roupas caras. A rapariga tinha um vestido leve com um padrão de pequenos miosótis azuis e a senhora usava um vestido de corte direito, simples, mas clássico. Apesar da penumbra da parte de trás da carrinha, uma aliança com um diamante cintilava-lhe no dedo anelar.

– Chamo-me Marguerite – apresentou-se ela, inclinando-se para a frente com a mão estendida.

– Etty – repliquei, cumprimentando-a com um aperto de mão firme, grata pela companhia.

– E esta é a minha filha, Danielle – continuou, assentindo para a rapariga, que continuavam a fitar o colo com ar amuado.

– Olá, Danielle – cumprimentei, mas não obtive resposta.

– Danielle, onde estão os teus bons modos? – repreendeu a

Marguerite, com ar embaraçado.

– Já não tenho, não me servem de nada – respondeu a rapariga, num tom dramático, e tive de morder o lábio inferior para não sorrir. Não pude evitar concordar com ela. Era bem verdade que, naquele momento, os bons modos pareciam algo inúteis.

– Peço desculpa – disse a Marguerite, com um suspiro.

– Ora essa – respondi. – Creio que também perdi recentemente os meus bons modos, sobretudo relativamente à polícia.

Reparei numa centelha de interesse no rosto da rapariga, antes de fechar os olhos.

– Nós já nos encontrámos antes? – perguntou a Marguerite, fitando-me intensamente. – A sua cara não me é estranha.

– Creio que não, a não ser que... – Hesitei. Este era o último lugar onde tinha vontade de me gabar de ser escritora.

– A não ser que? – insistiu a senhora.

– Bem, eu era escritora. – *Continuas a ser escritora, eu ainda existo!*, bradou a Aurélie, do interior da minha cabeça. – Talvez tenha visto alguma fotografia minha no jornal ou numa revista – acrescentei.

Reparei que a Danielle abriu os olhos e olhou para mim de esguelha.

– Ah, é isso! – exclamou a senhora. – É a Claudette Weil! Escreveu os livros da Aurélie.

Assenti, sentindo-me embaraçada. Tendo em conta as nossas circunstâncias atuais, ser escritora parecia-me algo tão trivial.

– Eu adoro aqueles livros. Mas por que razão não escreve há tanto tempo?

– Porque já não tenho permissão para o fazer – respondi num tom lamurioso.

– Porquê? – perguntou a Danielle, a disposição azeda temporariamente posta de parte.

– Porque sou judia.

– É? – A Marguerite pareceu ficar surpreendida. – Não fazia ideia.

– Pois, bem, e-eu não costumava mencionar este facto nas minhas entrevistas – balbuciei, sentindo-me ligeiramente envergonhada. Agora que voltara a aproximar-me da minha fé judaica e encontrara tanto consolo nos ensinamentos e orações que o Solly partilhava

comigo, sentia-me muito culpada por ter virado as costas ao judaísmo.

– Eu odeio os alemães – resmungou a Danielle. – Odeio o nosso governo. E odeio ser judia.

– Danielle! – exclamou a mãe.

– O que foi? – A rapariga fitou-a com ar de desafio. – Se não fôssemos judias, nada disto teria acontecido. Não seríamos enviadas para a prisão. – Gesticulou na minha direção. – Se ela não fosse judia, podia continuar a escrever livros.

– Nós não vamos ser enviadas para a prisão – respondeu debilmente a Marguerite.

– Ai não? – A Danielle resfolegou. – Então, para onde nos levam? De férias?

Embora gostasse da genica da rapariga, não conseguia deixar de sentir pesar pela mãe. Educar a Danielle devia ser como tentar domar um potro selvagem.

A rapariga virou-se para mim.

– Para onde acha que nos levam?

Encolhi os ombros.

– Talvez para Drancy?

– Eu não te disse? – bradou a Danielle, voltando a olhar para a mãe.

A mulher estremeceu visivelmente e desejei poder dizer ou fazer alguma coisa que melhorasse um pouco a nossa situação. O que teria escrito para a Aurélie, se esta fosse uma cena de um dos meus livros?

– Esta situação é aquilo a que nós, os escritores, chamamos de determinante para a personagem – afirmei.

– O que quer dizer com isso? – perguntou a Danielle, com o sobrolho franzido.

– Bem, quando escrevo os meus livros, ponho sempre a protagonista, a Aurélie, em situações difíceis.

– Porquê? – A rapariga fitou-me como se eu fosse doida.

– Para lhe dar a hipótese de brilhar.

A Marguerite assentiu.

– Como daquela vez em que foi raptada por um marinheiro?

– Exatamente. E quando finalmente confrontou o seu pai abusador.

– Parece-me mesmo muito divertido – disse a Danielle, com

sarcasmo.

– Os romances da Claudette são maravilhosos – elogiou a Marguerite, saltando imediatamente em minha defesa. – Ler as aventuras da Aurélie deu-me coragem para fazer muitas coisas na minha vida. Ensinou-me que ser mulher é algo poderoso, apesar do que o nosso grandioso líder Pétain possa pensar, ao dizer-nos que nos devemos cingir à cozinha e à maternidade. – Resfolegou com desdém.

– Muito obrigada! – Aquelas palavras alimentaram a minha confiança e voltei a olhar para a Danielle. – Imagina que eras uma personagem de um romance...

– Não leio romances – interrompeu ela, desvalorizando.

– Danielle! – A Marguerite abanou a cabeça, aparentemente exasperada.

– O que foi? Não leio!

– E vês filmes? – perguntei, determinada a não me deixar desencorajar por esta adolescente pespinete.

– Sim – murmurou ela.

– Então, imagina que és a heroína do último filme de Hollywood que viste. As plateias do mundo inteiro estarão a assistir à tua história. Estão a ver-te neste momento em que foste metida na parte de trás desta carrinha para seres levada sabe Deus para onde.

– Pensei que tinha dito que íamos para Drancy? – retorquiu ela.

– Bem, não sabemos isso ao certo, por enquanto. – *Não percas a paciência*, disse a mim mesma e, não sei bem como, consegui continuar a sorrir com doçura. – Que tipo de heroína queres ser? Corajosa e digna ou... – Parei de falar, porque queria dizer *mimada* e *petulante*, mas não desejava acicatar ainda mais a sua ira.

A Danielle resfolegou e voltou a fitar o colo.

– Obrigada – articulou com os lábios a Marguerite, olhando para mim.

Quando chegámos ao nosso destino, já sabia que a Marguerite e a Danielle viviam na abastada Avenue Foch, até a Gestapo ter tomado conta daquele edifício. Desde então, viviam com a irmã da Marguerite no sexto *arrondissement*. O marido da Marguerite, pai da Danielle, fora morto na Batalha de França. Não era de admirar que a Danielle se

sentisse um pouco taciturna, pois já passara por muito nos seus catorze anos de vida. Naquele dia, a Marguerite fora detida por rasgar um cartaz antijudeus, e quando a polícia descobrira que os seus pais eram austríacos, ela e a Danielle tinham sido levadas para a mesma esquadra para onde eu fora levada.

A carrinha parou e quando o motor se desligou, ficámos em silêncio. O medo que conseguira manter ao largo enquanto conversava com a Marguerite regressou, comprimindo-me a garganta. Ouvi passos na rua e a porta da carrinha abriu-se de par em par. Já estava escuro na rua, mas percebi de imediato que nos tinham levado para Drancy. Reconheci a silhueta dos edifícios recortados contra a luz da torre de vigia. Era difícil imaginar que pouco horas antes estivera ali, à procura do Solly. O único aspeto positivo em toda esta situação era que talvez assim tivesse a oportunidade de o encontrar. Ligeiramente animada com esta possibilidade, saí da carrinha e encontrei três guardas franceses. Quando a Danielle saiu atrás de mim, percebi que estava a tremer. Ofereci-lhe um sorriso encorajador, mas ela fitou-me inexpressiva, claramente assustada.

Fomos levadas para uma sala mal iluminada por uma única lâmpada. Um dos guardas anotou os nossos nomes e outro ordenou-nos que entregássemos quaisquer objetos valiosos que tivéssemos connosco. Felizmente, o colar de pérolas que usava era uma imitação que comprara num vendedor de rua que conhecia em Montmartre, por isso entreguei-o sem grande angústia. A Danielle, por outro lado, começou a soluçar, agarrando o pulso para tentar esconder o relógio de ouro que usava.

– Foi o papá quem mo ofereceu – chorou.

– Não te preocupes, vão recuperar as vossas coisas – disse um dos guardas. – Mas certifica-te de que não perdes isto – acrescentou, entregando-lhe um *voucher* em troca do relógio.

Reparei que os outros dois guardas trocaram um sorriso malévolo, como se soubessem perfeitamente que os *vouchers* eram inúteis.

– Posso ficar com a minha aliança de casamento, por favor? – suplicou a Marguerite. Os diamantes da aliança cintilavam ainda mais sob a luz da lâmpada.

– Lamento, mas não pode – retorquiu o guarda mais novo. – Mas

desde que guarde isto em segurança, vai reavê-la. – Entregou-lhe também um *voucher*.

– Mas é a única coisa que me resta do meu marido – bradou ela.

– Entregue a aliança! – rosnou um dos guardas mais velhos.

– Ele morreu a lutar pela França. Era um herói! – respondeu a Marguerite, tirando o anel do dedo e batendo com ele sobre a mão estendida do guarda. – Ao contrário de vocês, traidores!

– *Maman!* – gritou Danielle, agarrando o braço da mãe, mas tive vontade de aplaudir a coragem da Marguerite. Estes fantoches do Hitler *eram* traidores de França.

Os homens entregaram-nos estrelas amarelas e números de registo, e a seguir fomos levadas para o complexo principal e para um dos edifícios que, um dia, se destinaram a blocos de apartamentos.

– Vamos – ordenou o guarda mais novo, acompanhando-nos através de uma sala muito comprida.

Estava demasiado escuro para ver o que quer que fosse, mas reparei imediatamente no cheiro, uma mistura estagnada de suor e urina. A avaliar pelo arquejo horrorizado, a Danielle também sentiu.

– Vai ficar tudo bem, meu amor – murmurou a Marguerite, e senti uma pontada de melancolia. O facto de a minha mãe ter morrido quando eu tinha menos de um ano significava que não tinha quaisquer memórias do seu amor maternal, mas já aprendera há muito que é inteiramente possível sentir falta de algo que nunca tivemos.

– É aqui que vão dormir – disse o guarda, com maus modos, levando-nos até um conjunto de beliches de madeira. O som de roncoss ecoava como trovões vindos de todos os cantos da sala.

Os nossos beliches ficavam ao lado de uma janela aberta por onde entrava um raio de luar, que incidia no que me pareceu palha espalhada sobre os estrados de madeira. A Danielle voltou a arquejar com horror. Durante muito tempo, encarei a minha infância de pobreza como algo mau que queria esquecer a qualquer custo, mas agora que chegara a Drancy, comecei a entender que talvez tivesse sido também uma bênção, uma espécie de preparação para as dificuldades que tinha pela frente.

Fiquei com a cama de cima e a Marguerite e a Danielle com a de baixo. Enquanto tentava instalar-me nas tábuas de madeira rija, a

palha picou-me a pele. Era este, então, o ponto a que tínhamos chegado. A humilhação final, forçando-nos a dormir nas palhas, como animais. Mas quem eram os animais, na verdade? Nós ou os captores por nos tratarem desta forma?

Ouvi a Danielle a fungar por baixo de mim no meio da escuridão e rezei para que ela encontrasse forças para se tornar mais forte. Precisava de o fazer. Talvez a pudesse ajudar. Mas quem me ajudaria? Fechei os olhos com força. *Tens de te transformar numa semente de dente-de-leão*, murmurou uma voz no interior da minha cabeça. Parecia tão diferente da minha voz interior habitual, ou da voz da Aurélie, que tive de abrir os olhos para me certificar de que ninguém se esgueirara para o meu beliche. Mas não estava ali mais ninguém.

Fechei os olhos e imaginei uma semente de dente-de-leão a deslizar levemente com a brisa. Quando era pequena, pensava que as sementes eram fadas que voavam em naves mágicas semelhantes a estrelas. *Deixa que a vida te sopre para onde for preciso...* murmurou novamente a tal voz. Será que alguém precisava que estivesse aqui, neste local tão terrível? Algum de nós era necessário aqui? A mera noção parecia-me absurda.

Pouco depois de ter conseguido, por fim, adormecer, acordei com a luz ofuscante do sol que entrava pelos buracos rasgados nas paredes, onde as janelas deviam ter sido instaladas. À minha volta, nos respetivos beliches, as mulheres começaram a despertar. Enquanto me levantava, uma mulher alta e magra, com aftas terríveis nos cantos da boca, aproximou-se de mim.

– Vocês são novas – disse-me em jeito de cumprimento. – De onde vêm?

– De Paris – murmurei, esfregando os olhos e pondo-me de lado.

– Como estão as coisas por lá? – perguntou outra mulher, do outro lado da sala. – É verdade que estão a reunir mais judeus?

– Correm rumores acerca disso, sim – respondi. – Chamo-me Etty. – Apresentei-me à mulher que estava junto ao meu beliche. – Há quanto tempo está aqui?

– Chamo-me Valérie e estou aqui há três meses – respondeu ela. – Por isso, posso explicar-lhe a rotina.

– Sim, por favor. – Sentei-me e a palha picou-me as pernas através do vestido de algodão.

– A alvorada é às sete, a chamada às oito – revelou a Valérie, oficiosamente. – Das oito às dez, fazemos exercícios calisténicos na rua. Às onze e meia, comemos sopa. Às cinco e meia, comemos sopa.

– O que fazemos entre sopas? – perguntei.

– Morremos de tédio – interveio uma mulher brincalhona de um dos outros beliches.

– Ou então jogamos *bridge* – disse outra.

– É a mesma coisa – afirmou uma terceira, o que provocou algumas gargalhadas secas.

A minha apreensão aligeirou-se um pouco. Pelo menos as minhas colegas de quarto pareciam dar-se bem e ter sentido de humor.

– *Maman*, não quero estar aqui – murmurou a Danielle, do beliche de baixo.

– E alguém quer? – interrogou uma mulher.

– Quando formos à rua fazer exercício, temos oportunidade de ver os homens? – perguntei, pensando imediatamente no Solly.

– Por favor, não me diga que veio aqui à espera de encontrar o amor – respondeu a Valérie, com o sobrolho franzido.

– Se quisesse encontrar o amor, comprava um cão – respondi, provocando uma gargalhada abafada num dos beliches perto de mim.

– Procuro um amigo muito querido, que acho que está aqui.

– Há quanto tempo o trouxeram para cá? – quis saber a Valerie. – Pode já ter sido transferido.

– Transferido?

– Para leste – continuou num tom mais sombrio.

– Oh! – guinchou a Danielle, por baixo de mim.

– Está tudo bem, *ma chérie* – consolou-a a Marguerite.

– Mas a Alemanha fica para leste, a Polónia fica para leste – chorou a Danielle.

– Ele só foi trazido para cá há dois dias – expliquei, tentando manter-me positiva.

– Nesse caso, ainda cá deve estar... por enquanto... – A Valerie virou-se e afastou-se, e eu senti um arrepio a trespassar-me.

– Preciso de ir à casa de banho – choramingou a Danielle.

– Eles mostraram-vos onde são as latrinas? – questionou a Valerie.

Abanei a cabeça.

– Muito bem, venham comigo.

A Marguerite, a Danielle e eu saímos do nosso beliche e seguimos a Valerie até à rua. O sol já brilhava com intensidade e o relvado na parte central do pátio estava queimado num tom de castanho-pálido. O som de vozes masculinas deslizava pelos buracos das janelas do edifício do outro lado. Seria uma delas a voz do Solly? Estaria ele algures por aqui? Agarrei-me à esperança para ter forças.

– Cá estamos – indicou a Valerie, quase num tom jovial, quando nos aproximámos do canto do pátio, onde uma plataforma de madeira se erguia ligeiramente com uma fila de buracos. Não havia divisórias entre os buracos e um par de homens estava ali agachado, a aliviar-se.

– Não! – arquejou a Danielle, agarrando-se, aterrorizada, ao braço da Marguerite. – Não posso ir ali, não com toda a gente a olhar.

– Está tudo bem – disse-lhe eu, lutando para suprimir o meu próprio horror perante a situação. – Podemos ficar à tua volta e formar uma barreira.

– Não consigo, isto é horrível! – chorou a Danielle.

– Bem, a única alternativa é usares o balde que está no dormitório – respondeu a Valerie, provocando uma angústia ainda maior na rapariga.

A minha bexiga estava a rebentar, por isso decidi liderar através do exemplo. Aproximei-me de um dos buracos, puxei a minha roupa interior para baixo e agachei-me num dos buracos.

– Bom dia! – saudei alegremente aos homens que estavam mais abaixo. – Está uma bela manhã, não é verdade?

Eles soltaram risadas, mas, infelizmente, o meu plano fracassou, porque em vez de se sentir encorajada, a Danielle enterrou o rosto no peito da mãe.

– Prefiro ir ao balde do dormitório a fazer figuras tristes, como ela! – exclamou.

Antes de levar a filha dali, a Marguerite olhou para mim com uma expressão que mais parecia um pedido de desculpas.

– Presumo que não haja papel higiénico? – perguntei à Valerie.

Ela abanou a cabeça.

Suspirei e tirei do bolso o *voucher* que me tinham dado em troca do colar de pérolas falsas. Provavelmente, não serviria para mais do que para limpar o meu traseiro.

Puxei a roupa interior para cima e comecei a andar para me afastar das latrinas.

– Tenham um bom dia – disse por cima do ombro para os homens. Estava determinada a que não vissem para lá da minha fanfarronice fingida.

Às oito da manhã, estava mais do que pronta para voltar a fugir do dormitório. Claramente traumatizada por ter tido de usar um balde em vez de uma sanita, a Danielle não parava de chorar e por muito que estivesse solidária com ela, aquela agitação estava a deixar-me com os nervos em franja. Assim que cheguei ao exterior, passei os olhos por todo o pátio. A um canto, um grupo de homens fazia flexões com os coletes e as calças vestidos; outros reuniam-se a conversar, mas não vi sinais da barba branca comprida e pontiaguda do Solly, nem do seu vulto corcunda. O pânico avolumou-se dentro de mim. E se ele já tivesse sido deportado? E se nunca mais o voltasse a ver?

Uma mulher um tanto seca e rude chamada Beatrice liderava a rotina de exercícios das mulheres.

– É muito importante mantermo-nos fortes – disse para as cerca de vinte mulheres ali reunidas. – Um corpo forte terá um espírito forte.

Eu nunca fora adepta do exercício organizado, preferia mil vezes a sensação de liberdade que caminhar ou andar de bicicleta me proporcionavam, mas à medida que a Beatrice nos liderava através dos exercícios, obrigando-nos a fazer séries intermináveis de agachamentos, que nos faziam parecer uma fileira de bonecas articuladas, dei por mim a apreciar bastante a libertação que o movimento me proporcionava. Era como se a cada agachamento conseguisse expulsar um pouco da tensão que carregava comigo desde a minha detenção e me ajudasse a livrar-me da rigidez provocada pelas tábuas de madeira onde dormira. Também foi bom ter uma série de instruções para seguir, o que me distraía de pensar demasiado.

A Beatrice acabara de nos dizer para nos deitarmos no chão poeirento para depois fazermos uma série de abdominais, quando uma

agitação irrompeu do outro lado do pátio. Sentei-me para ver o que causava a comoção. Um grupo de homens estava reunido num círculo, a gritar e a soltar vivas entusiasmados.

– O que se passa? – perguntei.

– Oh, não é nada – respondeu a Beatrice, descontraída. – Um dos prisioneiros costumava ser pugilista profissional e os guardas obrigam-no a lutar para se divertirem; em troca, concedem-lhe certos privilégios.

Fiquei imediatamente com a pele arrepiada. Não, não podia ser...

– Venho já – murmurei, levantando-me e atravessando o pátio. À medida que me aproximava, ouvia o som de pancadas e arquejos por entre os gritos animados dos homens. Abri caminho entre a multidão e à minha frente vi um anel formado por guardas. Um deles soprou um apito e anunciou:

– Acabou o assalto!

Espreitei entre dois guardas e dei por mim frente a frente com um transpirado e arquejante Tomasz.

Capítulo Doze

Paris, julho de 1942

– Você! – arquejou ele, ofegante.

– Que agradável voltar a vê-lo – respondi friamente.

– O que está aqui a fazer? – grita-me um dos guardas. – Volte para junto das outras mulheres.

– Ela é minha amiga – reagiu rapidamente o Tomasz.

– Não, não é – murmurei, apenas alto o suficiente para o Tomasz ouvir. – Então, ouvi dizer que se tornou no brinquedinho deles. Devia ter percebido logo que era um homem sem princípios.

– Como? – O Tomasz franziu o sobrolho.

O guarda apitou.

– Segundo assalto!

– Espero que os privilégios que recebe por ser um pugilista fantoche valham a pena – sibilei, antes de dar meia-volta nos calcanhares e ir embora. Toda a raiva que vinha a crescer dentro de mim tinha subitamente um objeto e o ódio que senti naquele instante pelo Tomasz foi tão avassalador que fiquei quase sem ar.

Passei pelas mulheres que se exercitavam e dirigi-me para o dormitório. Já não me apetecia fazer exercício físico, sentia-me profundamente enojada. De regresso aos beliches, a Danielle continuava a chorar e a Marguerite continuava a rodeá-la como se fosse uma mãe-galinha. Tinha vontade de lhe gritar: *Por amor de Deus, recompõe-te, rapariga!* Agora, as demonstrações de amor da Marguerite faziam-me sentir amargurada, em vez nostálgica. Se pelo menos conseguisse encontrar o Solly. Nunca precisara mais da sua sabedoria tranquilizadora.

– Sente-se bem? – perguntou-me a Marguerite, quando subi bruscamente para o meu beliche.

– Acho que preciso de dormir mais – respondi, tensa.

Mas era impossível dormir com o sol que agora passava diretamente pelo buraco da janela e incidia em mim, queimando-me.

Pensei na voz sensata que ouvira a murmurar para mim na noite anterior, incitando-me a ser como a semente de um dente-de-leão.

Porquê, meu Deus, porque tinha a vida de continuar a soprar aquela ratazana do Tomasz na minha direção? Já fora suficientemente mau quando ele agiu como se beijar-me fosse o equivalente a beber veneno, mas vê-lo agora a servir de entretenimento aos guardas só para salvar a sua própria pele deixava-me verdadeiramente doente.

O que esperavas?, censurou a minha voz interior. Ele mesmo disse que matara uma pessoa. É claramente um homem horrível. A culpa é tua, que o imaginaste como uma espécie de herói romântico. Pensa noutra coisa.

Mas assim que consegui tirar o Tomasz do pensamento, lembrei-me do que a Valerie dissera antes sobre as pessoas que eram transferidas de Drancy. Para onde as enviavam? E seríamos nós as próximas? Eu tinha conseguido demonstrar uma grande bravata nas latrinas, mas durante quanto tempo conseguiria manter o disfarce se dormir nas palhas e fazer as necessidades em buracos fosse o nosso futuro?

Quando recebemos a primeira sopa do dia, fiquei ainda mais desanimada. Era uma água com sabor a couve e, segundo a Valerie, era garantido que ficaríamos com diarreia. Pode parecer ridículo, mas enquanto amante fiel da boa comida, ser alimentada com água de lavagem parecia ser o pior insulto de todos.

Depois, fiquei sentada na minha cama, a olhar inexpressivamente pela janela. Era difícil imaginar que do outro lado do arame farpado os nossos contrerrâneos parisienses andavam livremente pela cidade, prosseguiam com os seus dias, completamente alheios ao que acontecia neste lugar, ou pelo menos escolhendo dar essa impressão.

À tarde, a Marguerite, a Danielle e eu cosemos as estrelas nas nossas roupas e recebemos a notícia de que podíamos escrever uma carta a um amigo ou familiar. Escrevi à minha chefe da associação que ajudava as crianças, a explicar que me encontrava em Drancy. Fiquei de coração partido ao pensar no meu salão literário júnior. Por que motivo fora tão intempestiva com aquele guarda? As histórias que contava às crianças eram tão importantes para elas. Agora, quem lhes iria mostrar de que forma se poderiam ver como heróis?

A certa altura, o calor tornou-se demasiado e deixei-me cair num sono inquieto, sonhando com uma sopa de cebola deliciosa e rica.

Estava prestes a comer uma colherada quando fui bruscamente acordada por uma colega de quarto.

– Eles detiveram milhares de judeus! – gritou ela da porta.

– Quem? – alguém perguntou.

– A polícia. Estão a chegar centenas de pessoas. As outras foram levadas para o *Vélodrome d'Hiver*.

– Para o *Vélodrome*? – murmurei, em choque. A ideia de o estádio que normalmente acolhia as populares corridas de bicicletas durante seis dias consecutivos ser agora usado para aprisionar pessoas deixou-me o sangue completamente gelado.

O som de conversas vindo da rua começou a aumentar de intensidade. Espreitei pela janela e vi um mar de gente de rostos atordoados a entrar no pátio, alguns com malas de viagem nas mãos, outros só com a roupa que tinham no corpo.

– Para onde vão eles? – perguntei, a ninguém em particular. E ninguém me respondeu. O campo já estava cheio. Como podiam alojar mais algumas centenas de pessoas? Voltei a pensar no que a Valerie dissera sobre as pessoas serem deportadas para leste e senti-me invadida por uma nova onda de medo. Seríamos deportadas para arranjar espaço para esta nova multidão? E para onde nos enviariam, exatamente?

Não demorou muito até um grupo de mulheres de ar assustado ser conduzido até ao nosso dormitório. Felizmente, a Danielle já parara de chorar e estava agora sentada num silêncio atordado. Observámos enquanto a Valerie fazia a sua apresentação habitual e depois as mulheres foram assaltadas com perguntas: principalmente variações do que se passava em Paris e se os rumores a respeito do *Vélodrome* eram verdadeiros. Era impossível imaginar que um local construído para o desporto, para a diversão, fosse usado com este propósito, mas, por outro lado, este campo em Drancy não fora construído para ser o último grito na experiência de habitação suburbana? Sentia uma dureza a tomar conta do meu coração e voltei a ansiar pela companhia e sabedoria do Solly.

Enquanto as mulheres falavam, desci da cama e saí do dormitório. Mais pessoas recém-chegadas estavam a entrar no pátio. Vi um senhor idoso a coxear, apoiado numa bengala e com uma mala de couro

puído na mão. Um dos guardas gritou-lhe e o senhor parou, olhando em redor, atordoado. O guarda deu um pontapé na bengala, que fugiu da mão do idoso, enquanto outro guarda que estava a assistir desatou a rir. A dureza que crescia dentro de mim deu origem a uma explosão da fúria tão grande que antes que desse conta já estava ao lado do senhor, a apanhar a bengala.

– Largue isso! – gritou-me o guarda que a tinha pontapeado.

Virei-me para o encarar, brandindo a bengala como se fosse um bastão.

– Mas o que se passa com vocês? – bradei. – Onde está a vossa humanidade?

Num instante, o guarda agarrou-me pelos ombros. Enquanto ficávamos ali, olhos nos olhos, ouvi o senhor a murmurar qualquer coisa atrás de mim e logo a seguir, sem mais nem menos, o guarda começou a rir-se como se já estivesse farto daquele jogo de tormento. Empurrou-me e atirou a bengala ao idoso.

– Volte para dentro – disse-me.

Virei-me e vi a Danielle de pé, imóvel, à entrada do edifício. Estava à espera de que irrompesse novamente em lágrimas, mas, surpreendendo-me, ofereceu-me o mais débil dos sorrisos.

– Foi muito corajosa – murmurou, quando cheguei junto dela. A rapariga tinha o rosto pálido e o cabelo acobreado caía em madeixas baças de ambos os lados da face.

– Nunca quero ser culpada de fechar os olhos à crueldade – repliquei, pensando no casal no jardim em Notre Dame que me vira a ser detida sem dizer uma palavra em minha defesa. – Já há demasiada gente a fazê-lo neste país.

– Pode... – Hesitou e baixou o olhar para o chão poeirento.

– Posso o quê? – insisti, com a voz já mais suave.

– Pode ensinar-me a ser corajosa? – A voz da Danielle era pouco mais do que o chiar de um ratinho.

Fiquei surpreendida com o pedido, mas entusiasmada por finalmente ter conseguido alcançá-la. Não sabia ao certo se tinha as credenciais indicadas para ensinar alguém a ser corajoso, mas, graças à exímia instrução do Solly, reconhecia uma oportunidade de libertar uma centelha de luz quando a via. Tinha apenas de conseguir perceber

como o podia fazer.

– Posso tentar. Vem comigo...

Levei-a escadas acima, para o nosso dormitório. A maior parte das mulheres, incluindo a Marguerite, estavam reunidas a um canto, a conversar em tons abafados. Levei a Danielle para o nosso beliche, no extremo oposto. Felizmente, enquanto subíamos para o dormitório encontrei uma forma de conseguir corresponder ao pedido dela.

– Vou contar-te uma história – disse-lhe, sentando-me ao lado dela na cama.

Ela fez instantaneamente uma careta, como se fosse demasiado velha e conhecedora do mundo para estas coisas infantis.

– Uma história sobre ti – continuei, na esperança de apelar à sua vaidade.

– Mas não me conhece – retorquiu ela.

– Ainda não – respondi. – Mas se responderes a estas cinco simples perguntas, vou conseguir contar-te a tua história e o teu destino.

– Não vai nada! – exclamou, mas estava interessada.

– Bem, se não queres saber... – Levantei-me.

– Está bem, pronto. Quais são as perguntas? – disse ela rapidamente, e voltei a sentar-me.

– A primeira é: O que conseguiste fazer que te deixou orgulhosa?

Ela pensou por um instante.

– Ser votada a rapariga mais bonita da minha turma... dois anos seguidos – replicou, com uma grande sensação de importância.

Gemi interiormente, mas forcei um sorriso.

– Maravilhoso, muito bem. E qual dirias que é a tua melhor característica?

– O meu cabelo – respondeu de imediato.

– Estava a pensar numa característica de personalidade – esclareci, e ela ficou com um ar desanimado. – Mas tudo bem. Tens realmente um cabelo muito bonito.

A Danielle assentiu em concordância.

– Então, qual dirias que é a tua melhor característica?

– O meu cabelo.

– Não, já disseste o teu cabelo. Escolhe agora algo mais relacionado com...

– Os meus olhos – retorquiu, antes que a conseguisse afastar dos atributos físicos.

– Fantástico – elogiei, tentando não entrar em pânico. Estas eram as perguntas que fazia sempre às personagens novas, quando elas começavam a ganhar forma no meu pensamento, para lhes conferir mais profundidade. Infelizmente, a estratégia parecia não estar a correr tão bem com a Danielle. – Na escola, em que disciplina tens as melhores notas? – questionei, tentando uma abordagem diferente.

Ela franziu o sobrolho.

– Para mim, a escola é muito aborrecida.

– Então, o que gostas mais de fazer na vida? – Mais uma vez, sentia a minha paciência a ser mais esticada do que a pele que cobre um tambor. Se me respondesse que adorava olhar para o cabelo e para os olhos através do espelho, iria ter de assumir a derrota.

Esperei enquanto ela pensava.

– Adoro dançar – replicou por fim, com uma expressão sonhadora a tomar-lhe conta do rosto.

– Excelente! – exclamei com alívio. Agora já tinha algo com que trabalhar. – Que tipo de dança?

– *Ballet*.

– E o que mais odeias?

– Os alemães – respondeu de imediato.

– Porquê?

A Danielle olhou para mim como se eu fosse doida.

– Por tudo o que nos estão a fazer.

– O que estão eles a fazer? – insisti, tentando que ela desenvolvesse.

– Estão a perseguir-nos, obviamente.

– Então, odeias os rufias?

– Sim.

– O que mais admiras nas outras pessoas?

– A beleza... e o talento – acrescentou, como se fosse só uma ideia complementar. Suspirou e pressenti que estava a perdê-la. Infelizmente, ia ter de começar a minha história com uma personagem bastante unidimensional.

– Era uma vez, uma jovem rapariga muito bonita chamada Danielle

Très Belle... – comecei, e o mais débil dos sorrisos apareceu-lhe nos lábios. – Para qualquer lugar que fosse, as pessoas comentavam sempre a sua beleza, sobretudo os olhos, que eram comparados a esmeraldas raras, assim como o cabelo ruivo lustroso.

– Acobreado – interrompeu-me.

– O cabelo acobreado lustroso. Ora, a Danielle não era apenas bonita, era também extremamente talentosa... – Fechei os olhos e imaginei-a num estúdio de dança, com um tutu cor-de-rosa e em pontas ao lado da barra. – Era uma *prima ballerina*...

– *Prima* – corrigiu a Danielle.

– Isso mesmo. – Lutei contra a vontade de fazer com que a minha Danielle fictícia sofresse um infeliz acidente que envolvia um *arabesque* demasiado estendido. – Agora, infelizmente, como era ao mesmo tempo muito bonita e talentosa, a Danielle era um alvo fácil para os infelizes e cobardes que odiavam as suas vidas e as pessoas que eram. Por outras palavras, os rufias – continuei.

A Danielle assentiu com entusiasmo, como se esta fosse, de facto, a sua experiência.

– E uma destas rufias era uma rapariga chamada... Tomaszetta.

– Que nome tão estranho – comentou a Danielle.

– A Tomaszetta era uma rapariga esquisita. Mentia, era má e muito dada a explosões violentas.

– Qual era o aspeto dela? – perguntou a Danielle.

Uma imagem bizarra de uma versão feminina do Tomasz começou a formar-se na minha cabeça.

– Era musculada, com ombros largos e o cabelo curto e escuro.

A Danielle fez um ar adequadamente horrorizado.

– A Tomaszetta queria muito ter o papel principal em *O Lago dos Cisnes*, mas a Danielle saiu-se extraordinariamente bem na audição, além disso, ninguém iria acreditar num cisne que se parecia mais com um *bulldog* do que com outra coisa.

Pela primeira vez desde que nos conhecêramos, a Danielle soltou uma gargalhada. Foi uma imagem e um som que me deixaram irracionalmente feliz.

Continuei a história rapidamente, não queria perder a atenção do meu público.

– Quando soube que a Danielle ficara com o tão ambicionado papel, a Tomaszetta ficou furiosa e, para piorar ainda mais a situação, acabou por ser escolhida para desempenhar o demoníaco von Rothbart.

Mais uma gargalhada da Danielle. A vitória estava ao meu alcance, sentia que aos poucos a conquistava!

Incentivada, a minha imaginação começou a correr veloz e continuei a urdir a trama sobre as estratégias cada vez mais desesperadas a que Tomaszetta recorria para tentar sabotar a exibição *très belle* da Danielle.

– Mas, infelizmente, ao contrário da Danielle, a Tomaszetta não fora abençoada com uma grande inteligência – prossegui, com um sorriso interior. Esta história não estava apenas a servir para animar o meu público, mas também se revelava extremamente terapêutica para mim, que a contava. Sorri ao recordar a primeira lição que o Solly me ensinara, sobre como cada história deve ser transformadora não apenas para quem ouve, mas também para quem conta. – E, ao contrário de Tomaszetta – continuei –, a Danielle era a orgulhosa detentora de uma abundância de talento, força e inteligência.

A certa altura, a Marguerite regressou ao beliche, mas a Danielle pediu-lhe de imediato que se mantivesse em silêncio. Só quando cheguei ao ponto crítico da minha história, no momento em que a Tomaszetta tentou sabotar a atuação da Danielle na noite de estreia, barrando mostarda no interior do fato da rival, é que ouvi as gargalhadas que vinham dos beliches à minha volta e percebi que outras mulheres estavam também atentas à minha história. Acabei-a com o relato de como a Danielle fez a melhor atuação da sua vida, apesar de estar a transpirar profusamente e de cheirar a frango com mostarda. No final, recebi uma calorosa ronda de aplausos das minhas companheiras de dormitório e o melhor prémio de todos: um sorriso radiante da Danielle. Era incrível como ficava tão mais bonita quando não tinha aquela expressão carrancuda no rosto. Era como se tivesse sido iluminada a partir do interior, e ao ver esta transformação, senti-me também iluminada e lembrada do poder de contar histórias.

– Mas que história maravilhosa! – exclamou a Marguerite. – Tão engraçada!

– E ela inventou-a só para mim – informou-a a Danielle, muito orgulhosa.

– Tem realmente uma imaginação muito fértil – elogiou uma das outras mulheres.

– Pois não havia de ter, é a escritora Claudette Weil – anunciou a Marguerite, com orgulho. – É a autora dos romances da Aurélie.

– Oh, adoro esses livros – revelou uma das mulheres.

– A Aurélie é a minha heroína – disse outra, que me sorriu amplamente do outro lado do quarto. – Se pelo menos conseguisse ser tão forte como ela. Sabe Deus que neste momento bem preciso de um pouco da sua coragem e determinação. – Esta opinião originou um coro de murmúrios concordantes.

– Todas nós podemos ser a Aurélie – dei por mim a dizer.

– O que quer dizer com isso? – perguntou a Marguerite.

– Que todas temos a oportunidade de triunfar sobre as adversidades.

– Desde que usemos a nossa abundância de talento, força e inteligência – interveio a Danielle, repetindo a ideia da sua própria história.

– Sim, exatamente! – exclamei, feliz por as minhas palavras terem deixado uma marca na rapariga.

– Pode criar uma destas histórias para a *maman*? – perguntou a Danielle, aninhando-se junto à Marguerite. – Por favor?

– Sim, por favor, conte-nos outra história – pediu uma mulher do beliche do lado. – Vai ajudar a aliviar o tédio.

– Bem, se insistem...

– Insistimos, sim – disseram a Danielle e a Marguerite, em coro.

– A Claudette tem de te fazer algumas perguntas primeiro – informou a Danielle, claramente a assumir o papel de minha assistente pessoal. – São perguntas que definem o carácter das pessoas – acrescentou, com ares de importância.

– Que intrigante – respondeu a Marguerite, sorrindo-me e articulando um “obrigado” por cima da cabeça da filha.

Mal ela sabia que era eu quem me sentia com o coração inundado de gratidão. Sem saber bem como, naquele dormitório encardido, onde só havia pedra e palha, senti que a minha velha capacidade de

contar histórias voltara a ganhar vida. Senti que estava novamente reunida com uma velha amiga, muito amada e há tanto tempo perdida.

Capítulo Treze

Paris, julho de 1942

Nos dias que se seguiram, uma nova etapa foi adicionada à rotina diária de Drancy e à minha tristemente infrutífera busca pelo Solly; todas as tardes e serões, as mulheres do nosso dormitório reuniam-se à volta do meu beliche e eu escolhia uma para fazer as perguntas e definir o seu carácter, de forma a inventar uma história sobre ela. Depressa percebi que estas perguntas eram a oportunidade perfeita para as minhas companheiras recordarem quem tinham sido fora deste lugar, acrescentando à lista outras questões, como: “Qual é o seu maior sonho? O que lhe desperta curiosidade?”

Inicialmente, algumas das mulheres mostraram-se reticentes. O medo parecia sufocar os seus sonhos e espírito curioso, mas nestas ocasiões, a minha recém-encontrada assistente Danielle vinha em meu auxílio, incentivando-as gentilmente ou oferecendo uma resposta às minhas perguntas. A seguir, eu tecia uma história a partir daquilo que me contavam, uma história que tornava cada uma dessas mulheres numa heroína com a mesma fibra da Aurélie – com uma abundância de talento, força e inteligência.

Antes de começar uma história, sentia sempre medo de que a inspiração me tivesse abandonado quando mais precisava dela, mas confiava no processo. E, à semelhança do que acontecia quando me sentava para escrever sobre a Aurélie, parecia que as histórias já existiam e eu era um simples meio de as transmitir ao mundo. Achava que eram uma distração muito bem-vinda para tudo o que se passava em redor. Com cada vez mais pessoas a chegarem a Drancy depois das grandes buscas, duas perguntas ecoavam por todo o pátio: *Quando vão transferir alguns de nós? E para onde?*

Não faltavam rumores acerca dos locais para onde os anteriores prisioneiros de Drancy teriam sido levados. Algumas pessoas, normalmente as mais idosas, gostavam de dizer que o Terceiro Reich criara uma terra para os judeus algures na Europa de Leste. Eu, pelo contrário, não acreditava nem um pouco nesta hipótese. Hitler e os seus nazis deixavam bem claro o que pensavam de nós; não havia a

menor possibilidade de se darem ao trabalho de criar um espaço para nós. Outro rumor era o de que seríamos enviados para campos de trabalhos forçados. Sentia-me muito mais inclinada a acreditar nesta possibilidade. O terceiro rumor, que tentava a todo o custo bloquear no meu pensamento, era o de que nos enviariam para uma morte certa. Embora tivesse a certeza de que os alemães não teriam o menor problema em matar-nos a todos, não conseguia entender como era logisticamente possível. Como conseguiriam matar tantos de nós ao mesmo tempo?

Foi então que, numa manhã de final de julho, o nosso pior medo se tornou realidade. Quando fizeram a chamada, disseram-nos que alguns de nós seriam “realojados”. Um silêncio atordoado recaiu sobre o pátio, interrompido apenas pela gargalhada de uma criança algures no exterior do campo, o som a deslizar até nós através do ar quente e estagnado. Era uma lembrança dolorosa que, do outro lado do arame farpado, a vida continuava com a normalidade de sempre. Senti a Danielle a estremecer ao meu lado e entrelacei instintivamente os meus dedos nos dela. Ela reagiu apertando-me a mão.

Ouvi atordoada enquanto centenas de nomes eram chamados, esperando, questionando-me se ouviria o meu próprio nome, sentindo todos os músculos do meu corpo tensos. Até que o ouvi: *Claudette Weil*. A Danielle apertou ainda mais a minha mão. A seguir, chamaram o nome dela e o da Marguerite. Pelo menos continuaríamos juntas. Não que isto me trouxesse muito alívio. Preferia mil vezes que elas ficassem em França, já que aqui estariam certamente mais seguras.

O resto da chamada continuou no meio de uma espécie de neblina. Aquelas que foram chamadas para o realojamento tinham de ir buscar as suas coisas e depois ir para uma zona fechada junto ao arame farpado.

De regresso ao dormitório, não havia a tagarelice matinal do costume. Todas estávamos pálidas, mesmo as que não tinham sido escolhidas, porque sabíamos que, provavelmente, não era uma questão de *se*, mas de *quando* seriam todas deportadas, e que ficar aqui era apenas mais uma forma de prolongar a agonia.

Olhei para a Danielle, preocupada com a possibilidade de que este último desenvolvimento a fizesse regressar a um estado lamentoso,

mas ela devolveu-me o olhar com uma expressão estoica, mordendo o lábio inferior.

– Estás bem? – murmurei.

Ela assentiu. A seguir, abanou a cabeça.

– Estou assustada – murmurou de volta.

– Não há qualquer problema em sentires-te assustada, desde que não te esqueças de que és a Danielle *Très Belle*, com uma abundância de talento, força e inteligência.

– Não vou esquecer – respondeu com firmeza, e dei-lhe um abraço.

A Marguerite, que estava a guardar as suas escassas posses numa mala, pegou-me na mão.

– Nós as três temos de ficar juntas – disse.

– Sim. Como os Três Mosqueteiros – respondi.

– Desde que eu possa ser o D’Artagnan – disse a Danielle.

– Claro que podes – repliquei, satisfeita em ceder-lhe o cobiçado papel do herói de capa e espada, só para a deixar feliz.

Despedimo-nos das mulheres que ficariam para trás. Eu tentava não pensar no Tomasz desde nosso encontro no pátio, mas não pude deixar de me perguntar se ele estaria a salvo por ser o brinquedo dos guardas. Se fosse esse o caso, pelo menos o nosso caminho não voltaria a cruzar-se, pensei amargamente.

Uma vez no exterior, fomos conduzidas até à zona vedada, com os guardas a rosnarem ordens, primeiro para nos mexermos mais depressa, depois para ficarmos paradas. Um conjunto cinzento de soldados alemães supervisionava toda a operação, observando-nos a uma certa distância. Sentia-me enojada ao ver os guardas franceses a empurrarem-nos com os cabos das espingardas, claramente a exibirem-se perante os seus senhores nazis, como se quisessem dizer: *Estão a ver? Conseguimos ser tão odiosos como vocês.*

Olhei em redor para os meus companheiros de deportação. Algumas das pessoas mais idosas tinham claramente vestido as suas melhores roupas. Fatos largos para os homens, que agora eram bastante mais magros, chapéus e vestidos mais elegantes, embora amarrotados, para as senhoras. Algumas tinham até feito o esforço de aplicar um pouco de batom. Questionei-me se a velhice deixava as pessoas naturalmente mais otimistas, ou talvez fossem apenas

incapazes de acreditar que o mundo se tornara num lugar tão horrível. Continuava a não ver sinais do Solly, e esperei com todas as fibras do meu ser que ele não tivesse sido chamado.

Estacionados na estrada em frente ao campo, vi uma fileira de autocarros antigos e camiões do exército com as capotas em tom verde acinzentado camufladas. Portanto, era assim que sairíamos deste local. Olhei para cima, para o guarda que estava na torre de vigia mais próxima, e senti-me novamente atingida pelo pesadelo que estava a testemunhar. Como podiam as pessoas de Drancy continuar a caminhar simplesmente enquanto passavam por este espetáculo medonho? Como podiam tolerar o que estava a acontecer mesmo à porta da sua casa? Odiavam-nos assim tanto? Ou eram apenas cobardes? Talvez fosse uma mistura de ambos.

O meu sangue estava a começar a ferver perante toda esta injustiça quando vi algo que fez trespassar uma pontada de esperança pelo meu corpo. Alguns metros à minha frente estava um senhor idoso, apoiado numa bengala, de costas para mim. A curva dos ombros era-me familiar, mas seria...? Poderia ser...?

Abri um caminho por entre a multidão.

– Solly?

O homem não se mexeu.

– Solly? – chamei novamente, desta feita mais alto, e vi-o a sobressaltar-se. Quando se virou lentamente para olhar para mim, vi a longa barba branca e soltei um grito de alegria. – Solly!

– Etty! – disse ele, a voz a vacilar. – Etty, oh, minha querida.

Um segundo depois, estava a dar-lhe um abraço apertado. A seguir, estendi os braços e segurei-o à minha frente, observando-lhe o rosto. Felizmente, não me parecia muito mais frágil do que da última vez que o vira.

– Estou tão feliz e tão triste por a ver aqui! – exclamou ele.

– Igualmente – respondi. – Assim que soube que o tinham levado, comecei a procurar por si. E também vim aqui, antes de ser conduzida à força para cá, isto é. Escrevi-lhe uma carta e tudo.

– Oh, sim, recebi a sua carta. – Ele sorriu. – E tive de dar muitas explicações por causa disso.

– Como assim? – perguntei, alarmada por lhe ter causado

problemas.

– A respeito do meu passado como tratador de leões.

– Oh! – Soltei uma gargalhada. Com tudo o que acontecera desde esse dia, até já me esquecera da minha tentativa criativa de chamar a atenção do guarda.

A Marguerite e a Danielle aproximaram-se de nós e apresentei-lhes o Solly. Quem me dera ter podido fazê-lo noutras circunstâncias menos difíceis. Adorava a ideia de elas irem conhecendo e adorando o Solly, tal como acontecera comigo. Sobretudo a Danielle, que certamente beneficiaria daquela sabedoria mundana.

– Temos de ficar juntos – disse, entrelaçando o meu braço no do Solly. – Agora que o encontrei, não vou deixar que nos separem novamente.

– Veremos – reagiu ele, naquele jeito enigmático. – Mas, aconteça o que acontecer, será sempre pelo melhor.

Fitei-o, questionando-me como podia sentir-se tão esperançoso numa altura como esta. Como podia alguma coisa nesta situação ser pelo melhor?

– Comecem a andar, seus judeus imundos! – gritou um guarda, claramente a exhibir-se para a galeria onde estavam os alemães.

Concentrei-me em manter o Solly hirto no meio da multidão que se compactou e a Marguerite pôs um braço protetor em redor da Danielle.

Fomos os quatro conduzidos para o mesmo camião, o que me deixou aliviada. Estava tão feliz por ter encontrado o Solly que nem sequer me ralei por irmos tão apinhados, por não haver lugar para nos sentarmos e por não fazer a menor ideia de para onde nos levavam.

– Se precisar, por encostar-se a mim – disse-lhe.

– Obrigado, minha querida.

À medida que o camião avançava aos solavancos pela estrada abaixo, espreitei por uma frincha na lateral e vi uma mulher a caminhar apressada, com um lenço na cabeça e um cesto pendurado no braço. Um rapazito corria ao lado dela, de mão dada. O menino apontou para o camião e disse-lhe qualquer coisa, mas a mulher abanou rapidamente a cabeça e manteve o olhar fixo em frente. Qualquer coisa nesta imagem provocou um arrepio que me chegou aos

ossos. Para os nossos compatriotas parisienses, que viviam com medo dos alemães, não nos tínhamos tornado apenas invisíveis. Para eles, era como se nunca tivéssemos existido.

Alguns minutos depois, alguém começou a cantar o hino nacional, *La Marseillaise*. À medida que cada vez mais vozes se juntavam, senti também uma centelha de esperança. Talvez, se fizéssemos barulho suficiente, os habitantes de Drancy não nos conseguissem ignorar. Talvez conseguíssemos chamá-los à razão.

– Às armas, cidadãos – juntei-me ao coro e cantei a plenos pulmões. – Formai os vossos batalhões! Marchemos, marchemos!

Mas, como é óbvio, nada aconteceu. O camião continuou a andar e as nossas vozes desvaneceram-se. Creio que nunca ouvi um silêncio mais pleno de medo do que aquele que se seguiu a este momento.

Alguns minutos depois, chegámos a Drancy-le-Bourget, uma pequena estação de caminhos de ferro com um único comboio ali parado – um comboio de carga só com vagões para gado.

– De certeza que não nos vão obrigar a viajar ali – disse uma mulher algures atrás de mim, e ouvi alguém a começar a chorar.

Virei-me para observar a Danielle e vi que estava a olhar em frente, com uma expressão de determinação sombria no rosto. Apertei-lhe fugazmente o braço e ela ofereceu-me um sorriso agradecido.

– Para onde acham que nos vão levar? – murmurou a Marguerite.

– Para Pitchipoi – respondeu alguém.

– O que é Pitchipoi? – perguntei. Parecia um lugar mágico, algo saído de um conto de fadas infantil.

– É um nome imaginário inventado pelos judeus polacos – explicou o Solly.

– Um nome imaginário para quê? – insisti, confusa.

– Para o lugar para onde nos levam, seja ele qual for – respondeu ele.

O coração caiu-me aos pés. A palavra Pitchipoi parecia-me demasiado alegre para aquilo que os alemães deviam ter reservado para nós. Talvez fosse mesmo essa a ideia. Arranjar uma palavra reconfortante.

– Temos de nos manter juntos – voltei a dizer, entrelaçando um braço no do Solly e outro no da Danielle.

Uma mulher em avançado estado de gravidez começou a chorar quando foi empurrada para fora do caminhão.

– Cale-se! – gritou-lhe um guarda. Depois, como ela continuou a chorar, ele bateu-lhe no estômago com o cabo da espingarda.

– Não! – bradei, dando um passo em frente, mas o Solly puxou-me para trás. – Mas tenho de fazer alguma coisa – sibilei.

– E ser espancada também? Ou ainda pior? – respondeu ele.

Senti-me a começar a ser sugada para uma espiral de medo, raiva e angústia que se formava dentro de mim, que me puxava cada vez mais em direção a um desespero profundo.

– Lembre-se daquilo que lhe ensinei – murmurou o Solly. – Sobre os ensinamentos do Rabi Pinchas de Koretz. Temos de compensar a falta de amor deles.

Permaneci em silêncio durante um instante.

– Muito bem, mas se um destes brutamontes lhe encostar um dedo, receio não me responsabilizar pelos meus atos.

Ele riu-se e, surpreendendo-me, vi que ficou com os olhos vidrados de lágrimas.

– Estou tão feliz por nos termos reencontrado, Etty. É como uma filha para mim. Ou talvez uma neta seja um parentesco mais preciso, dados os meus muitos anos.

– Não, não! Quero ser sua filha – repliquei rapidamente, também com os olhos marejados. – Obrigada.

Quando todos estávamos fora dos caminhões, os guardas começaram a levar-nos em grupos de cerca de cem pessoas. Felizmente, nós, os quatro mosqueteiros, conseguimos ficar juntos, mas mais ao fundo da plataforma gerou-se uma confusão quando, aparentemente, marido e mulher foram separados.

– Por favor! – implorou a mulher, caindo de joelhos. – Deixe-me viajar com ele.

Mas em vez de ter piedade dela, um dos guardas imitou as suas súplicas, antes de a empurrar com a bota para que se levantasse. Perante a recusa dela, o guarda virou a espingarda para a mulher e ouviu-se um arquejo coletivo na estação.

– Entre no comboio ou mato-a já, sua porca judia! – gritou o guarda.

Tentando pôr o conselho do Solly em prática, desviei os olhos e olhei para a Danielle, cujo lábio inferior estremecia.

– Uma abundância de talento, força e inteligência – murmurei, e ela assentiu.

Felizmente, a mulher fez o que o guarda ordenou, mas um silêncio terrível abateu-se sobre a plataforma, enquanto todos pensávamos no que podia ter acontecido e ainda podia acontecer a qualquer um de nós.

Cada um de nós recebeu um pedaço de pão seco e cinzento, e depois cada grupo foi atirado para um dos vagões de gado. Enquanto nos perfilávamos para subir, a Marguerite segurou-me na mão.

– Se me acontecer alguma coisa – disse calmamente ao meu ouvido –, por favor, tome conta da Danielle.

– Não lhe vai acontecer nada – tentei tranquilizá-la, com mais assertividade do que aquela que sentia. – Não enquanto eu estiver por perto e, além disso, você é a Marguerite, a Magnífica – acrescentei, recordando-a da história que criara para ela quando estávamos em Drancy.

A Marguerite ofereceu-me um sorriso débil e subimos para o vagão. Depois do sol ofuscante da rua, os meus olhos demoraram um instante até se habituarem à escuridão. O vagão estava tão apinhado como o caminhão que nos trouxera até à estação, se não mais. Apesar de não fazermos ideia de para onde nos levavam, eu sabia que seria para longe de França. Conseguiríamos realmente sobreviver a uma longa viagem nestas condições?

Um guarda atirou um balde para o vagão.

– A vossa latrina – disse com ar desdenhoso.

– Oh, não – murmurou a Danielle.

– Não faz mal. Vai correr tudo bem – repliquei, tanto para ela como para mim.

À medida que os meus olhos se ajustavam, olhei em redor. A única luz vinha de duas janelas minúsculas – uma na parte da frente, do lado direito, outra na parte de trás, do lado esquerdo. Ambas tinha barras de ferro na horizontal.

– Sinto que não consigo respirar – arquejou a Danielle.

Felizmente, nós os quatro ficámos mesmo ao lado da parede direita

do vagão. Vi uma frincha na madeira e mostrei-a à Danielle.

– Continua a olhar lá para fora – pedi-lhe, esperando que a paisagem a fizesse esquecer os horrores do interior do vagão.

– Onde está Deus? – gritou alguém quando a porta se fechou com um estrondo e se ouviu em seguida o som de um ferrolho a ser fechado. – Como pode Ele permitir que isto nos aconteça?

Olhei instintivamente para o Solly.

– Deus não fez isto – murmurou-me ele. – Foram os seres humanos.

Agora que o vagão estava fechado e trancado, o calor do sol do meio-dia começou a tornar-se insuportável.

– Água, precisamos de água! – começaram a gritar algumas pessoas, mas sem qualquer efeito.

Quase me senti aliviada quando o comboio começou a andar. Pelo menos estávamos em movimento e talvez entrasse uma brisa ligeira pelas duas pequenas janelas.

– Creio que preciso de me sentar um pouco – disse o Solly. Ajudei-o a deslizar para o chão com as costas contra a parede e agachei-me ao lado dele. – Oh, Etty, quase me esquecia de lhe contar – continuou ele, com os olhos cintilantes. – Conheci o homem que procurava.

– Que homem? – Olhei para ele sem mostrar qualquer expressão.

– Aquele lutador. O Tomasz. Não se lembra de, quando nos conhecemos, me ter perguntado por ele?

– Oh, sim. – O meu coração partiu-se.

– O que foi? – perguntou o Solly, percebendo claramente a expressão do meu rosto.

– Digamos apenas que já não estou interessada em encontrá-lo.

As sobrancelhas brancas e hirsutas uniram-se numa expressão sombria.

– Porque não?

– Porque é uma pessoa desprezível.

O Solly abanou a cabeça.

– Bem, talvez tenha encontrado o homem errado. Estamos a falar do Tomasz Zolanvari?

– Sim, é ele. Onde o conheceu?

– Em Drancy. E achei que ele era um homem muito bom.

– Um homem muito bom? – Senti uma pontada de ciúme infantil.

Como podia alguém tão sábio como o Solly deixar-se enganar pelo Tomasz? – É óbvio que não sabe do acordo que ele tem com os guardas, pois não? Ele luta para obter privilégios.

– Oh, sei disso, sim. – O Solly assentiu

– E continua a achar que ele é um homem bom? – Fitei-o, incrédula.

– Claro.

– Mas isso não faz dele um egoísta? Não o transforma num traidor para todos nós?

Foi a vez de o Solly ficar com um ar espantado.

– Ele nunca usou esses privilégios em benefício próprio – respondeu-me.

– O que quer dizer com isso?

– Ele usava-os para ajudar as outras pessoas. E usou-os para me salvar.

Capítulo Catorze

França, julho de 1942

– Como assim, usou-os para o salvar? – perguntei, enquanto o vagão de gado oscilava de um lado para o outro.

– Pouco depois de eu chegar a Drancy, ele salvou-me a vida – explicou o Solly. – Desafiei um guarda que estava a bater numa mulher. O guarda pegou na pistola e estava prestes a matar-me quando o Tomasz interferiu.

– Como?

– Disse ao guarda para parar e ele parou. Mais tarde, descobri que o Tomasz era um lutador muito conhecido e que isso lhe conferia uma certa influência. A partir daquele momento, ele acolheu-me sob a sua asa. Os guardas davam-lhe comida extra em troca dos combates que fazia, mas o Tomasz dava sempre a comida a outras pessoas, a mim e a mais alguns cavalheiros idosos do nosso dormitório.

Baixei o olhar para o meu colo, o calor e o movimento oscilante do vagão estavam a deixar-me enjoada.

– Não sabia disso – murmurei. – Quando descobri que ele tinha certos privilégios, perdi completamente a cabeça. E disse-lhe coisas horríveis.

– Oh, minha querida. – O Solly abanou a cabeça. – Ele ficou tão feliz quando descobriu que eu a conhecia. Fez-me tantas perguntas a seu respeito, Etty.

Franzi o sobrolho. Se o Tomasz estava tão interessado em saber de mim, por que razão agira tão horrivelmente quando nos beijáramos? Não fazia o menor sentido.

– Aposto que ele não lhe contou que já matou uma pessoa – disse sem pensar. Sabia que era rude da minha parte estar a abordar este tema, mas não consegui evitar, sentia-me zangada e confusa.

O Solly ficou com uma expressão de choque.

– Não, não me contou.

– Pois bem, mas matou. – O meu rosto ficou corado. – Só não queria que ficasse a pensar que ele é uma espécie de herói perfeito, mais nada – acrescentei, tentando soar menos petulante.

– E quem é? – O Solly ofereceu-me um sorriso triste. – Nunca nada nem ninguém é tão linear assim. É como a história do camponês e dos cavalos.

– Que história? – perguntei, ansiosa pela oportunidade de me evadir num dos sábios contos do Solly. Do outro lado do vagão, irrompera uma discussão porque alguém estava a ocupar demasiado espaço. Puxei as saias da Marguerite e da Danielle, fazendo-lhes sinal para que se sentassem connosco. – O Solly vai contar uma das suas histórias – disse-lhes, assim que se agacharam ao nosso lado, com os joelhos encostados ao peito.

– São tão boas como as suas? – perguntou a Marguerite.

– Muito melhores – respondi. – Muito mais sábias.

– Oh, quanto a isso não sei. – O Solly sorriu com timidez e clareou a voz. – Era uma vez um camponês que só tinha um cavalo, mas depois, certo dia, o cavalo fugiu. “Mas que má notícia”, comentou o vizinho do camponês, quando soube do sucedido. “Boa notícia, má notícia, quem sabe dizer?”, respondeu-lhe o camponês.

– É exatamente o tipo de resposta que o Solly lhe daria! – exclamei para o meu amigo.

Ele sorriu.

– Muito obrigado. De qualquer maneira, no dia seguinte, o cavalo do camponês voltou para casa e trazia consigo um bonito garanhão selvagem. “Agora tem dois cavalos, que boa notícia!”, exclamou o vizinho. “Boa notícia, má notícia, quem sabe dizer?”, respondeu-lhe o camponês. Pouco depois, o filho do camponês andava a tentar domar o cavalo selvagem quando este atirou o rapaz ao chão, partindo-lhe uma perna. “Mas que má notícia”, comentou o vizinho, assim que soube do sucedido.

– Não me diga – interrompi –, o camponês respondeu: “Boa notícia, má notícia, quem sabe dizer?”

– Chega a ser sinistro, como descobriu? – brincou o Solly, fazendo o rosto da Danielle iluminar-se com um sorriso. – Mas depois rebentou uma guerra – continuou ele –, e como o filho do camponês tinha a perna partida, conseguiu fugir à recruta.

– Foi uma sorte – comentou a Danielle.

– Boa sorte, má sorte, quem sabe dizer? – replicámos eu e o Solly

em uníssono, e rimo-nos os quatro.

– Por isso, já estão a ver – prosseguiu o Solly –, nunca podemos saber como alguma coisa, ou alguém – olhou para mim de forma expressiva –, é de verdade. Podia pensar que era uma péssima notícia ter sido transferido de Drancy. Mas quando estava na fila, reencontrei a minha adorada Etty, e agora tenho três mulheres maravilhosas a ouvir a minha história, por isso diria que a minha transferência foi, na verdade, uma excelente notícia.

Os meus olhos encheram-se de lágrimas absolutamente inesperadas.

– Oh, Solly, gosto tanto de si – murmurei, encostando-me a ele.

Ele segurou-me na mão.

– E eu de si, minha querida.

Enquanto a nossa viagem prosseguia, apoiei-me cada vez mais na história do Solly. À medida que o calor aumentava, o mesmo acontecia com o fedor que saía do balde que nos servia de latrina e diminuía o som das conversas no vagão. *Boa notícia, má notícia, quem sabe dizer?* Repeti esta frase vezes sem conta dentro da minha cabeça, acompanhando o ruído das rodas sobre os carris. *Mas como pode esta situação originar alguma coisa de positivo?*, perguntou a minha voz interior, que continuava a ter dúvidas.

De vez em quando, levantava-me para conseguir esticar as pernas, aliviar as câibras e espreitar por entre as barras da janela, para a nesga de céu azul que se via do lado de lá. Pensei no que o Solly me contara a respeito do Tomasz. Não alterava o facto de ele ter sido rude comigo, de me ter magoado quando nos beijámos, mas estava profundamente arrependida do que lhe dissera em Drancy. Se pelo menos não tivesse ido à procura dele no Pletzl. Se tivesse guardado apenas o nosso primeiro encontro, ele seria eternamente uma boa recordação, algo que podia guardar com carinho. Agora, qualquer recordação que tivesse dele viria sempre acompanhada de uma certa amargura.

Por que razão estás a pensar nele agora?, ralhei comigo mesma. *Tens assuntos bem mais importantes em mãos. Por exemplo, seremos capazes de sobreviver a esta viagem?* Há horas que não bebíamos absolutamente

nada e eu continuava a fantasiar com regatos de águas cristalinas e quedas de água deslumbrantes. A única coisa boa nesta desidratação que me assolava era a ausência de vontade de ir à casa de banho. Não que o conseguisse fazer. O balde estava agora cheio e o conteúdo transbordava a cada solavanco do vagão.

– Estou a sentir-me enjoada – murmurou a Danielle, certamente a verbalizar o pensamento de todos nós. O fedor a suor, excrementos e urina estava a tornar-se avassalador. Quase em simultâneo com as palavras da Danielle, ouvi alguém a vomitar do outro lado do vagão, provocando um arquejo de horror coletivo.

– Vomitou no meu vestido! – choramingou uma senhora, o que deu origem a mais uma discussão. Era interessante ver como a nossa camaradagem sucumbia rapidamente sob circunstâncias tão difíceis. Interessante e deprimente.

– Acham que eles nos vão matar? – perguntou uma senhora mais velha.

– *Ribono shel olom, ribono shel olom...* – começou a rezar um homem com uma barba escura comprida, elevando os braços aos céus como se estivesse a tentar puxar Deus lá de cima para nos vir salvar.

Boa notícia, má notícia, quem sabe dizer?, repeti mais uma vez em silêncio.

Por fim, o entardecer começou a cair sobre a terra, o que trouxe um muito bem-vindo alívio da temperatura. O silêncio também se instalou no vagão, com as pessoas vencidas pelo cansaço. Mordisquei o que restava do meu pedaço de pão, mas só me deixou a boca ainda mais seca. A seguir, o comboio começou a abrandar.

– Estamos a parar? – perguntou alguém.

– Já chegámos à Alemanha? – questionou outra pessoa.

O comboio parou e ouvi o som de vozes masculinas alemãs na rua. Esperámos e esperámos, mas nada aconteceu. As pessoas começaram a clamar por água. Depois, ouvi um grito vindo do vagão a seguir ao nosso e uma mulher a dizer:

– Ela está morta! – Quem morrera?

A Marguerite, a Danielle e eu entreolhámo-nos com ansiedade, e todas olhámos para o Solly, como se ele pudesse ter alguma resposta para nos dar ou, pelo menos, uma palavra de consolo. Mas ele limitou-

se a fechar os olhos. Na escuridão que se adensava, a pele dele tinha um tom ceroso e por um terrível instante pensei que também ele tinha morrido. Ocorreu-me então uma ideia hedionda. E se não existissem campos de trabalhos forçados? E se nos tivessem trazido para estes vagões de gado para ficarmos aqui fechados até morrermos de fome?

Não seas tão ridícula!, admoestei-me. *Como iriam eles conseguir desfazer-se de tantos corpos?*

Depois do que me pareceu uma eternidade, ouvimos o som do ferrolho a deslizar e as portas abriram-se.

– Oh, graças a Deus – disse um senhor algures do meio da penumbra.

– Precisamos de água – arquejou alguém.

Um guarda gritou-nos qualquer coisa em alemão. Não percebi o que estava a dizer, mas pelo tom agressivo, entendi que não seria nada de bom. No entanto, para meu alívio, deixaram-nos sair do vagão, a maior parte de nós a gemer de dor e a esfregar braços e pernas depois de termos permanecido apinhados durante tanto tempo. O pobre Solly precisou que eu e a Marguerite o ajudássemos a levantar-se.

Olhei em redor. Estávamos numa estação minúscula com duas plataformas, no que parecia ser o meio de nada. Um dos soldados alemães pousou bruscamente um balde de água no chão e distribuiu um par de copos de alumínio. Quando as pessoas começaram a precipitar-se para os copos, ele desatou a rir. Senti um ódio tão denso e escuro como alcatrão a inundar todos os recantos da minha mente.

Coloquei um braço em redor do Solly para o proteger da confusão até chegar a nossa vez de beber. Já praticamente não havia água, mas ainda consegui encher meio copo, que lhe entreguei. Ele bebeu um gole e devolveu-me o copo.

– Beba mais um bocadinho – insisti.

– Não, beba a Etty. Eu estou bem. – Mas não me parecia nada bem. O aspeto dele era o de uma planta que fora deixada demasiado tempo ao sol e começara a murchar.

Felizmente, outro soldado chegou com mais um balde de água e cada um de nós pôde beber um copo cheio, mas o facto de ele estar tão disposto a sacrificar a sua água por mim deixou-me profundamente comovida. Mesmo no meio desta escuridão tremenda,

o Solly conseguira libertar mais uma centelha de bondade e amor. Era inspirador para mim e jurei esforçar-me mais por não deixar que o ódio tomasse conta de mim.

Pouco tempo depois, estávamos a ser conduzidos de regresso ao nosso vagão. Depois de respirar o ar puro e fresco da noite, o fedor do vomitado e dos excrementos era ainda mais insuportável, e tive de lutar contra a vontade de vomitar. Por sorte, o meu grupo de quatro mosqueteiros conseguiu regressar para o relativo conforto da frente do vagão, ainda mais perto da janela. Enquanto assumíamos as nossas posições, a Danielle voltou-se para mim com os olhos arregalados de desespero.

– Quanto tempo acha que esta viagem vai durar? – perguntou-me.

– Não sei – respondi, procurando-lhe a mão e apertando-a. – Mas vamos ficar bem. Temo-nos uns aos outros.

Atrás de mim, uma senhora idosa lamentou-se.

– As minhas pernas estão tão cansadas, sinto o joelho dorido – soluçou.

– Por favor, fique com o meu lugar – disse, oferecendo-lhe o lugar ao lado do Solly, encostado à parede. Ocorreu-me então que mesmo no meio deste caos, talvez conseguíssemos encontrar uma forma de nos entreatudarmos. – Porque não damos os lugares encostados às paredes aos mais idosos, para se poderem sentar? – sugeri.

Estava quase à espera de ouvir alguns gemidos de desacordo, ou então apenas silêncio, mas, surpreendendo-me, surgiram murmúrios de concordância, e de forma lenta, porém, ordeira, fomos mudando de posição até atingirmos uma espécie de ordem, com os mais velhos e doentes sentados e encostados às paredes e os mais novos de pé, no meio. Consegui arranjar um lugar de onde conseguia ver o Solly, e o olhar de orgulho que ele me dirigiu ajudou-me a ignorar as pernas doridas.

Depois de o comboio recomeçar a sua marcha, um homem sugeriu que os mais jovens se sentassem à vez, pois havia espaço para metade de nós se sentarem enquanto a outra metade ficava de pé. Assim, desenvolveu-se um sistema de turnos: duas horas sentados, duas horas de pé, período este aumentado para três horas durante a noite. À medida que o comboio avançava ruidosamente, senti-me reconfortada

com a ideia de, apesar de tudo, termos encontrado uma forma de manter a nossa dignidade e de cuidarmos uns dos outros.

Infelizmente, quando a viagem já decorria há dois dias, os ânimos começaram a exaltar-se. Ganhámos um balde extra para a nossa latrina, mas em breve já ambos iam cheios e a transbordar. A pobre Danielle, que ia de pé ao meu lado, aguentara durante tanto tempo que acabou por fazer chichi pelas pernas abaixo.

– Não faz mal, é só urina – murmurei, tentando consolá-la, mas percebi que o seu estado de espírito estava perto do ponto de rutura e fiquei preocupada. Acabei por lhe contar uma história mirabolante a respeito do nosso destino, Pitchipoi, uma terra cheia de castelos, unicórnios e dragões, onde a protagonista era uma princesa guerreira chamada *Danielle Courageuse*. Felizmente, consegui mantê-la distraída. Só esperava não estar a proporcionar-lhe uma falsa sensação de segurança. Tinha em mim a terrível sensação de que, na verdade, Pitchipoi não teria mais nada a não ser monstros.

No fim, a nossa viagem durou três dias e três noites. Não fizemos mais paragens para beber água nem recebemos mais comida. No final do segundo dia, comecei a acreditar que o comboio ia continuar a andar até que todos os que nele seguiam morressem. Quando finalmente parou, a guinchar e de forma tão brusca que quem estava de pé foi sacudido para a frente, todos nos sentíamos envoltos num torpor atordoad, estávamos severamente desidratados e fracos de fome.

– Já estamos em Pitchipoi? – perguntou a Danielle, com a voz a quebrar.

– Não sei – respondi, sem querer dar-lhe demasiada esperança.

– Espero que sim – murmurou a Marguerite.

Virei-me para ver o rosto dela iluminado por um raio de sol que entrava pelas barras da pequena janela. Estava tão pálida e abatida que era como olhar para um fantasma.

O Solly estava sentado com os olhos fechados, a murmurar orações.

Um homem que estava ao nosso lado espreitou por uma frincha da lateral do vagão.

– Mas que lugar é este? – arquejou.

Ouvi um cão a ladrar e o meu estômago contorceu-se. Todos nos sobressaltámos quando algo bateu na parede lateral do nosso vagão; era como se alguém tivesse a bater-lhe com um bastão de metal. O ferrolho deslizou e as portas abriram-se de par em par, deixando entrar a luz brilhante do sol. Pestanejei com dificuldade, tentando habituar os olhos à luz depois de tantas horas na penumbra. À medida que a minha visão ficava mais nítida, vi um soldado alemão com o uniforme negro das SS a dar um passo atrás e a levar a mão à boca, sem dúvida surpreendido com o fedor que acabara de libertar. Outro guarda, que segurava a trela de um cão a rosnar, gritou-nos em alemão. Mais uma vez, não percebi o que ele dizia, mas era evidente que queriam que saíssemos do vagão. De mãos dadas com a Danielle e a Marguerite, fomos até junto do Solly.

– Sente-se bem? – perguntei, enquanto o ajudava a levantar.

– Sim, minha querida, estou ótimo. – Sorriu-me. Mas quando viu o nosso comité de boas-vindas irritado e a rosnar, o sorriso desvaneceu-se. – Então, é isto Pitchipoi.

– Temos de ficar juntos. Não nos podemos separar – disse-lhes, a minha voz a tremer enquanto tentava lutar contra a crescente onda de pânico que me invadira.

– Etty, nós estaremos sempre juntos. – O Solly levantou a mão retorcida das artroses até ao peito. – É o que faz o amor. Une as pessoas, até mesmo na morte.

– Não diga isso – exclamei, mas ele continuou a sorrir daquela forma calma e conhecedora que lhe era tão característica.

– O amor não se mede com um relógio, Etty, mede-se pelo espaço que ocupa no coração. Nunca se esqueça disto.

Estava demasiado atordoada para pensar muito nestas palavras.

Fomos avançando lentamente para a porta, as pernas rígidas, os olhos ofuscados pelo sol brilhante. Esperara que o comboio parasse numa estação de caminhos de ferro, mas a verdade é que estávamos numa linha única no meio do nada.

– Chegaram ao vosso destino, o *Arbeitslager* Auschwitz – disse um dos guardas através de um megafone; falava francês, mas com pronúncia alemã. – Deixem toda a vossa bagagem nos vagões, mais

tarde ser-vos-á entregue no campo.

– Mas e se não as recebermos? – murmurou a Danielle, enquanto a Marguerite puxava a mala de ambas para baixo. – As minhas roupas estão todas aqui. E preciso de mudar de roupa. – Olhou para a mancha de urina seca no vestido.

– De certeza que as vamos receber – respondeu a mãe. – Afinal, eles não vão querer ter o trabalho de nos vestir, pois não?

A filha assentiu.

– Tem alguma coisa de valor que consiga guardar no bolso? – perguntei ao Solly, quando ele pousou a mala.

Ele abanou a cabeça.

– A única coisa de valor que tenho é a Etty.

Era uma coisa tão bonita de se dizer, e tão boa de ouvir, que imaginei outra centelha de amor a libertar-se e a subir em espiral no ar, mesmo no meio dos dois.

– Obrigada. Digo-lhe o mesmo a si – murmurei em resposta.

– Formem filas de cinco! – gritou o guarda do megafone, enquanto saíamos aos tropeções do comboio.

Suspirei de alívio. Felizmente, os quatro mosqueteiros podiam ficar juntos.

– Homens do lado direito, mulheres do lado esquerdo – continuou o guarda.

Agarrei com mais força na mão frágil do Solly, incapaz de suportar a ideia de nos separarem e de ele ficar sozinho neste lugar.

Um homem com o que parecia ser um pijama às riscas azuis e brancas e um chapéu a condizer abriu caminho por entre a multidão, entrando no vagão de onde acabáramos de sair. Quem era? E por que razão ia vestido com um pijama sujo? Começou a atirar as malas para fora do vagão. A Marguerite estremeceu quando a sua embateu no chão.

– Homens do lado direito, mulheres do lado esquerdo, em filas de cinco! – repetiu o guarda.

Outro homem de pijama às riscas apareceu e gritou qualquer coisa em alemão para o Solly. Reparei que tinha um triângulo verde cosido na frente da camisa e por cima um número impresso numa tira de tecido branco.

– Pare com isso! – gritei, quando o homem tentou empurrar o Solly para o lado direito.

– Chiu – murmurou-me o Solly. – Não faz mal. Não se esqueça, estamos juntos aqui. – Bateu com a mão no peito.

Assenti, mas à medida que se afastava a arrastar os pés para se juntar aos outros homens, tive de morder o lábio para não voltar a gritar.

Apareceram mais guardas, que traziam pela mão cães que rosnavam, ladravam e puxavam as trelas. Para onde nos tinham trazido? Que lugar era este? Olhei em redor, mas era difícil dizer, pois a única coisa que conseguia ver eram hordas de pessoas atordoadas a tentar organizar-se em fileiras.

Eu e a Marguerite ficámos cada uma de um lado da Danielle, que tinha agora um ar de quem estava prestes a desmaiar. A mulher com o joelho dorido que se sentara ao lado do Solly juntou-se a nós, assim como uma mulher mais nova, grávida, que não tinha visto antes. Ofereceu-me um sorriso assustado e estremeci perante a ideia de estar grávida num local como este.

Um jovem com o mesmo pijama dos outros, mas sujo com terra, passou por nós, mas depois parou e deu um passo atrás.

– Quantos anos tens? – perguntou num sussurro à Danielle, em francês.

– Catorze – respondeu ela.

– Se alguém te perguntar, diz que tens dezoito – murmurou ele, antes de se juntar aos companheiros, que estavam a tirar as malas do comboio.

– Porque haveria de dizer que tenho dezoito anos? – questionou ela.

– Não sei, mas acho que é melhor fazeres o que ele te disse – respondi. – Parecia estar a tentar ajudar.

– Está bem – respondeu a Danielle, embora não parecesse muito convencida.

Começámos a avançar lentamente, seguindo as instruções dos nossos captores. Espreitei para a frente das filas e vi uma linha de guardas, homens e mulheres, a encaminhar as pessoas ora para a esquerda, ora para a direita. Pelo que conseguia perceber, as mulheres

e crianças iam quase todas para a esquerda, onde uma fila de camiões aguardava, e os homens iam para a direita. Presumi que nos levavam para acomodações separadas. Mas quando o Solly chegou à frente da sua fila, pouco antes de nós, um dos guardas puxou-o e mandou-o ir para o lado esquerdo, com as mulheres. Afinal, talvez conseguíssemos ficar juntos. Só que depois vi um par de mulheres mais jovens serem enviadas para a esquerda, para junto dos homens.

Assim que chegámos à frente, tentei manter a cabeça erguida durante o escrutínio dos guardas, apesar de estar plenamente consciente de que tinha um péssimo aspeto e, provavelmente, fedia. Mas recordei a mim mesma que, aqui, os animais eram os guardas, não nós.

Uma guarda feminina aproximou-se e olhou para um lado e para o outro da nossa fila.

– Quantos anos tens? – perguntou à Danielle.

Sustive a respiração. O que iria ela responder, e iria a resposta originar a nossa separação?

– De-dezoito – balbuciou a Danielle.

A guarda franziu o sobrolho por um instante, como se não acreditasse nela.

– Ela nasceu em junho de 1925 – interveio a Marguerite.

– E quem é você? – interrogou a guarda, olhando para ela de alto a baixo.

– Sou a mãe – respondeu a Marguerite, num tom ansioso.

– Muito bem. Você, para a esquerda. – A guarda gesticulou para a Marguerite, antes de virar o olhar gélido para a Danielle. – Tu, para a direita.

– Para a direita – ordenou-me a guarda. – E vocês duas, para a esquerda – disse para a mulher grávida e a senhora mais velha.

– Não – bradou a Danielle. – Quero ir com a minha *maman*.

– Está tudo bem – disse-lhe eu, entrelaçando o meu braço no dela. – Tenho a certeza de que em breve voltaremos a estar juntas. – Sorri de forma encorajadora para a Marguerite. – Está tudo bem. Eu cuido dela até voltarmos a estar juntas.

– Obrigada – replicou a Marguerite, antes de se dirigir para o lado esquerdo. Pelo menos ia poder cuidar do Solly. Imaginei-o a dizer: *Boa*

notícia, má notícia!

– Mas não quero deixar a *maman*. – O lábio inferior da Danielle começou a estremecer.

– Para a direita! – rosnou a guarda, empurrando a Danielle com o bastão.

– Chiu – murmurei. – Temos de fazer o que eles dizem. Vai correr tudo bem. Eles só vão levar os mais velhos e frágeis naqueles camiões, mais nada. – Sabia que devia sentir-me reconfortada por estar a cuidar deles, mas não conseguia deixar de sentir um medo interior por termos sido separados.

Olhei para o lado esquerdo, desesperada por um vislumbre do Solly, e vi o seu vulto curvado a avançar lentamente em direção aos camiões. *Por favor, vire-se para mim*, incitei silenciosamente. *Por favor*. Precisava de voltar a ver aquele sorriso reconfortante.

Como se conseguisse ouvir os meus pensamentos, ele olhou por cima do ombro e sorriu-me.

Vais voltar a vê-lo, disse para mim mesma, enquanto dois guardas o levantavam para a traseira do camião. *Claro que vais voltar a vê-lo*. Mas, apesar do calor opressor que se fazia sentir, senti-me trespassada por um arrepio gelado.

Capítulo Quinze

Auschwitz, agosto de 1942

Nós que tínhamos sido encaminhados para a direita começámos a marchar meio aos tropeções durante o que me pareceu uma eternidade, até que, finalmente, uma estrutura baixa e comprida de tijolo vermelho apareceu à nossa frente. À medida que nos aproximávamos do portão da entrada, vi no cimo uma inscrição feita com letras em ferro forjado – *Arbeit Macht Frei*. Claro que naquela altura não sabia o significado daquelas palavras. Se soubesse, teria ficado surpreendida pela ironia amarga de semelhante proclamação. “O trabalho liberta”, rodeada de torres de vigia com guardas armados e vedações de arame farpado que se estendiam por quilómetros.

– Que lugar é este? – murmurou a Danielle, enquanto nos aproximávamos do portão.

Ouvi então o som de música clássica e tive a mais estranhas das visões. Uma banda, com os membros vestidos com os andrajosos pijamas às riscas, estava disposta num semicírculo a tocar uma melodia animadora enquanto marchávamos na sua direção. A presença de mais guardas das SS, que nos fitavam com expressões sombrias, revelou-me que a música não devia ser encarada como um caloroso sinal de boas-vindas. O ar encontrava-se inundado de um cheiro horrível, ainda pior do que o fedor do comboio, e à medida que nos aproximávamos do edifício, o odor intensificava-se. Era impossível dizer de onde vinha, o que o provocava.

– Antes de mais, vão tomar um duche – disse um dos guardas em francês, enquanto atravessávamos o portão.

A Danielle e eu trocámos um sorriso aliviado. A ideia de poder lavar do corpo o *stress* e o fedor dos últimos três dias era profundamente bem-vinda e fez com que as minhas pernas cansadas continuassem a caminhar em frente. Passámos por filas de edifícios compridos e baixos, e fomos conduzidos para um grande pátio quadrado, onde nos ordenaram, mais uma vez, que nos organizássemos em filas de cinco. A Danielle segurou na minha mão com tanta força que sentia as unhas dela cravadas na palma. Outro

homem de pijama, com uma estrela verde cosida no peito e uma braçadeira a dizer *Kapo*, passou por nós e separou-nos as mãos com um bastão.

– Ai! – queixou-se a Danielle.

O homem gritou-lhe qualquer coisa em alemão e a seguir apontou para uma grande chaminé que pairava sobre os edifícios ao nosso lado. Um fumo espesso saía disparado para o ar. Ouvi alguém a arquejar atrás de mim e questionei-me o que teria dito o homem para provocar esta reação. Uma coisa estava a tornar-se instantaneamente evidente: se queria sobreviver neste lugar, precisava de aprender algumas palavras de alemão.

Um dos guardas das SS aproximou-se e dirigiu-se a todos nós, novamente em alemão. Depois, homens e mulheres foram levados para edifícios distintos.

– Devemos ir agora tomar duche – murmurei para a Danielle, na esperança de a animar. Sentia a boca tão seca que a única coisa que desejava era abri-la por baixo do chuveiro e beber tudo o que fosse capaz. Mas assim que entrei no edifício, o coração caiu-me aos pés. Uma guarda estava a brandir um chicote e a gritar para as mulheres que já estavam ali dentro enquanto estas começavam a tirar as roupas.

– Onde estão os chuveiros? – perguntou a Danielle, olhando freneticamente em redor. – Por que razão estão todas a tirar a roupa?

– Acho que temos de nos despir primeiro – respondi.

– Mas...

– Temos de o fazer – disse num tom áspero. Detestava ter de falar com ela desta forma, mas agradava-me ainda menos a expressão da guarda bruta que segurava o chicote na mão.

Atordoadas com o choque, comecei a desabotoar o meu vestido e tirei os sapatos. Com relutância, a Danielle seguiu o meu exemplo. Tinha a esperança de que pudéssemos ficar com a roupa interior, mas outra mulher guarda, desta vez com um pijama às riscas, rasgou a combinação de uma senhora e arrancou-lha do corpo, rindo-se enquanto esta tentava tapar os seios. Alguns guardas masculinos entraram na sala e começaram a gritar connosco e a olhar-nos com desprezo, rindo-se sempre que alguém chorava.

Vestida apenas com a roupa interior, agarrei com força no braço da

Danielle e olhei-a intensamente nos olhos.

– Finge que estás noutro sítio qualquer – sibilei por entre os dentes cerrados. – Faz de conta que estás numa história da Danielle *Très Belle*. Recorre a toda a tua força. – Não sabia o que mais havia de lhe dizer. Ela precisava deveras da mãe numa situação como esta, por isso olhei freneticamente em redor, na esperança de ver a Marguerite, mas não havia sinais dela.

A Danielle despiu a saia e a blusa, as mãos a tremer violentamente. Por que razão insistira com ela para que mentisse a respeito da idade? Se não o tivesse feito, ela continuaria ao lado da mãe. Sorri-lhe de forma encorajadora e despi o meu sutiã. Um dos homens fez um sorriso dengoso e disse-me qualquer coisa, mas fingi que não ouvi. Pensei numa cena que escrevi um dia, em que a Aurélie estava a mudar de roupa nos bastidores de um espetáculo no *Le Moulin Rouge* e um homem atrevido estava escondido atrás de um biombo, a observá-la enquanto ela se despia. A Aurélie manteve a calma e exigiu que ele se despisse também. Ele ficou tão chocado que fugiu do local. Não havia a menor hipótese de esta estratégia funcionar na nossa situação atual, ainda assim podia inspirar-me na coragem da minha heroína. Despi a parte de baixo e fiquei parada, com os braços cruzados sobre o peito. Assenti de forma encorajadora para a Danielle e ela seguiu timidamente o meu exemplo. A ideia de uma rapariga de catorze anos ser obrigada a estar despida em frente a uma sala cheia de estranhos, alguns deles homens, era aberrante, mas ao mesmo tempo sentia a voz do Solly dentro da minha cabeça, a pedir-me que me mantivesse calma.

Fomos empurradas para a parte de trás da sala, onde uma fila de mulheres de cabelos curtos e pijamas nos esperavam de tesouras nas mãos. Ouvi a Danielle a arquejar quando as mulheres começaram a cortar o cabelo das primeiras mulheres da fila.

– Etty, por favor – implorou a Danielle.

– Não te preocupes, o cabelo volta a crescer – murmurei. Foi a única coisa que me ocorreu dizer; sentia a cabeça a começar a rodopiar com a combinação de choque, exaustão e fome.

Uma guarda agarrou-me e empurrou-me para uma das cadeiras. Atrás de mim, uma mulher começou a cortar mãos-cheias de cabelo.

Observei em choque à medida que os meus cabelos escuros e ondulados caíam no chão. Não podia permitir que me quebrassem o espírito, tanto por mim como pela Danielle.

– *Très chic!* – declarei, assim que ela acabou e passei a mão pela minha cabeça áspera.

Algumas mulheres olharam para mim com lágrimas nos olhos e sorrisos tristes, mas a Danielle continuava com uma expressão horrorizada.

Um guarda aproximou-se e obrigou-me a parar, afastando-me as pernas com o bastão. Toda a minha coragem e fanfarronice desapareceu de imediato. O que me iam fazer? Uma mulher com uma lâmina agachou-se à minha frente e começou a remover os meus pelos púbicos, cortando-me a pele. A estremecer, tentei pensar na história que o Solly contara sobre o camponês, mas não havia a menor hipótese de conseguir encontrar alguma “boa notícia” nesta situação. Outra mulher apareceu com um trapo velho que cheirava a petróleo e passou-o pela minha genitália, agora calva. A ideia de a Danielle estar a assistir a tudo isto, enquanto esperava pela sua vez, dava-me a volta ao estômago. Independentemente do que fizesse, eu não podia demonstrar quaisquer sinais de fraqueza. Mas quando me volvei para trás para lhe oferecer um olhar de encorajamento, ela estava em choque, a olhar inexpressivamente para a distância, num evidente estado catatónico.

Depois de sermos tosquiadas, fomos conduzidas para outra sala, onde nos comprimimos instintivamente contra as paredes, tão nuas e desprovidas de cabelos como os manequins de uma loja. Tudo o que restava dos bonitos caracóis acobreados da Danielle eram meia dúzia de tufo cor de ferrugem que lhe salpicavam o escalpe. Tentei desesperadamente pensar em qualquer coisa animadora para lhe dizer, rezando para que a minha boa amiga Aurélie me inspirasse.

– O teu cabelo voltará a crescer – disse-lhe, segurando-lhe a mão. – Mas estes monstros jamais conseguirão recuperar a sua humanidade.

Uma senhora que estava do meu outro lado murmurou em concordância e começou a cantarolar *La Marseillaise* entre dentes. Reparei que tinha um sinal de nascença acastanhado no estômago, do tamanho de uma moeda de franco. Que estranho era estarmos

completamente nuas em frente a perfeitos desconhecidos.

– Além disso – acrescentei, virando-me para a Danielle –, agora que tens o cabelo curto, podemos admirar condignamente as tuas incríveis maçãs do rosto.

– A sério? – Uma centelha de esperança trouxe um pouco de vida de volta ao olhar da rapariga.

– Completamente! Dava tudo para ter um rosto em forma de coração, como o teu. Receio, agora que estou careca, estar mais parecida com um ovo com pernas.

A Danielle ofereceu-me um sorriso débil.

– Não parece nada um ovo com pernas, e agora os seus olhos estão ainda maiores do que antes.

– Estás a querer dizer que pareço um sapo?

Quando o sorriso dela aumentou, o meu coração animou-se e imaginei uma centelha de luz a ser libertada da sua gargalhada e a subir em direção ao teto.

– É exatamente isto que devemos fazer – murmurei. – Não importa quão difíceis as coisas venham a ser, temos de nos apoiar uma à outra.

A Danielle assentiu.

Um par de guardas masculinos entrou na sala e começou a rir-se de nós, apontando para algumas das mulheres e fazendo comentários em alemão.

Não percas as estribeiras. Mantém-te calma, instei a mim mesma. Pensei na história que o Solly me contara sobre Hillel, o homem que nunca perdia a calma. Questionei-me o que faria ele nesta situação. Uma coisa era fazerem-nos perguntas irritantes quando estávamos a tentar lavar o cabelo, mas estas provocações que agora enfrentávamos estavam num nível completamente diferente.

Temos de compensar pela falta de amor que eles trazem ao mundo, ouvi o Solly a murmurar no interior da minha cabeça. *Concentra-te na Danielle*. Entrelacei os meus pequenos dedos nos dela e apertei-os com força.

Uma guarda aproximou-se e rosnou qualquer coisa em alemão.

– Vão levar-nos para os duches – disse a senhora com o sinal de nascença, reparando na minha expressão vazia. – Vou poupá-la ao resto das palavras.

– Obrigada. Acho que consigo imaginar o que são – respondi, enquanto a guarda continuava a gritar o que era, incontestavelmente, um chorrilho de ofensas.

Fomos empurradas para outra divisão e, sem o menor aviso, a água começou a cair sobre nós. Abri a boca seca e quase gritei de alívio. Mas poucos segundos depois, a água parou e deu-se o duche por concluído.

– *Raus! Raus!* – gritava a guarda da porta. Tomei nota mental que “*raus*” devia significar depressa ou sair.

Fomos conduzidas até ao exterior, ainda completamente despidas, e o calor do sol não demorou muito a secar a nossa pele. A seguir, levaram-nos numa única fila para outra divisão, onde uma fileira de homens e mulheres vestidos com os estranhos pijamas sujos esperavam por nós sentados. Desta feita, fiquei na frente da fila, com a Danielle mesmo atrás de mim. Mandaram-me ir para junto de um dos homens que tinha um triângulo vermelho cosido no peito com a letra P no meio. Ter de me sentar à frente dele completamente nua deixou-me profundamente desconfortável e não consegui fitá-lo no rosto. Ele pegou num objeto metálico e segurou-me no braço esquerdo. Quando aproximou o objeto do meu braço, este começou a zunir e senti uma estranha sensação de ardência.

– O que está a fazer? – perguntei, tentando não estremecer.

O homem respondeu qualquer coisa numa língua estrangeira que, eu tinha quase a certeza, era polaco. Ao contrário das outras pessoas com que me deparara no campo até este instante, o tom de voz dele era gentil e a mão segurava-me no braço com suavidade. Quando acabou, vi que tinha agora um número gravado na minha pele.

– Este número... agora é você – disse ele num francês meio quebrado. – Esta a sua identidade.

Fitei-o em choque antes de ouvir a Danielle a gritar de dor quando outro homem começou a tatuar-lhe o braço. Portanto, depois de termos sido transportados até aqui em vagões de gado e tosquiados como ovelhas, agora marcavam-nos como se fôssemos verdadeiros animais. *Os alemães são os animais por se comportarem desta maneira*, recordei-me, mas estava a tornar-se cada vez mais difícil não me deixar assobrar pelo medo e pelo desespero. Como pode uma coisa

destas estar a acontecer? Como se permitiu que acontecesse?

Com sorte, talvez em breve estivéssemos novamente junto da Marguerite e do Solly. Já seria alguma coisa. Pensei que, uma vez que tinham sido trazidos para o campo em camiões, o mais provável era já terem passado pela humilhação do processo de registo. Tentei não pensar no pobre Solly a ter de se curvar despido, sob risco de me deixar cair numa apoplexia.

A seguir, fomos levadas até uma outra sala, onde uma fileira de mais pessoas-pijamas, como passara a pensar nelas, nos esperavam ao lado de pilhas do que pareciam ser trapos caídos no chão. No ar pairava um cheiro estranho, cediço. Percebi rapidamente que as pilhas de farrapos eram, na verdade, as nossas novas roupas e a origem do cheiro. Cada uma de nós recebeu um par enorme de cuecas largas, que me chegavam quase aos joelhos, um colete, um cachecol, um vestido e um casaco, com o já familiar padrão das riscas brancas e azuis. O meu vestido estava húmido e cheirava a bolor, e quando vesti o casaco, reparei numa mancha na parte da frente; pareceu-me sangue seco. Recebemos também um par de socas de madeira toscamente feitas. As minhas tinham uma tira de couro que passava por cima e se entranhava na pele, pois estavam um pouco apertadas. Mas não estávamos numa boutique parisiense e os guardas deixaram rapidamente claro que não podíamos fazer trocas. A pobre Danielle foi engolida pelo seu casaco, vários tamanhos acima do seu.

Por fim, fomos para uma sala onde nos mandaram costurar Estrelas de David amarelas na lapela dos casacos, assim como uma faixa branca com o número que tínhamos tatuado nos braços. Quando agradeci à senhora que me deu a agulha e a linha com um “*merci*”, ela ofereceu-me um sorriso triste.

– Vem de França? – murmurou em francês.

– Sim. Há quanto tempo está aqui?

– Creio que há um par de meses.

– Dois amigos que vieram comigo foram levados do comboio para camiões. – Olhei por cima do ombro para me certificar de que nenhum guarda com bastão nos observava. – Sabe para onde podem ter sido levados e quando os poderemos voltar a ver?

O sorriso dela desvaneceu-se e o rosto empalideceu visivelmente.

- Lamento imenso – murmurou.
- Porquê?
- Porque não vai voltar a vê-los.
- O que quer dizer com isso? – Tentei desesperadamente manter a compostura.
- Eles já estão a caminho do céu.
- Do céu? – Fitei-a, profundamente chocada. – Mas como?
- As chaminés – murmurou ela, antes de se virar para entregar agulha e linha a outra pessoa.

Debati-me contra a vontade de a sacudir e exigir mais explicações, mas estava plenamente consciente da presença da Danielle a poucos metros de mim, a coser a Estrela de David no seu casaco gigantesco. De certeza que a Marguerite e o Solly não podiam ter sido mortos. Não fazia sentido. Pensei novamente no processo de seleção, tentando lembrar-me das outras pessoas que tinham sido enviadas para a esquerda. Eram sobretudo mulheres de meia-idade, pessoas mais idosas e as crianças que tinham vindo connosco. A minha garganta comprimiu-se como se uma corda se tivesse apertado em redor. Eles não iriam matar crianças inocentes, não o fariam.

Pensei na chaminé que se erguia sobre o campo e expelia um fumo negro, pensei no cheiro estranho que pairava pelo ar. Presumi que era parte de uma fábrica qualquer. Se não tivesse o estômago tão vazio, tenho a certeza de que teria vomitado quando me apercebi, horrorizada, do que acontecia ali.

- Oh, Solly! – Chorei silenciosamente, sentindo o coração a partir-se em dois.

Capítulo Dezasseis

Auschwitz, agosto de 1942

Não sei como, mas consegui impedir-me de chorar em voz alta. Agora mais do que nunca, precisava de ser forte para a Danielle e, além disso, a mulher podia estar enganada. Eu não tinha a menor prova de que as pessoas que foram nos camiões tinham sido mortas. Eram tantas. Certamente, não era possível terem-nas matado tão depressa. De certeza que teríamos ouvido os tiros antes de as levarem para os crematórios – se, de facto, aquela chaminé estranha pertencesse a um crematório. Tê-los-íamos ouvido, certo?

De regresso ao exterior, fomos mais uma vez organizadas em filas de cinco por algumas das pessoas-pijama com a palavra *kapo* nos braços. O facto de usarmos as mesmas roupas – apesar de os pijamas deles serem mais adequados aos seus tamanhos, estarem mais limpos e em melhores condições – indicava que também eles eram prisioneiros, mas tinham conseguido, de alguma forma, ascender a posições de poder. Devia ter algo que ver com o sistema de distintivos, já que a maior parte parecia usar triângulos verdes. O cheiro acre que pairava no ar parecia naquele momento ainda pior, mas não tinha a certeza se era por o fumo ser mais denso ou por agora estar mais atenta a ele, depois do que me fora dito.

Eles não podem estar mortos, disse repetidamente a mim mesma. *Não podem estar mortos*.

Depois do que me pareceram ser horas, mandaram-nos marchar novamente para o campo, passando por fileiras de edifícios compridos e baixos que, aparentemente, se estendiam até à eternidade. De vez em quando, uma de nós tropeçava ou gritava de exaustão, mas a única resposta que obtinha eram gritos das pessoas *kapo* e ameaças dos bastões. A certa altura da viagem, encontrámos uma procissão de homens com o uniforme às riscas, todos tão dolorosamente magros e pálidos que era como estar a observar um desfile de fantoches esqueléticos presos por fios invisíveis. Ocorreu-me então um pensamento terrível. E se este campo não fosse de todo de trabalhos forçados, mas sim um tipo qualquer de campo de fome? Afinal, ainda

não nos fora oferecida uma única migalha para comer desde que chegáramos.

Por fim, chegámos ao exterior de um dos edifícios de madeira compridos e um *kapo*, uma mulher baixa e atarracada com os olhos muito próximos, vestida com uma versão bastante mais limpa do uniforme às riscas, apareceu à entrada e começou a rosnar instruções em francês com um forte sotaque alemão.

– Eu sou a vossa *Blockalteste*, a vossa líder de bloco. Estou encarregue desta caserna... que é a vossa nova casa. A partir de agora, vão comer, dormir e viver aqui.

Ao ouvir a palavra comer, senti uma onda de alívio e o meu estômago soltou um ronco suplicante.

– Daqui a pouco, vão receber a vossa colher e *schüssel* – continuou a *Blockalteste*. – Uma vez que são todas umas judias ladras e sujas, há uma forte probabilidade de alguém vos roubar estas coisas, e se isso acontecer, não receberão quaisquer substitutos. Por isso, se eu fosse a vocês, pendurava a *schüssel* à cintura e guardava a colher no bolso. Entenderam?

Ouviram-se murmúrios de concordância. Eu entendi, pois claro. Se perdêssemos a nossa tigela, não recebíamos comida. Nesta altura, estava quase a alucinar de fome, por isso a simples ideia de não comer era insuportável e sabia que ia guardar a minha tigela com a própria vida.

Quando nos mandaram entrar no edifício, a minha primeira impressão era a de que se assemelhava a um estábulo, com as paredes e traves de madeira. A única luz vinha de uma fileira de janelas no cimo das paredes. À medida que os meus olhos se ajustavam à penumbra, vi, no centro do espaço, uma espécie de banco de betão que me dava pelos joelhos; de cada um dos lados havia filas de beliches de madeira de três camas. Alguns dos beliches já tinham habitantes, que nos fitavam com olhares inexpressivos. À semelhança dos homens com quem nos cruzáramos, aqueles rostos eram cadavéricos.

– Vão para os vossos beliches. A comida será servida em breve – gritou a *Blockalteste*. Era evidente que a posição de autoridade lhe valia porções extra, já que o rosto era tudo menos magro.

Arrastámos os pés ao longo das estreitas passagens de cada um dos lados do banco de betão. Uma mulher num dos beliches de cima fez-nos sinal para avançarmos até ao fundo do espaço, onde havia algumas camas vazias. Não havia beliches suficientes para cada uma ter a sua própria cama, por isso teríamos de nos juntar.

– Vem, ficamos com este – disse à Danielle, encaminhando-me para um beliche de baixo ao fundo do dormitório.

– E para a *maman*? – perguntou, quando nos sentámos. O espaço entre a nossa cama e a de cima era reduzido e tínhamos de ficar curvadas quando nos sentávamos. – Onde vai ela dormir? E quando vem ter connosco?

– Podemos dormir as três juntas. De certeza que está prestes a chegar – respondi com o maxilar cerrado, rezando para que aquilo que ouvira não fosse verdade e que a Marguerite entrasse pela porta a qualquer instante.

Um grito fez-se ouvir a meio da caserna, um lamento tão penetrante e angustiado como o de um animal à beira da morte. A Danielle encolheu-se de imediato e pus-lhe um braço à volta do corpo.

– Diga que não é verdade – pediu uma mulher, enquanto outra começava a entoar uma oração *Kaddish*.

– O que foi? – quis saber a mulher com o sinal de nascença no estômago, que ficara na cama por cima da nossa.

– Estão a dizer que os nossos familiares foram todos mortos – respondeu alguém. – Os que foram à nossa frente, nos camiões. Levaram-nos para serem mortos. É daí que vem este cheiro no ar. Estão a queimar os corpos deles.

– Não! – arquejou a Danielle. – Não! Não! Não!

A *Blockalteste* irrompeu pela caserna com o bastão erguido.

– O que se passa aqui? – gritou. – Silêncio!

Toda a gente se calou, à exceção da mulher que continuava com a oração *Kaddish*.

– Ele que cria a paz nos Seus céus, que possa criar a paz para nós e para Israel – entoou. – Ámen.

– Ámen – ecoou a toda a nossa volta. Era uma boa sensação dizer esta palavra em voz alta; um pequeno ato de desafio.

A *Blockalteste* marchou até à mulher, puxou-a da cama pela gola do

casaco às riscas e a seguir bateu-lhe com o bastão na cabeça. A mulher caiu para o chão, a gemer.

– Levem-na! – ordenou ela a duas *kapo* de triângulos verdes que apareceram na porta atrás de si. A Danielle começou a chorar baixinho.

As *kapo* pegaram na mulher e arrastaram-na para o exterior. Ia de olhos fechados e o sangue escorria pelo lado do rosto. Olhei para a mancha de sangue no meu casaco. Como fora ali parar? Teria a sua dona anterior sido espancada na cabeça por estes prisioneiros que detinham o poder? Estaria a usar a roupa de uma mulher morta? Estariam o Solly e a Marguerite realmente mortos? Eram perguntas desesperadas que gritavam por respostas no interior da minha cabeça.

– É verdade? – soluçou Danielle. – A *maman* está morta?

– Chiu! – sibilou alguém. – Se queres sobreviver aqui, não faças mais perguntas.

Puxei a Danielle mais para mim, beijando-lhe a cabeça tosquiada e tentando abraçá-la até ficar em silêncio. Como podia o Solly estar morto? E logo depois de nos termos reencontrado. Se pelo menos conseguisse voltar atrás no tempo para lhe dizer que o amava. Cheguei a dizer-lho? Tudo à minha volta começava a tornar-se confuso e indistinto. *O amor não se mede com um relógio, Etty, mede-se pelo espaço que ocupa no coração.* Ao recordar aquelas palavras, senti que me traziam pouco consolo. A ideia de que o Solly e a Marguerite talvez já não estivessem entre os vivos era demasiado hedionda para processar.

– Como pode Deus permitir uma coisa destas? – murmurou alguém.

– Deus não existe. Os alemães já o provaram – respondeu outra mulher.

Pensei na história que o Solly me contara sobre como Deus perdeu um pouco o controlo quando estava a criar o mundo, deixando-o vulnerável ao caos e à maldade. Seria apenas um velho conto? Ou a verdade? E seria o *tikun olam* ainda mais importante numa altura destas, quando parecíamos ter descido ao inferno?

– Não faz mal, Danielle, ainda nos temos uma à outra – murmurei-lhe ao ouvido.

– Mas eu não a quero, quero a *maman*! – exclamou com brusquidão, libertando-se dos meus braços. – E se não me tivesse mandado mentir sobre a minha idade, eu ainda estaria com ela. – Afastou-se de mim e deitou-se de lado, a soluçar sonoramente.

Deitei-me de costas e fiquei a olhar para as tábuas da cama de cima, com as lágrimas a correm-me pelo rosto. Estava tão desidratada que deitei a língua de fora para tentar recolher as lágrimas e humedecer os lábios gretados. Sentia-me assoberbada de culpa por ter encorajado a Danielle a mentir sobre a idade. Tanto quanto sabia, a Marguerite podia estar neste momento num local seguro e quente e a Danielle podia ter ficado com ela, ser poupada a este trauma. Tudo me parecia tão impossível.

Não podes desistir. Não desistas, disse-me a voz da Aurélie dentro da minha cabeça, mas até esta voz começava a desvanecer-se, como se estivesse a perdê-la, ou a perder a consciência. De que valia tentar continuar a viver se a Marguerite e o Solly já não estavam entre nós, e a Danielle culpava-me por separá-la da mãe? Talvez tivesse sido melhor ter entrado nos camiões. Pelo menos teríamos sido dizimados juntos.

– Sentes-te bem? – perguntou a senhora do sinal de nascença, espreitando para mim da sua cama do meio.

Limpei rapidamente o rosto.

– Não sei ao certo? E tu?

– Bem, já estive em hotéis melhores – brincou ela, e não consegui evitar um sorriso. – Chamo-me Madeleine – apresentou-se ela. Os olhos castanhos eram amendoados e com flocos dourados, o nariz era salpicado por sardas.

– Eu sou a Etty – respondi.

– É um nome muito bonito. Eu detesto Madeleine.

– Porquê?

– Porque parece o nome daqueles bolos. Mas agora que os nossos novos nomes são números, começo a olhar para Madeleine com outros olhos. – Olhou demoradamente para o número tatuado no braço. – Preferia chamar-me Macaron a ser chamada por um número.

– Nesse caso, vou passar a tratar-te por *Macaron* – gracieji, grata por este inesperado momento de luz no meio de tanta escuridão.

– Obrigada. Mas só se puder chamar-te *Galette*. Assim, também podes usar o diminutivo *Etty*. – Ela arregalou os olhos. – Ou foi por isso que escolheste usar um diminutivo? Também tens nome de bolo?

– Não tenho, não – respondi. – O meu nome é Claudette, mas agora não me importo nada de responder por *Galette*. – Reparei que a Danielle parara de chorar, talvez distraída com a nossa conversa sem sentido sobre bolos. – Creio que ajudaria a animar-nos se escolhêssemos tratar-nos pelo nome dos nossos bolos favoritos – continuei. – O que achas, Danielle? Podíamos chamar-te *Gateau*.

– Não sou um bolo estúpido! – exclamou, tentando afastar-se de mim.

– Vocês as duas são familiares? – perguntou a *Macaron*.

– Não, não somos! – respondeu a Danielle.

– Ela foi separada da mãe – murmurei –, quando cá chegámos.

– Oh! – A *Macaron* fitou-me com um olhar horrorizado.

– Por sua causa! – resmungou a Danielle.

Queria contrapor que não tinha sido apenas por minha causa e que, na verdade, fora um homem francês a aconselhá-la a mentir a respeito da idade e, além disso, a própria Marguerite dissera ao guarda que a Danielle tinha dezoito anos. Todos fomos cúmplices nesta terrível ocasião, mas salientar este facto só faria com que a Danielle se sentisse ainda pior, por isso fiquei calada.

A porta abriu-se e as duas *kapo* da *Blockalteste* entraram, uma aparição ainda mais ominosa devido à vela que tremeluzia naquela extremidade da caserna. Uma delas trazia uma pilha de tigelas e um recipiente com colheres, a outra uma grande panela de metal. A que trazia as tigelas rosnou-nos qualquer coisa em alemão.

– Elas querem que se faça uma fila para recebermos a comida – traduziu a *Macaron*, descendo da cama.

Ao ouvir falar em comida, levantei-me num instante.

– Elas trouxeram-nos comida, Danielle – disse, tocando-lhe ao de leve no ombro.

– Não tenho fome – resmungou, sacudindo a minha mão.

– A sério? Não queres uma tigela de sopa e uma baguete acabadinha de sair do forno? – insisti com falinhas-mansas, fazendo com que a minha boca se enchesse de saliva.

– A Etty é tão chata! – resmungou ela, mas virou-se e também saiu da cama.

Fiz-lhe sinal para se juntar à fila atrás da *Macaron* e à minha frente, para a poder manter debaixo de olho e certificar-me de que não se metia em sarilhos com as nossas encarregadas tão trombudas. Agora que todas as mulheres se levantaram dos beliches, quase não havia espaço para nos mexermos nas passagens estreitas.

– Aparentemente, quando chegamos à parte da frente, temos de dizer o nosso número – revelou a *Macaron*, por cima do ombro.

– Está bem, obrigada – agradei. – Ouviste isto, Danielle? – murmurei para a rapariga.

– Claro que ouvi. Estou zangada, não surda.

– Oh, muito bem, então. – *Deixe-a estar zangada*, imaginei o Solly a aconselhar-me. *Ela precisa de algum escape para a sua raiva. É melhor ser consigo do que com os alemães.*

A *Macaron* chegou à frente da fila e leu o seu número em voz alta. Recebeu uma tigela de esmalte e uma colher, assim como a instrução para se dirigir à *kapo* que tinha a panela. O que quer que estivesse na panela cheirava vagamente a vegetais, mas não era nem de longe nem de perto tão aromático como uma boa sopa francesa de cebola.

Sustive a respiração quando chegou a vez da Danielle e a ouvi murmurar o seu número. A *kapo* com as tigelas – uma mulher de ar malévolos com o cabelo escuro curto e rosto mesquinho – gritou-lhe.

– Acho que ela quer que fales mais alto – murmurei-lhe ao ouvido.

A Danielle ergueu um pouco mais a voz enquanto repetia o número.

A *kapo* imitou a sua voz débil. Senti a minha irritação a aumentar e desta vez não havia a voz do Solly a aconselhar-me a ter calma – ou, se havia, não a consegui ouvir com o rugido do sangue a pulsar-me nos ouvidos. Dei um passo em frente e gritei o número que a Danielle usava no casaco.

A *kapo* fitou-me e eu devolvi-lhe o olhar, enquanto sentia uma velha parte de mim a regressar à vida. A parte que cresceu nas ruas mais difíceis de Marselha e que todos os dias se deparava com rufias como esta mulher. Ela levantou o bastão e bateu-me com ele no rosto. A Danielle arquejou quando vacilei e me desequilibrei para o lado.

Senti o sabor metálico do sangue na língua e questionei-me por instantes se ela me tinha partido um dente. Felizmente, a mulher deu a tigela e a colher à Danielle, que avançou para receber a sopa.

Recuperei o equilíbrio e fiquei em frente à mulher fuinha que me batera; recitei calmamente o meu número. Enquanto me dava uma tigela, inclinou-se para a frente e cuspiu lá para dentro. Oh, como desejava esmagar-lhe a cara com a tigela, arrancar-lhe aquele sorriso gozão. Mas depois vi a imagem da chaminé a expelir fumo. A Danielle podia detestar-me agora, mas se me acontecesse alguma coisa, não teria ninguém que olhasse por ela. *Muito obrigada pelo tempero*, imaginei-me a dizer à *kapo*, como a Aurélie teria, sem dúvida, dito, caso estivesse a escrever esta cena para ela. Quando avancei para a outra *kapo*, senti-me um pouco melhor ao receber uma concha do que parecia ser água de um lago sujo, com uma ou outra casca de batata a flutuar.

Regressei à minha cama com o rosto a arder, mas determinada a não mostrar o menor sinal de fraqueza. A Danielle estava debruçada sobre a sua tigela, a devorar a sopa. Tinha a esperança de que, ao verme ser agredida, se sentisse um pouco mais solidária, mas continuava a recusar-se a olhar para mim e assim que acabou de comer a sopa, voltou a deitar-se. Pelo menos comera alguma coisa, o que já não era mau.

Sentei-me na beira da cama, a fitar o conteúdo turvo da minha tigela. Como é óbvio, em condições normais jamais teria comido algo em que alguém cuspira, mas estava com tanta fome que senti não ter alternativa. Comi uma colher do líquido tépido. O sabor era abjeto, mas a fome sobrepunha-se a tudo, até ao meu orgulho. Comecei a devorar a sopa, odiando-me a cada colherada, e odiando estes monstros e este lugar ainda mais.

Capítulo Dezassete

Auschwitz, agosto de 1942

Ao contrário do que aconteceu no nosso dormitório em Drancy, naquela primeira noite em Auschwitz não se ouviram conversas enquanto nos preparávamos para dormir. Estávamos todas demasiado exaustas e chocadas. Seguindo o conselho da *Blockälteste*, guardei a colher no bolso e a tigela por baixo da fina almofada de palha. O único aspeto positivo do cansaço tremendo que me invadia era nem sequer sentir as inclementes tábuas sob o colchão fino como papel. Enquanto me sentia puxada para as profundezas do sono, acolhi de bom grado a fuga que ele me proporcionava.

A certa altura, comecei a sonhar com o Solly. Ele chamava por mim na escuridão, mas não o conseguia encontrar. Depois o sonho mudou para a nossa chegada ao campo e o momento em que nos mandaram tirar a roupa. Um dos guardas masculinos estava a apontar para mim e a rir-se, depois tirou o chapéu, revelando que era, na verdade, o Tomasz. “Eu sabia que não eras de confiança!”, gritei-lhe no sonho. Mas ele limitou-se a rir.

Acordei em sobressalto com o barulho de alguém a descer de um beliche. Escutei o som dos passos enquanto se dirigiam à extremidade da caserna, depois ouvi o ruído do líquido a bater contra o metal. Antes de dormirmos, foi-nos dito que não podíamos usar as latrinas durante a noite – não que esta fosse mais uma terrível dificuldade, pois eram bem piores do que as que tínhamos em Drancy –, por isso estávamos obrigadas a usar o balde. O som de alguém a aliviar-se fez com que a minha bexiga começasse a arder. Não queria mesmo levantar-me da cama, mas a vontade estava cada vez mais aguda. Esperei até a pessoa regressar à sua cama e depois saí da minha, com o cuidado de não acordar a Danielle.

Fui em bicos de pés até ao fundo da caserna onde a guarda noturna – ou *Nachtwache*, uma prisioneira com um triângulo vermelho ao peito – estava sentada. Um candeeiro tremeluzia numa mesa ao lado da sua cadeira. Apontei para o balde e ela assentiu. Assim que me sentei, senti vontade de defecar, uma vontade demasiado forte para a

conseguir combater. Ciente do olhar fixo da guarda, senti o rosto a arder de vergonha.

Quem devia ter vergonha era ela, não tu. Tentei consolar-me enquanto o som das minhas fezes ecoava por entre o silêncio. Olhei em redor do balde, à procura de qualquer coisa que pudesse usar para me limpar.

– Há algum papel? – murmurei, esquecendo-me momentaneamente que ela podia não falar francês.

A mulher abanou a cabeça e eu fiz uma careta. Estava prestes a levantar-me quando ela pôs a mão por baixo da cadeira e me atirou o que me pareceu um farrapo. Peguei nele e vi que era um enorme par de cuecas de homem.

– Para se limpar – sussurrou ela.

– Obrigada – respondi, também num sussurro. Limpei-me rapidamente. – O que devo fazer agora? – perguntei, segurando as cuecas sujas.

– Eu não as quero – replicou ela, num murmúrio. – Guarde-as para a próxima.

Não sei dizer se alguma vez recebera um presente mais desagradável, mas com o tempo iria perceber que, em Auschwitz, ter um pano para limpar o traseiro podia ser um verdadeiro tesouro.

Assenti em agradecimento e voltei para o meu lugar na caserna; guardei as cuecas debaixo do colchão, na esperança de que não cheirasse demasiado mal. Quando me deitei, rezei que o sono viesse rapidamente e me levasse, mas depois do embaraço no balde, estava completamente desperta e o meu coração batia descompassado. Como iríamos conseguir sobreviver a este inferno para onde nos tinham trazido? Como sobreviveríamos a esta degradação e humilhação?

Voltei a pensar em Drancy e em como as histórias que contava ajudavam as outras pessoas. Naquela altura, porém, estávamos em França, ainda tínhamos uma centelha de esperança de voltar às nossas casas e às nossas vidas. Agora, tínhamos chegado, literalmente, ao fim da linha. Como podia criar histórias que oferecessem esperança num lugar como este? De certeza que só trariam desespero e a recordação de tudo o que perdêramos.

Senti a Danielle a mexer-se ao meu lado. Precisava de continuar

com o meu pensamento positivo, não apenas por mim, mas também por ela. Prometera à mãe que tomava conta dela. Depois, ajudara a separar mãe e filha. Se pelo menos a Danielle encontrasse no seu coração a bondade para me perdoar...

Ouvi movimento na extremidade do edifício e alguém começou a bater nos beliches e a gritar incessantemente:

– *Aufstehen! Aufstehen!*

As pessoas começaram a sair das camas e a posicionar-se nas passagens estreitas ao lado dos beliches.

Dei um leve empurrão à Danielle.

– Acho que temos de nos levantar.

Ela gemeu e rebolou para se afastar de mim.

– Danielle, por favor.

– Ainda é de noite – murmurou ela.

– Bom dia, *Galette* – saudou a *Macaron*, balançando as suas longas pernas da cama para o chão.

– Bom dia, *Macaron* – respondi. – Vá lá, *Gateau*, temos de levantar.

– Abanei novamente o braço da Danielle.

– Não sou nenhum bolo! – exclamou ela, rezingona, mas pelo menos levantou-se.

A *kapo* que me batera no dia anterior estava de volta, desta feita munida de um chicote. Enquanto gritava mais instruções, observei as mulheres que entendiam alemão a procurarem as suas roupas no escuro. As passagens entre os beliches estavam a ficar tão apinhadas que era difícil mexermo-nos sem estarmos aos encontrões umas às outras.

– Temos de nos vestir – avisei a Danielle. – Não te esqueças de guardar a colher no bolso, e faz isto à tua tigela. – Mostrei-lhe como prender a tigela ao cinto de corda. Virei-me para a *Macaron*, que nos observava com curiosidade. – É a última criação de moda da Coco Chanel, sabias? – brinquei, ansiosa por ajudá-la a ficar mais animada.

– Nesse caso, também vou usar a minha tigela como um acessório – respondeu com uma gargalhada, enquanto seguia os meus passos.

A *kapo* com cara de fuinha levou-nos para o exterior, onde estava escuro como breu, empurrando-nos com o chicote.

– Que horas são? – murmurei.

– Demasiado cedo para já estarmos a pé – respondeu a *Macaron*.

Por que razão nos obrigavam a levantar a meio da noite? A minha pulsação começou a acelerar. Estariam a levar-nos para algum sítio para nos matarem?

Contornámos a lateral do edifício e fomos conduzidas para uma latrina a céu aberto onde existia uma única torneira. A luz branca e fantasmagórica que vinha da vedação eletrificada iluminava aquela cena surreal, à medida que algumas mulheres começavam a aliviar-se e outras punham-se em fila para irem à torneira. Uma a uma, enchemos as nossas tigelas com água. Algumas pessoas tinham tanta sede que bebiam imediatamente toda a água. Outras usavam-na para se limparem, ou pelo menos para fazer de conta que se lavavam. Como ainda me sentia imunda da viagem, usei a minha água para lavar as mãos e o rosto. A *Macaron* e a Danielle fizeram o mesmo.

A *kapo* com cara de fuinha começou a gritar e a fazer estalar o chicote mesmo aos nossos pés. Decidi tirar partido do facto de não entender o que ela dizia e fiz de conta que estava a gritar coisas agradáveis como: “Estão tão bonitas! Adoro judeus!” Era uma coisa tonta, mas impediu que o meu espírito se quebrasse.

Fomos levadas de regresso à caserna, onde a *Blockalteste* estava à nossa espera com a sua outra *kapo* e alguma comida, o que me deixou inundada de alívio. Cada uma de nós recebeu uma fatia de pão escuro com o mais débil vestígio de margarina e um pouco de café fingido, que se veio a revelar ainda mais insípido do que o café que costumávamos ter em Paris. Mas naquele momento, não me importei. Era líquido para a minha boca sequiosa e bebi-o com ansiedade.

Assim que acabámos de comer, mandaram-nos regressar aos nossos beliches e a minha *kapo* favorita apareceu a marchar. Por um terrível instante, pensei que ia voltar a atacar-me, mas em vez disso apontou com o bastão para o nosso beliche. Quando começou a rosnar instruções em alemão sobre qualquer coisa “*bettenbauen*”, a *Macaron* ajudou-me, traduzindo ao meu ouvido.

– Ela está a mostrar que devemos fazer a cama todas as manhãs.

A *kapo* dobrou o cobertor num quadrado aprumado e colocou-o sobre a fina almofada de palha. A seguir, ajustou o colchão até ficar perfeitamente liso. Estava a ficar aliviada por não precisar de fazer a

minha cama, quando ela a desfez novamente com o bastão.

– O que disse ela agora? – perguntei à *Macaron*, quando a *kapo* deu meia-volta nos calcanhares e se foi embora.

– Temos cinco minutos para fazermos a cama tão bem como ela fez – respondeu a *Macaron*. – Mas como posso fazer a minha sem estragar a vossa? Preciso de me empoleirar no vosso colchão para endireitar o meu.

– Não faz mal, faz primeiro a tua cama – disse, esperando que ela não demorasse muito. Cada segundo que demorasse era menos um segundo que eu tinha, e nem queria ver o que a *Cara de Fuinha* faria a quem demorasse mais de cinco minutos.

A Danielle conseguiu começar a alisar o seu lado, já que a *Macaron* não precisava de o pisar. Enquanto esperava, os segundos pareciam passar cada vez mais depressa. Até que, por fim, a *Macaron* acabou e pude começar a trabalhar. Nunca fora tão apurada nos detalhes, mas agora, quanto mais tentava endireitar o meu lado do colchão, mais ele ficava descomposto do outro lado. Ao perceber que estava a ficar sem tempo, dediquei-me a dobrar o cobertor e a colocá-lo sobre a almofada; neste instante, a *kapo* mandou-nos parar.

Ficámos as três ao lado do nosso beliche, o meu coração a bater tanto como se tivesse acabado de fazer uma corrida. Lentamente, a *kapo* foi avançando pela caserna na nossa direção, parando de vez em quando para dar uma enorme bofetada a alguém, provocando gritos de dor. Senti a Danielle a retesar-se ao meu lado. A *kapo* chegou finalmente ao nosso beliche. Verificou primeiro a cama da *Macaron*, assentindo com agrado. Depois, espreitou para a cama de baixo. Observou a minha parte do colchão e, para meu alívio, assentiu. Em seguida, olhou para o lado da Danielle, apontou para o cobertor dobrado sobre a almofada e gritou qualquer coisa.

– Está a dizer que o cobertor não está bem dobrado – murmurou a *Macaron*, ao meu ouvido.

A *kapo* olhou para a Danielle e gritou mais qualquer coisa.

– Quer saber qual das duas dorme ali – traduziu a *Macaron*.

Olhei de relance para a Danielle e antes que ela pudesse dizer alguma coisa, afirmei:

– Sou eu.

Os olhos da *kapo* pareceram cintilar com deleite perante a possibilidade de me bater novamente. Mas, embora me doesse, a bofetada não foi tão má quanto a bastonada que me dera.

– Oh, *Galette* – lamentou a *Macaron*, apertando-me a mão em solidariedade quando a *kapo* se afastou.

– É evidente que ela tem um gosto especial em bater-me – murmurei. Depois, senti qualquer coisa gelada na minha outra mão e quando olhei, vi que a Danielle a segurava.

– Obrigada – murmurou, e só o facto de ouvir esta palavra e de ver aquele sorriso choroso fez com que toda a dor do mundo valesse a pena.

Depois de os beliches serem todos inspecionados, fomos levadas para o exterior, onde nos alinhámos novamente em filas de cinco. As mulheres das casernas próximas aproximavam-se e faziam o mesmo. Formámos filas e filas de pessoas ali de pé, como intermináveis pinos de *bowling* no meio da noite escura. Esta imagem fez com que todo o ar me fugisse dos pulmões. Como tinham conseguido trazer tantas de nós para este lugar? E o que planeavam fazer connosco? Imaginei os soldados alemães a chegar e a disparar contra todas nós com as espingardas. Mas não apareceu ninguém. Sempre que alguém quebrava uma fila ou cambaleava de exaustão, ouvia-se o chicote de uma *kapo*.

Olhei para o céu e vi uma estrela a brilhar mais do que alguma vez a vira a brilhar. Podia estar a alucinar com a exaustão, mas parecia estar a piscar-me o olho. Senti que era o símbolo reconfortante perfeito: mesmo na mais escura das noites, é possível encontrar um pouco de luz e concentrarmo-nos nela. Mantive os meus olhos fixos na estrela enquanto as *kapo* nos rodeavam como tigres a farejar uma presa, a estalar os chicotes e a gritar insultos.

Imaginei o Solly a murmurar-me ao ouvido: *Temos de compensar pela falta de amor que eles trazem ao mundo. Continue a encontrar a bondade. Continue a libertar centelhas de luz.*

Olhei de relance para a Danielle, que estava ao meu lado com a cabeça descaída. *Mantém-te forte*, incitei-a silenciosamente. *Por favor, mantém-te forte.*

Por fim, a *Blockalteste* apareceu e começou a fazer uma chamada.

Depois do que pareceu uma eternidade e de estarmos todas contadas, deixaram-nos regressar para dentro. Presumi que tínhamos sido obrigadas a todo este processo por ser o nosso primeiro dia no campo – mas uma das mulheres que já ali estava há algum tempo informou-nos de que era uma espécie de tortura diária.

De regresso à caserna, a nossa *Blockalteste* de rosto sombrio disse-nos que estava na altura de trabalhar. Obrigaram-nos a formar uma fila e a marchar pelo campo fora. O sol já estava a despontar, os seus dedos pálidos a rastejar por entre as brechas das intermináveis filas de edifícios. Nunca assistira a um nascer do sol tão desolador. Neste lugar, não havia paisagem que se visse, não havia natureza, diversidade, só quilómetros e quilómetros de vedações de arame farpado, interrompidas de vez em quando por torres de vigia e filas e mais filas de edifícios baixos, compridos e todos iguais. Mais uma vez, senti-me horrorizada com a escala daquele lugar, tanto que acabei por me retirar para a minha confiável imaginação e fingi que estávamos a caminhar pelas ruas de Paris. Em vez de torres de vigia, imaginava a Torre Eiffel – antes de lhe pendurarem as suásticas –, e em vez das casernas sombrias, imaginava as alamedas ladeadas por árvores e bonitos blocos de apartamentos. Porém, o alívio era escasso, pois só me recordava de tudo o que perdera. E de tudo o que me fora roubado.

Uma fila de guardas das SS estava à espera junto ao portão, a maior parte deles a segurar pelas trelas cães de dentes cerrados e a rosnar. Alguns dos guardas separaram-se dos restantes e juntaram-se a nós, fazendo-nos marchar para fora do acampamento, para a paisagem plana e monótona. Qualquer energia que podia ter recuperado com o pequeno-almoço desapareceu rapidamente e comecei a sentir as minhas pernas cansadas e pesadas. Mas não havia a menor hipótese de pararmos para descansar, com as *kapo* e os seus chicotes e os guardas com os cães. Eles certificavam-se de que continuávamos em movimento, gritando sem parar: “*Links! Zwei! Drei!*” Questionei-me mais uma vez se estaríamos a ser conduzidas para a nossa morte. Mas ao mesmo tempo tentei reconfortar-me: por que razão se teriam dado ao trabalho de nos vestir e alimentar, porque dariam tanta importância à forma como fazíamos a cama se nos iam matar?

A certa altura da viagem, passámos por uma procissão de prisioneiros homens como a que vira no dia anterior. Eram tão magros que os corpos pareciam estar a dobrar-se sobre si mesmos. Seria este o nosso futuro? Seria uma premonição do que aí vinha? Quando chegámos ao nosso destino, um campo pantanoso no meio do nada, os meus pés estavam rasgados e a sangrar por causa das socas que não me serviam. Olhei de relance para a Danielle, na esperança de poder oferecer-lhe um sorriso encorajador, mas ela continuava com o olhar fixo no chão. Os guardas rosnavam instruções e as *kapo* deram-nos pás e cochos de pedreiro, enquanto nos diziam que devíamos encher carros de mão sem rodas com pedras e lama, que depois deviam ser despejados numa vala situada ao fundo do campo.

À medida que o sol ia subindo no céu, os nossos cochos pareciam tornar-se cada vez mais pesados. Não havia sombras nem momentos de descanso. O suor colava-se à minha pele numa película fina e as palmas das mãos estavam a ficar em carne viva. Seria assim que os alemães planeavam matar-nos, questionei-me, ao escavar e carregar a terra – lenta e dolorosamente através de um programa cuidadosamente elaborado de trabalhos forçados e alimentação insuficiente?

Pensei no Solly e na Marguerite, perguntando-me o que teria acontecido com os dois. Se tivessem sido mortos assim que aqui chegaram, teriam conseguido escapar a um destino ainda pior – que agora recaía sobre mim e a Danielle? Olhei de relance para ela, que, de ar abatido, continuava a cavar ao meu lado. O corpo frágil do Solly não teria conseguido, de maneira alguma, suportar este trabalho físico tão exigente. Enojava-me que a vida tivesse chegado a este ponto, que conseguisse sentir algum alívio por ele ter morrido mais depressa. E o pior de tudo era não fazer ideia se o resto do mundo sabia da existência deste inferno na Terra. Se alguém soubesse, certamente havia de lhe pôr um fim.

Subitamente, pensei no dia em que conheci o Tomasz, no *Erev Yom Kippur*, e de como ele me incitou a usar as minhas capacidades de contadora de histórias para informar o mundo sobre o que estava a acontecer. Nem nos meus sonhos mais ousados podia imaginar que um dia escreveria a respeito de um horror como o que vivia naquele

momento. Mas percebi então, com uma clareza de espírito aterradora, que quanto maior o horror, maior a necessidade de informar o mundo a seu respeito. Enquanto enterrava a pá na lama, fiz uma promessa silenciosa de que faria tudo o que estivesse ao meu alcance para permanecer viva, para poder proteger a Danielle, para sobreviver e contar esta que era a pior de todas as histórias más.

Capítulo Dezoito

Auschwitz, setembro de 1942

As semanas seguintes passaram-se por entre uma névoa de fome e exaustão. A *Macaron*, a Danielle e eu formámos um grupo unido, uma espécie de família, e não obstante os horrores que encontrávamos durante o dia no Vale da Morte, como a *Macaron* chamava ao campo, à noite, já nas nossas camas, conseguíamos recompor-nos. A *Macaron* e eu partilhávamos histórias das nossas vidas – como vim a saber, ela tinha sido proprietária de uma galeria de arte em Montparnasse e fora presa quando a polícia descobriu que continuava a fazer mostras privadas, apesar da proibição de os judeus terem os seus próprios negócios. Ambas falávamos dos nossos anos da adolescência, numa tentativa de arrancar a Danielle da concha em que se refugiara desde que a mãe desaparecera. Infelizmente, ela não mordia o isco – nem mesmo quando partilhei a história hilariante de quando torci os dois tornozelos usando umas Mary Janes de salto alto apenas com treze anos ao tentar (e, claro, fracassar) impressionar um rapaz. A Danielle continuou praticamente calada, mas eu tinha esperança de que as nossas histórias lhe dessem pelo menos algum conforto e a ajudassem a distrair-se. Embora não fizesse a menor ideia de como a podia distrair das ubíquas chaminés que continuavam a expelir aquele hediondo fumo sobre todo o campo.

Todos os dias, dava graças ao destino por ter feito com que eu e a *Macaron* nos encontrássemos. Ela era como a irmã mais velha bem-humorada que sempre desejara ter e o seu sentido de humor mordaz e coração gigante eram um verdadeiro bálsamo. Adorava a forma como nos conseguíamos incentivar mutuamente.

Mas, num dia húmido de agosto, a *Macaron* perdeu o seu brilho. Desde que nos gritaram para acordamos que ela me pareceu abatida. Claro que, inicialmente, não dei muita importância – ser constantemente acordada às três e meia da manhã não é coisa para animar ninguém. Mas quando ela mal falou enquanto íamos para o trabalho, tive a primeira suspeita de que algo se passava. Normalmente, dedicávamo-nos a fazer comentários sarcásticos pelo

caminho, murmurando coisas como: “Ouvi dizer que a arquitetura aqui é ao estilo barracas *chic*, o que é um melhoramento e tanto em relação à *Art Déco*.” Ou então: “Não é gentil da parte dos nossos anfitriões protegerem-nos das suas torres de vigia?” Fazíamo-lo tanto para distrair a Danielle como para nos distrairmos, mas naquele dia não consegui arrancar uma palavra à *Macaron*. Sempre que lhe perguntava se estava bem, ela assentia, mas pela forma como mordida o lábio inferior, era perceptível que se debatia contra as lágrimas. Só ao fim do dia, quando estávamos de regresso aos nossos beliches, é que consegui perguntar o que se passava.

– *Macaron*, por favor, diz-me o que se passa. Estou preocupada contigo – disse para a cama de cima. Apesar de a Danielle não dizer uma palavra, conseguia perceber, pela sua expressão ansiosa, que também estava preocupada.

– E se nunca conseguirmos sair daqui? – respondeu a *Macaron*. – E se nunca tiver a oportunidade de... – Calou-se.

Saí da minha cama e pus-me de pé ao lado da dela.

– A oportunidade de fazer o quê? – perguntei num tom suave.

– De compensar – respondeu.

As duas mulheres que partilhavam a cama com ela, a Michelle e a Hannah, apoiaram-se nos cotovelos e olharam para mim com esperança, como se também elas precisassem de resposta a esta pergunta.

– De compensar o quê? – insisti.

– As coisas de que nos arrependemos – murmurou ela, e uma lágrima escapou-lhe do olho, correndo pelo rosto.

– Oh, *Macaron*. – Estendi a mão e acariciei-lhe o braço magro. Como acontecia com todas nós, a pele era áspera e estava cheia de picadas.

– Em breve, será *Yom Kippur* e não vamos ter oportunidade de expiar – soluçou ela. – Não vamos poder mudar nada, não podemos pedir perdão às pessoas que magoámos.

A Michelle e a Hannah assentiram com pesar.

– Tens alguém particular em mente? – interroguei.

A *Macaron* assentiu.

– A minha amiga Paulette. A minha melhor amiga. Da última vez

em que a vi, antes de ser presa, fui horrível para ela. Não sabia que seria a última vez que nos víamos. Se soubesse, jamais lhe teria dito as coisas que disse. E jamais teria atirado tinta verde para o seu casaco de pele de marta!

Fitei-a, espantada.

– Atiraste tinta verde para o casaco dela?

– Sim, no meio da galeria – replicou ela, a chorar. – E em frente a uma freira!

Olhei de relance para a Danielle, na cama de baixo. Tinha os olhos arregalados com surpresa.

– Mas... porquê? – balbuciei.

A Michelle e a Hannah fitavam a *Macaron*, claramente surpreendidas com esta reviravolta inesperada na história.

A *Macaron* fechou os olhos e suspirou.

– Porque tinha inveja dela.

– Bem, pelo menos foste coerente quanto à cor da tinta – reagi com ligeireza.

– O que queres dizer com isso? – perguntou Hannah.

– Então, ela estava verde de inveja – murmurei, e arrependi-me imediatamente de estar a trocar da tristeza da *Macaron*. Tive vontade de me esbofetear por ser tão insensível.

Mas ela abriu os olhos, fitou-me e a seguir desatou a rir, o que me deixou aliviada.

– Oh, *Galette*, obrigada!

A Hannah e a Michelle começaram a rir, e quando olhei para a cama de baixo, vi que a Danielle também sorria. Era uma imagem e um som que me enchia o coração de alegria.

Infelizmente, a guarda da noite não sentia o mesmo. Quando ouviu as gargalhadas, gritou-me lá do fundo que me deitasse na minha cama.

– Porque não contas a tua história com a Paulette – sugeri, enquanto entrava na cama ao lado da Danielle. – Sobre como se tornaram amigas.

– Sim, também gostava de ouvir – reforçou a Danielle.

A Hannah e a Michelle murmuraram em concordância.

– Têm a certeza? – perguntou a *Macaron*.

– Sim. Conta-nos acerca dos vossos tempos mais felizes – respondi.

E foi assim que a *Macaron* começou a contar como ela e a Paulette se conheceram na universidade, quando ambas tinham dezoito anos. Quanto mais avançava na história, mais leve se tornava a sua voz, sobretudo quando nos presenteou com algumas histórias atrevidas da altura em que tinham vinte e poucos anos e partilhavam um apartamento por baixo do Sacré Coeur, em Montmartre. A Paulette que nos descreveu era uma mulher calorosa e engraçada, o tipo de amiga que largava tudo se precisássemos dela, o que fez com que a história da tinta verde e o casaco de pele fosse ainda mais intrigante. Como tinham deixado de ser mulheres que partilhavam tudo – roupas, joias, segredos íntimos – e tiveram uma discussão tão pública e dramática? A *Macaron* acabou a história contando-nos que, dois anos antes, dera emprego à Paulette na sua galeria, depois de o marido desta ter fugido com uma vendedora de flores de Saint-Germain.

– Parece-me que tinham a amizade perfeita – disse a Danielle.

– E é, ou *era* – respondeu a *Macaron*, desolada.

Determinada a não a deixar cair novamente na melancolia, estendi o braço em direção à dela cama e apertei-lhe a mão.

– Não te importas de nos contar como ocorreu o incidente da tinta verde?

A *Macaron* aclarou a garganta.

– Foi mesmo antes de ter saído o decreto que impedia os judeus de terem os seus próprios negócios. Todos sabíamos que esse dia chegaria. Já víamos o que tinham feito aos judeus na Áustria e na Alemanha, e eu andava assoberbada de preocupação e raiva. Investi tudo de mim naquela galeria... Era o trabalho da minha vida, o amor da minha vida. Não entendia como nos podiam tirar sem mais nem menos aquilo que era nosso. Era tão injusto.

Pensei como me sentira naquele dia terrível em que o Anton me dissera que já não podia continuar a publicar os meus livros.

– Compreendo – comentei. – É de uma injustiça profunda.

– Mais ou menos na mesma altura, a Paulette tinha-se apaixonado perdidamente... – A *Macaron* fez uma pausa. – Por um polícia.

– Oh. – O meu coração ensombrou-se ao pensar nas implicações que este facto devia ter tido na amizade das duas.

– Por isso, enquanto eu andava a perder a cabeça de preocupação, ela estava nas nuvens, embriagada de amor.

– Era por isso que sentias ciúmes dela? – perguntou a Hannah. – Por estar apaixonada?

– Não. Não, senti ciúmes dela porque a Paulette não é judia – respondeu a *Macaron*. – Senti ciúmes por ela ser livre para se apaixonar. Por ainda continuar a poder olhar para os agentes da polícia como protetores, não como inimigos. E senti ciúmes porque... – Calou-se e ficou com uma expressão desolada.

– Sim? – insisti suavemente.

– Porque no dia do incidente da tinta verde, ela apareceu na galeria com um casaco de pele novo que o seu polícia lhe comprara; depois, disse-me que tinha tido uma ideia excelente. Porque não transferia a propriedade da galeria para o nome dela? Assim podia continuar com o espaço aberto.

Ah. Imaginei como a *Macaron* se deve ter sentido com esta proposta. Seria a mesma coisa que alguém pedir-me que eu escrevesse livros que seriam editados com o seu nome. A sensação não seria agradável.

– E eu disse-lhe que não – continuou a *Macaron*. – Ela respondeu que estava a ser casmurra, o que é verdade, agora percebo que ela tinha razão, mas na altura senti-me cega com a injustiça de tudo isto. Por que razão podia ela ter tudo, incluindo a minha preciosa galeria, enquanto eu, nós, perdíamos tudo o que era nosso?

– Acho que estava muito certa em sentir o que sentiu – interveio a Danielle, e eu murmurei em concordância.

– Talvez, mas não fiz bem em atirar-lhe com a tinta.

– Como é que isso aconteceu, exatamente? – perguntei. – E como é que tiveram uma freira como testemunha?

– A Irmã Maria era uma visita regular da galeria e, por acaso, quando a Paulette chegou, ela estava ali – explicou a *Macaron*. – Eu estava a pintar uma das paredes da galeria de verde, para me distrair dos problemas, pois sempre achei o verde uma cor muito calmante, mas depois, quando a discussão se tornou mais acalorada, perdi o controlo, peguei na lata de tinta e, frustrada, atirei-a na direção da Paulette. Não era minha intenção sujar-lhe o casaco todo.

– O que aconteceu a seguir? – quis saber a Danielle, claramente embrenhada na história.

– A Paulette saiu da galeria a correr e a chorar. – A voz da *Macaron* começou a vacilar. – E o pior é que nem sequer fui atrás dela, não tentei falar com ela depois. Nunca lhe pedi desculpa. E agora talvez nunca mais tenha a oportunidade de o fazer.

Pensei por um instante. Se estivesse a escrever a história da *Macaron* e da Paulette, iria querer definitivamente dar-lhes um final feliz. Depois de tantos anos de amizade, seria trágico não terem a oportunidade de resolver as coisas.

– Só gostava de poder voltar a viver aquele dia – suspirou a *Macaron*. – Gostava de ter feito as coisas de forma diferente.

Uma ideia começou a formar-se na minha cabeça.

– E talvez possas fazê-lo.

Ouvi as tábuas a estalar quando a *Macaron* se debruçou na cama por cima da minha.

– Como?

– Sim, como? – ecoou a Danielle, num murmúrio.

– Por que razão não recriamos a cena agora mesmo? – sugeri. – Eu posso ser a Paulette e tu és tu.

– Posso ser a freira? – perguntou a Danielle.

– Não vejo porque não.

Esperei ansiosamente pela resposta da *Macaron*, na esperança de que não pensasse que estava a trocar dos seus problemas.

– E de que vale recriar tudo aqui? – perguntou-me, mas ouvi-a a sentar-se na cama, por isso conseguira captar-lhe a atenção.

– Às vezes, quando não conseguimos controlar os acontecimentos na história da nossa vida, pode ajudar reescrevê-los na nossa imaginação – respondi, pensando nas inúmeras vezes em que recriei cenas da minha infância em que o meu pai não bebia nem me maltratava e a minha mãe continuava viva e erámos verdadeiras almas gémeas. – Acredita em mim, já o fiz muitas vezes.

– Está bem – concordou a *Macaron*, embora soasse desconfiada.

– Então, estás a pintar a parede da galeria e a freira anda por ali – disse, descrevendo a cena.

– Sim – respondeu a *Macaron*.

– Oh, Cristo Senhor, como adoro estes quadros – exclamou a Danielle.

– Peço desculpa? – Fitei-a, confusa.

– Estou a fazer de freira! – sibilou ela.

– Ah, sim, claro. – Tossi para disfarçar uma gargalhada. – E depois eu, a Paulette, entro pela porta. – Imaginei que a Paulette tivesse uma voz feminina e melodiosa. – Olá, minha querida amiga – trinei –, gostas do meu casaco novo? Foi o Agente Traidor quem mo ofereceu.

Ouvi o resfolegar de uma gargalhada vindo da cama de cima.

– Ah, é pele de marta verdadeira, sabias? Oh, meu Deus, estou tão apaixonada. Estou tão feliz. A minha vida é tão maravilhosa.

– Ela falava mesmo assim? – perguntou a Danielle, com o sobrolho franzido.

– Por acaso, a *Galette* não anda muito longe da verdade – respondeu a *Macaron*, com uma nova leveza na voz.

Encorajada, continuei no meu desempenho de uma amiga ligeiramente insensível e bêbeda de amor.

– De qualquer maneira, além de estar perdidamente apaixonada, tive a ideia mais incrível de sempre.

– Ah, sim, diz lá? – respondeu a *Macaron*.

– Sim. Porque não me entregas o trabalho da tua vida inteira e pões tudo no meu nome? Assim, os alemães não vão poder fechar a galeria. Como é óbvio, terás de lidar com a pequena irritação de me ver a tomar conta da tua própria vida. Já para não falar que terás de continuar a ouvir-me papaguear sobre como sou tão sortuda e estou tão apaixonada por um fantoche dos alemães que se dedica a oprimir ativamente as pessoas como tu, mas olha, *c'est la vie!*

Ouvi a Hannah e a Michelle a soltarem risadas.

– Para ser franca, no teu lugar, creio que também lhe teria atirado com a lata de tinta – disse a Michelle.

– A sério? – perguntou a *Macaron*, com esperança.

– Claro. Quer dizer, eu sei que as pessoas endoidecem um pouco quando se apaixonam, mas ela podia ter sido um pouco mais sensível.

Envio um agradecimento silencioso para a cama de cima.

– Obrigada – replicou a *Macaron*.

– Agora vamos fazer de conta que a Paulette não fugiu da galeria –

disse-lhes. – Vamos fingir que ela, ou *eu*, fica ali. – Pigarreei. – Por que razão fizeste isso? – perguntei na minha voz aguda de Paulette. – Porque me atiraste a tinta para cima?

– Não te preocupes, minha filha, vou rezar pela tua alma pecadora – interveio a Danielle.

– Como? – soltei, olhando novamente para ela, confusa.

– Estou a ser a Irmã Maria! – exclamou com impaciência. – Estou a ajudar a *Macaron* a expiar os seus pecados.

Ouvi uma gargalhada abafada da *Macaron*.

– Muito obrigada, Irmã Maria – disse ela lá para baixo.

– Não tem de agradecer, minha filha – disse a Danielle, sorrindo para mim. – Continue, por favor.

– Obrigada – murmurei, antes de regressar ao meu papel de Paulette. – Porque me atiraste tinta?

– Peço desculpa. Estava a sentir-me mesmo muito frustrada. – A *Macaron* fez uma breve pausa. – E estou com muito medo.

Senti um nó a formar-se na minha garganta.

– Tens medo de quê? – perguntei na minha voz normal.

– De perder tudo e... quando te vejo tão feliz, faz-me sentir... – Ficou em silêncio.

– Lamento muito – disse-lhe, e já não sabia se estava a responder por mim, pela Paulette ou por ambas.

– Também eu. Desculpa – disse a *Macaron*, num tom suave.

A Danielle limpou uma lágrima.

– Não precisas de me pedir desculpa – continuei. – Não devia ter sido tão insensível. És a minha melhor amiga. Adoro-te. E jamais faria deliberadamente alguma coisa para te magoar.

Ouvi um soluço abafado na cama de cima.

– Eu também jamais te magoaria.

– Uma amizade como a nossa não acaba com uma discussão tonta – prossegui, pensando no meu último almoço com o Anton e a sopa de cebola. – Uma amizade como a nossa é muito mais profunda do que isso. Nem sequer precisamos de estar juntas para sabermos isso, porque estaremos sempre presentes no coração uma da outra. – Agora era a minha voz que estremecia. A Danielle pegou-me na mão sob o nosso cobertor fino, dando-me forças para continuar. – Por isso

podemos pedir desculpas e perdoar-nos uma à outra, apesar de estarmos a quilómetros de distância, porque vamos continuar a sentir a amizade nos nossos corações. – Engoli em seco, não estava preparada para a emoção que este exercício estava a provocar em mim.

– Acreditas mesmo que ela vai sentir? – perguntou a *Macaron*. – Que vai saber quão arrependida estou?

– Claro que sim – repliquei. – E espero que consigas também sentir como ela está arrependida. Como pode não estar?

– Sim, concordo – disse a Hannah. – Imagino que a Paulette também lamente tudo o que aconteceu.

– Muito obrigada – repetiu a *Macaron*, e apareceu subitamente, debruçada na sua cama. O rosto de pernas para o ar estava lavado em lágrimas, mas tinha um sorriso nos lábios.

– Não tens de quê. – Estendi a mão e acariciei-lhe o rosto húmido.

– Etty? – chamou a Michelle, um pouco hesitante.

– Sim?

– Estava aqui a pensar se podíamos fazer uma recriação semelhante para mim. Lamento muito a maneira como deixei as coisas com o meu marido.

– Eu também gostava de fazer – disse a Hannah. – Adorava poder redimir-me da forma como falei com o meu vizinho do lado quando me foram buscar a casa. Pensei que ele me tinha denunciado, mas agora tenho a certeza de que estava enganada e reagi apenas porque tinha tanto medo.

– Seria uma honra ajudar-vos – respondi, e sentei-me, todo o cansaço subitamente desaparecido. Os alemães podiam ter aprisionado o meu corpo, mas o meu espírito e a sensação de que ainda tinha um propósito estavam mais fortes e livres do que nunca.

A foi assim que nós as cinco passámos as horas seguintes a ajudar-nos mutuamente a recontar cada história, a transformar a dor e o arrependimento em amor e expiação.

Capítulo Dezanove

Yom Kippur, Auschwitz, setembro de 1942

À medida que o *Yom Kippur* se aproximava, um novo assunto preocupava as judias da nossa caserna – se devíamos ou não observar o jejum.

– Aqui, todos os dias são *Yom Kippur* – comentou a *Macaron*, com secura, olhando para o pequeno-almoço, um pedaço de pão escuro mirrado. – Não acredito mesmo que Deus esteja à espera de que observemos o jejum num local como este. Estamos a jejuar há semanas.

– Mas não achas que seria ainda mais significativo? – perguntei enquanto bebia um gole da água de lavagem morna a que os alemães chamavam de café. – Fazer jejum quando já estamos meio mortas de inanição demonstra um verdadeiro compromisso com a fé.

– Ou então uma verdadeira estupidez – resmungou a Danielle. – Como podemos passar ainda mais fome em nome de Deus, depois de tudo o que Ele nos fez?

– Não foi Deus quem nos fez isto, foram os *seres humanos* – respondi suavemente, pensando no Solly enquanto sentia uma pontada no coração.

– Mas Deus permitiu que o fizessem – respondeu a Danielle, erguendo a voz.

Permaneci em silêncio, pois não a queria perturbar ainda mais, mas na minha cabeça começava agora a formar-se um plano: uma forma de lutar contra os nossos opressores. Eles já nos tinham retirado tantas coisas, detinham tanto controlo sobre nós, mas recusar comer a sua oferta miserável durante um dia era uma escolha que eu *podia* fazer, uma declaração do meu orgulho em ser judia e uma forma de me ligar ao Solly, à Marguerite e a todos cujas vidas se perderem apenas por causa da fé que professavam. A ideia de cumprir teshuvá, apesar de ser proibido, trazia uma centelha de vida ao meu corpo dorido e cansado.

No *Erev Yom Kippur*, comi a minha singela porção de jantar e fiz de

conta que era a refeição pré-jejum; depois, deitei-me na cama e recordei como o Tomasz entoara o *Kol Nidrei* na noite em que nos conhecemos, e como fora um momento mágico, apesar de ele estar a usar uma toalha de mesa e o meu robe de cetim cor-de-rosa. Naquela noite, provámos que era possível encontrar Deus em qualquer lugar, não apenas na sinagoga. Agora, ia testar esta teoria até ao limite, tentando encontrar Deus neste Vale de Morte.

– Pode contar-me uma história? – murmurou a Danielle, virando-se de frente para mim.

– Claro. – Contei-lhe a história que não me saía da cabeça – a de como o Tomasz e eu nos conhecemos, como passámos o *Erev Yom Kippur* juntos, omitindo apenas a sua confissão de ter matado alguém. Quando cheguei ao fim da minha narrativa, vi pela primeira vez, desde que chegáramos ao campo, os olhos da Danielle a brilhar de curiosidade.

– E o que aconteceu a seguir? – quis saber, estremecendo enquanto se apoiava sobre um cotovelo. Custava-me horrores vê-la tão magra e frágil.

– Nada – respondi, demasiado envergonhada para lhe falar da segunda vez que eu e o Tomasz nos encontrámos.

– Nunca mais o viu?

Abanei a cabeça.

– Mas não o queria ver novamente? – perguntou, ainda de olhos arregalados.

– Sim, mas é melhor que alguns encontros permaneçam como meros contos na nossa vida, em vez de se transformarem em grandes romances.

– Porquê?

Por muito que ficasse feliz ao ver que a Danielle demonstrava interesse em alguma coisa, não consegui deixar de desejar que o demonstrasse por algo menos humilhante para mim.

– Porque enquanto contos podem ter um final feliz – respondi.

– Pois eu acho que esse final não é feliz – reagiu a Danielle, deitando-se de costas e suspirando. – Queria que a Etty se tivesse apaixonado.

– Pois, mas, infelizmente, não fui eu a escrever esta história.

– Se fosse eu a escrevê-la, fazia-o aparecer no seu apartamento para declarar o amor infinito que sentia por si – continuou a Danielle.

Ao pensar no que realmente aconteceu quando eu e o Tomasz voltámos a encontrar-nos, contorci-me, mas a Danielle não desistiu.

– Ele diria: “Minha querida Etty, desde que salvei a tua boneca de se afogar no rio que não consigo parar de pensar em ti!”

– Hum, não me parece que ser obrigado a mergulhar no Sena para salvar uma boneca seja um grande incentivo à paixão – repliquei.

– Chiu! Agora sou eu quem está a contar a história – admoestou a Danielle, num tom severo.

– Muito bem, já que insistes. – Fechei os olhos e sorri à medida que as palavras dela começaram a desenhar uma imagem na minha cabeça, como se estivesse a assistir a um filme. O Tomasz e eu a darmos passeios românticos ao longo do Sena e a jantar à luz das velas. Ele a oferecer-me presentes sem fim. A versão do Tomasz imaginada pela Danielle era certamente muito menos rude e falava como um lorde inglês do século XVII, mas isto só o tornava ainda mais encantador. E quanto mais a versão da Danielle se afastava da realidade, menos dolorosa e embaraçosa a achava. Na verdade, era bastante divertido poder fugir para o mundo imaginário de outra pessoa.

– Mas depois a tragédia abate-se sobre os dois – anuncia a Danielle, com dramatismo. – A Etty foi presa e levada para Drancy. Quando não apareceu ao encontro para jantar, o Tomasz pensou que a Etty desistira dele.

– Oh, não! – exclamei, já embrenhada da saga.

– Ele percorre as ruas de Paris com a alma em ferida, a uivar à lua tal é o seu desespero – continuou ela.

Pensei no Tomasz a uivar à lua como se fosse um lobo e tentei não desatar a rir.

– Mas a Etty não tem como lhe dizer onde está.

– Não lhe podia ter escrito uma carta de Drancy?

– Chiu! Esta história é minha. – Fitou-me novamente.

– Desculpa.

– Queria escrever-lhe, mas não se recordava da morada dele.

– Ah, muito bem.

– E depois é enviada para este lugar, onde a obrigam a trabalhar todos os dias, a escavar e carregar lama e pedras.

– Espero ardentemente que esta história tenha um final feliz – murmurei.

– Vai ter... – A Danielle fez uma pausa. – Só tenho de perceber qual será.

A escritora que havia em mim estava desejosa de sugerir algumas potenciais ideias, mas mantive-me calada. Desde que chegáramos a este lugar que a Danielle não falava tanto, e nunca a vira tão entusiasmada. Não queria que parasse. Conhecia bastante bem a alegria que existia em deixar que a nossa imaginação corresse solta. Ela continuou mergulhada nos seus pensamentos durante mais uns instantes, depois prosseguiu.

– Até que, num certo dia, quando a Etty estava a trabalhar, levanta os olhos e vê um vulto do outro lado da vedação. Ele está vestido com o uniforme de um guarda alemão, por isso presume que é só mais um deles. Quando ele lhe faz sinal para se aproximar, o coração cai-lhe aos pés. “Oh, por favor, meu Deus, não me obrigues a ir!”, reza silenciosamente, em prantos – murmurou a Danielle, com dramatismo. – “O meu pobre corpo frágil não aguenta mais castigos.”

Franzi o sobrolho perante esta melancolia e disposição sombria. Eu jamais falaria desta forma – ou pensaria assim, mas impedi-me novamente de dizer o que quer que fosse, pois não queria interromper a história da Danielle.

– Mas lá foi arrastando os pés até à vedação, e quando levantou os olhos para fitar os dele... – Fez uma pausa.

– O que aconteceu? – incitei, ansiosa por descobrir para onde ela encaminharia a história.

– Viu uma cicatriz em forma de relâmpago na face do guarda. E pensou: “É deveras ele!”

– Muito shakespeariano – reagi.

– Chiu! Quer que conte o que acontece a seguir ou não?

– Quero, quero!

– “Minha querida Etty” – continuou ela. – “Desde que soube o que te tinha acontecido percorri meio mundo à tua procura.”

– Como é que ele soube que eu estava aqui? – murmurei.

– Ele... hum, foi um amigo da polícia francesa que lhe disse – improvisou.

– Certo. – Decidi ignorar as lacunas severas que esta possibilidade criava na história. A única coisa que me importava era encorajar esta nova e entusiasmada Danielle.

– “Mas temos de nos apressar, não há um segundo a perder”, continuou o Tomasz, na sua voz profunda e masculina. “Vem, meu amor, trepa a vedação.”

– Mas é eletrificada – murmurei. – Ele está a tentar matar-me?

– Não! Ele... descobriu uma parte que não está ligada – sibilou ela, claramente exasperada.

– Ah, compreendo. – *Oh, quem me dera*, pensei com melancolia, imaginando a cena.

– Por isso, a Etty trepa a vedação e cai para os braços fortes e masculinos do Tomasz.

Pensei na última vez em que estive nos braços do Tomasz, antes de tudo correr terrivelmente mal, e de como me sentira segura e protegida, e experienciei uma pontada de saudade a trespassar-me profundamente.

– “Etty, minha querida”, diz o Tomasz, pousando um joelho no chão. “Dás-me a imensa honra de seres minha mulher? Queres casar comigo?”

Arregalei os olhos.

– Ele pede-me em casamento aqui?

– Sim – replicou a Danielle, com um suspiro. – Não é romântico?

– Creio que sim – retorqui, embora pessoalmente não me ocorresse um sítio pior para ser pedida em casamento. Além disso, estas movimentações todas junto à vedação teriam certamente resultado na morte de ambos, pensamento que me deixou instantaneamente consciente. – Mas como conseguimos fugir?

– O Tomasz tem um carro à espera aqui perto.

– E eu não dava terrivelmente nas vistas com a minha maravilhosa fatiota às riscas?

A Danielle soltou mais um suspiro impaciente.

– O Tomasz trouxe-lhe uma muda de roupa... a última moda da Coco Chanel, um bonito vestido preto e uma estola de pele, com

sapatos confortáveis.

– Oh! – Não consegui evitar um gemido deliciado ao pensar em trocar as socas desconfortáveis por uns sapatos. Naquele momento, uns sapatos confortáveis pareciam-me mais atraentes do que um pretendente shakespeariano de braços fortes a pedir-me em casamento. Pelo menos, para os meus pobres pés cansados.

– Então, a Etty muda de roupa e ele olha para si com os olhos cheios de lágrimas – continuou a Danielle. – “Etty, minha querida menina, és a criatura mais bonita e deslumbrante que já vi em toda a minha vida”, arqueja ele.

Mordo o lábio inferior para impedir uma gargalhada. Desde que aqui chegara que não via o meu reflexo, mas estava disposta a arriscar que parecia tudo menos bonita e deslumbrante. Além disso, a ideia de o Tomasz falar assim era, no mínimo, cómica.

– E a seguir afastam-se os dois para bem longe daqui, para viverem uma vida cheia de amor, felicidade e liberdade. Fim – anunciou a Danielle. – Então, o que acha? – perguntou, ansiosa, com os olhos a cintilar.

– Acho que és uma excelente contadora de histórias.

– A sério? – A voz dela continha tanta esperança que era a um só tempo animador e desolador.

– Completamente. Fizeste aquilo que todos os bons contadores de histórias fazem: transportaste-me para o mundo da história só com as tuas palavras. Fizeste com que, por instantes, me esquecesse das minhas circunstâncias, apesar de a história ser sobre mim. Muito obrigada.

– Não tem de quê. – A Danielle ficou deitada de costas, a olhar para a cama de cima, onde se ouviam os roncossuaves da *Macaron*. Pensei que a Danielle ficara exausta, mas depois ela virou-se para me fitar. – Decidi que também vou observar o *Yom Kippur* – murmurou.

– Isso é maravilhoso – murmurei de volta. Procurei-lhe a mão e entrelacei os meus dedos nos dela.

– Podemos fazer de conta que acendemos a vela *yahrzeit*?

– Claro – respondi, com a pele a formigar. Será que queria praticar o ato de recordação pela mãe? Teria finalmente aceitado que a Marguerite já não estava connosco? Senti uma pontada de desespero

pelo que a pobre rapariga tinha de suportar. – Olha, estou a acendê-la neste momento – sussurrei, imitando o gesto de acender um fósforo. – Abençoado sejas, Deus nosso Senhor, Criador do Universo, que com os Teus mandamentos fizeste de nós santos, e nos guias a acender a chama do *Yom Kippur* – disse. – Vou dizer uma oração de recordação pelo Solly... – Preparei-me, à espera da resposta da Danielle.

– Oh – soltou ela, tão baixinho que quase não a ouvi.

– Meu Deus, espero que o Solly esteja contigo e que a sua alma tenha encontrado a paz – murmurei. – Obrigada pelo dom da sua amizade e do seu amor. Obrigada por o manteres sempre no meu coração e pela forma como ele continua a velar por mim. – Fiquei em silêncio, os meus olhos cada vez mais quentes com lágrimas. Esperava que a Danielle pudesse retirar algum conforto da minha oração e pensar na mãe em termos semelhantes.

– Querida *maman* – sussurrou ela, provocando um arrepio que me percorreu a espinha. – Sinto muito a tua falta, mas espero que estejas em paz e que agora olhes por mim, como um anjo... – A voz vacilou. Segurei-lhe na mão e apertei-a com força. – Meu Deus, por favor, olha pela minha *maman*. E obrigada pela Etty.

Inicialmente, achei que tinha ouvido mal, mas ela apertou a minha mão antes de continuar.

– Obrigada por a teres enviado para cuidar de mim.

Aproximei-me e dei-lhe um beijo na testa.

– Gosto muito de si, Etty – murmurou a Danielle, antes de se aninhar no meu peito.

– E eu de ti, Danielle – respondi, o nó na minha garganta tão grande que mal conseguia respirar.

Naquela noite, pela primeira vez desde que chegara a Auschwitz, tive um sonho bonito, em vez de um pesadelo. Claro que havia comida, que agora era, aparentemente, um tema recorrente em todos os nossos sonhos, mas ao invés de estarmos privados de coisas para comer, a Danielle, a Marguerite, o Solly e eu estávamos a apreciar um banquete de *Erev Yom Kippur*. A mesa a que nos sentávamos estava repleta de *challah* acabado de cozer e sopa cheia de pedaços de frango tenro, batatas e outros vegetais. Depois da sopa, o Solly distribuiu

fatias do mais doce dos bolos de mel e desejou-nos um bom jejum. No meu sonho, ele parecia um pouco mais novo, já não tinha uma corcunda tão pronunciada e os nós dos dedos das mãos não estavam inchados da artrite. Estava prestes a desejar-lhe também um bom jejum quando um som súbito e barulhento transformou o meu sonho em escuridão.

Abri os olhos. Parecia estar acordada, mas ainda sentia o cheiro da sopa.

– Consegues sentir o cheiro a comida? – segredei para a Danielle, quando ela se mexeu ao acordar.

– Sim – respondeu, cheirando o ar. – E tem um cheiro delicioso.

Murmúrios de surpresa começaram a inundar a caserna e a *Macaron* desceu da sua cama a esfregar os olhos.

– Que cheiro é este?

– Bom dia – disse a *Blockalteste*, com um tom de voz invulgarmente amistoso. Por esta altura, eu já reconhecia algumas palavras e frases em alemão, mas não entendi o que ela disse a seguir.

– Ela está a dizer que sabe que hoje é um dia especial para nós, judeus – explicou a *Macaron*. – Por isso, prepararam um pequeno-almoço especial.

– Mas é suposto jejuarmos no *Yom Kippur* – respondi. – Talvez tenha confundido os dias e pensa que hoje é o *Erev Yom Kippur*. – Se fosse esse o caso, era, sem dúvida, a mais amarga das ironias.

O cheiro da sopa intensificou-se e era cada vez mais delicioso, deixando-me com água na boca. A *Blockalteste* disse qualquer coisa e o seu rosto mostrava um sorriso hediondo.

A *Macaron* suspirou e abanou a cabeça.

– Ela não se enganou nos dias; estão a fazer isto de forma deliberada, para nos testarem. Quem não comer o pequeno-almoço, vai levar uma chicotada.

A Danielle olhou para mim, os olhos arregalados de terror.

– Não faz mal – murmurei. – Acho que devias comer. Creio que Deus há de querer que mantenhas a tua força.

– E o que vai fazer, Etty? – perguntou-me.

O que ia eu fazer? Enquanto estávamos na fila para o pequeno-almoço, dei voltas e mais voltas à minha cabeça. Estava tão

determinada a marcar uma posição em nome da minha fé, mas como o podia fazer sem levar uma sova, ou pior?

Depois de me servirem a minha porção, tornou-se ainda mais difícil pensar. Para variar, a sopa não era um líquido aquoso insípido. Estava repleta de vegetais e cheirava maravilhosamente. Talvez devesse comê-la? Mas bastou um olhar para o rosto fanfarrão da *Blockalteste* para cimentar a minha determinação. Aceitei a minha sopa e segui a Danielle até ao nosso beliche. Enquanto ela devorava a sua, fiz de conta que comia, mas levava a minha colher sempre vazia. Depois, assim que as guardas desviaram os olhos, virei-me de costas para elas e fiz sinal à Danielle para que se aproximasse de mim. Antes que pudesse dizer alguma coisa, deitei o conteúdo da minha tigela para a dela.

– Etty! – exclamou.

– Chiu, come e não digas nada – sussurrei.

Ela não precisou de outro incentivo. Quando nos deram a água turva castanha que diziam ser café, levantei o colchão de palha e deitei-o para o chão, por entre as tábuas do meu beliche. Era tão nojento que tinha a certeza de que a Danielle não ia querer a minha parte. Felizmente, o café não tinha aroma, por isso estava confiante em como me ia safar. Continuei a fingir que bebia, sentindo-me especialmente encorajada por ter ajudado a alimentar a Danielle, feito o teshuvá e observado o jejum mesmo nas barbas dos alemães.

Enquanto percorríamos o caminho para o pântano, de forma a iniciarmos o dia de trabalho, fui mantendo esta satisfação em mente, pois ajudava-me a aguentar a tontura provocada pela fome. A cada passo que dava via uma centelha da luz de Deus a libertar-se, deixando pegadas douradas sobre a lama, e imaginei que o Solly estava lá em cima a sorrir-me e a dar-me coragem para continuar.

À hora do almoço, deram-nos mais sopa com um cheiro delicioso.

– Quem não comer será espancada – gritou uma das guardas.

Fitei a Danielle e assenti quando ela começou a comer. Desta vez, escondi a minha tigela atrás de um monte de rochas e pedras. Eles faziam-nos sempre trabalhar para lá do pôr do sol, por isso o meu plano era comê-la assim que escurecesse, quando já podíamos quebrar

o nosso jejum. O meu plano funcionou e, apesar de a sopa ter azedado um pouco com o calor da tarde, não me importei. Devorei-a com vontade e naquele momento foi a coisa mais deliciosa que já comera na vida.

Regressei à caserna sentindo-me um pouco mais satisfeita. Conseguira ludibriar os alemães não uma, mas duas vezes. Tinha sido um dia realmente bom. Mas quando chegámos à nossa caserna, a *Blockalteste* estava parada à entrada, o chicote numa mão e um pastor-alemão a puxar a trela na outra. Murmurou qualquer coisa para a *kapo* com cara de fuinha e esta desatou a marchar pela fila, parando à minha frente e da Danielle. A *Blockalteste* rosou os nossos números e a *kapo* puxou-nos da fila pelos colarinhos. A *Blockalteste* gritou qualquer coisa em alemão que não consegui entender, mas vi a *Macaron* estremecer.

– Ela diz que uma de vocês não bebeu o café – rosou a *kapo*, fazendo com que o meu coração batesse mais depressa. – Quem foi?

Com o coração destroçado, dei um passo em frente.

Capítulo Vinte

Auschwitz, setembro de 1942

A *kapo* levou-me até à *Blockalteste*, que agora gritava de forma tão selvagem que tinha saliva a acumular-se nos cantos da boca.

– Ela quer saber porque não bebeste o café – ladrou a *kapo* ao meu ouvido.

Porque sabe a mijo, foi o que me apeteceu responder, mas mordi a língua.

– Responde! Porquê? – gritou a *kapo*, antes de me dar uma bofetada no rosto.

– Não tinha sede – repliquei. Não podia dizer que fizera jejum, porque iam querer saber o que acontecera à sopa.

A *kapo* transmitiu as minhas palavras à *Blockalteste*, o que originou o que seria, sem dúvida, mais um chorrilho de insultos. Como se alimentado por aquela raiva, o cão começou a rosnar ferozmente. Lembro-me de quando era criança me dizerem que os animais conseguem pressentir o nosso medo, o que nos deixa mais vulneráveis aos seus ataques. *Não demonstres medo, não demonstres medo*, comecei a repetir mentalmente, um mantra já antigo que costumava usar com o meu pai.

– Ela quer saber o que fizeste com a sopa – disse a *kapo*.

Um silêncio terrível abateu-se sobre nós. Tive tanta vontade de lhe dizer que oferecera a sopa, que estava a jejuar para o *Yom Kippur*, que era uma judia orgulhosa e que mesmo neste inferno encontrara uma forma de me aproximar de Deus. Mas se lhe dissesse a verdade, ela havia de querer saber a quem dera a sopa e depois a Danielle podia estar também metida em sarilhos. *O que importa o que ela pensa?*, imaginei o Solly a aconselhar-me. *A Ety e Deus sabem a verdade, só isso importa*.

– Comi-a – respondi, fitando a *Blockalteste* com ar de desafio.

Ela observou-me por um instante, depois rosnou qualquer coisa às duas *kapo* que se abateram sobre mim de imediato como bestas selvagens, rasgando-me as roupas até eu ficar nua à frente de toda a gente. A seguir, fui levada para o centro do pátio.

– Vais ser castigada pela tua insolência – informou-me a *Cara de Fuinha*. – E uma vez que não tens sede, amanhã não bebes nem uma gota.

Ouvi um arquejo atrás de mim e incitei silenciosamente a Danielle para ficar calada.

A *Blockalteste* marchou até onde eu estava, pôs-se atrás de mim e fez estalar o seu chicote. As primeiras vergastadas doeram-me como o diabo e fizeram-me arder os olhos. Mas estava determinada a não chorar. À medida que as chicotadas continuavam, fiquei delirante de dor, mas não quebrei. Lembrei-me do que costumava fazer sempre que ouvia o som do meu pai a tirar o cinto antes de me bater e abandonei mentalmente o meu corpo, sabendo que precisava de me perder numa história. Ocorreu-me de imediato o conto que a Danielle criara na noite anterior e imaginei o Tomasz a aparecer junto da vedação. Mas desta vez ele não falava como uma personagem de Shakespeare. Desta vez, disse apenas: “Lamento muito, por favor, perdoa-me.” “Eu também lamento”, imaginei-me a dizer. “Não te devia ter julgado com tanta rapidez.” E quando percebi que estava a pedir perdão no verdadeiro espírito do *Yom Kippur*, senti-me invadida por uma nova onda de forças. *Podes até conseguir quebrar o meu corpo, mas jamais conseguirás quebrar o meu espírito*, gritei mentalmente à *Blockalteste*. Foi uma consciencialização muito importante e libertadora.

As chicotadas pararam por fim e ouvi soluços abafados vindos de uma fileira de prisioneiras que tinham sido forçadas a assistir. Parecia que algumas estavam a chorar. Abri os olhos e vi a Danielle e a *Macaron* numa das extremidades da fila. Os ombros da Danielle estremeciam, mas fiquei reconfortada quando vi a *Macaron* a pegar-lhe na mão.

– Silêncio! – gritou-lhes a *Cara de Fuinha*, antes de voltar a virar-se para mim. – Vais ficar aqui, de pé, até amanhã de manhã, senão serás fuzilada.

Não demonstres medo, não demonstres medo, não demonstres medo, recordei-me, enquanto as outras eram levadas para a caserna.

Vi uma ratazana a atravessar o pátio. Ao contrário de nós, prisioneiros, o corpo dela era bem arredondado. Tentei não pensar no que ela andaria a comer. O zumbido da vedação eletrificada parecia

cada vez mais sonoro, uma recordação de que a morte estava sempre presente e podia apanhar-nos a qualquer instante. Doía-me o corpo e sentia as costas a arder das chicotadas que levava, mas não sei bem como, continuei de pé. Uma brisa ligeira dançou à minha volta, arrefecendo-me os ferimentos. Observei enquanto a lua saía de trás de uma nuvem. Estava cor de laranja brilhante – a luz das colheitas, recordei-me de a Madame Bellamy me explicar quando era pequena. Nunca tinha visto uma lua tão alaranjada. Brilhava como o mais cintilante pedaço de âmbar. Enquanto olhava para cima com deslumbramento, ocorreu-me um pensamento maravilhoso. Eu devia estar a sofrer um castigo, mas, na verdade, a *Blockalteste* e as suas capangas acabaram por me presentear com uma exibição de beleza como não via há muitos meses. Apercebi-me depois de mais uma ironia – graças ao recolher obrigatório implementado pelos alemães assim que ocuparam a França, esta seria a primeira noite em dois anos em que poderia ficar no exterior. Era verdade que não estava propriamente a passear nas margens do Sena depois de uma noite de dança e com a música, as gargalhadas e as conversas ainda a zunir-me nos ouvidos, ainda assim... era uma bênção inesperada e estava determinada a aproveitar cada segundo.

À medida que o tempo passava, as luzes foram-se apagando nas casernas, o que só fez com que a lua parecesse ainda mais brilhante. Sempre que as minhas pernas ameaçavam ceder, sentia a lua a puxar-me para cima, da mesma forma que puxava as marés, ajudando-me a permanecer de pé. Mas depois ouvi vozes masculinas e fiquei imediatamente tensa. As silhuetas de dois soldados alemães apareceram no lago de luz sob a torre de vigia e encaminhavam-se na minha direção. Fechei os olhos, como fazem as crianças pequenas, tentando tornar-me invisível. *Por favor, não me vejam*, implorei silenciosamente.

A conversa entre os dois tornou-se cada vez mais audível até que subitamente parou – como se tivessem visto qualquer coisa, como se me tivessem visto.

Por favor, continuem a andar. Por favor, por favor.

Ouvi o recomeço dos passos, cada vez mais altos e próximos. Abri os olhos e olhei para a lua, na esperança de receber alguma da sua

força alaranjada e ferosa. Os homens aproximaram-se e pararam mesmo à minha frente, olhando para o meu corpo despido de alto a baixo. Conseguia sentir o bafo a álcool dos seus hálitos. Tentei fugir mentalmente para uma história, tentei imaginar o Tomasz do conto da Danielle a saltar sobre a vedação naquele instante e a recorrer às suas técnicas de pugilista para desfazer estes animais nazis, deixando-os derrubados no chão. Mas não consegui. A luz escondeu-se atrás de uma nuvem, como se nem ela conseguisse assistir ao que se podia passar a seguir.

Um dos homens disse qualquer coisa ao outro, o que originou um resfolegar desdenhoso, e a seguir vi-o, horrorizada, a abrir o fecho da braguilha das calças. O outro depressa lhe seguiu o exemplo. Disse-me qualquer coisa que era evidentemente um insulto, mas como não entendi o significado, imaginei a palavra a cair ao chão, sem me conseguir tocar, embora naquele momento as palavras fossem a menor das minhas preocupações. Toda a exaustão que sentia desapareceu à medida que a adrenalina inundava o meu corpo. Uma coisa era ser espancada, privada de comida ou de água, mas ser violada era o pior dos meus pesadelos, e nada nesta vida me preparara para o que estava prestes a acontecer.

Um dos homens deu um passo na minha direção e vi-o com o pénis flácido na mão. Parte de mim queria implorar por misericórdia, mas sabia que isso só traria ainda maior satisfação a estes porcos. Em vez disso, fechei os olhos e rezei por forças. Depois, ouvi o som de um líquido a cair e senti qualquer coisa quente contra as minhas pernas despidas. Abri os olhos e constatei que estavam a urinar para cima de mim. Estiveram naquilo imenso tempo – era evidente que não lhes faltava o que beber – até que, por fim, o jorro de urina se transformou em meras pingas e ambos voltaram a fechar as braguilhas.

Não demonstres emoção, não te mexas, incentivei-me silenciosamente.

Um deles disse qualquer coisa e o outro riu-se. Depois, à vez, puseram-se à minha frente e cuspiram-me na cara.

Não vaciles. Olhei para a frente sem expressão, até que finalmente se aborreceram de mim e foram à sua vida, deixando o fedor da urina colado a mim, como uma praga.

Olhei para o céu, pedindo à lua que voltasse, mas ela permaneceu escondida, e não a culpei por isso. Esforcei-me tanto por permanecer forte e desafiadora, mas o desdém com que estes homens me trataram deixou em mim cicatrizes bastante mais profundas do que as chicotadas da *Blockalteste*, além de ter reaberto feridas antigas.

Recordei-me de uma ocasião em que a Madame Bellamy me tentou explicar a raiva que o meu pai sentia por mim. “É como se ele tivesse uma doença”, dissera ela, segurando uma compressa fria sobre o meu olho inchado, “uma doença da cabeça. É por isso que não debes nunca levar isto a peito, não importa o que ele te diga. Quando ele te diz que és a culpada pela morte da tua mãe, é só a doença dele a falar, não é ele”. Sempre tive dificuldades em entender esta teoria – quando o meu pai se lançava numa das suas tiradas sobre como o meu nascimento causara os problemas de saúde que acabaram por levar a minha mãe, ele podia estar embriagado, mas era sempre bastante convincente. E, afinal, era verdade.

Quando pensei na minha mãe, senti uma dor lancinante no coração, embora só a conhecesse a partir de um punhado de velhas fotografias a sépia. Se ela não tivesse engravidado de mim, ainda estaria viva. À semelhança do Tomasz, eu era responsável por ter tirado a vida a uma pessoa. Talvez não intencionalmente, mas continuava a ser culpada pela sua morte.

O cheiro da urina dos guardas inundou-me as narinas e colou-se ao fundo da minha garganta. Esforçara-me tanto por fugir ao meu passado, para escrever, literalmente, um novo futuro para mim, mais feliz, mas ali estava eu novamente, a ser sujeita a insultos e mais abusos. Senti os joelhos a fraquejar e uma lágrima caiu-me pelo rosto. Talvez fosse melhor deixar-me cair no chão e levar um tiro. O mais certo era morrermos todos neste local, por isso, de que valia estar a adiar o momento?

Mas depois pensei na Danielle e algo no meu âmago se restabeleceu. Não a podia deixar ali sozinha, sem ninguém que cuidasse dela. Eu era tudo o que ela tinha, o mais parecido com uma família. Que ironia ter desejado durante tantos anos fazer parte de uma família amorosa. Nunca imaginei que viesse a encontrá-la num lugar tão terrível como este.

Olhei mais uma vez para o céu e desta feita recordei-me de algo que o Solly certa vez me dissera sobre os dois tipos de sofrimento: o bom e o mau. O mau era quando alguém se sentava a um canto a matutar sobre alguma infelicidade que lhe acontecera; o bom surgia quando sentíamos pena de ter perdido alguma coisa. “É como um homem que viu a sua casa a arder por completo”, ouvia a voz do Solly a ecoar através do tempo. “Ele sente uma dor genuína por tudo o que perdeu, mas depois, se estiver disposto a reencontrar a alegria na sua alma, começa a construir uma casa nova. E com cada tijolo que assenta, o seu sofrimento diminui e a alegria aumenta.”

Uma bruma vinda dos pântanos que rodeavam o campo começou a arrastar-se pelo chão e abracei o meu próprio corpo para me proteger do frio crescente. A minha vida como a conhecera tinha ardido por completo, mas, como o homem da fábula, eu podia escolher concentrar-me em ajudar a Danielle, a *Macaron* e qualquer pessoa que pudesse precisar de mim. Como se quisesse celebrar a minha decisão, a lua finalmente reapareceu e derramou sobre mim um caloroso brilho âmbar.

Capítulo Vinte e Um

Auschwitz, dezembro de 1942

– Era uma vez, um jovem lenhador que vivia no meio de uma floresta densa, daquele tipo de florestas em que as árvores são tão antigas e tão retorcidas, com tanta personalidade, que parecem mesmo pessoas.

– Como é que ele se chamava? – perguntou a Danielle, ao meu lado no beliche, com os dentes a bater por causa do vento frio de dezembro que entrava pelas frinchas das paredes de madeira da caserna.

– Na verdade, era *uma lenhadora* – respondi.

– Excelente – murmurou a *Macaron*, do outro lado de Danielle.

Nos últimos dois meses, tínhamos recebido várias mulheres na nossa caserna e, apesar de outras terem morrido, incluindo a Hannah, que deu entrada da enfermaria e nunca regressou, o espaço estava cada vez mais apinhado. A *Macaron* mudara-se para a nossa cama, o que me deixou muito feliz. Nós as três tornámo-nos inseparáveis, como se fossemos irmãs – ou talvez nos assemelhássemos mais a duas tias excêntricas e uma sobrinha. Uma mulher chamada Sophie também começou a partilhar o nosso beliche. A Sophie chegara apenas uma semana antes e ainda se encontrava naquele estado atordoado em que mal dizia uma palavra. Olhei para ela, deitada do outro lado da *Macaron*. Estava de olhos fechados, mas pela maneira como as pálpebras estremeciam, percebi que não estava a dormir.

A *Macaron* começou a coçar o braço.

– Desculpa – murmurou. – Isto faz-me uma comichão dos diabos. – A caserna não estava apenas apinhada de mulheres, a infestação de piolhos piorava de dia para dia.

– Não coce, só piora e vai dar-me comichão também – disse a Danielle. – Etty, continue a contar a história, para a distrair.

– Pois bem, a lenhadora chamava-se Ruth – continuei, num tributo à minha mãe –, e vivia sozinha na floresta desde que os pais tinham morrido em circunstâncias trágicas e terríveis.

– O que lhes aconteceu? – perguntou a Danielle.

– Bem, o pai foi comido por um lobo e a mãe devorada por um

bácoro enraivecido. – Felizmente, estes detalhes provocaram uma gargalhada na Danielle e reparei que os primeiros indícios de um sorriso afloraram os lábios da Sophie. – A Ruth ia todos os dias pescar o jantar a um regato que atravessava a floresta. E todas as tardes ela cortava lenha fresca para a lareira, para se poder aquecer e cozinhar o jantar.

– Oh, o que eu dava para estar agora em frente à lareira – suspirou a *Macaron*.

– E eu – murmurou a Danielle.

– Se continuarem a ouvir a minha história, vão aprender a acender a vossa própria fogueira sempre que quiserem.

– A sério? – A Danielle virou-se ligeiramente, de forma a olhar para mim.

– Sim, por isso, silêncio, deixa a contadora de histórias continuar.

– É melhor fazeres o que ela diz – aconselhou a *Macaron*, com secura. – Sabes até que ponto podem ser temperamentais estas pessoas criativas.

– Então, num belo dia, a Ruth estava arduamente a cortar lenha quando uma velha malvada chamada Zubata apareceu.

– Zubata. – A Danielle riu-se outra vez e aos meus ouvidos o som das suas gargalhadas era mais doce do que um coro de anjos.

– Sim, Zubata, porque os dentes dela pareciam os de um cavalo – murmurei. Dera este nome à personagem má da minha história em honra a uma das guardas mais velhas do campo, a temida Aufseherin Dreschel, a quem as prisioneiras russas tinham dado a alcunha de *Zubata*, que significava “a dos dentes grandes”. Era magra e má, levava o seu cão violento para todo o lado e a coisa que mais gostava de fazer era espalhar a infelicidade por onde quer que fosse.

– O que fez ela à Ruth? – perguntou a Danielle, claramente preocupada.

– Quando se cruzou com a Ruth, perguntou-lhe o que estava a fazer. Esta respondeu que estava a cortar lenha para a lareira. Zubata soltou uma risada sinistra e lançou uma maldição ao machado da Ruth. “A partir de agora, não vais conseguir cortar mais lenha”, sibilou a velha, “e não vais conseguir acender mais fogueiras”.

– Não sei se gosto muito desta história – resmungou a Danielle.

– Nem eu, e a minha comichão não está melhor – concordou a *Macaron*.

– Oh, por favor. – Soltei um suspiro dramático. – Toda a gente sabe que uma boa história tem de ter um momento de triunfo sobre a adversidade. Têm de ser pacientes, esta é a adversidade, o momento de triunfo já vem.

– Está bem – anuiu a Danielle.

– Então, a malévola Zubata e o seu cão sempre sedento de sangue foram pela floresta fora em busca de mais pessoas a quem pudessem destruir a vida, enquanto a Ruth, com frio e assustada, regressou à sua casinha. Como iria sobreviver, agora que não tinha maneira de se aquecer?

Na cama por cima da nossa, uma das recém-chegadas inspirou e começou a chorar baixinho.

A Danielle procurou a minha mão e segurou-ma com força.

– Continue – murmurou.

– A Ruth sentou-se em frente aos poucos troncos que lhe restavam. Se os usasse agora, não teria madeira para o resto do inverno, mas tinha tanto frio. “Por favor”, implorou. “O que hei de fazer?”

– Ela estava a falar com quem? – perguntou a Danielle.

– Com quem a pudesse estar a ouvir – respondi.

– Espero que não fosse com Deus, porque ele certamente não lhe daria ouvidos – interveio a *Macaron*, com ar sombrio. À semelhança de muitas outras pessoas em Auschwitz, ao longo dos últimos meses, ela perdera quase por completo a fé na capacidade de Deus em ouvir as nossas súplicas. Quando a ideia para esta história me ocorreu, enquanto estávamos ainda a trabalhar, esperava que ajudasse a reacender um pouco de esperança no seu coração. Mas agora não tinha certeza se conseguiria. O cansaço constante e a fome estavam a ter um efeito nefasto na minha imaginação, mas tinha de continuar, não podia deixar o meu público em suspenso.

– E, surpreendendo a Ruth, ela ouviu uma voz vinda da chaminé.

– O que disse a voz? – quis saber a Danielle.

– Disse: “Se me ajudares a sair desta chaminé, mostro-te como manter o teu fogo a arder eternamente” – respondi, fazendo uma voz cómica e esganiçada.

– Quem era? – perguntou a Danielle.
– Se me deixares continuar a história, vais descobrir!
– Desculpe. – Aninhou-se contra mim.
– “Claro que sim”, disse a Ruth, e espreitou pela chaminé, onde viu um duende minúsculo com barbas muito compridas e orelhas pontiagudas.

– Ela tinha um duende na chaminé? – questionou a *Macaron*.
– Tinha. Este é um conto de fadas, não se esqueçam.
– Naturalmente. Peço desculpa, continua, por favor.
– Obrigada. Então, a Ruth ajudou o duende a sair da chaminé. “O meu nome é Shalom”, disse ele, sacudindo a fuligem da sua barba comprida.
– Mas o que estava ele a fazer dentro da chaminé? – perguntou a *Macaron*.

A Danielle soltou uma risada. Ela divertia-se sempre com a forma como eu e a *Macaron* nos metíamos uma com a outra.

– “O que estás a fazer dentro da chaminé?”, perguntou-lhe a Ruth. “Estou à procura do Pai Natal”, respondeu o Shalom.

– Era Natal? – interrompeu a Danielle, e tive de reprimir a vontade de gritar. Não sei porquê, mas duvidava seriamente que a Madame d’Aulnoy tivesse de suportar tantas interrupções no seu salão literário. Não obstante, continuei.

– “Mas ainda falta uma semana para o Natal”, disse a Ruth. “Eu gosto de me antecipar”, respondeu o Shalom. – Felizmente, o meu público pareceu satisfeito com esta explicação. – A seguir, a Ruth contou ao duende a maldição da velha Zubata e ele cofiou a barba, a ponderar, durante um instante antes de falar... – Fiz uma pausa para efeitos dramáticos.

– O que disse ele? – murmurou a Danielle.

– Disse à Ruth para acender a lareira, que depois lhe mostraria como manter o fogo sempre aceso – respondi. – Por isso, a Ruth fez o que ele pediu e usou os últimos pedaços de madeira.

– E... – insistiu a *Macaron*, com impaciência.

– E o Shalom disse-lhe que ela devia sentar-se todos os dias em frente à lareira e pensar em alguma coisa que a deixasse feliz; se o fizesse, o fogo nunca se apagaria.

– Mas como podem os pensamentos felizes manter o fogo aceso? – quis saber a Danielle.

– “Mas como podem os pensamentos felizes manter o fogo aceso”, perguntou-lhe a Ruth – repeti, inspirando e rezando por paciência. – O Shalom ofereceu um sorriso sábio à Ruth, os seus olhos castanhos cintilavam com o brilho das chamas. “Experimenta e vê o que acontece”, desafiou ele. Então, a Ruth sentou-se em frente à lareira e pensou no regato cristalino onde costumava pescar e em como a água a cantar por cima das rochas a deixava sempre tão calma. Pensou nas libelinhas e nas aves canoras, na forma como o verde das árvores parecia dobrar-se sobre si mesmo como o mais reconfortante dos cobertores. À medida que ia tendo pensamentos felizes, as chamas da fogueira aumentavam cada vez mais, envolvendo a Ruth naquele calor maravilhoso.

– Mas os troncos não arderam? – interrogou a Danielle.

– Não. O Shalom despediu-se da Ruth, recordando-a de que todos os dias devia alimentar a lareira com pensamentos felizes. Depois foi à sua vida. E, claro, a Ruth fez o que ele lhe dissera e o fogo da sua lareira nunca se apagou. Além disso, também nunca mais teve de cortar lenha, o que a deixava ainda mais feliz, já que assim tinha mais tempo para procurar outras coisas que lhe trouxessem felicidade, coisas em que podia pensar para manter o fogo aceso.

– Só não estou a entender de que forma é que esta história nos pode ajudar – disse a Danielle, num tom inexpressivo.

– Sempre que tens um pensamento feliz, isso não te faz sentir mais quentinha por dentro? – perguntei, rezando para que percebessem onde queria chegar e que não as tivesse feito ansiar por uma lareira de verdade, tornando assim o frio e a comichão ainda mais insuportáveis.

– Vou experimentar – disse a *Macaron*. – Vou pensar no dia em que abri a minha galeria; foi um dia tão feliz.

– Excelente – respondi, sem saber se estava a falar a sério ou só a ajudar-me na minha tentativa de animar a Danielle. – E tu, Danielle? – Sustive a respiração e esperei.

– Eu vou pensar naquela vez em que o Xavier Fortin me beijou – respondeu ela, por fim.

– O quê?! – exclamei. – Quem é o Xavier Fortin?

– É o rapaz mais bonito da minha escola – respondeu ela com timidez.

– Eu vou pensar no dia em que o meu filho nasceu – murmurou a Sophie, pregando-nos um susto. Era a primeira vez que dizia alguma coisa sem que tivéssemos de lhe perguntar. Abriu os olhos e sorriu-me.

– Foi o dia mais maravilhoso da minha vida.

– Posso imaginar – respondi. – Deve ser incrível ser mãe.

– É, sim. – A Sophie voltou a fechar os olhos, com o mais débil sorriso nos lábios.

– E tu, *Galette*, vais pensar em quê? – perguntou a *Macaron*.

– Pense no dia em que conheceu o Tomasz – sugeriu a Danielle, com ansiedade.

Soltei uma gargalhada.

– Já que insistes. – Mas quando fechei os olhos, pensei no Solly, a inspiração para o meu sábio duende, Shalom, e da vez em que me dissera que eu era como uma filha para ele, palavras que me aqueceram o coração.

A Danielle virou-se de lado e a *Macaron* e eu fizemos o mesmo logo depois, aninhando-nos na pequena cama como se fôssemos um, conjunto de colheres na gaveta dos talheres, e eu imaginei os nossos pensamentos felizes a acenderem chamas de esperança e de amor dentro de cada uma de nós. Num mundo onde nos retiraram absolutamente tudo, era reconfortante saber que ainda havia algo a que nos podíamos agarrar. Ainda controlávamos as histórias que contávamos umas às outras.

Capítulo Vinte e Dois

Auschwitz, fevereiro de 1943

Quando contei a história do Fogo da Felicidade pela primeira vez, não fazia a menor ideia de como acabaríamos por depender tanto dela. Se os primeiros meses que passámos em Auschwitz tinham sido duros, a chegada do inverno elevou as coisas a um novo patamar de dificuldade. Não obstante o frio cortante, continuávamos a ter de sair à rua para a chamada das três e meia da manhã. Comecei a ter pesadelos em que ficava presa na lama espessa, ou pior, caía desamparada dentro dela. Se caíssemos na lama ou na neve, não havia a menor esperança de podermos mudar para uma roupa limpa e seca. Uma das mulheres caiu durante a chamada, ao tentar evitar que o cão de uma das guardas lhe mordesse. Durante o dia, o vestido enlameado congelou-lhe sobre as costas enquanto ela trabalhava no campo, e acabou por morrer um par de dias depois com hipotermia. A morte e a possibilidade de cairmos nas suas garras cada vez mais afiadas era agora uma presença constante.

Sempre que chegava uma nova onda de prisioneiros ao campo, a chaminé começava a expelir o fumo negro para o céu já carregado, e pouco depois seguia-se um coro de lamentos angustiados, à medida que aqueles que sobreviviam ao processo de seleção se apercebiam do destino de amigos ou entes queridos. Quem estava no campo há alguns meses, como nós, já não estremecia perante aqueles lamentos – pelo menos, não exteriormente. Uma certa dormência parecia ter tomado conta de nós, em parte causada pelo choque, em parte pelo frio. Havia a sensação esmagadora de que todas as coisas se encolhiam sobre si mesmas, que até *nós* mirrávamos para dentro dos nossos corpos. Mas, à noite, a *Macaron*, a Danielle e eu aninhávamo-nos na nossa cama e partilhávamos um pensamento feliz à vez para mantermos o nosso fogo da esperança bem aceso. Todos os dias, enquanto trabalhava, rezava para conseguir chegar até à noite, quando poderia refugiar-me no ninho de histórias que criámos. Acredito verdadeiramente que o que me manteve viva naquele inverno foi o nosso ninho de palavras, sobretudo no mais terrível dia

de fevereiro.

Tive a sensação de que algo de errado se passava quando nos acordaram ainda mais cedo do que o habitual e nos levaram para fazer a chamada fora do campo, para que todas as mulheres pudessem ser alinhadas juntas. Enquanto nos organizávamos em filas sobre a alcatifa de neve, as guardas e os seus cães gritavam e ladravam para que mantivéssemos uma formação perfeita. Há muito que aprendera a fugir para o mundo das histórias durante as chamadas, porque se os números não batessem certo, podíamos ficar ali paradas de pé durante horas. Mas naquela manhã, todas as tentativas de contar uma história a mim mesma foram interrompidas pelas dúvidas da minha mente ansiosa. Por que razão nos acordaram tão cedo e nos obrigaram a ficar aqui todas juntas? E porque é que os guardas das SS, muito bem protegidos do frio com os seus casacos e capas grossas, não faziam qualquer esforço para nos contar?

As horas passaram e o sol começou a erguer-se no céu, fazendo com que a neve cintilasse em tons de rosa e dourado. Já não sentia os pés nas socas de madeira e o vento forte fustigava as filas de mulheres, penetrando nas nossas roupas puídas. Vi a Danielle a estremecer ao meu lado e quando as guardas não estavam a olhar, fiz-lhe sinal para trocar comigo, para eu ficar do lado de fora. Não que tenha feito grande diferença. Olhei de relance para as mãos dela e vi que estavam roxas.

Ficámos ali em silêncio durante uma eternidade, o único som que se ouvia era o mugir longínquo das vacas, mas à medida que o tempo passava, até este som se tornava cada vez mais sinistro e arrepiante.

– O que se passa? – murmurou a Danielle.

– Chiu, mantém a calma – respondeu a *Macaron*, do outro lado da rapariga.

– Continua a alimentar o fogo – sussurrei. Era o nosso código para pensar em coisas felizes.

A Sophie, que estava do outro lado da *Macaron*, inclinou-se para a frente e ofereceu-me um pequeno sorriso de gratidão.

Ouvi o barulho de um cavalo e virei-me para ver um oficial das SS na garupa, com as rédeas nas mãos protegidas por luvas de couro. Oh, o que eu teria dado por um par de luvas, ou um chapéu, ou uma capa.

Ele trotou à nossa volta e sustive a respiração, esperando que este fosse o motivo da nossa espera e que, a um sinal seu, todas pudéssemos continuar com o nosso dia. Nesta altura, até a ideia de trabalhar nos campos gelados era atrativa. Pelo menos poderíamos mexer-nos e tentar trazer alguma vida de volta ao nosso corpo congelado. Mas o oficial foi-se embora e nós continuámos ali, nas nossas filas.

Quando o sol se ergueu no céu, a luz fez ricochete na neve, ofuscando-me os olhos. Tantas vezes, nas últimas semanas, tinha ansiado pelo sol, mas naquele momento só me trazia desconforto. Mudei o apoio de um pé para o outro, tentando fazer o sangue circular, mas era tudo demasiado doloroso.

A mulher à minha frente começou a vacilar para um lado e para o outro.

– Sente-se bem? – murmurei, inclinando-me para a frente.

Um segundo depois, ela caiu para o chão. A seguir, alguns minutos mais tarde, caiu outra. Olhei em redor, para ver se as guardas tinham alguma reação, mas os corpos das mulheres foram deixados onde tinham caído. Ocorreu-me então a ideia de que este podia ser precisamente o objetivo do exercício. Tínhamos sido obrigadas a ficar aqui de pé como se fôssemos milhares de peças de dominó perfeitamente alinhadas até cairmos, uma por uma, e morrermos de frio? *Não!*, gritou uma voz vinda algures do meu interior. Não podíamos morrer. Tínhamos de sobreviver. Eu precisava de sobreviver para contar ao mundo o que acontecera aqui e impedir que se repetisse.

Tive um vislumbre da noite em que o Tomasz se sentou à minha mesa para o *Erev Yom Kippur*. Ele plantara propositadamente em mim uma semente e eu não iria agora permitir que os alemães e os seus jogos cruéis a matassem – ou a mim.

– Continua a mexer os pés – murmurei para a Danielle. – Continua a alimentar o fogo – segredei para a *Macaron*.

Ao meio-dia, quando o sol estava no ponto mais alto, o silêncio sinistro foi interrompido pelo rugido grave dos motores. Levantei o olhar e vi uma procissão de camiões a desfilar.

– Oh, não! – arquejou a Danielle.

A parte de trás dos camiões estavam cheias de cadáveres nus, um emaranhado confuso de cabeças rapadas, braços e pernas escanzelados e pálidos, espetados em ângulos estranhos.

– Alimentem a fogueira! – sibilei. – Não olhem.

Fechei os olhos e tentei desesperadamente encontrar uma história.

Era uma vez...

– Ela está viva! – alguém gritou.

Abri os olhos e vi, horrorizada, que alguns dos corpos nos camiões que passavam por nós se mexiam e gemiam.

– Algumas pessoas estão vivas! – exclamou outra mulher para uma das guardas.

Todas vimos quando a guarda olhou para o camião e desatou a rir. Não sei se alguma vez senti um ódio tão grande como o que senti naquele momento pela guarda. O que estava a acontecer aqui, neste Vale da Morte? Não apenas a nós, mas aos nossos captores? Compreendia que em todas as sociedades existiam pessoas capazes de cometer os atos mais desprezíveis, mas normalmente eram uma simples minoria. Neste lugar infernal, trabalhavam milhares de guardas. Como podiam tantos deles ter-se tornado tão malévolos e tão depressa? Como podia esta guarda olhar para pessoas vivas a serem levadas para o crematório e desatar a rir?

Pensei no que o Solly me dissera sobre termos de amar ainda mais para compensar a falta de amor dos alemães, mas eles também o tinham matado. De certeza que, num momento como este, até o Solly se sentiria movido pela raiva. A única coisa que eu sabia era que por esta altura era o ódio que me mantinha quente, que me dava determinação para não cair sobre a neve como uma peça de dominó. A determinação de que eles não iriam conseguir safar-se com tudo o que estavam a fazer; que eu faria tudo o que estivesse ao meu alcance para alcançar a justiça. Observámos num silêncio atordoado à medida que os camiões se encaminhavam para a chaminé. A noção de que aquelas pobres pessoas estavam prestes a ser queimadas vivas era demasiado assoberbante para interiorizar. Fechei os olhos com força e reproduzi vezes sem conta conversas que tive com o Solly, para tentar impedir que o meu espírito se quebrasse.

Só quando o sol começou a esconder-se atrás dos esqueletos das

árvores distantes nos deram ordens para regressarmos às casernas. Por essa altura, já tinha urinado pelas pernas abaixo, a neve em volta dos meus pés estava amarela, e senti que me esquecera de como as minhas pernas funcionavam. Não sei como, mas a *Macaron*, a Danielle e eu conseguimos ajudar-nos mutuamente e evitar tropeçar. Olhei em redor à procura da Sophie, mas não a encontrei. Disse a mim mesma que ela devia estar algures atrás de nós. O chão estava inundado de corpos de mulheres, como se tivessem sido abatidas uma por uma por atiradores furtivos invisíveis. Mais uma vez, fiquei em choque com a crueldade. Teria sido mais bondoso alvejar as pessoas, em vez de as deixar deslizar para uma morte lenta e dolorosa, em frente a toda a gente. A neve, que naquela manhã era tão branca e imaculada, estava agora manchada com poças amarelas e castanhas, e o cheiro da diarreia pairava no ar gelado. Mas, como se veio a revelar, o jogo sádico dos alemães ainda não terminara. À medida que nos aproximávamos dos portões que davam acesso às casernas, uma mensagem em pânico foi passando por entre as fileiras de mulheres. “Quando chegarem ao portão, corram!”

O que significava isto? Confusa, franzi o sobrolho para a *Macaron*.

– Mal consigo andar – choramingou a Danielle, parecendo perigosamente perto de desistir.

– Vamos dar as mãos – instruí, e eu e a *Macaron* segurámos nas mãos da Danielle.

Gritos de dor ecoavam vindos da frente da multidão, assim como o som dos guardas a gritar “*Schnell! Schnell!*” Por esta altura, já sabíamos que queria dizer “Depressa! Depressa!” Era assim que planeavam matar o resto de nós? Fazendo-nos embarcar numa qualquer corrida louca?

À medida que nos aproximámos do portão, vi o que causava a agitação. Duas linhas de guardas e respetivas *kapo*, armadas com bastões e chicotes, tinham formado uma espécie de túnel por onde éramos obrigadas a passar enquanto elas desferiam golpes com as armas. As mulheres que caíssem eram puxadas pelas guardas.

– Fica entre nós – disse à Danielle, enquanto formávamos uma única fila, com a *Macaron* à frente e eu atrás. – Não te preocupes, estou mesmo atrás de ti – assegurei.

Não sei onde fomos buscar forças, mas conseguimos passar por este corredor infernal. Os golpes que levei nas costas congeladas doeram-me terrivelmente, mas fizeram com que o sangue voltasse a pulsar pelo meu corpo gelado.

Quando chegámos à nossa caserna, olhámos em redor, de olhos arregalados, como se fôssemos lebres assustadas. Tinham todas conseguido regressar? Quem faltava? Alguém organizou uma contagem.

– Faltam quinze mulheres – gritou a pessoa que organizara a contagem.

Neste momento, sentia-me tão entorpecida que a única coisa que consegui fazer foi agradecer por a Danielle e a *Macaron* terem sobrevivido. Sentámo-nos em fila na beira da nossa cama.

– Onde está a Sophie? – perguntou a Danielle, envolvendo o corpo trémulo com os braços magros como galhos.

– Não sei – respondi, olhando ansiosamente em redor. – Presumi que viesse atrás de nós.

– Precisamos de ajudantes – disse a *kapo Cara de Fuinha*, junto à porta.

Se não estivesse tão chocada, ter-me-ia rido com incredulidade. Depois de tudo o que tinham acabado de nos fazer passar, ainda queriam a nossa ajuda!

– Precisamos de recolher as mulheres que caíram – continuou ela.

As mulheres que vocês assassinaram!, tive vontade de gritar.

Fiquei firmemente sentada, mas a *Macaron* levantou-se. Olhei para ela com ar inquiridor.

– Quero encontrar a Sophie – murmurou, e assenti.

Quando a *Macaron* e mais um punhado de mulheres regressaram ao exterior, pus o braço em redor da Danielle e puxei-a para mim. Esperava que ela comesse a chorar, mas em vez disso, limitou-se a fixar os olhos vazios na distância, o que era ainda mais preocupante.

A *Macaron* regressou pouco depois com uma expressão semelhante no rosto.

– Encontrei-a? – questionei, esperando com todas as minhas forças que se tivesse dado algum milagre.

A *Macaron* assentiu.

– Ela... a Sophie morreu – balbuciou. – Oh, *Galette*, são tantos, tantos corpos. Estão a amontoá-los no exterior da enfermaria. E as ratazanas estão a... – Não acabou a frase e começou a chorar, mas não precisava de dizer mais nada.

– Anda para aqui – disse, gesticulando para se sentar entre mim e a Danielle. – Nós aquecemos-te.

A *Macaron* sentou-se entre nós e acariciámos-lhe as costas e a cabeça. *Por favor, não desistas*, rezei silenciosamente, sem parar. *Por favor, não desistas*. À medida que o som dos soluços débeis enchia a caserna, a minha oração pela *Macaron* tornou-se numa oração por todas nós.

Capítulo Vinte e Três

Auschwitz, março de 1943

Como aconteceu com a maior parte das mulheres nas nossas casernas, depois daquele dia de morte na neve, a *Macaron* e a *Danielle* mudaram muito. Os olhos delas, a única parte do corpo que ainda mantivera alguma vida, ensombraram-se um pouco mais e o olhar tornou-se cada vez mais vazio. Esforcei-me tanto por trazê-las de regresso à vida, mas à luz do que acontecia à nossa volta era quase impossível encontrar histórias de esperança. Com o hediondo da morte sempre presente à nossa volta, a ideia de inventar histórias animadoras ou de as incitar a invocar pensamentos felizes parecia-me insensível e de mau gosto. Para piorar ainda mais as coisas, a nossa dose diária de sopa mudou da hora do almoço para depois da chamada da noite e tínhamos sido proibidas de levar as nossas preciosas tigelas de esmalte vermelho para onde quer que fosse. No Vale da Morte, as nossas tigelas significavam vida e não as ter sempre connosco tornou-se apenas numa nova fonte de ansiedade.

Então, numa certa noite, enquanto preparávamos os nossos corpos doridos para nos deitarmos, uma mulher de rosto austero chamada *Dora* atravessou a caserna na minha direção. Usava um triângulo vermelho na lapela, em vez de uma estrela amarela, o que, como vim a descobrir, significava que era uma prisioneira política. Apesar de ter o rosto tão emaciado como o nosso, a *Dora* ainda tinha uma presença forte, talvez devido àquele seu olhar perpetuamente furioso. Não interagira muito com ela, mas parecia-me que não tinha muita paciência para gente estúpida.

– És tu a contadora de histórias? – perguntou bruscamente, em jeito de cumprimento.

– Desculpa? – respondi.

– És tu quem conta histórias às pessoas para que se lembrem de quem são? – interrogou, com o mesmo tom brusco de quem questionaria: “És tu que andas a espalhar piolhos nas roupas de toda a gente?” Apesar do tom brutalizado, fiquei secretamente maravilhada por se referirem a mim nestes termos; deliciada por pelo menos na

nossa caserna eu ser conhecida pelo meu propósito e não por ser apenas mais um número.

– Sim, é ela – retorquiu a Danielle, do seu lugar na extremidade da cama. A *Macaron*, que já estava deitada, assentiu.

– Preciso da tua ajuda – continuou a Dora, e aquelas palavras eram claramente uma ordem, não um pedido.

– Muito bem – respondi, hesitante.

– Uma das minhas companheiras de beliche está num estado lastimável desde o que aconteceu, sabes, naquele dia, na neve.

Assenti.

– Não estamos todas?

– E descobri que hoje é o aniversário dela – continuou a Dora. – Queria fazer alguma coisa por ela, dar-lhe uma espécie de presente. – Olhou para mim com expectativa.

– Sim?

– Podes contar-lhe uma das tuas histórias?

– Oh, hum, sim, claro que posso. Há algum tipo de história em particular que gostasses que lhe contasse ou algo em especial que ela gostasse de ouvir?

A, Dora fitou-me como se eu fosse louca.

– Bem, qualquer coisa que lhe dê novamente alguma esperança, como é óbvio.

Olhei para a *Macaron* e para a Danielle, e ergui as sobrancelhas. A *Macaron* sorriu-me em solidariedade e assenti na direção da Dora.

– Muito bem, vou avisar toda a gente – disse ela.

– Toda a gente? – repeti.

– Claro. – A Dora virou-se e atravessou a caserna, a coxear um pouco.

– Mas... o que...? – balbuciei atrás dela.

– Olá a todas, ouçam, tenho um anúncio a fazer – chamou a Dora, e as conversas na caserna acalmaram.

O meu estômago contorceu-se, ela certamente não esperava que contasse uma história à caserna inteira, ainda por cima assim tão de repente? Só que, pelos vistos, era exatamente o que a Dora tinha em mente.

– Como algumas de vocês já sabem, hoje é o aniversário da Nicole.

– Apontou para uma jovem mulher de rosto pálido, sentada sozinha na cama de cima de um beliche. Quando todos os olhos se viraram para a Nicole, ela encolheu-se de forma bem visível. – E eu gostava de assinalar a ocasião oferecendo-lhe uma espécie de presente. Mas o que dar a alguém que já tem tudo? – continuou a Dora, com sarcasmo, o que originou algumas gargalhadas. – Quer dizer, nos dias que correm, diamantes e banquetes sumptuosos estão tão *passé*! – Mais gargalhadas foram-se espalhando pela caserna. – Mas depois, por portas e travessas, soube que temos entre nós uma contadora de histórias, vejam bem. Algumas de vocês talvez já a conheçam. – Virou-se e apontou para mim, e todos os olhos seguiram aquele gesto. Senti o rosto a corar. – Correm rumores de que as suas histórias têm ajudado muito a elevar o moral.

– Lá isso é verdade – disse a *Macaron*, da sua cama, e para minha surpresa e deleite, ouvi mais algumas mulheres próximas a murmurar em concordância.

– Assim sendo, gostava de apresentar, sem mais demoras... – Olhou para mim do outro lado da caserna. – Desculpa, não sei o teu nome.

– Chamo-me Etty – respondi com timidez.

– A Etty – concluiu a Dora. – Vem – chamou-me. – Juntem-se aqui – disse para o resto das pessoas.

Olhei de relance para a guarda noturna que estava sentada ao lado da porta. As luzes ainda não se tinham apagado, mas não estava certa de que ela aprovasse que nos juntássemos assim. Dei por mim quase a desejar que nos mandasse de volta para as nossas camas e me salvasse desta situação, mas, infelizmente, limitou-se a olhar para nós sem qualquer expressão no rosto.

– Senta-te aqui, no meio – instruiu a Dora, chamando-me para me sentar no banco de betão no centro da caserna.

Fiz o que me mandou e fiquei mesmo em frente à pobre Nicole, que estava com um ar tão envergonhado como eu me sentia.

Socorro!, gritei silenciosamente, rezando ao Solly para que me desse alguma inspiração. Como se respondesse à minha oração, fui subitamente assaltada pela memória de uma história que ele me contou logo depois de os alemães me terem confiscado a bicicleta, quando apareci, desolada, na casa dele. A história ajudou-me a ficar

mais animada naquela hora de necessidade, por isso talvez fizesse o mesmo pela Nicole – e por todas as mulheres que estavam a ouvir.

Inspirei profundamente e clareei a garganta.

– Era uma vez – comecei, com a voz a tremer.

– Não te consigo ouvir – disse alguém ao fundo da caserna.

– Era uma vez – repeti com uma voz mais forte. Imaginei o Solly atrás de mim, com a mão retorcida pousada no meu ombro. – Era uma vez um rei que, apesar de viver num palácio magnífico e de ter uma família amorosa, nunca conseguia sentir-se feliz. Os criados passavam o dia inteiro a tentar fazer com que ele se animasse, cozinhavam-lhe banquetes, levavam-lhe as roupas mais requintadas, faziam atuações de variedades, mas o rei continuava infeliz.

– Parece o meu marido – lançou a Dora, com ligeireza.

– E o meu – disse mais alguém, provocando risadas.

– Claro que viver num estado de infelicidade perpétua não era exatamente agradável, muito menos para a coitada da mulher, a rainha, que já sofria há muito com a infelicidade do marido – acrescentei, para agradar à Dora, que assentiu. – Então, o rei decidiu procurar os conselhos de um dos seus magos mais sábios. “Não importa o que faço, o que como ou compro, parece que nunca consigo sentir-me feliz”, disse o rei ao mago. Este cofiou o seu longo bigode e pensou muito antes de responder. “Deve encontrar o homem mais feliz do reino e usar a sua camisa durante um dia inteiro”, sugeriu o mago ao rei. “Só nesse dia, e nesse dia apenas, poderá curar-se e encontrar a verdadeira alegria.”

– O rei estava tão desesperado por encontrar a felicidade que concordou prontamente. No dia seguinte, vestiu roupas simples como disfarce e saiu para uma viagem pelo reino em busca do homem mais feliz que conseguisse encontrar. Mas nenhum dos homens que conhecia se adequava à descrição. Mesmo que, inicialmente, as pessoas se mostrassem felizes, acabavam por ter sempre qualquer coisa que lhes trazia infelicidade. O rei caminhou durante dias e dias, até que as pernas lhe começaram a doer e as solas dos sapatos se gastaram. Chegou, por fim, a uma floresta que ficava mesmo nos limites do reino. Ao caminhar por entre as árvores, ouviu um som mesmo muito alegre, o de um homem a cantar. O rei seguiu o som e

encontrou um homem numa clareira, a cortar lenha e a cantar a plenos pulmões.

– “Desculpe”, disse o rei. “Ando à procura do homem mais feliz do reino. Por acaso não é o senhor, não?” “Sou, sim, senhor, sou eu mesmo”, respondeu o lenhador com um sorriso radiante. “Até que enfim!”, exclamou o rei. “Disseram-me que tenho de usar a sua camisa durante um dia inteiro para poder sentir-me feliz. Terá a bondade de me emprestar a sua camisa?” “Oh, adoraria”, respondeu o homem, aproximando-se do rei a dançar. “Há apenas um pequeno problema.” Abriu o casaco com um gesto floreado e revelou o peito despido. “Eu não tenho camisa!”

– O rei fitou-o, confuso, por um instante até perceber a sabedoria do mago para o enviar nesta jornada. O lenhador não precisava de nada para ser feliz. Não precisava de comida requintada, de atuações de variedades nem de roupas caras, pois se nem uma camisa tinha! Era simplesmente feliz. À medida que interiorizava a lição, o rei começou a rir, a rir sem parar, até que, por fim, sentiu uma alegria verdadeira. – Enquanto acabava a história, olhei com nervosismo para a Nicole. A expressão dela continuava vazia.

– Não entendi – disse alguém atrás de mim. – Como pode o lenhador *ser* feliz sem ter motivos para tal?

– Porque ele *escolhe* ser feliz – respondi, sentindo um formigueiro na pele. Será que a moral desta história era insensível, tendo em conta o contexto do campo? Teria feito com que toda a gente, incluindo a aniversariante, se sentisse ainda pior?

– Mas como podemos escolher ser felizes quando nos roubam tudo o que temos? – perguntou outra mulher, deixando-me ainda mais desalentada.

– Claro que podemos – respondeu a Dora, no seu habitual jeito brusco. – E é isso mesmo que devemos fazer. Não estás a entender? – Pegou na mão da Nicole e naquele momento fez-me lembrar da minha relação com a Danielle. Apesar dos modos mais ásperos, era evidente que a Dora gostava muito da mulher mais jovem. – Se tornarmos a nossa felicidade dependente das outras pessoas ou de coisas, é o mesmo que... que...

– Construir um castelo de areia – completei.

– Precisamente. – A Dora assentiu na minha direção. – Mas se conseguirmos encontrar a felicidade dentro de nós mesmas... bem, nesse caso, os nossos alicerces serão firmes.

– E como a encontramos dentro de nós? – murmurou a Nicole. O facto de estar finalmente a demonstrar algum interesse acendeu uma centelha de esperança em mim.

– Conte-lhes o conto de fadas do Fogo Feliz – sugeriu a Danielle, sobressaltando-me. Estivera tão concentrada em contar a história que não me apercebi de que estava mesmo ao meu lado. Sorri-lhe com gratidão.

– O que é o conto de fadas do Fogo Feliz? – quis saber a Dora.

Olhei de relance para a guarda, mas ela parecia profundamente desinteressada no que aqui se passava e continuava a fitar o chão.

Por isso, comecei:

– Era uma vez...

Esta história teve uma receção bastante mais entusiasmada, a parte do bácoro enraivecido originou muitas gargalhadas, o mesmo acontecendo com as referências a Zubata. Até a Nicole pareceu mais atenta ao assunto, e quando me aproximei do fim da história, disse-me que ia reviver as férias da sua infância, passadas no sul de França.

– Eu e o meu irmão passávamos o dia inteiro na praia, a fazer castelos de areia e a caçar caranguejos nas poças entre as rochas – lembrou, com um sorriso lamentoso. – Foram os melhores e mais mágicos dias da minha vida. Senti-me tão selvagem, tão livre.

– Podes regressar e reacender esses sentimentos sempre que quiseres, sempre que precisares, basta invocares as tuas memórias – incentivei-a. – E ninguém te pode impedir.

– Obrigada – murmurou ela.

As mulheres começaram a regressar às camas a sussurrar as memórias felizes que iam reviver, e eu fiquei a imaginar as suas palavras como minúsculas estrelas-cadentes a trespassar a caserna. Quando me virei para ir para a minha cama, a Dora puxou-me o braço.

– Obrigada – disse, olhando-me diretamente nos olhos. – Se alguma vez precisares de alguma coisa, é só dizer.

Assenti. A Dora trabalhava no *Kanada* – o armazém onde os

alemães processavam todos os bens que nos roubavam quando chegávamos ao campo. A maior parte das coisas roubadas eram enviadas para a Alemanha, mas era um segredo conhecido que o pessoal que lá trabalhava por vezes conseguia arranjar comida e outros objetos preciosos, como velas e colheres.

– Estou a falar a sério – insistiu. Aproximou-se mais de mim e segredou-me ao ouvido. – Pensei que ia perder a Nicole. Pensei que ela tinha desistido, mas tu ajudaste-a a encontrar uma fonte de felicidade e não me ocorre um presente de aniversário melhor do que esse. – Deu-me um beijo no rosto, mas um beijo com a força de um murro.

Virei-me e fui para a minha cama; ao passar, chegaram-me aos ouvidos os agradecimentos murmurados das mulheres por quem passava. Sabia que o que estava a fazer apenas lhes traria um alívio temporário. Sabia que as minhas histórias não conseguiam impedir a brutalidade dos alemães, mas o facto de poder fazer algo singelo que ajudasse a elevar o moral era o mesmo encontrar a Estrela do Norte no meio de uma noite de tempestade e fiquei muito grata por ter descoberto este propósito que me servia de guia.

Capítulo Vinte e Quatro

Auschwitz, março de 1943

Gradualmente, o inverno começou a desvanecer-se e os ranúnculos a nascer nos campos para lá do acampamento, preenchendo a terra com salpicos de amarelo brilhante. Era uma visão que me inundava de alegria e, ao mesmo tempo, de tristeza. Se, por um lado, era maravilhoso ser recordada da resiliência e beleza da Natureza, era também desolador pensar que podia não sobreviver para voltar a apanhar uma flor com as minhas próprias mãos. Como praticamente tudo o resto, apanhar flores era agora estritamente proibido. Todos os dias marchávamos pelo campo para fazer as escavações que permitiam aos alemães alargar o Vale da Morte; ao andar, tentava distrair-me, saindo do meu corpo débil de pernas inchadas, gengivas a sangrar e pele coberta de pústulas, e mergulhando num mundo imaginário só meu. As mulheres do bloco pediam-me regularmente que lhes contasse histórias, por isso passava os dias a tentar encontrar novas ideias ou a recordar as inúmeras histórias que o Solly me contara, para as reproduzir à noite. Era muito compensador ver os efeitos que as minhas histórias tinham sobre as mulheres da minha caserna enquanto lhes recordava que continuavam a ser as autoras e as heroínas das suas próprias histórias, pelo menos no pensamento e no coração de cada uma. Contudo, os alemães exerciam um poder físico tão forte sobre nós que era difícil permanecermos otimistas perante aquela crueldade implacável. Rezei incessantemente para que Deus me enviasse um sinal de que tudo isto não estava a acontecer em vão, que ainda tinha motivos para me manter esperançosa. E num incrível dia de março, quando menos esperava, a minha oração foi atendida.

O dia tinha sido tudo menos incrível. Enquanto marchávamos para lá do recinto onde os guardas treinavam os cães para atacarem bonecos com pijamas às riscas iguais aos nossos, a temida Aufseherin Dreschel começou a escolher mulheres das filas. Magra e simplória, com dentes saídos, a Dreschel era o tipo de mulher que em qualquer outro contexto não teria parecia nem um pouco ameaçadora. Mas aqui, com o seu cão de caça sempre a rosar e o poder das SS atrás,

era todo-poderosa, e deliciava-se com o seu próprio poder como nenhuma outra. Sabíamos que quando a Dreschel escolhia uma mulher ao acaso, o mais provável era não voltarmos a vê-la. Por isso, a visão daquela figura fazia sempre com que um terror silencioso começasse a correr desenfreado dentro de mim.

Por favor, não as escolhas, supliquei silenciosamente, enquanto olhava para a Danielle e a *Macaron*, a caminharem à minha frente. A *Macaron* tinha uma ferida no pé que a fazia coxear um pouco e eu sentia-me aterrorizada por isso poder ser motivo suficiente para ser chamada. À medida que nos aproximávamos, olhei de relance para a Dreschel. Oh, se pudesse fazer com que ela fosse transportada para as ruas de Marselha onde cresci, mas sem o cão e as costas quentes dos nazis. Não sobreviveria cinco minutos. O ódio começou a arder dentro de mim, trespassando o medo. Vi-a a olhar para a *Macaron* e depois fitar brevemente o seu pé. *Por favor, por favor, por favor*.

A Dreschel parecia estar prestes a dizer qualquer coisa à *Macaron*, mas depois viu a mulher que marchava ao lado dela e puxou-a da fila, apontando com o chicote para uma protuberância sob o seu vestido. Outra guarda aproximou-se da mulher para revelar o motivo da protrusão – levava a preciosa tigela de esmalte por baixo do colete. A Dreschel atirou a tigela para o chão e pisou-a com as botas pesadas até ficar coberta de lama. Enquanto assistia a tudo isto, sem nada poder fazer, a mulher chorou como se estivesse a lamentar a perda de um familiar. Que estranho era este novo mundo, onde o dinheiro e o prestígio já não significavam nada e uma simples tigela de esmalte podia marcar a diferença entre a vida e a morte. Felizmente, a mulher pôde recomeçar a marchar, mas continuou a soluçar baixinho.

O meu corpo quase cedeu sobre si mesmo com alívio quando a *Macaron*, a Danielle e eu passámos incólumes pela Dreschel. Tínhamos sobrevivido mais um dia, mas durante quanto tempo continuaríamos a ter sorte – se é que isto se podia chamar de sorte? *Por favor, Deus, mostra-me alguma coisa que me dê esperança, algo que me faça continuar a ser forte*, voltei a rezar em silêncio.

À medida que nos aproximávamos do local onde iríamos abrir valas, passámos por uma procissão de prisioneiros masculinos.

Por favor, Deus, por favor, supliquei silenciosamente.

Foi então que alguma coisa me fez levantar os olhos. Foi Deus, o destino ou uma mera coincidência? Não sabia. Mas levantei os olhos e o meu olhar fixou-se no de um dos homens. Como acontecia com todos, inicialmente o olhar dele era vazio, mas em seguida vi uma centelha de reconhecimento e uma fração de segundo depois, a cicatriz num dos lados do rosto. Seria ele? Poderia ser ele? Estava tão emaciado que nem tinha a certeza, mas então ele chamou pelo meu nome.

– Etty! – Um sorriso iluminou-lhe o rosto e durante o mais breve dos instantes, o sorriso daqueles lábios era a única coisa que conseguia ver.

– Tomasz? – arquejei, quando ele saiu da fileira e correu para me cumprimentar. – Tomasz?

– Tomasz? – ouvi a Danielle a repetir, virando-se para olhar.

Um dos guardas das SS que acompanhava os homens começou a gritar. Mas a única coisa que eu conseguia ver, pensar e concentrar-me era o milagre que estava à minha frente.

O Tomasz agarrou a minha mão com a dele. Os braços estavam magros, as clavículas espetavam-se sob o colarinho da camisa às riscas.

– Desculpa – disse-me apressadamente.

– O quê? – Foi a única coisa que consegui balbuciar. Sentia-me a viver um sonho surreal.

– Desculpa-me pelo que fiz naquela noite.

Fixei o meu olhar no dele e o aspeto cadavérico do rosto do Tomasz desapareceu. Enquanto olhava para aqueles olhos negros, já não via o brutamontes sem coração que julgara que ele era. A única coisa que via era a alma bondosa e amorosa que salvara o Solly e a Aurélie.

– Não faz mal. – Pelo canto do olho, vi os guardas a aproximarem-se. – Desculpa-me também. Pelo que te disse. O Solly contou-me...

O Tomasz puxou-me pelo casaco, como se tentasse aproximar-me dele, mas logo a seguir os guardas agarraram-no e senti uma pancada na parte de trás da minha cabeça. Cambaleei para a frente, a ver estrelas, e senti que uns braços me amparavam. A Danielle e a *Macaron*.

– Cabra judia! – gritou uma das *kapo*, a brandir o bastão.

Quando a minha visão clareou, olhei por cima do ombro e vi o Tomasz a ser empurrado novamente para a sua fila, de modo a continuar a marchar.

– A primavera está a chegar – gritou-me ele.

Não entendi por que motivo me dizia isto, mas vi-lhe o sorriso radiante do rosto e era tudo o que precisava.

– Aquele era o Tomasz? – murmurou a Danielle, enquanto continuávamos o nosso caminho.

– Sim – respondi, zozza com a surpresa e com a bastonada que levava na cabeça.

– Exatamente como na minha história! – exclamou ela, de olhos arregalados.

– Bem, mais ou menos.

– O que lhe disse ele?

– Conto-te depois – respondi, sem querer diluir o momento ao falar dele. Queria algum tempo para o saborear sozinha, para o reviver e processar todos os segundos deste precioso encontro.

Naquele dia, enquanto cavava, senti uma força renovada. O Tomasz estava ali, em Auschwitz, e avaliar pelo corpo magro, não andava a lutar em troca de privilégios. Agora que sabia a verdade sobre o que ele fizera em Drancy, este facto deixou-me triste e preocupada. E ele pedira desculpa pelo que acontecera naquela noite no Pletzl. Revivi este momento durante todo o dia e, embora só tivesse durado um punhado de segundos, no meu pensamento estendeu-se durante horas.

Obrigada!, agradei silenciosamente enquanto olhava para o céu que escurecia. *Obrigada por me dares um momento de magia que me vai sustentar daqui para a frente.*

Naquela noite, enquanto marchávamos para a caserna, levei as mãos aos bolsos para as aquecer e senti qualquer coisa suave e aveludada a tocar nas pontas dos meus dedos. Tirei a mão e vi um ranúnculo amarelo brilhante. Guardei-o rapidamente no bolso antes que alguém o visse. De onde viera esta flor? Como entrara no meu bolso. Voltei a reproduzir, pela milésima vez, a interação com o Tomasz e lembrei-me de que, a certa altura, ele me puxara o casaco.

Pensei que estava a tentar abraçar-me, mas teria nesse momento posto a flor dentro do meu bolso? Foi por isso que gritou “a primavera está a chegar”? Estaria a referir-se à flor que me ofereceu? Mais uma vez, o Tomasz aparecera na minha vida e deixara um mistério por resolver, mas agora o enigma era maravilhoso.

Nessa noite, quando fomos para a cama, a *Macaron* e a Danielle mal podiam esperar por me interrogar e fiquei maravilhada ao ver que o interesse lhes trouxera uma nova centelha de luz ao olhar.

– O que lhe disse o Tomasz? – murmurou a Danielle, assim que as luzes se apagaram.

– Quem é este misterioso Tomasz? – perguntou a *Macaron*, antes de gemer com dores.

– Sentes-te bem? – perguntei.

– Sinto, é só o meu pé. Responde às nossas perguntas.

– Sim, vá lá – insistiu a Danielle.

– Ele pediu-me desculpa – murmurei.

– Porquê? – quis saber a *Macaron*.

– Porque da última vez em que nos vimos tivemos uma pequena discussão.

– Quando, no *Yom Kippur*? – perguntou a Danielle.

– Não, eu vi-o depois disso, antes de Drancy.

– Não acredito que não me contou essa parte! – exclamou ela. – Porque não disse nada?

– Porque me senti demasiado envergonhada.

– Porquê?

– É demasiado embaraçoso para contar. – Senti o rosto a corar com a recordação.

– Então, e ele estava a pedir desculpa porquê? – insistiu a Danielle.

Por muito que me agradasse ver aquela curiosidade a ganhar vida, não pude deixar de desejar que ela acabasse com o interrogatório. Não queria que o momento mágico daquela manhã ficasse manchado pelas memórias dolorosas do passado.

– Creio que se arrepende por nos termos chateado – respondi. – Mas esquece isso... – Fiz uma pausa para efeitos dramáticos. – Acho que ele me deu um presente.

– O que queres dizer com isso? – questionou a *Macaron*, virando-se ligeiramente na cama.

– Que tipo de presente? – sussurrou a Danielle.

– Uma flor, olhem. – Tirei o ranúnculo do bolso e mostrei-o.

A Danielle estendeu a mão e tocou nas pétalas amarelas brilhantes.

– Oh, isto é a coisa mais romântica que já vi na vida! – exclamou. – Como conseguiu ele dar-lhe a flor?

– Antes de o guarda o levar, senti um puxão no casaco. Depois, ao fim do dia, enquanto voltávamos para aqui, encontrei-a no bolso. Ele deve tê-la posto aqui. Não sei de que outro modo a flor podia ter vindo parar ao meu bolso.

– Ai, ainda é mais romântico do que a minha história sobre vocês os dois – segredou a Danielle.

– Foi por isso que ele gritou qualquer coisa sobre a primavera? – quis saber a *Macaron*.

– Acho que sim. – Guardei cuidadosamente a flor no bolso. Neste lugar onde não tínhamos absolutamente nada, sentia que era mais preciosa do que todo o ouro do mundo.

Ficámos em silêncio por alguns instantes, depois ouvi a Danielle a soluçar suavemente.

– O que foi? – perguntei, acariciando-lhe a cabeça.

– Não quero que nenhum de vocês morra. Quero que a Etty e o Tomasz voltem a estar juntos.

– Oh, obrigada. – Abracei-a contra mim e a seguir murmurei-lhe junto ao ouvido. – Acredito que Deus está a manter-nos vivas por um motivo. A ti, a mim e a *Macaron*.

– A sério?

– Sim, a sério.

– Mas que motivo é esse?

– Talvez para nos ajudarmos mutuamente a ultrapassar esta situação – respondi, recordando a história que o Solly me contara, a mesma que inspirara o meu texto para o *Résistance*, sobre os dois homens e a carroça de feno.

– Sim, talvez. – A Danielle virou-se de lado, como fazia sempre que estava pronta para dormir, e eu segui-lhe o exemplo.

A *Macaron*, por sua vez, continuou deitada de costas.

– Sentes-te bem, *Macaron*?

– Sim, só um pouco febril, mais nada – retorquiu. – Espero que amanhã de manhã já esteja melhor.

– Espero que sim – reagi, a preocupação agora misturada com a minha recém-encontrada alegria.

– *Galette* – murmurou ela.

– Sim?

– Obrigada.

– Porquê?

– Por seres tu.

Estendi a mão no meio do escuro para apertar a dela. Estava pegajosa, coberta com uma película de suor frio.

Capítulo Vinte e Cinco

Auschwitz, março de 1943

Acordei a meio da noite com o som dos gemidos da *Macaron*. Tinha os olhos fechados e o rosto a reluzir. Pousei-lhe suavemente as costas da mão sobre a testa, que ardia.

– Oh, *Galette* – gemeu ela. – Porque está tanto calor?

– Porque estás com febre – respondi. – Deixa-me ver se consigo arranjar um pouco de água.

Desci da cama e percorri a caserna até à guarda de noite, que estava no seu lugar ao lado do balde.

– Por favor, há alguma água que a minha amiga possa beber? – perguntei. – Ela está com febre.

Esta guarda era a única *kapo* que demonstrara uma réstia de humanidade, mas ela abanou a cabeça, o que me deixou desolada. Não sei se ver o Tomasz me fizera sentir mais corajosa ou se estava apenas desesperada por ajudar a *Macaron*, mas pela primeira vez desde que aqui estava, não aceitei aquela recusa.

Fitei-a diretamente nos olhos sob a luz trémula do candeeiro.

– Espero que alguém que ama fique doente e que os outros lhe neguem ajuda – sibilei, antes de virar costas para me ir embora.

Acabara de regressar à cama, quando vi a silhueta da guarda a marchar na minha direção. Amaldiçoei-me por ser suficientemente estúpida para lhe responder. Não porque tivesse medo do que ela me pudesse fazer, mas porque precisava de cuidar da *Macaron*. Esperei ao lado da cama para ver que castigo me atribuíra. Em vez disso, quando se aproximou, estendeu-me qualquer coisa.

– Toma – murmurou, entregando-me um pano húmido. – Põe isto sobre a testa dela, pode ser que a febre baixe. – Depois virou-se e foi embora.

Por um instante, fiquei imóvel, completamente apanhada de surpresa por este gesto de compaixão. A seguir, voltei para a cama e pus o pano sobre a testa da *Macaron*.

– Oh! – arquejou ela, abrindo os olhos. – Como conseguiste...?

– Chiu – murmurei. – Vamos ver se conseguimos baixar a febre.

– Obrigada – murmurou a *Macaron*. – *Galette*?

– Sim?

– Contas-me uma das tuas histórias?

– Claro – respondi, mas estava demasiado exausta para inventar algo novo, por isso contei-lhe a história que o Solly partilhara comigo sobre o rabi que ajuda o camponês cristão e a sua carroça de feno emborcada. Quando cheguei ao fim e ambos os homens continuaram a sua viagem juntos, a *Macaron* agarrou na minha mão.

– Aquele dia no chuveiro – sussurrou ela. – No dia em que nos conhecemos.

– Sim?

– Foi o dia em que me encontraste com a minha carroça emborcada.

– Acho que foi ao contrário – repliquei, recordando como a *Macaron* começara a entoar *La Marseillaise* e a explicar o que as guardas alemãs diziam, como tudo isso me ajudara tanto.

– Creio que não importa – disse ela. – No fim de contas, ambos os homens da história se entreadjudam.

– Isso é verdade! – concordei. – E nós vamos continuar a entreadjudar-nos.

– *Galette*? – chamou-me mais uma vez, a voz débil.

– Sim?

– Acho que estou a morrer.

– Não estás nada! – Pressionei-lhe o pano com mais força sobre a testa, como se lhe pudesse sugar a febre do corpo.

– O meu pé está mesmo em mau estado.

– Não podes desistir – incentivei. – Por favor.

– Mas não estaria a desistir, não percebes? – Fitou-me com uma intensidade que me assustou. – Estaria apenas a deixar-me ir – continuou, antes de fechar os olhos.

– Mas não quero deixar-te ir. A Danielle e eu precisamos de ti. – Senti-me miserável, mas não suportava a ideia de viver no campo sem a *Macaron*. – Amanhã de manhã, estarás melhor. Assim que a febre passar – acrescentei, com esperança de que não ouvisse o desespero na minha voz.

– *Galette*?

– Sim?

– Adoro-te.

– Não digas isso! – respondi.

Ela abriu os olhos e sorriu.

– Não digo que te adoro?

– Não o digas como uma despedida. – Acariciei-lhe o braço. Senti a pele irregular com todas as pústulas. – Agora dorme um bocadinho, que eu fico a velar por ti.

– Também tens de dormir – disse ela, fechando os olhos.

– É a minha vez de te ajudar a virar a carroça – retorqui.

Fiquei acordada o resto da noite, a acariciar o braço da *Macaron* e a manter o pano húmido pressionado sobre o rosto dela. *Por favor, tens de melhorar, tens de melhorar, por favor*, entoei mentalmente, como se fosse uma desesperada canção de embalar.

Quando as *kapo* chegaram para a chamada da manhã, senti-me inundada de medo e preocupação. O que aconteceria se a *Macaron* não se conseguisse levantar? E se não estivesse em condições para trabalhar? Seria enviada para a temível enfermaria no Bloco 25 e toda a gente sabia que isso conduziria a um único lugar – o crematório.

– Temos de cuidar da *Macaron* – murmurei para a Danielle, assim que ela acordou. – Ela passou a noite com febre, temos de a ajudar a levantar-se e a chegar à chamada.

– Claro que sim – respondeu a Danielle, esfregando os olhos.

Mas quando tentei acordar a *Macaron*, era como se estivesse embriagada, com a fala arrastada e os olhos aparentemente incapazes de focar.

A *Cara de Fuinha* começou a percorrer a caserna, arrastando pelo colarinho as que se deixavam ficar deitadas ou batendo com o bastão nos beliches.

– *Macaron!* – sibilei. – Tens de te levantar.

A Danielle e eu agarrámos uma em cada braço e puxámo-la da cama. Mas assim que a *Macaron* ficou de pé, gritou de dor, e quando olhei para o pé dela, vi que se tornara completamente negro.

– Rápido, calça-lhe as meias – disse para a Danielle.

Ela calçou as meias prontamente e, não sei como, entre as duas

conseguimos levantar a *Macaron* quando a *Cara de Fuinha* se aproximava da nossa cama.

– Que cheiro é este? – perguntou, enrugando o nariz.

Mordi o lábio para me impedir de lhe responder.

– Judias fedorentas – disse ela com brusquidão. – Animais imundos.

A *kapo* acabara de se virar para ir embora quando a *Macaron* ganhou vida.

– *Casse-toi!* – gritou ela.

A *Cara de Fuinha* parou de imediato e eu e a Danielle fitámo-nos, horrorizadas. Não sabíamos se a *kapo* percebia o suficiente de francês para saber que a *Macaron* a insultava, mas pela forma como lhe gritara, era evidente que não lhe estava a fazer um elogio.

– O que disseste? – perguntou a *Cara de Fuinha*, virando-se para fitar a *Macaron* com aqueles olhos pequeninos, enquanto batia com o bastão na palma da mão.

– *Brûle en l'énfer!* – gritou a *Macaron*.

– O que está ela a dizer? As outras mulheres que se preparavam para a chamada pararam de repente e um silêncio terrível abateu-se sobre a caserna.

– *Salope!* – bradou a *Macaron*, e a *kapo* tirou o chicote do cinto.

– Ela está delirante – disse eu rapidamente. – Não sabe o que está a dizer.

– Não me digas? – A *Cara de Fuinha* fez sinal à outra *kapo*. – Leva-a para o Bloco 25.

– Não! – arquejou a Danielle e o meu estômago contorceu-se.

– Ela daqui a pouco já melhora – disse eu, tentando desesperadamente salvar a situação.

– Já que gostam tanto dela, podem levá-la as duas e ficar lá a cuidar dela – rosnou a *Cara de Fuinha* para mim e para a Danielle. Depois, instruiu a outra *kapo* para nos acompanhar.

Tentei protestar.

– Por favor, ela não precisa de ir para a enfermaria, ela...

Mas a *Cara de Fuinha* deu-me uma bofetada no rosto.

– Vão!

Enquanto a Danielle e eu amparávamos e levávamos a *Macaron*

para fora da caserna, as mulheres formaram uma linha em ambos os lados do corredor e baixaram as cabeças. Esta demonstração de respeito teria sido comovente se não me recordasse tanto das pessoas que assistiam a um cortejo fúnebre. Seríamos, eu e a Danielle, as carregadoras do caixão, agora a levar a nossa amiga moribunda para uma morte iminente? Sentia um misto paralisante de medo e mágoa tão avassalador que mal conseguia respirar.

– Lamento muito, *Macaron* – murmurei-lhe ao ouvido assim que chegámos ao exterior.

– Não lamentos. – A *Macaron* olhou para mim, com a cabeça meio caída para o lado. – Pude finalmente dizer àquela cabra o que penso dela, por isso agora posso morrer feliz.

– Não diga isso! – chorou a Danielle, incentivando a *kapo* que vinha atrás de nós a gritar-nos que nos calássemos.

Enquanto atravessávamos a noite escura, para lá das intermináveis filas de casernas baixas, desejei desesperadamente que o tempo parasse. Cada segundo que passava, cada passo que dávamos aproximava-nos mais do momento em que perderíamos a *Macaron*.

– Disse-lhe o que pensava – sussurrou ela –, e soube-me mesmo muito bem.

O ominoso Bloco 25 apareceu à nossa frente demasiado depressa. Inicialmente, parecia que o chão ao lado do edifício estava a mover-se e questionei-me se também estaria delirante, mas depois percebi que estava cheio de ratazanas. À medida que nos aproximávamos, a *Macaron* começou a murmurar *La Marseillaise* entre dentes, desafiadora até ao fim.

Este não é o fim, tentei convencer-me, mas parte de mim sabia que era. Consciente de que antes fora privada da oportunidade de me despedir decentemente da Solly e da Marguerite, não queria ficar agora com o mesmo arrependimento.

– *Macaron* – disse quando chegámos à porta.

– Sim, *Galette*?

– Adoro-te.

Capítulo Vinte e Seis

Auschwitz, abril de 1943

Alguns dias depois de termos levado a *Macaron* para a enfermaria, a Dora disse-me em sussurros, quando estávamos na fila para a sopa, que ela tinha morrido.

– Vi-os a pôr o corpo dela no camião quando regressava do *Kanada* – disse-me. – Lamento imenso.

Tive de reprimir o impulso terrivelmente injusto de a esmurrar com os meus próprios punhos. A culpa não era dela, a Dora servira unicamente como mensageira. Felizmente, a Danielle não estava ao alcance da sua voz. Não sabia realmente como iria ela lidar com mais uma morte. Assenti brevemente à Dora e levei a sopa para a cama. No dia anterior, tinham chegado ainda mais pessoas, por isso o espaço da *Macaron* foi rapidamente ocupado por uma mulher polaca que não falava francês.

Nessa noite, quando nos deitámos, senti a perda da *Macaron* com uma intensidade tremenda. Como conseguiria manter-me positiva sem a sua presença e sentido de humor para me incentivar? Como poderia continuar sem o carinho e camaradagem para me dar ânimo? Talvez fosse por termos passado tanto tempo num espaço tão reduzido, mas senti que perdê-la foi como perder um dos membros do meu corpo e a dor era absolutamente insuportável. Tentando encontrar alguma fonte de consolo, levei a mão ao bolso para tocar na flor que o Tomasz me oferecera. Já perdera toda a humidade e tornara-se seca e quebradiça. Quando lhe toquei, recordei a voz dele a dizer-me que “a primavera está a chegar”. Estaria realmente? O tempo podia ter começado a aquecer, mas sentia que estávamos encalhadas num inverno perpétuo. Apesar de tentar, não consegui evitar que um soluço se escapasse da minha boca.

– Oh, *Galette* – murmurou a Danielle, abraçando-me. – Não chore!

Foi a primeira vez que usou a alcunha que a *Macaron* me deu e senti-me tão comovida que chorei ainda mais.

– Não faz mal, ainda nos temos uma à outra – sussurrou ela, dando-me um beijo no rosto.

Mas durante quanto tempo?, perguntou uma voz ominosa dentro da minha cabeça. Preferi ignorá-la e abracei a Danielle com força.

– És uma jovem mulher maravilhosa, Danielle – segredei-lhe. – És tão corajosa e forte. A tua mãe ficaria tão orgulhosa de ti.

– Se quiser, pode tratar-me por *Gateau* – disse-me baixinho. – Acho que a *Macaron* teria gostado que o fizesse. – Fez uma pausa. – Ela morreu, não morreu?

– Sim – respondi, com a voz a quebrar.

– Porque é que ela teve de gritar aquelas palavras todas à *Fuinha*? Porque não as guardou dentro da cabeça? Se o tivesse feito, ainda podia estar aqui connosco.

– Naquela noite, ela disse-me que sentia que estava a morrer. Creio que deve ter pensado que não tinha nada a perder. – Pensei na *Macaron* a gritar à *Cara de Fuinha*, a sua centelha a regressar à vida uma última vez. – Acho que ela queria que a sua história tivesse um bom fim – continuei, sorrindo por entre as lágrimas.

– O que pode haver de bom na morte? – respondeu a Danielle, a fungar.

– Refiro-me à forma como gritou com a *Cara de Fuinha*. Ela chegou ao fim da vida com coragem e verdade.

– Hum, talvez – disse a Danielle, antes de se virar para o lado para dormir.

Fiquei a olhar para as tábuas da cama de cima, recordando como naquela primeira noite a *Macaron* espreitara cá para baixo para se certificar de que eu estava bem. Sim, a história dela era uma de coragem e verdade, e naquele momento fiz uma promessa silenciosa, a ela e a mim, que se sobrevivesse ao Vale da Morte, iria certificar-me de que a contava para todos a conhecerem.

Naquela primavera, uma guarda nova chegou ao campo. Ela destacava-se das restantes não apenas porque tinha a figura e o cabelo louro bem penteado das estrelas de Hollywood, mas também porque, para onde quer que fosse, deixava um rasto de perfume floral. A primeira vez que a cheirei, quando ia a passar rapidamente por nós durante a chamada noturna com o chicote entrançado na mão, senti-me instantaneamente arrastada do meu torpor exausto. A ideia de que

esta mulher devia ter estado sentada ao seu toucador a encaracolar o cabelo, a aplicar maquilhagem e a borrifar-se com perfume antes de nos vir atormentar era absolutamente revoltante. Segundo a Dora, que parecia estar sempre a par das novidades, o nome da guarda era Irma e tinha apenas dezanove anos. Este facto ainda a tornava mais arrepiante. Como podia uma mulher tão jovem querer fazer um trabalho destes, num lugar como este, e retirar daqui evidente regozijo? A Danielle demorou um segundo a odiá-la e apelidou-a de *Cubo de Gelo*.

– Conte-me a história em que a *Cubo de Gelo* tem um destino terrível – murmurou-me numa certa noite, depois de já estarmos na cama. Não me importei nada de lhe fazer a vontade.

– Era uma vez um rei e uma rainha, a quem o seu reino foi tragicamente roubado – comecei, lançando-me numa adaptação do conto de fadas da Madame d'Aulnoy, *Finette Cendron*. Na minha versão, porém, Finette chamava-se Daniette e as irmãs malvadas Zubata e Cubo de Gelo.

Enquanto contava a história de como o rei e a rainha abandonaram as filhas porque não tinham dinheiro para as alimentar, esqueci-me dos piolhos e das pulgas que espalhavam o caos na minha pele, esqueci-me da dor agora permanente que sentia na anca. Era maravilhoso perder-me no mundo dos contos de fadas, especialmente agora, que o abordava sob uma nova perspetiva.

– As irmãs de Daniette, a Zubata e a Cubo de Gelo, eram muito más e vaidosas, tratavam-na como se esta fosse sua criada – prossegui, quando a Danielle fechou os olhos e se aninhou contra mim.

– Como é que elas eram? – murmurou.

– Bem, a Daniette era uma criatura rara, muito bonita – respondi. – Apesar de as irmãs a obrigarem a passar fome, ela parecia estar cada vez mais bonita. Era como se tivesse uma luz interior que lhe conferia um brilho cor de pérola, como o da lua. – Reparei no sorriso que se instalou nos lábios da Danielle. – Quanto à Zubata e à Cubo de Gelo, bem, eram as criaturas mais hediondas que se possa imaginar. A Zubata tinha cara de cavalo, mas um cavalo que foi mordido por uma vespa.

A Danielle soltou uma risada.

– E a Cubo de Gelo pensava que era bonita, mas o que ela não sabia era que a beleza vem de dentro e o seu interior, bem, era tão feio como um barril cheio de cobras peçonhentas.

A Danielle estremeceu.

– Um dia, as irmãs malvadas ouviram dizer que o rei ia dar um baile e ficaram muitíssimo entusiasmadas, porque acharam que podiam encontrar maridos no baile.

– E a Daniette?

– As irmãs obrigaram-na a ficar em casa e disseram-lhe que, se não limpasse tudo até ficar a reluzir, a espancavam.

– Esta história é muito parecida com a da *Cinderela* – comentou a Danielle.

– Sim, mas esta é muito melhor – respondi. O popular conto de fadas *Cinderela* tinha, de facto, sido inspirado no *Finette Cendron*, de Madame d'Aulnoy, mas na minha opinião o original era muito superior.

– A Daniette tem uma fada madrinha? – perguntou a Danielle.

– Não, mas quando as irmãs saíram para o baile, ela encontrou uma chave dourada, que abriu uma arca antiga; lá dentro estavam as roupas mais bonitas que alguém podia imaginar.

– Oh, fale-me dessas roupas, por favor – arquejou a Danielle. – Dava tudo para encontrar uma arca cheia de roupas bonitas.

– Então, talvez possas descrevê-las – sugeri, ansiosa por incentivar a sua própria imaginação.

– No interior da arca estava um vestido de baile lindo, verde-esmeralda – obedeceu ansiosamente. – E uma tiara cintilante feita de diamantes e esmeraldas.

– Ah, excelente, e também lá estava um par de sapatos de veludo vermelho bordados com pérolas – acrescentei.

A Danielle soltou outro suspiro satisfeito.

– Então, a Finette, quer dizer, a Daniette, vestiu-se e foi sozinha ao baile, onde se apresentou como Cendron e toda a gente lhe dedicou grandes atenções, incluindo o filho do rei, um príncipe extremamente bonito.

– Como é que ele era? – murmurou a Danielle, com os olhos fechados.

– Porque não o descreves? – respondi.

– O príncipe era alto, com cabelo castanho grosso que lhe caía sobre o rosto em caracóis – sussurrou ela. Questionei-me se estaria a inspirar-se em Xavier Fortin, o rapaz que a beijara em certa ocasião. – E tinha uma covinha na face esquerda.

– Parece ser lindo – disse.

– E era, ou é – respondeu com melancolia. – O que aconteceu a seguir?

– Bem, o Príncipe Xavier, porque era este o nome dele, ficou muito encantado com a Daniette, ou Cendron, como ele a conhecia; passaram a noite toda a dançar, para grande irritação das irmãs malvadas, a Zubata e a Cubo de Gelo.

– Elas não a reconheceram? – interrogou a Danielle, com ar preocupado.

– Não, a beleza dela era tão estonteante que a noite a transformou por completo. E há tanto tempo que as irmãs só a viam vestida com farrapos que estava irreconhecível naquele lindo vestido.

A Danielle soltou um suspiro satisfeito.

– Mas depois, quando o relógio bateu a meia-noite, a Daniette viu que as irmãs se preparavam para voltar para casa, por isso teve de sair à pressa sem sequer se despedir do príncipe.

– E chegou a casa a tempo?

– Sim, mas na pressa para sair, um dos sapatos de veludo vermelho saltou-lhe do pé.

– Esta história é igualzinha à da *Cinderela*.

– Chiu! Não me interrompas, por favor. De qualquer maneira, o príncipe encontrou o sapato, mas depois adoeceu gravemente e não conseguia sair da cama.

– O que tinha ele?

– Estava doente de amor. E não nenhum médico no reino o conseguia curar, por isso ordenaram que todas as mulheres do reino fossem ao palácio para experimentarem o sapato. As irmãs malvadas ficaram felicíssimas quando souberam da notícia, ambas com esperanças de que o sapato lhes servisse e pudessem casar com o príncipe.

– É bom que nenhuma das duas case com ele – sibilou a Danielle.

– Não te preocupes. Felizmente, a Daniette encontrou um cavalo e conseguiu chegar ao palácio antes... e ainda as salpicou de lama ao passar por elas na estrada.

A Danielle soltou uma risada.

– E quando calçou o sapato, o príncipe percebeu que lhe servia na perfeição, ficou muito feliz e pediu-a em casamento.

– E depois, viveram felizes para sempre?

– Mais devagar. A Daniette recusou-se a casar com ele.

– O quê? – A Danielle abriu os olhos e franziu o sobrolho.

– Eu disse-te que a história era melhor do que a *Cinderela*.

– Melhor como? – perguntou, claramente horrorizada. – Porque é que ela não casa com ele?

– Porque o pai do príncipe foi quem roubou o reino aos pais dela, por isso primeiro a Daniette exigiu que o reino lhes fosse restituído e só depois aceitaria casar com o príncipe.

– E o rei concordou?

– Concordou, sim.

– Então, ela casou com o príncipe?

– Sim, acabou por casar.

A Danielle expirou com alívio.

– O que aconteceu à Zubata e à Cubo de Gelo?

Franzi o sobrolho. Na história original, a Finette encontrou maridos para as irmãs, mas, dadas as circunstâncias, não tinha a certeza se este seria um fim satisfatório para a Danielle.

– Tornaram-se criadas da Daniette e passaram o resto da vida a limpar as casas de banho do castelo.

A Danielle riu-se.

Fechei os olhos, aliviada por a ter ajudado a ficar um pouco mais animada, pelo menos durante mais uma noite. Mas depois ouvia-a abafar um soluço.

– O que foi? – perguntei. – O que se passa? Devia ter encontrado um trabalho ainda mais horrível para as irmãs malvadas?

– Não, não é isso – soluçou ela.

– Então, o que é?

– É que fico mesmo muito triste por saber que nunca irei casar.

– Como assim, nunca irás casar?

– Nem ter filhos.

– Claro que vais. Ainda és tão nova. Ainda tens tanta vida pela frente. Esta guerra não vai durar para sempre – reagiu com firmeza, apesar das minhas dúvidas interiores.

– Mas eles estão a matar-nos – murmurou a Danielle. – E eu já nem sequer tenho a minha menstruação, nenhuma de nós tem, por isso, como é que vou poder ter um bebé?

– Oh, Danielle. – Pus-lhe o braço em redor do corpo e puxei-a para mim.

– Além disso, estou tão horrível, nenhum homem vai querer aproximar-se de mim.

– Não debes dizer essas coisas. E não estás nada horrível.

– Claro que estou! Estamos todas! Odeio a *Cubo de Gelo*. Odeio-a! – Soluçou para o meu peito.

Por um instante, senti-me atordoada, sem saber o que podia dizer que a fizesse sentir-se melhor. Era evidente que a beleza da *Cubo de Gelo* tivera um efeito devastador na Danielle, porque de certeza que a fazia recordar de como também ela já tivera uma beleza de fazer virar cabeças. Uma sensação de impotência abateu-se sobre mim e, mais uma vez, rezei ao Solly por inspiração. Se pelo menos ele estivesse aqui, de certeza que teria algo sábio para dizer.

Sê o espelho dela. Subitamente, as palavras ecoaram dentro da minha cabeça. *Diz-lhe o que vês.*

– Só estás a dizer essas coisas porque não consegues ver o que eu vejo – afirmei.

– O que quer dizer com isso? – fungou ela.

– Quando olho para ti, só vejo beleza.

– Só está a dizer isso para me fazer sentir melhor, Etty.

– Não, não estou – respondi com firmeza. – Estou a dizê-lo porque é verdade. E não vejo apenas a beleza. Vejo coragem, sabedoria e uma vivacidade maravilhosa.

– A sério?

– Completamente. Tu és o tipo de pessoa em quem eu basearia a heroína de um dos meus romances, porque és muito mais do que uma rapariga bonita. Também és engraçada e inteligente.

– Sou?

– Claro que és. Quando estás por perto, não há um momento de tédio, mas a *Cubo de Gelo*... – Fiz uma pausa para dar ênfase às minhas palavras.

– Sim? – insistiu a Danielle, com ansiedade.

– Ela jamais poderia ser uma das minhas heroínas.

– Porque não?

– Porque ela precisa de maltratar as outras pessoas para se sentir bem consigo mesma, como as outras guardas todas. São todas hediondas até às profundezas do seu ser. – Segurei nas mãos da Danielle e apertei-as com força. – A partir de agora, vou ser o teu espelho – disse-lhe. – E sempre que te sentires desanimada, podes olhar para mim e dizer “espelho meu, diz-me o que vês”, e eu direi com todo o gosto. – Sustive a respiração, rezando para que as minhas palavras lhe tivessem trazido algum consolo.

– Obrigada – murmurou a Danielle.

Expirei com alívio.

– Neste momento, nós somos como flores que foram privadas de luz solar e água. Por isso, sim, estamos um pouco murchas e frágeis, mas não será assim para sempre.

– Como não?

– Assim que pudermos voltar a comer e a beber como deve ser, o nosso organismo vai recuperar. O cabelo vai crescer, a menstruação vai voltar todos os meses. É por isso que é tão importante não desistirmos. Pensa em todas as aventuras incríveis que ainda vais poder viver. Ainda podes acabar por casar com o Xavier Fortin e ter dez filhos com ele.

– Etty! – exclamou ela, mas percebi que estava a tentar não se rir.

– Por favor, não desistas – murmurei, com a voz a vacilar.

– Vou tentar não desistir – sussurrou a Danielle de volta.

Ficámos em silêncio por um instante. A mulher polaca que estava do meu outro lado mexeu-se e pouco e suspirou suavemente.

Fitei o escuro da caserna e a dor da minha anca latejou. Pensei nas feridas que rebentavam por todo o meu corpo e na forma como os seios mirraram até serem só umas bolsas de pele vazia. O que dissera à Danielle era verdade? Éramos apenas como flores que precisavam de água e sol ou os alemães infligiram tantos danos nos nossos corpos

que seríamos como o ranúnculo que o Tomasz me oferecera? Destinadas a mirrar e a murchar, a secar até não sermos mais do que meros grãos de pó?

As palavras do Tomasz ecoaram na minha mente. “A primavera está a chegar.” Estaria ele a falar do fim da guerra? Teria ouvido algum rumor sobre como os Aliados estavam mais próximos da vitória? Algumas das pessoas que chegaram nos últimos comboios pareciam certamente ser desta opinião. *Oh, por favor, que assim seja.*

Fechei os olhos, rezando que uma onda de sono se abatesse sobre mim e agarrando-me como se fosse uma boia de salvação à ideia de que a guerra podia finalmente acabar.

Capítulo Vinte e Sete

Auschwitz, maio de 1943

Certo dia, no início de maio, a Dora veio ter comigo quando estávamos na fila para a torneira. Passavam pouco das quatro da manhã e as estrelas começavam a desvanecer-se no céu, que passava de preto a azul-escuro. Na minha antiga vida, esta imagem deixava-me sempre plena de entusiasmo com a perspectiva de um novo dia pela frente, mas agora significava apenas mais um dia no Vale da Morte.

– Estava a questionar-me se podes ajudar-me com uma coisa – murmurou ela.

Eu sentia-me enjoada com a falta de sono, por isso esperava que não me viesse pedir que lhe contasse uma história naquele instante.

– Claro, o que se passa?

– Eu... hum... estava aqui a pensar. Como é que consegues manter-te tão... esperançosa? – Olhou para o chão, como se estivesse embaraçada em admitir uma fraqueza, e a verdade é que fiquei chocada por ver a Dora, habitualmente tão brusca, demonstrar sinais de vulnerabilidade. Para ser franca, era algo que me perturbava. Se uma das nossas colegas mais resilientes começava a fraquejar, que esperança havia para o resto de nós?

– Não consigo – respondi com honestidade. – Só consigo manter-me positiva durante mais de metade do tempo, acho eu, nem que seja cinquenta e um por cento do tempo. Aconteceu alguma coisa, Dora? – questioneei.

Ela continuou a olhar para o chão e suspirou.

– Ontem encontrei uma coisa – murmurou. – No *Kanada*. Algo que me perturbou mesmo muito.

– O quê? – sussurrei, sentindo-me instantaneamente apreensiva com o que poderia tê-la perturbado tanto.

– Os pertences de alguém que conheci. Alguém que ajudei... antes de ser presa.

– Alguém que ajudaste como?

– A fugir dos alemães... ou pelo menos era o que pensava.

Aproximámo-nos da torneira.

– O que queres dizer com isso?

Ela olhou em redor, depois inclinou-se para mim.

– Quando as rugas começaram, eu e o meu marido ajudávamos judeus a fugir. Escondíamo-los no sótão por cima do nosso talho. Foi por isso que acabei aqui. Fomos apanhados.

– Isso é incrível. – Então era por isso que usava o triângulo vermelho ao peito. O meu respeito pela Dora aumentou. – Deve ter exigido tanta coragem da vossa parte.

Ela encolheu os ombros, como se arriscar a vida para ajudar as outras pessoas fosse coisa pouca.

– Ontem, tive de separar uma mala de viagem que estava cheia com os pertences de alguém que ajudei. Reconheci as roupas... deralhe algumas, eram minhas. – O rosto dela mostrava uma expressão destrocada.

– Oh, não. Lamento muito. – Já devia ser suficientemente mau ter de separar as coisas que os alemães roubavam, sobretudo sabendo que os proprietários provavelmente teriam sido condenados à morte, mas perceber que as coisas pertenciam a alguém que conhecíamos devia ser horrendo.

– Não sou pessoa de me queixar – disse a Dora, com a sua forma habitual, sem afetações –, mas ver aquelas coisas que já foram minhas: um casaco de malha e os sapatos... afetou-me de verdade.

– Não me surpreende.

– Por isso... queria só saber se conheces alguma história para ajudar alguém que sente que a esperança a está a abandonar.

Apesar de o meu cérebro cansado estar demasiado trôpego para conseguir encadear duas frases seguidas, quanto mais para compor uma história, assenti. Se a Dora podia arriscar a vida para salvar desconhecidos, então eu podia mover o céu e a terra para encontrar as palavras certas para a ajudar.

– Vem ter comigo logo à noite e conto-te uma história.

Chegámos à torneira e ela fez-me sinal que fosse primeiro. Enchi a minha tigela e usei-a para lavar o rosto. Parecia-me um contrassenso, considerando como tudo o resto estava permanentemente sujo, mas havia qualquer coisa neste gesto simples de lavar o rosto que me fazia sentir que nem tudo estava perdido, como se continuasse a agarrar-me

a uma réstia de civilização.

Enquanto a Dora enchia a sua tigela, virei-me para ir embora. Ela tocou-me no ombro e estendeu-me a sua água.

– O quê? Não! Não posso aceitar...

– Mas eu quero que aceites – disse com firmeza.

Aceitei a tigela e deitei a água por cima da cabeça. A sensação foi tão refrescante. O luxo de ter uma tigela de água extra era efetivamente um presente precioso. Pousei a mão no braço da Dora.

– Esta noite, vou contar-te uma história que te vai ajudar a sentires-te melhor. Prometo.

Claro que logo a seguir a minha cabeça ficou completamente em branco e assim permaneceu durante a maior parte do dia. Queria tanto ajudar a Dora, era como se a pressão tivesse feito com que a minha imaginação fugisse para se esconder atrás de uma rocha. Na verdade, entendia muito bem por que razão sentia que a esperança a estava a abandonar. Até este momento, provavelmente sentia-se reconfortada com a ideia de que conseguira salvar outras pessoas antes de ser presa. Devia fazê-la sentir que valia a pena ter vindo aqui parar. Mas descobrir que pelo menos uma dessas pessoas que julgava salva caíra nas garras dos nazis devia ter sido um murro no estômago. Tinha de encontrar uma história que a ajudasse a restaurar a fé e a sentir-se melhor, mas como? Felizmente, enquanto regressávamos do dia de trabalho, lembrei-me de uma história que o Solly me contou quando eu própria estava prestes a desistir da esperança, quando nos obrigaram a usar as estrelas amarelas com a palavra *JUDEU*. Só esperava que ajudasse a Dora tanto quanto me ajudara.

Nessa noite, quando as luzes se apagaram, a Dora apareceu junto à minha cama. Já tinha dito à Danielle que talvez tivéssemos uma convidada e ela afastou-se imediatamente no colchão. Fiquei com a sensação de que se sentia um pouco intimidada com a Dora, sempre tão direta e brusca, e conseguia entender porquê. Agora que chegara a altura de lhe contar a história, a minha boca ficou seca e o coração começou a bater mais depressa.

– Vou contar-te uma fábula judaica – comecei baixinho, enquanto ela se instalava ao meu lado. Assim, se não gostasse, pelo menos não podia culpar as minhas capacidades criativas.

– Adoro fábulas – murmurou a Danielle.

– Hum – soltou a Dora. – Acho-as um pouco infantis.

Tentando ignorar a falta de entusiasmo, dediquei uma oração rápida ao Solly e comecei.

– Era uma vez um homem muito pobre, embora só fosse financeiramente pobre, porque era bastante rico em todos os outros aspetos.

– Como assim? – perguntou a Danielle.

– Bem, não só tinha sido abençoado com uma mulher muito inteligente, como o casal também fora agraciado com quatro filhas bonitas e talentosas.

– Como é que se chamavam? – quis saber a Danielle, fazendo-me gemer internamente. Não sabia se a Dora seria capaz de tolerar aquelas perguntas intermináveis. Além disso, a fábula original não mencionava os nomes das filhas, por isso tive de pensar rapidamente.

– Os seus nomes eram Esperança, Fé, Amor e... Paciência – respondi.

A Dora soltou um pequeno grunhido. Não sabia se era de apreço ou não, por isso continuei.

– Quando a filha mais velha atingiu a maioridade...

– Qual delas era a mais velha – interrompeu a Danielle.

– A Paciência – respondi, rezando para ser suficientemente paciente para chegar ao fim da fábula sem a amordaçar.

– De qualquer maneira, como estava a dizer, quando a Paciência atingiu a maioridade, as casamenteiras começaram a bater-lhe à porta, a oferecer-lhe pretendentes. Todos belos jovens e estudantes da Torá, vejam bem.

– Eu preferia casar com um ator de Hollywood – resmungou a Danielle. – Não sei se um estudante da Torá seria assim muito divertido.

– Tenho a certeza de que na altura em que esta fábula se situa, os estudiosos da Torá eram o equivalente aos atores de Hollywood de agora – respondi. – De qualquer forma, foi tudo em vão, porque assim que as casamenteiras descobriram que o pai não tinha dinheiro para o dote, disseram-lhe que, afinal, não podiam ajudar as filhas a casar.

– O quê, apesar de as filhas serem bondosas, talentosas e lindas? –

A Danielle apoiou-se no cotovelo e olhou para mim, indignada, como se eu fosse uma das casamenteiras.

– As coisas antigamente eram assim – reagi –, mas não é um detalhe muito importante para a história.

– Eu diria que é muito importante, sim – bufou a Danielle.

– Então, o que aconteceu a seguir? – perguntou a Dora.

– Obrigada por perguntas – disse, dando uma cotovelada nas costelas da Danielle.

Ela suspirou e deitou-se novamente.

– A seguir, o homem foi visitar os amigos e vizinhos, implorando-lhes que o ajudassem com algum dinheiro, mas ninguém o conseguiu ajudar, já que eram todos muito pobres.

– Bem, que história tão animada – resmungou a Dora.

Estava a começar a sentir que tinha um par de pica-paus a moerem-me o juízo, com a Dora a resmungar e a Danielle com intermináveis perguntas. Engoli em seco, tentando afastar uma onda de exaustão que se abateu repentinamente sobre mim, ameaçando derrubar-me.

– Enquanto o homem regressava a casa, ia tão triste e preocupado com as filhas que nem reparou que se enganou no caminho – continuei. – E sentia-se tão cansado por ter viajado para tão longe que decidiu sentar-se sob uma árvore para descansar um pouco. – Parei, quase à espera que a Danielle perguntasse que tipo de árvore era, mas, felizmente, os dois pica-paus ficaram em silêncio. – Estava a descansar há poucos minutos quando ouviu um homem a chamá-lo. “Desculpe, o que pensa que está a fazer? Está a invadir propriedade privada.”

– Quem era? – perguntou a Danielle.

– Sobressaltado, o homem abriu os olhos e viu com horror que entrara nos terrenos do senhor daquela região e que, para piorar ainda mais a sua situação, era o próprio senhor quem o repreendia. “Peço imensa desculpa, Sua Senhoria”, lamentou-se o homem. “Tive um dia muito difícil e precisava de descansar um pouco. A sua árvore tinha um ar tão convidativo que só quis sentar-me e encostar-me um pouco ao tronco, na esperança de absorver alguma da sua força. Mas já me vou embora.” Só que, quando o homem começou a levantar-se, o senhor fez-lhe sinal para que se deixasse ficar. “Vejo pelas rugas da

sua testa que tem realmente sofrido muito”, disse o senhor. “Diga-me o que o atormenta, por favor. Quem sabe se não o posso ajudar?”

– O senhor não era, claramente, alemão – comentou a Dora, com sarcasmo, o que fez a Danielle soltar uma risada.

– Claramente – respondi antes de continuar. – Então, o homem contou ao senhor sobre as filhas e de como se sentia muito triste por não lhes poder dar um dote. O senhor ouviu-o com simpatia. Quando o homem chegou ao fim da história, o senhor tirou do bolso um saco cheio de moedas. “Por favor, aceite estas moedas”, disse ele, entregando o saco ao homem, “para que as suas filhas possam casar e ser felizes”. Quando o homem começou a protestar que a oferta era demasiado generosa, o senhor abanou a cabeça. “Já sou um idoso e tenho todo o dinheiro de que preciso. O meu coração ficaria inundado de alegria se o pudesse ajudar e à sua família, e isso, sim, vale todo o dinheiro do mundo para mim.”

– Definitivamente, não é alemão – murmurou a Dora.

– O pobre homem lá foi para casa, a cambalear – prossegui –, completamente atordoado com esta reviravolta, mas não demorou muito até que a notícia da sua boa ventura se espalhasse pela aldeia. Dois dos aldeões que ouviram a história acharam que seria uma excelente oportunidade para ganhar algum dinheiro fácil e decidiram tentar a sua sorte. Por isso, foram para as terras do senhor e sentaram-se à sombra de uma das árvores. “Quem diria que enriquecer podia ser assim tão fácil”, resfolegou um deles, enquanto o outro se encostava ao tronco. Um instante depois, o senhor apareceu e perguntou-lhes o que estavam ali a fazer. “Oh, senhor, por favor, seja misericordioso connosco”, choramingou um dos homens. “Estávamos a sentir-nos tão pobres e desesperados que decidimos encostar-nos à sua árvore para tentar absorver alguma da sua força.” O senhor franziu o sobrolho e abanou a cabeça. “Vocês não passam de um par de charlatães”, gritou ele. “Levantem-se e saiam imediatamente da minha propriedade!”

– Mas por que razão disse isto a estes homens e não ao primeiro? – interrogou a Danielle.

– Isso está prestes a ser revelado – respondi. – Enquanto os homens se levantavam para ir embora, um deles perguntou ao senhor: “Porque é que foi tão compreensivo e amistososo com o nosso amigo que aqui

esteve aqui, mas quando lhe contámos uma história semelhante, o senhor se recusou a acreditar em nós?” “É muito simples”, respondeu o senhor. “Quando um homem está verdadeiramente sozinho, não tem outra escolha senão procurar o apoio de uma árvore. Mas vocês são dois. Podem ser o apoio um do outro. Isso mostrou-me que não estão assim tão desesperados como fingem estar.” Reconhecendo que o senhor estava absolutamente certo, os homens encolheram os ombros e foram para casa. – Olhei para a Dora. – E a moral da história é que, desde que tenhamos um amigo em que nos podemos apoiar, temos algo para nos sentirmos gratos e um motivo para continuarmos a ter esperança. – Sustive a respiração, esperando que a mensagem da fábula lhe aquecesse o coração, tal como aquecera o meu quando o Solly me contara. – Tens uma amiga em mim – acrescentei. – E podes sempre apoiar-te em mim.

– E em mim – disse a Danielle.

Seguiu-se um momento de silêncio e depois a Dora tossiu – ou foi um soluço? Não tinha a certeza.

– Obrigada – disse ela de forma brusca. – Obrigada. – Sentou-se, mas antes de voltar para a sua cama, encostou uma das mãos calejadas ao meu rosto. – Sou-te muito grata – murmurou, antes de atravessar a caserna escura. A minha fábula resultara. Pensei no Solly e em como me pude apoiar nele mais uma vez. Era como se ele fosse a mais antiga e robusta das árvores, e a força que me dava permitia que as outras pessoas se apoiassem em mim. Este pensamento deixou-me os olhos inundados de lágrimas de gratidão.

Capítulo Vinte e Oito

Auschwitz, junho de 1943

À medida que a primavera deu lugar ao verão, a febre tifoide começou a varrer o campo com um vigor renovado, tanto que nem os alemães conseguiram escapar-lhe. O médico principal, a mulher do comandante do campo e a Dreschel, todos sucumbiram à doença. Tenho de admitir que a ideia de a nossa principal torturadora, a Zubata, sofrer com a febre, a diarreia e as cólicas estomacais que atormentaram tantas de nós durante tanto tempo era muito satisfatória e, em mais do que uma ocasião, dei por mim a desejar que a doença lhe roubasse a vida. Não me orgulhava de desejar com tamanha facilidade a morte de alguém e tinha a certeza de que, se o Solly estivesse vivo, teria algo a dizer sobre este meu pensamento, mas uma das coisas que já tinha aprendido era que viver sob a ameaça constante da morte nos muda enquanto pessoas. Como podia não mudar?

Com a possibilidade de os alemães acabarem por serem também vítimas da epidemia, o comandante do campo anunciou que iria supervisionar pessoalmente a próxima desparasitação e que os piolhos iam desaparecer de uma vez por todas. Na manhã da desparasitação, foram colocados no pátio, por entre as casernas, recipientes compridos de ferro com água que fedia a gás e disseram-nos que naquele dia ninguém ia trabalhar. Em vez disso, mandaram-nos despir por completo e levar as nossas roupas para a rua, para serem desinfetadas. Quando chegámos à rua, fomos recebidas pela imagem de uma fila de homens posicionados ao lado dos recipientes, com máscaras de gás sobre o rosto. A nossa *Blockälteste* gritou-nos que largássemos as roupas em frente às tinas fedorentas. A Danielle estremeceu de imediato.

– Não faz mal – murmurei. – Imagina só como será o campo sem piolhos.

Ela assentiu, com uma expressão sombria, e largámos as roupas junto às tinas, mantendo sempre os olhos no chão, para tentarmos fingir que os homens de máscaras não conseguiam ver os nossos

corpos nus. Enquanto reuniam as nossas roupas e as mergulhavam nos recipientes, fomos levadas para a casa de banho, onde esperámos pela nossa desparasitação. Como sempre, organizaram-nos em filas de cinco. Olhei de relance para a frente, para a imagem surreal de centenas de mulheres curvadas, nuas, com os troncos esqueléticos brancos como a neve, em contraste com os braços e parte de baixo das pernas bronzeados pelo trabalho ao sol. As pregas soltas de pele eram a única recordação dos corpos outrora preenchidos, das curvas e formas anteriores. Era uma visão desoladora, por isso fiz o que fazia sempre que alguma coisa ameaçava engolir-me: tentei agarrar-me a um pensamento mais feliz e recordei o meu encontro com o Tomasz. Mas a minha alegria foi de pouca dura.

– Oh, não! – arqueei.

– O que foi? – perguntou a Danielle, ao meu lado.

– O ranúnculo... deixei-o no bolso do casaco.

– Não! – lamentou a Danielle.

Como podia ter sido tão estúpida? Durante meses, fui tão cuidadosa e todos os domingos, quando as nossas roupas eram desinfetadas, tirava a flor do bolso e guardava-a sob a almofada. Porque é que desta vez me esquecera de o fazer? A fome e a exaustão faziam com que o meu cérebro, não apenas o meu corpo, abrandasse.

– Pode ser que fique lá guardado – disse a Danielle, entrelaçando a mão na minha.

– Mas tu viste aquelas tinas. Viste os homens a baterem na roupa mergulhada. – A flor tornara-se tão seca e quebradiça, tinha a certeza de que não restaria nada.

Depois de uma espera interminável, chegou finalmente a nossa vez de tomarmos “banho” e de desinfetarmos o cabelo. Assim que nos despachámos, fomos apressadamente para junto dos recipientes. Desta vez, não queria saber que os homens das máscaras me vissem nua, a única coisa que me preocupava era encontrar a minha preciosa flor, ou o que restasse dela. Nem que fosse uma única pétala. Mas quando lá chegámos, deparei-me com uma notícia ainda pior – as nossas roupas desinfetadas tinham sido atiradas para uma pilha enorme e fétida. Enquanto nos aproximávamos, os vapores eram avassaladores. Tentei encontrar o meu casaco, mas foi impossível.

– Levem um qualquer – disse uma mulher ao meu lado, enquanto tentava respirar.

Sem conseguir aguentar o cheiro e a sensação de ardor nos olhos e pulmões, fizemos o que ela disse e pegámos em roupas molhadas, antes de correremos para a caserna, a pestanejar e a ofegar. Enquanto sacudíamos a roupa ao ar numa tentativa de a secar e soltar os piolhos mortos, senti que o meu coração se quebrava. Na verdade, era ridículo estar tão destroçada por causa de uma simples flor, mas ao longo de meses, fora um símbolo de esperança tão importante para mim e uma ligação com o Tomasz, já que os dedos dele também tinham tocado naquele ranúnculo. Em algumas noites, quando tocava na flor, imaginava que estávamos os dois de mãos dadas. Agora, esta ligação perdera-se e tudo por causa da minha estupidez.

– Sente-se bem, Etty? – perguntou a Danielle, enquanto vestia apressadamente os novos farrapos.

Assenti. Não conseguia falar por medo de começar a chorar e nunca mais conseguir parar.

– A flor jamais morrerá na sua memória – disse ela num tom suave, segurando-me na mão. – Assim como o seu encontro com o Tomasz. Pelo menos, é o que eu digo a mim mesma quando penso na *maman* – acrescentou, olhando para o chão. E nesse momento senti tanto amor e gratidão por esta rapariga, que passara por tanto horror e perda, que o meu coração partido voltou a unir-se.

Capítulo Vinte e Nove

Auschwitz, setembro de 1943

À medida que os meses passavam, inventámos um jogo novo para passar o tempo durante os serões e as intermináveis chamadas. Chamava-se “Preferias...?”, e basicamente envolvia alguém a fazer perguntas para testar os nossos desejos. Preferias comer um bife delicioso ou usar um casaco de peles comprido? Preferias ver um filme com o teu ator favorito ou tomar um luxuoso banho com sais de alfavema? Todas gemíamos com um misto agriçoce de desejo e deleite enquanto pesávamos as opções.

– Preferias receber uma caixa com os melhores chocolates ou ter uma boa noite de sono numa cama quente? – perguntou a Dora, certa manhã de setembro, durante a chamada. Sentia-se frio no ar e uma névoa baixa pairava sobre o campo, ocultando as torres de vigia. Estávamos de pé nas nossas filas de cinco há mais de uma hora enquanto os guardas nos contavam e voltavam a contar, arrastando até as doentes e moribundas das casernas e deitando-as no chão ao nosso lado só para que os seus preciosos números batessem certo.

– Uma cama quente – responderam a maior parte das pessoas.

– A sério, não escolhiam o chocolate? – interrogou a Dora, perplexa, do meu lado esquerdo. – Acho que tenho mais saudades de chocolate do que do meu marido.

Algumas de nós começaram a rir. Desde que contara à Dora a fábula do homem pobre e da árvore que ela regressara à sua habitual postura imperturbável, e eu sentia-me tremendamente grata por isso.

– Silêncio! – rosnou uma voz feminina atrás de nós.

Senti o aroma do perfume floral e o meu sangue congelou. Era a *Cubo de Gelo*. Como sempre, o cabelo louro estava penteado em bonitos canudos junto à nuca, sob o chapéu, e o casaco cinzento ajustava-se à cintura com um cinto, salientando a forma de ampulheta. À semelhança da Zubata, ela começara a desfilar pelo campo com os cães e corriam rumores de que os fazia passar fome para que estivessem mais dispostos a atacar os prisioneiros.

– O que é tão engraçado? – perguntou, fixando os olhos azuis na

Dora.

– Nada – murmurou ela.

Sem uma palavra de aviso, a *Cubo de Gelo* pegou no chicote e deu uma vergastada no rosto da Dora, fazendo-a cambalear para o lado, para cima de mim. Estendi rapidamente os braços para a amparar. O cão começou a rosnar e a espumar da boca, mostrando as presas longas e afiadas. A Dora endireitou-se com a mão sobre a boca, o sangue a escorrer entre os dedos. A *Cubo de Gelo* continuou a olhar para ela, como se estivesse a ponderar se lhe batia novamente ou não. Depois, levantou o chicote para chamar duas *kapos* que estavam por perto.

– Levem-na – ordenou friamente.

– Não! Parem! – gritou a Dora, enquanto cada uma delas lhe segurava num braço e começava a puxá-la.

Fiquei com a boca tão seca que nem conseguia engolir. Todas as fibras do meu corpo queriam atirar-se a elas para tentar salvar a Dora, mas sabia, por experiência própria, que era inútil e que também acabariam por me levar para me matarem. Se isto acontecesse, o que seria da Danielle? Nunca me sentira tão impotente.

– Parem! Por favor! – bradou a Dora, enquanto a arrastavam, fazendo com que o cão rosnasse e ladrasse mais, debatendo-se contra a trela.

Olhei de relance para a minha direita, na direção da Danielle, e vi uma mancha escura de urina a espalhar-se no chão aos seus pés. *Por favor, meu Deus, não deixes que a Cubo de Gelo repare.*

– Não vai haver mais gargalhadas – gritou a *Cubo de Gelo*, avançando misericordiosamente através da fila. – Não serei tão bondosa para a próxima pessoa que apanhar a rir. Em vez disso, vou deixar que o cão a mate.

Em vez de quê? Imaginei o mesmo pensamento a pairar sobre a cabeça de todas nós. *Qual seria o fim reservado para a Dora?*

Depois, para piorar ainda mais a situação, a banda que todos os dias tocava para mandar os homens para o trabalho começou a tocar e os acordes de uma melodia animada e estimulante espalharam-se pela neblina, como se nos quisessem provocar.

Nesse dia, caminhámos para os campos em total silêncio e foi

também assim que trabalhámos. A minha esperança era como a última folha estaladiça do outono, agarrada à árvore com grande esforço. À noite, quando voltámos às casernas, as chamas saltavam selvaticamente da chaminé distante e o fedor que pairava no ar era ainda mais insuportável. Regressámos à caserna e encontrámos um novo grupo de mulheres, acabadas de sair do comboio, e uma delas já ocupara o lugar da Dora, como se ela nunca tivesse existido.

– Odeio a *Cubo de Gelo*! Odeio-a! – murmurou a Danielle, assim que nos deitámos.

– Chiu – sussurrei, acariciando-lhe a cabeça eriçada. – Não devemos pensar nela. Devemos pensar em coisas mais felizes. – Embora, para dizer a verdade, eu não tivesse pensado em mais nada senão na Dora durante todo o dia.

– Como o quê? – sibilou a Danielle. – Não há coisas mais felizes. – Virou-se de lado e suspirou pesadamente.

Fiquei ali deitada no escuro, a tentar, mas sem conseguir, encontrar palavras de consolo. Como chegámos a este ponto? O ponto em que uma mulher dizia uma piada inofensiva e pagava com a própria vida? E como podia outra mulher, ainda uma adolescente, tirar uma vida de modo tão casual, como se não fosse nada, como se estivesse a sacudir um piolho que encontrou na saia? Agora entendia por que motivo a pergunta “Onde está Deus?” se tornara um refrão tão recorrente nas casernas. O ser humano podia ter criado esta situação, mas por que razão Deus não fazia nada para nos salvar?

Por favor, meu Deus, dá-nos um sinal de que ainda estás aí, implorei silenciosamente.

Na manhã seguinte, a *Cubo de Gelo* estava novamente na chamada. Desta vez, enquanto passava por nós com o seu enorme cão, em vez de um chicote, trazia uma reluzente maçã vermelha na mão. Ficou parada à nossa frente e estendeu a mão com a maçã, fazendo-a cintilar com a luz do sol nascente. A seguir, enterrou os dentes perfeitos na maçã, provocando uma inspiração coletiva das fileiras de mulheres esfomeadas. Há tanto tempo que não víamos uma peça de fruta, quanto mais uma com tão bom aspeto. Tive vontade de gemer com desejo ao ver o sumo que escorria daqueles lábios pintados de

vermelho. Oh, voltar a sentir o sabor fresco e ligeiramente ácido de uma maçã. Oh, comer outra coisa que não as águas pútridas com que nos alimentavam. Oh, como quis lançar-me sobre aquela mulher malévola e sacudi-la até a fazer sentir um pouco de humanidade.

Ela lambeu os lábios, depois voltou a estender a mão com a maçã. O cão começou a rosnar e a puxar a trela.

– Têm fome, suas porcas judias? Gostavam de provar a minha maçã? – Atirou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada doentia, depois pousou a maçã no chão e ordenou ao cão que se sentasse ao seu lado. – Sirvam-se à vontade. É realmente deliciosa – disse com um sorriso escarninho, antes de se afastar.

Uma das mulheres da fila da frente que estava mesmo junto à maçã soltou um gemido de desejo.

Não o faças!, incitei silenciosamente, certa de que o cão estava treinado para se tirar a quem se aproximasse dele.

A mulher deu um passo em frente, em direção à maçã. O cão rosnou.

– Não olhes – sibilei para a Danielle. – Fecha os olhos.

Felizmente, ela fez o que lhe pedi. A mulher estendeu o braço para a maçã e o cão saltou, fechando o maxilar em redor do braço dela. Os gritos de agonia penetraram o ar.

– Oh! – soltou a Danielle.

– Chiu. Está tudo bem. Mantém os olhos fechados. – Entrelacei o meu mindinho no dela enquanto o cão rasgava o braço à mulher.

A *Cubo de Gelo* virou-se e observou a cena com um sorriso hediondo nos lábios.

Chama o teu cão!, tinha vontade de lhe gritar, mas como no dia anterior, quando a Dora foi levada, fiquei calada. Todas ficámos. Permanecemos todas ali paradas enquanto a mulher era brutalmente atacada. Nunca me senti tão horrorizada. Não apenas com a *Cubo de Gelo*, mas comigo mesma, por ser tão completa e profundamente incapaz de ajudar.

Por fim, a *Cubo de Gelo* chamou o cão.

– Hoje, como castigo pela ganância desta mulher, nenhuma de vocês vai receber pequeno-almoço – anunciou, olhando para a mulher que se contorcia no chão, antes de lhe dar um pontapé no estômago.

Estava consumida pela raiva, mas sem forma de a exprimir, sentia-me prestes a implodir.

Regressámos para a caserna em silêncio e a Danielle tremia violentamente.

– Não podemos desistir – disse-lhe, quando nos aninhámos nas camas apinhadas. – Não te esqueças do que te disse. Se desistirmos, ela ganha.

A Danielle olhou para mim e abanou a cabeça.

– Ela já ganhou.

– Bem, nunca imaginei que fosses rapariga para desistir do que quer que fosse – disse. Era uma estratégia altamente arriscada, porque não queria que ela se sentisse ainda pior. Cruzei os dedos e rezei por um sinal do seu antigo fogo.

– Porque não sou – respondeu bruscamente, o que deixou aliviada.

– É uma excelente notícia, porque preciso da tua ajuda.

– Para fazer o quê?

– Para encontrar uma maneira de nos vingarmos da *Cubo de Gelo*.

A Danielle arquejou.

– Mas ela ainda a manda matar.

– Não se formos mais espertas do que ela. E seremos, que a inteligência dela não chega aos pés da nossa.

A Danielle suspirou e abanou a cabeça.

Naquele dia, enquanto trabalhávamos no nosso projeto mais recente, ajudar a construir uma estrada como parte da expansão do campo, pensei afincada e demoradamente em como podia vingar-me da *Cubo de Gelo* e ajudar a animar o moral da Danielle e do resto das mulheres. A Dora fora excelente em manter as pessoas animadas, com a atitude firme e piadas engraçadas. A sua perda foi muitíssimo sentida. Podia usar o poder de contar histórias para conseguir vingar-me e animar as mulheres? Não tinha realmente outras ferramentas à minha disposição. Apesar de estar fraca por não ter tomado pequeno-almoço, as fagulhas que se soltavam da minha imaginação alimentaram-me enquanto cavava e levantava pedaços de pedra. Sentia-me ao planear qualquer coisa. Acalmava um pouco a minha sensação de impotência e culpa.

Nessa noite, depois de nos instalarmos na cama para dormir, rezei em silêncio ao Solly para que me enviasse um pouco da sua sabedoria e, com o coração a palpitar, comecei a falar suficientemente alto para as mulheres dos beliches mais próximos me ouvirem.

– Era uma vez um lugar chamado Pitchipoi – comecei, e ouvi alguém por cima de mim a soltar uma gargalhada seca. A Danielle virou-se para o outro lado, de frente para mim. – Pitchipoi era um lugar muito estranho – continuei, a rezar para que o meu plano desse resultado. – O nome fazia-o parecer um local qualquer num reino encantado, cheio de alegria e diversão.

– Hum! – soltou alguém mais ao fundo da caserna. – Quem nos dera a sorte de lá ir.

– A verdade é que Pitchipoi *era* mesmo um reino mágico – prossegui, desejando que esta parte não desse origem a um coro de apupos. – Só que a sua magia não estava onde as pessoas esperavam.

– Como assim? – perguntou a mulher da cama de cima.

– Bem, quando pensamos em lugares encantados, pensamos em criaturas mágicas, como unicórnios, dragões e fadas madrinhas. Mas Pitchipoi era diferente, porque conferia poderes mágicos às pessoas comuns que eram levadas para lá. Na verdade, quando as pessoas chegavam, tinham de atravessar um portão que dizia: “A imaginação liberta.”

Sustive a respiração, consciente de que corria o risco de alienar por completo o meu público mesmo antes de a história começar. Por esta altura, já toda a gente sabia que o letreiro à entrada de Auschwitz dizia: “O trabalho liberta.” Mas como ninguém disse nada, continuei.

– Claro que ninguém entendia aquele sinal quando o via pela primeira vez, e sempre que se deparavam com as criaturas que habitavam Pitchipoi, pensavam que aquele lugar estava longe de ser encantado, o que é compreensível e desculpável.

Ouvi murmúrios de concordância vindos dos beliches mais próximos.

– Fale-nos das criaturas – pediu a Danielle, a minha maravilhosa assistente, entendendo claramente o que eu estava a tentar fazer.

– Bem, ali existiam alguns dos monstros mais hediondos que o mundo dos contos de fadas alguma vez viu. Na verdade, eram

criaturas tão monstruosas que até os lendários contadores de histórias Charles Perrault e os Irmãos Grimm se recusaram a incluí-las nos seus contos.

Ouvi alguns risos abafados, o que me deixou aliviada, por isso continuei.

– Inicialmente, vivia lá uma besta chamada Zubata... que tinha cara de cavalo e a personalidade de uma tigela de papas frias.

Surgiram mais gargalhadas quando as pessoas se aperceberam de quem estava a falar.

– E depois havia outra besta chamada Fuinha, que adorava tanto o seu bastão que lhe chamou *Walter* e dormia com ele todas as noites, pousado ao lado da almofada. Mas não se preocupem, ela casou com ele numa cerimónia que decorreu numa gôndola em Veneza, por isso a união não era pecaminosa.

Isto originou ainda mais gargalhadas, e imaginei as centelhas a elevarem-se do chão como pirilampos.

– No entanto, o pior monstro que vivia em Pitchipoi era a Princesa Coração de Gelo, que, como o próprio nome indica, tinha um coração esculpido em gelo do glaciário mais frio da Antártida. Na verdade, ela não era princesa de todo, mas antes uma criatura semelhante a uma serpente, com a pele negra e os olhos vermelhos. Mas todas as manhãs arranjava-se muito bem arranjada e borrifava-se com uma poção mágica que tresandava a flores, tudo para ter o aspeto de uma estrela de Hollywood. Mas se olhássemos com atenção e sob a luz certa, conseguíamos ver as escamas pretas da pele verdadeira a brilhar por baixo do disfarce.

– E como é que as pessoas que eram levadas para Pitchipoi ganhavam poderes mágicos? – quis saber a Danielle, e pela primeira vez, fiquei grata por uma das suas interrupções.

– Obrigada por perguntares. – Encontrei a mão dela no escuro e apertei-a com gratidão. – Os monstros de Pitchipoi alimentavam-se dos medos das pessoas, por isso faziam tudo o que estava ao seu alcance para as impedir de encontrar a sua própria magia. Faziam-nas passar fome quase até as matarem, recusavam-se a tratá-las pelos nomes, espancavam-nas brutalmente e até atiçavam os cães de caça para as atacarem, mas a única coisa que os monstros não conseguiam

era roubar a imaginação das pessoas. A não ser, claro, que elas deixassem.

Sustive a respiração por um instante, ciente de que podia estar, mais uma vez, em terrenos pantanosos. Mas as mulheres continuaram a escutar em silêncio.

– E assim que as pessoas que foram levadas para Pitchipoi entenderam este princípio tão simples, perceberam que todas podiam ter poderes mágicos. Quer dizer, não é incrível é que uma pessoa possa ser privada de alimentos, espancada e torturada e mesmo assim os monstros não consigam entrar-lhe na cabeça e no coração, não consigam controlar o que pensa e sonha?

– Eu não diria que isso é ser livre – comentou alguém na cama de cima.

– Mas a nossa imaginação é sempre livre – respondi, esperando não estar prestes a perder o meu público. Tinha plena noção de que o que estava a tentar transmitir podia ser considerado tonto ou insensível, considerando tudo o que nos estavam a fazer, mas continuava a acreditar que esta era a nossa única fonte de força e esperança. – E é precisamente aqui que a verdadeira magia começa, porque podemos voar para onde quisermos sob as asas da nossa imaginação. Vou dar-vos um exemplo – acrescentei rapidamente. – Era uma vez uma mulher chamada Galette... sim, tinha nome de bolo, mas essa é uma outra história. A Galette foi levada para Pitchipoi e os monstros esforçaram-se por quebrá-la, recorreram a todos os seus poderes. Só que a Galette percebeu que a sua imaginação lhe conferia poderes mágicos, por isso, independentemente do que os monstros lhe tentavam fazer, ela conseguia sempre fugir quando precisava. Por vezes, fugia para as memórias felizes do passado. Outras vezes, para os sonhos de esperança no futuro. E outras ainda, entretinha-se a imaginar os fins hediondos que acabariam por se abater sobre a Princesa Coração de Gelo e os seus monstruosos amigos.

– Eu também faço isso quase todos os dias – disse alguém, dando origem a murmúrios de concordância.

– E apesar de contar estas histórias a si mesma pudesse parecer algo muito insignificante, considerando todos os horrores que os monstros de Pitchipoi faziam, a Galette percebeu que a sua mente era

o único sítio onde ainda conseguia alcançar a vitória sobre todos eles.

Mais uma vez, sustive a respiração e fiquei à espera. Ouvi alguém suspirar, mas as outras mulheres ficaram caladas.

– Então, devemos viver eternamente na nossa imaginação? – perguntou alguém.

– E se quisermos viver no mundo real? – disse outra. – E voltar para as nossas vidas reais?

– Sim – murmurou uma terceira, e o meu coração caiu-me aos pés.

– Um dia, vamos conseguir fazê-lo – reagiu calmamente a Danielle.

– Mas até esse dia chegar, a nossa imaginação pode ajudar-nos a manter a força.

Apertei-lhe novamente a mão, com gratidão.

– Talvez – disse alguém do beliche ao lado do nosso.

O silêncio instalou-se, interrompido apenas pela tosse ruidosa de alguém na outra extremidade da caserna. Fiquei desiludida por a minha história não ter tido uma receção mais entusiasmada, mas a Danielle percebera e isso era tudo para mim.

Aninhou-se a mim.

– Obrigada, *Galette* – murmurou ao meu ouvido.

– Acho que esta noite vou deixar que a minha imaginação me leve a Paris – disse alguém da cama de cima.

– E eu vou à ópera – revelou outra pessoa, com uma gargalhada.

A seguir, uma por uma, as mulheres começaram a anunciar para onde viajavam nas asas da imaginação.

Fechei os olhos e suspirei de alívio. A minha história parecia ter funcionado, mas durante quanto tempo conseguiria manter acesa a chama da esperança? Afastei o medo do meu pensamento e em vez disso deixei-me levar até as salas de dança de Pigalle, antes de a guerra começar.

Capítulo Trinta

Yom Kippur, Auschwitz, outubro de 1943

Quando o *Yom Kippur* se aproximou novamente, as asas do jogo da imaginação, inspirado na minha história, espelharam-se pela caserna como um fogo veloz – o mesmo aconteceu à febre tifoide, que regressou com um vigor alarmante, assim como a torrente constante de comboios a chegar ao campo. O jogo era uma distração bem-vinda e tornou-se num passatempo noturno habitual antes de dormirmos. Havia sempre alguém disposto a partilhar para onde viajara naquele dia, enquanto o corpo se atarefava a trabalhar. No *Erev Yom Kippur*, anunciei que iria viajar até à véspera do *Yom Kippur* de há três anos, e partilhei a história de como conheci o Tomasz, coisa que a Danielle adorou, como é evidente.

Felizmente, desta vez as guardas não nos atormentaram com comida deliciosa – na verdade, o que nos ofereceram era ainda mais pútrido do que o habitual, o pão duro como pedra e o “café” gelado.

Depois da chamada, disseram-nos que nos seriam atribuídos trabalhos novos. Não prestei muita atenção a esta notícia, pois estava certa de que seria apenas mais um pântano com as mesmas pedras, valas e lama que se agarrava aos pés como cola. Contudo, levaram-nos para a floresta, o que me surpreendeu e encantou. Já vira a floresta muitas vezes, mas agora ia finalmente poder caminhar por entre as árvores que admirava ao longe com tanto desejo. E, alegria das alegrias, consegui ouvir o vento a soprar por entre as folhas, inspirar o aroma doce dos pinheiros, o que era um alívio muito bem-vindo depois do fedor do campo.

O facto de ser *Yom Kippur* ainda tornava a ocasião mais especial, porque, estando rodeada pela Natureza, era subitamente mais fácil acreditar que Deus existia e que não nos abandonara, pelo menos não completamente. O som suave dos pássaros era a mais tocante interpretação do *Kol Nidrei*, cada nota parecia devolver vida ao meu corpo cansado.

Assim que chegámos ao coração da floresta, mandaram-nos carregar as pedras necessárias para fazer a berma de uma nova

estrada. Onde aquela estrada ia dar, não fazia ideia. Sentia-me tão embriagada com a Natureza e tão zonga de fome que enquanto trabalhava, fazia-o entorpecida pelo esforço físico e rezava pelos mortos – pelo Solly, pela Marguerite, pela *Macaron* e pela Dora, assim como por todas as almas que pereceram desde que chegara a este campo. Já se tornara tão comum ver cadáveres empilhados no exterior das casernas logo de manhã, quando íamos para a chamada, ou caídos onde os corpos haviam desabado, ao fim do dia, que tinha de me comportar como um daqueles cavalos que tem palas nos olhos, a olhar em frente e a tentar ignorar o profundo horror do que me rodeava. Mas naquele momento, enquanto rezava, uma tristeza abateu-se sobre mim. Era o segundo *Yom Kippur* que passava em Auschwitz, viveria para ver mais algum? Parecia-me improvável, mas afastei este pensamento da cabeça e concentrei-me em recordar os entes queridos que perdera.

Quando regressámos ao campo, obrigaram-nos a ajoelhar para a segunda chamada – a última diretiva concebida com o objetivo de nos quebrar, física e mentalmente. Naquela noite, ordenaram-nos que mantivéssemos os braços erguidos, para forçar ainda mais os nossos corpos já tão cansados. À medida que os meus joelhos começaram a estremecer de cansaço, lembrei-me do meu pai e, pela primeira vez, não tentei afastá-lo do pensamento. Antes de vir para Auschwitz, ele era um monstro que atormentava os meus pesadelos, mas agora, em comparação com os guardas, parecia-me mais digno de pena do que de medo e senti-me novamente atingida pela estranha ironia de tudo o que passei enquanto criança ter sido uma boa preparação para aguentar o tratamento que recebia no campo de concentração. Não estava exatamente pronta para agradecer ao meu pai, mas perante tudo o que tinha para enfrentar, de que me servia guardar-lhe rancor?

Enquanto observava as espirais de fumo que saíam da chaminé do crematório, ocorreu-me uma memória solta do meu oitavo aniversário. A Madame Bellamy oferecera-me uma boneca com cabelo castanho ondulado e brilhante, como a crina de um cavalo, faces rosadas e olhos de vidro azuis. Foi amor à primeira vista, e eu e a minha nova bebé, *Rosa*, tornámo-nos imediatamente inseparáveis. Naquela noite, o meu pai queria falar comigo, mas eu estava ocupada

a deitar a minha nova bebé num berço que fizera a partir de uma velha caixa de cartão. Quando dei conta, o meu pai pegou na boneca e atirou-a contra a parede com tanta força que um dos olhos se estilhaçou em mil pedaços. Fiquei destroçada, mas depois, para meu grande choque, o meu pai caiu de joelhos e começou a soluçar também. “Perdoa-me”, pediu vezes sem conta. Aproximei-me dele, pensando que estava a pedir-me perdão, mas depois ouvi-o a dizer o nome da minha mãe. “Perdoa-me, Ruth, perdoa-me!”

Enquanto revivia esta memória, ali de joelhos no meio do campo, questionei-me se estaria a pedir perdão à minha mãe porque também se culpava pela sua morte e não apenas a mim. Talvez só me culpasse para se absolver da culpa que sentia. Talvez eu até nem tivesse culpa. Talvez nenhum de nós tivesse culpa. Senti qualquer coisa mudar dentro de mim, uma amarra a soltar-se à volta do meu coração. Ergui ainda mais os braços cansados, tentando chegar a Deus numa oração de *Yom Kippur*, e murmurei:

– Eu perdoo-te, papá.

O inverno chegou, trazendo ainda mais doenças. Todos os dias, uma nova pilha de corpos surgia sobre o chão coberto de neve no exterior das casernas, os membros contorcidos e os rostos para sempre congelados no momento em que a morte os levou. E todos os dias, os corpos eram carregados em carroças, levados para o crematório e transformados naquele fumo opressor que pairava sobre o campo: enquanto andávamos a trabalhar, tínhamos de respirar os restos mortais das mulheres que ainda no dia anterior estavam ao nosso lado. Ver diariamente aqueles corpos fazia com que uma pergunta corresse incessantemente no meu pensamento, assim como, tenho a certeza, no pensamento de toda a gente: *Quanto tempo falta para me juntar a eles? Quanto tempo falta para, também eu, ser apenas fumo e cinza?* Aquelas de nós que estavam ali há mais de um ano eram vistas como alguém que conhecia o segredo da imortalidade, mas, na verdade, a pressão era ainda maior – estávamos já, certamente, a viver em tempo roubado. De certeza que um dia a nossa sorte acabaria. Mas, em vez disso, eu e a Danielle tivemos um inesperado golpe de sorte – fomos enviadas para trabalhar no novo *Kanada*.

Claro que, como tudo em Auschwitz, esta sorte deveu-se à infelicidade de outras pessoas. Os alemães precisaram de construir um novo complexo de armazéns para guardar e separar as coisas que roubavam a quem ali chegava, porque eram tantos os comboios a chegar ao campo que já não cabiam nos anteriores. O *Kanada II* foi construído no campo das mulheres e consistia em três filas de dez casernas, com uma sala de desinfecção em forma de T à frente. Ficava mesmo ao lado de um crematório, para que roubar as vítimas dos alemães exigisse o menor esforço possível. Apesar de lá estar há mais de um ano e, por isso, já não devesse ficar surpreendida com nada do que faziam, o facto de os alemães usarem a sua preciosa imaginação para conjurar algo tão grotescamente eficiente deixava-me horrorizada e espantada.

Ser uma *Kanada kommando* era considerado um privilégio e fez com que eu e a Danielle fôssemos simultaneamente vítimas de inveja e objeto de grande popularidade. Tínhamos agora acesso a comida, roupa e calçado, e, apesar de ser estritamente proibido tirar coisas dos armazéns, as pessoas faziam-no, originando um feroz sistema de trocas nas casernas.

No primeiro dia em que nos apresentámos ao trabalho, tivemos de passar por um grupo de prisioneiros homens que descarregava um camião cheio de malas e outros artigos. O meu coração acelerou imediatamente – e se o Tomasz também trabalhasse aqui? Mas não vi sinais da cicatriz tão característica no rosto de nenhum dos homens, o que me deixou desapontada.

À medida que nos aproximávamos do camião, um homem jovem atirou algumas malas para o chão sem olhar e uma delas bateu na perna da Danielle, que soltou um grito de dor.

– Oh, peço imensa desculpa! – disse ele em francês, saltando para o chão e tirando o chapéu às riscas, que segurou contra o peito. Como nós, também tinha uma estrela amarela no peito. – Estás bem?

– Sim, estou bem – respondeu a Danielle, olhando para o chão, com o rosto pálido a corar.

Olhei para o homem. Como todos nós, ao longe o seu corpo dolorosamente magro fazia-o parecer mais velho, mas quando nos aproximávamos, era evidente que não seria muito mais velho do que a

Danielle.

– Como te chamas? – perguntou ele com suavidade.

– Danielle – respondeu ela.

Uma das *kapo* que conduzia o nosso grupo de trabalho gritou-nos para que continuássemos a andar.

– Muito gosto em conhecer-te, Danielle – disse o rapaz atrás de nós. – Eu sou o Pierre.

Uma vez chegadas ao exterior da caserna que nos fora atribuída, recebemos as ordens e dedicámo-nos ao trabalho. Estava ansiosa por falar com a Danielle sobre o seu encontro com o rapaz, na esperança de que a tivesse deixado um pouco mais animada. Mas assim que comecei a abrir as malas das pessoas e a vasculhar e separar os pertences, senti-me engolida por uma mágoa profunda. A única coisa em que conseguia pensar era nas pessoas a quem as coisas pertenceram. Teriam sido instruídas para caminhar para a direita ou erguiam-se agora em fumo na chaminé do edifício ao lado? E se encontrasse os pertences de alguém que conheci, como aconteceu com a Dora?

A cada nova mala que abria, as histórias começavam a escrever-se sozinhas na minha cabeça e as personagens surgiam espontaneamente. Quem era a mulher que outrora usara estas roupas, agora emaranhadas numa verdadeira rodilha? Seria aquele vestido cor-de-rosa com o padrão de margaridas brancas o seu favorito? Onde o usara? De onde vinha ela? A língua das etiquetas dava-me algumas pistas. O pior eram os sapatos, que continham as marcas dos pés das pessoas a quem tinham sido roubados – as covas fundas causadas pelos joanetes, as biqueiras e os calcanhares esfolados. Vestígios de uma viagem que ia acabar da pior forma possível. Como podiam saber, quando compraram estes sapatos, que viriam parar a este sítio? E, ainda assim, sentia-me atingida por uma onda de desejo sempre que me deparava com um par de sapatos confortável, sapatos bem feitos que pareciam ser perfeitos para os meus pés. Era como estar presa numa estranha versão da *Finette Cendron* – se o sapato de veludo vermelho me servisse, significava o alívio das socas tortuosas, que não encaixavam nos meus pés; mas se roubasse estes sapatos, não seria melhor do que os alemães.

Olhei de relance para a Danielle, que estava a trabalhar do meu lado direito. Tinha na mão um par de sapatos azuis de fivela, minúsculos, de criança, e as lágrimas caíam-lhe pelo rosto.

– Não penses nisso – murmurei. – Pensa noutra coisa qualquer. Pensa no Xavier. Inventa uma história com ele.

Ela limpou as lágrimas e assentiu, mas não senti um grande alívio. A única forma de sobreviver neste lugar e impedir que ficássemos loucas era obrigando-nos a não pensar, a não dar valor às coisas, mas também a não nos tornarmos imunes ao horror que nos rodeava. Mas se não pensássemos, se não déssemos valor, correríamos o risco de nos tornarmos tão cruéis como os nossos captores? Era um dilema terrível, uma escolha entre a nossa sanidade mental e os nossos princípios morais.

Nessa noite, quando eu e a Danielle estávamos na nossa cama a tentar matar os piolhos do cobertor, abordei o assunto Pierre.

– Então, parece que hoje ganhaste um admirador... o Pierre – murmurei.

Ela franziu o sobrolho e abanou a cabeça.

– Não me parece. Ele só estava a pedir desculpa por me ter acertado com a mala.

– Hum, não sei se foi só isso. Bem vi a forma como olhou para ti.

– A sério? – Observou-me com esperança.

– Ah, pois. E viste como tirou o chapéu de forma tão respeitosa? Pareceu-me um perfeito cavalheiro.

– Só está a dizer isso para me deixar mais feliz.

– Não! – Bati com a tigela no cobertor para matar um piolho. – Bem, sim, mas não estou a mentir, simplesmente a relatar o que aconteceu.

– Hum – soltou ela, mas um sorriso aflorou os seus lábios.

– Talvez voltes a vê-lo.

– Talvez, mas que diferença fará? Não temos propriamente a possibilidade de nos conhecermos melhor, pois não?

Não sabia como responder a esta pergunta. A Danielle estava certa e, provavelmente, até era imprudente da minha parte estar a dar-lhe falsas esperanças.

Entrámos na nossa cama, tentando não incomodar muito as mulheres que já lá estavam – o que era uma tarefa impossível –, e instalámo-nos no nosso espaço. Apesar de, em situações normais, ser terrível viver apinhada daquela maneira, sentia-me grata pelo calor que a nossa proximidade gerava.

– Talvez possas conhecê-lo na tua imaginação – sugeri.

Ela suspirou.

– Lembras-te daquilo que me disseste, que a nossa imaginação nos ajuda a manter a força?

Para meu alívio, assentiu.

– E o que eu disse sobre como a imaginação nos liberta.

– Sim – murmurou a Danielle.

– Deixa que a imaginação te dê a liberdade de conheceres o Pierre. Aposto que, algures no campo, ele também está a pensar em ti.

– Acha que sim? – Parecia-me agora genuinamente envolvida.

– Claro. Consigo vê-lo neste instante, deitado na cama, a pensar na jovem mulher maravilhosa que conheceu esta manhã e a desejar vê-la novamente.

A Danielle fechou os olhos.

– Obrigada, Etty – segredou-me.

– Não tens de quê.

Fechei os olhos e imaginei-os aos dois a saírem dos respetivos corpos e a flutuarem em direção a um mundo imaginário, onde tudo era possível e os nazis não existiam.

Ao longo dos dias seguintes, eu e a Danielle tornámo-nos imunes aos horrores do *Kanada*, da mesma forma que já tinha acontecido com tantas outras coisas. Eu continuava a não quebrar a regra de trazer o que quer que fosse para mim, mas consegui trazer uma colher para uma das minhas colegas de beliche, uma polaca chamada Aleksandra, que perdera a dela. Tinha a esperança de que o proprietário original da colher não se importasse que a tivesse roubado por este motivo. Certamente, era melhor do que acabar na Alemanha. Felizmente, a Danielle também se foi mantendo forte, mas sempre que se deparava com pertences de crianças, ficava chorosa.

– Acha que a dona está a chorar por ela? – murmurou a Danielle,

certo dia, tirando uma boneca de trapos de uma das malas. A boneca fora claramente muito amada, o cabelo de lã estava emaranhado e a tinta do rosto pintado já um pouco desbotada. Imaginei o fantasma de uma criança a abraçar a boneca com força contra o peito. Mais uma história que não queria contar.

Encolhi os ombros, incapaz de encontrar palavras que pudessem melhorar as coisas.

– Odeio-os! – sibilou a Danielle. – Odeio-os por matarem crianças!

– Chiu. – Olhei em redor, temendo que alguma *kapo* munida com um bastão a ouvisse.

A Danielle pousou a boneca numa pilha com todos os brinquedos que encontráramos.

Era evidente que o último carregamento era de pessoas ricas. Mala sim, mala não, parecia conter roupas vindas das melhores *boutiques* de Paris. Enquanto punha uma combinação de cetim azul na pilha da roupa interior, pensei na mulher a quem pertencia e como decidi trazê-la consigo; como a dobrou tão primorosamente e a guardou com todo o cuidado no canto do fundo da mala. Talvez lhe associasse memórias felizes. Imaginei um amante a despir-lhe a combinação, as pontas dos dedos a acariciarem-lhe a pele. A ideia de os meus dedos serem os próximos a tocar naquela peça estabelecia entre nós uma ligação sinistra e senti-me trespassada por um arrepio. Aquela mala continha também uma caixa de joias de veludo e uma estola de pelo, tudo coisas que, numa vida anterior, lhe teriam conferido um certo estatuto, mas que aqui eram completamente inúteis.

Espero que ainda estejas viva, rezei, enquanto colocava aqueles pertences nas pilhas correspondentes, neste que era um refrão silencioso que começara a repetir sempre que mexia nas coisas de alguém. Era a única maneira de tornar este trabalho vagamente suportável.

No final da nossa primeira semana no *Kanada*, eu e a Danielle íamos a entrar no complexo, os nossos pés dormentes do frio, quando uma carrinha parou ao nosso lado e o Pierre saltou de lá de dentro. Quando viu a Danielle, o rosto rasgou-se num sorriso de reconhecimento.

– Olá, mais uma vez – saudou ele suavemente.

– Olá – respondeu ela com timidez.

– Tinha esperanças de te encontrar – disse o Pierre, também tímido.

O meu coração elevou-se perante este momento tão doce e inocente de ligação. Que milagre ter a possibilidade de assistir a algo tão bonito num lugar tão aberrante como este.

A Danielle ficou calada e continuámos a caminhar.

– Ela também tinha – disse eu por cima do ombro, quando passámos por ele.

– Porque é que disse isso, Etty? – interrogou-me, assim que ficámos fora do alcance dos ouvidos do Pierre.

– Bem, alguém tinha de dizer qualquer coisa.

– Mas nunca devemos dizer a um rapaz que gostamos dele, ele pode pensar que somos umas desavergonhadas.

– Tens noção do lugar onde estás? – murmurei enquanto entrávamos apressadamente na caserna. – Isto não é sítio para seres recatada, Danielle.

Ao dizer estas palavras, senti-me projetada para a noite em que conheci o Tomasz e como a nossa situação me incentivou a ser honesta acerca dos meus sentimentos. Depois, pensei na segunda vez que o vi e arrepiei-me com um certo embaraço. Talvez não fosse grande ideia ter o coração na boca, nem mesmo em tempos de guerra.

– Presumo que não – concordou a Danielle, contrariada. Quando nos dirigimos para os nossos postos, ela sorriu brevemente. – Ele disse que tinha estado a pensar em mim.

– Pois disse!

– Acha que gosta de mim?

– Claro.

O sorriso alastrou no rosto da Danielle, iluminando a sala como o mais brilhante dos nasceres do sol.

– Prometes-me que não o vais ignorar da próxima vez que ele falar contigo? – incentivei.

– Se houver uma próxima vez. – O sorriso dela desvaneceu-se.

– Oh, eu acho que vai haver. Creio que estava *bashert* que vocês se encontrassem.

– O que significa isso?

– Que estavam destinados a conhecer-se. – Como é evidente, não podia ter certeza quanto a esta questão, mas valeu a pena dizê-lo, só para ver o entusiasmo no olhar da Danielle.

Não sei se foi o poder do nosso pensamento combinado, mas na semana seguinte, voltámos a ver o Pierre. Desta vez, ele trouxe algumas coisas diretamente para a nossa caserna. Eu vi-o primeiro e dei uma cotovelada à Danielle, para lhe chamar a atenção. Ele pousou o monte de malas que trazia e caminhou na nossa direção enquanto levava a mão ao bolso do casaco.

– Tenho um presente para ti – murmurou ele, quando se aproximou da Danielle e, com um gesto hábil, lhe pôs qualquer coisa no bolso. – Para o *Hanukkah*. Sei que é só uma, mas talvez a possas acender uma vez em cada um dos oito dias – acrescentou ele, antes de continuar o seu caminho.

A Danielle permaneceu absolutamente congelada, os olhos muito arregalados.

– O que é? – sibilei. – O que é que ele te deu?

Ela olhou de relance para o bolso.

– Uma vela – respondeu-me, com os olhos marejados de lágrimas.

As velas eram um artigo frequentemente contrabandeado no *Kanada* e muito valiosas no campo, mas o facto de o Pierre lhe ter oferecido uma para que pudesse celebrar o festival da luz fazia daquele objeto um presente ainda mais bonito e atencioso, apesar de muito perigoso.

– Deixa-me levá-la por ti, não quero que sejas apanhada – disse, aproximando-me para que ela pusesse a vela no meu bolso.

Mais tarde, já de noite, estávamos no nosso beliche e acendemos a vela. A Danielle olhou para a chama e suspirou.

– Não foi a coisa mais romântica de sempre?

– Foi, sim.

– Mal pude acreditar quando ele disse que tinha um presente para mim. Vou recordar este momento enquanto for viva.

Ficámos as duas em silêncio e eu questionei-me se aquelas palavras também tinham originado nela o pensamento inevitável: *E quanto*

tempo será? Tentei afastar esta ideia da cabeça. Aquela era a primeira noite de *Hanukkah* e estava determinada a manter-me positiva.

– Devia apagá-la. Guardá-la para as outras noites – disse a Danielle, antes de soprar a vela.

Uma tosse persistente começou a ecoar na caserna e por entre o ruído, ouvi a Danielle a soluçar.

– Oh, não, o que foi? – perguntei, abraçando-a.

– E se eu e o Pierre nunca chegarmos a ter a oportunidade de casar e ter dois filhos chamados Charlotte e Leo? – lamentou ela, num pranto. – É com isso que tenho andado a sonhar desde que me disse para o conhecer na minha imaginação – explicou. – No meu mundo imaginário, somos casados e já começámos a nossa família.

– Uau, tens andado ocupada – respondi, tentando alegrá-la, mas enquanto visualizava a imaginação melancólica da Danielle a pairar todas as noites sobre o beliche, numa constelação de esperança na escuridão, lutei contra as minhas próprias lágrimas.

– E se não tivermos tempo suficiente? – perguntou, antes de soltar mais um soluço.

De repente, ocorreu-me uma memória do Solly, da nossa última conversa quando saímos do comboio e ele me disse que o amor não se media com um relógio. Na altura, estava demasiado perplexa e exausta para entender devidamente o que ele queria dizer com aquilo, mas se o tempo que passara em Auschwitz me ensinara alguma coisa, era que o amor se media pura e simplesmente com o coração.

– Vou oferecer-te um presente, para o *Hanukkah* – murmurei, limpando-lhe as lágrimas do rosto.

– Um presente?

– Sim. Infelizmente, este ano é um pouco difícil celebrar o *Hanukkah*, mas adoraria oferecer-te uma história.

– Esse é o melhor presente de todos! – exclamou a Danielle.

– Fico muito contente por pensares assim – respondi, com vontade de rir enquanto me recordava de como ela ficara pouco impressionada com as minhas capacidades de contadora de história quando nos conhecêramos. – Era uma vez duas almas que estavam destinadas a encontrar-se...

– Porquê? Por que razão estavam destinadas a encontrar-se? –

perguntou com ansiedade.

– Ouve, se te vou oferecer a história de presente, agradecia muitíssimo se fizesses a fineza de não me interromper – avisei, fingindo austeridade.

A Danielle riu-se.

– Peço desculpa, não vou interromper mais.

– Obrigada. Portanto, como estava a dizer, estas duas almas estavam destinadas a conhecer-se.

– Mas como é que sabe que estavam destinadas a conhecer-se?

– Oh, por amor de Deus!

– Desculpe. É só que queria mesmo saber.

– Bem, se ouvires a minha história, talvez descubras.

– Está bem.

– O destino por vezes funciona assim – continuei, tentando ganhar algum tempo para pensar. – É como uma enorme tapeçaria e as vidas das pessoas são fios que passam uns pelos outros para formar a mala. Para o padrão ser perfeito, há fios que se devem entrelaçar. Por vezes, cruzam-se só uma ou duas vezes, noutras, os fios ficam juntos durante anos, mas todos os fios são igualmente importantes para o padrão divino da tapeçaria.

– Gosto dessa ideia – murmurou a Danielle.

– Ótimo. – Dei-lhe um beijo no cimo da cabeça. – De qualquer maneira, as duas almas da minha história chamam-se Danielle e Pierre, e nesta tapeçaria da vida, os seus fios são os mais brilhantes e sedosos e...

– De que cor são?

– Desculpa?

– Os fios deles, de que cor são?

– O da Danielle era dourado escuro e o do Pierre prateado brilhante – respondi, rezando para ter paciência.

– Não posso ser eu o prateado? Prefiro prateado – riu-se ela.

– O da Danielle, que conseguia ser uma alma um pouco exigente, verdade seja dita, era prateado brilhante e o do Pierre era dourado escuro, está bem assim?

– Sim, obrigada.

– Então, com a intenção de que o caminho de ambos, perdão, os

fios se cruzassem, o Destino certificou-se de que nasciam os dois em França.

– Como sabe que ele nasceu em França?

– Não sei, estou a presumir. Quer dizer, tem um nome francês, fala a língua fluentemente...

– Sim, claro. Continue, por favor.

– Obrigadinha! Ora, algumas pessoas estão destinadas a encontrar-se para terem uma longa vida juntas, mas o problema deste tipo de destino é que pode acabar por ser um pouco cansativo.

– Como assim?

– Bem, a familiaridade pode originar ressentimentos e as pessoas que estão juntas há uma eternidade podem aborrecer-se uma da outra, ou pior, começar a discutir por tudo e por nada. Por isso, as cores dos seus fios começam a chocar – acrescentei, realmente dedicada à metáfora da tapeçaria.

– Os meus pais eram um bocadinho assim – confessou a Danielle.

– Pois bem, a Danielle e o Pierre não estavam destinados a discutir ou a ficarem entediados um com o outro – continuei. – Estavam destinados a algo bastante mais grandioso.

– O quê? Ai, desculpe, não queria interromper – disse ela, tapando a boca com a mão.

– Estavam destinados a ser... – Fiz uma pausa, tanto para efeitos dramáticos como para encontrar uma frase suficientemente poderosa.

– Estavam destinados a ser a vela de *Hanukkah* de cada um.

– O que significa isso?

– Que cada um deles seria a luz que ilumina todos os momentos de escuridão do outro, recordando-o da possibilidade de existirem milagres. Pois, havia milagre maior do que a Danielle e o Pierre se conhecerem e apaixonarem num lugar tão sombrio como Auschwitz? – Continuei, bastante orgulhosa da forma como introduzira o tema *Hanukkah* na minha história.

– Não tenho bem a certeza se nos apaixonámos – murmurou a Danielle, mas percebi o sorriso na voz dela. – Ainda não tivemos muito tempo para isso.

– O amor não se mede com um relógio, minha querida – disse, fazendo uma oração silenciosa ao Solly, por me acudir mais uma vez.

– O que quer dizer com isso, Etty?

– O amor mede-se pelo espaço que ocupa no coração – respondi. – Podemos conhecer alguém durante uma vida inteira e nunca sentir que ela nos entrou no coração tanto quanto outra que vimos apenas uma vez. O que sentiste hoje, quando o Pierre te deu a vela?

– Incrivelmente bem – respondeu a Danielle.

– Então, não tenho mais nada a dizer.

– Como acaba a história? – perguntou com ansiedade.

– Acaba com os dois a criarem um ponto maravilhoso na tapeçaria da vida – respondi de forma enigmática. – Porque ninguém podia questionar a beleza do seu encontro nem o facto de terem conseguido criar luz em circunstâncias tão difíceis. Sempre que um milagre destes ocorre, ilumina a tapeçaria como a mais cintilante estrela-cadente. – Rezei para que este fim fosse satisfatório para a Danielle, pois, como poderia prometer-lhe mais do que isto?

– Obrigada – disse-me com um suspiro. – Espero realmente poder criar um ponto maravilhoso na tapeçaria da vida.

– Já criaste – respondi, abraçando-a com força. Se ela soubesse o ponto bonito que já criara na minha vida, fazendo-me ter um propósito, um significado e, o maior presente de todos, a sensação de pertencer a uma verdadeira família.

Capítulo Trinta e Um

Auschwitz, fevereiro de 1944

Naquele inverno, o campo ficou coberto por um imenso manto branco, trazendo uma estranha quietude abafada. Era cada vez mais difícil manter o desespero ao largo. Estaríamos destinados a ficar escondidos eternamente aqui, até que uma das epidemias que varriam o campo nos levasse e fizesse cair no chão de onde seríamos acartados, até que o campo se tornar tão moribundo como os esqueletos das árvores que víamos no horizonte? Porém, por cada corpo que caía, pareciam chegar outros dois nos comboios para o substituir. Talvez os alemães não parassem até terem conseguido matar todos os judeus, ciganos, presos políticos ou homossexuais do planeta. Que lugar entediante e odioso seria o mundo quando fosse apenas povoado pela sua preciosa e alcoólica raça ariana – pois, por estes dias, todos os guardas das SS tresandavam a álcool. Era difícil perceber se bebiam para celebrar o sucesso do seu grandioso plano ou precisavam de beber para continuarem com as atrocidades que cometiam.

Naqueles meses frios, a única fonte de luz e calor era a Danielle e o seu romance incipiente com o Pierre, apesar de os encontros entre os dois serem escassos e espaçados – pelo menos, na vida real. Nas histórias que lhe contava todas as noites, os dois corriam o mundo em inúmeras aventuras.

Até que, num dia frio de fevereiro, enquanto me preparava para separar o conteúdo de mais uma mala no *Kanada*, fui arrancada do meu torpor desolado. Ali, a fitar-me por entre um emaranhado de roupas, estava um exemplar do meu primeiro romance da Aurélie. Ver este símbolo da minha vida anterior, da pessoa que fora, fez com que um relâmpago de reconhecimento me trespassasse. Retirei cuidadosamente o livro do meio da manga de uma camisola e segurei-o à minha frente. O livro tinha sido bastante manuseado, a capa estava desbotada e um pouco desfeita nos cantos, e a lombada estalada. Ao fitar a ilustração da Aurélie na cama, era como encontrar a fotografia de uma amiga há muito perdida. Há tanto tempo que não ouvia a voz da minha adorada personagem no pensamento, há tanto tempo que as nossas vidas não se espelhavam.

Passei o dedo sobre o horizonte de Paris, que aparecia em segundo plano na imagem. O que não daria para voltar a ver o Sacré Coeur e a Torre Eiffel. Apesar de tudo o que as autoridades francesas me tinham feito, as saudades de casa ardiam-me profundamente no peito. Com os dedos a tremer, abri a capa e vi uma dedicatória escrita à mão numa caligrafia elegante. *Para Anette, feliz aniversário, minha querida amiga. Com amor, Sara.*

Folheei as páginas amareladas e parei abruptamente quando vi uma parte sublinhada a lápis. O que escrevera eu que a Anette achou suficientemente importante para sublinhar? Olhei rapidamente em redor, para me certificar de que não havia por ali guardas, e comecei a ler.

Há momentos em que me sinto tão insignificante como uma formiga prestes a ser esmagada pelos pés de quem anda apressado pela cidade, mas nesses momentos, recordo a mim mesma que prefiro ser esmagada enquanto persigo a minha paixão a ter uma morte lenta e dolorosa enquanto me contorço de desilusão. E o que poderá provocar uma desilusão maior do que nunca ter tido coragem para correr atrás dos nossos sonhos?

Enquanto lia estas palavras, as *minhas* palavras, era como se estas me puxassem para trás no tempo e no espaço, como se tivesse regressado ao minúsculo sótão que arrendei quando cheguei a Paris. E ali estava, sentada na mesa instável sob a claraboia suja, debruçada sobre uma máquina de escrever em segunda mão que encontrara numa feira de antiguidades, a perseguir o meu sonho de ser escritora. Naquela altura, não fazia ideia de que as minhas *Aventuras de Aurélie* iam dar em alguma coisa. As palavras que escrevia para ela eram os meus próprios pensamentos, os meus sentimentos, já que passava os dias a limpar os salões de dança de Pigalle para ganhar meia dúzia de tostões e as noites a derramar o coração sobre as páginas. Fugir para Paris tinha sido altamente avassalador, mas continuei em frente, continuei a sonhar. Quando escrevi aquelas primeiras palavras, jamais teria adivinhado que conseguiria alcançar tantas leitoras e que o livro me traria tanto sucesso. Era evidente que as palavras também tinham

significado qualquer coisa para a Anette, que as sublinhou.

Olhei para aquela mala. As roupas não vinham de butikues caras, mas eram coloridas e exuberantes, denunciavam um estilo original e espirituoso. Tateei a mala e peguei num batom com a caixa dourada. O batom era cor-de-rosa pálido e fora usado até formar uma ponta aguçada. Imaginei a Anette com o batom na mão, como eu o segurava naquele momento, e senti uma ligação profunda com esta mulher que nunca conheci e que podia muito bem já estar morta. Embora os nossos fios na tapeçaria da vida só se tivessem cruzado por um instante, ela dera-me o mais bonito dos presentes.

Olhei para verificar que não havia guardas a olhar e rasguei rapidamente a página do livro, guardando-a no bolso. A Anette não me recordara apenas de quem eu costumava ser, mas também de que os livros que escrevia ajudavam as outras pessoas e talvez um dia pudesse voltar a fazê-lo. Enquanto olhava para a mala, fiz uma promessa silenciosa a mim mesma de que se alguma vez conseguisse sair de Auschwitz com vida e pudesse escrever sobre o que ali acontecera, iria certificar-me de que a sua história fazia parte do relato.

A neve derreteu finalmente e as doenças diminuíram, assim como o fluxo de novos comboios ao campo. O que significava isto? Eu e a Danielle ponderámos sobre isso no nosso beliche durante a noite. Podíamos permitir-nos sentir alguma esperança? Aos domingos à tarde, o único tempo livre que tínhamos em toda a semana, a orquestra feminina começou a dar concertos na caserna de desinfeção. Estes concertos eram tão populares que uma multidão enchia a caserna e acumulava-se na rua, tão compacta quanto possível para ouvir os sons maravilhosos dos instrumentos. Eu já me esquecera de como adorava música, como costumava ter um rádio em cada divisão do meu apartamento para poder dançar e cantar o dia todo. Pensar na minha vida em Paris era como ler um livro sobre uma personagem fictícia – era difícil acreditar que um dia tivera tanta liberdade. Mas sempre que a dor da perda se tornava demasiado avassaladora, levava a mão à página que guardava no bolso e recordava-me da importância de nunca desistir.

Por vezes, a orquestra tocava uma ou outra peça musical que me trazia uma memória específica, como a música costuma fazer, e nessas alturas era uma batalha manter as lágrimas longe dos meus olhos. Mas noutras ocasiões, quando não conhecia as músicas, elas ajudavam-me a sonhar acordada. As notas altas do violino faziam-me pensar numa cotovia, o tom caloroso do clarinete recordava-me, vá-se lá saber porquê, um copo de vinho tinto. Certo domingo, durante o solo de um violoncelo, lembrei-me da voz do Tomasz enquanto entoava o *Kol Nidrei*, e foi uma memória tão evocativa que me senti transportada para a minha sala de jantar e conseguia vê-lo ali sentado com a toalha a servir-lhe de xaile. Interroguei-me se ainda estaria vivo, se algum dia voltaria a vê-lo, e tive de pestanejar mais uma vez para que as lágrimas não caíssem. Sim, aqueles concertos de domingo eram momentos agrídoces.

Então, no início da primavera, surgiu uma grande agitação. Eu e a Danielle fomos dispensadas dos nossos deveres enquanto *Kanada kommandos* e enviadas para trabalhar com o resto das mulheres da nossa caserna num setor vazio do campo, ao lado do campo dos homens. Enquanto trabalhávamos na construção de novas estradas, vimos grandes grupos de homens a construir um conjunto de casernas e a apetrechá-las com beliches acabados de fazer. Outro novo desenvolvimento ao longo de março e abril foi o prolongamento dos caminhos de ferro até ao acampamento das mulheres, e no fim de abril, plantaram uma densa parede de árvores e arbustos em redor dos crematórios, de maneira que só os telhados e as chaminés ficassem visíveis. Tudo isto me fazia lembrar um pouco do conto de fadas *A Bela Adormecida*, em que uma fada lança um feitiço para fazer crescer árvores e galhos à volta do castelo. No conto de fadas, a floresta foi plantada para proteger a princesa. Em Auschwitz, fizeram-no para disfarçar um local de morte, apesar de, naquela altura, as pessoas que eram levadas para o campo morrerem de causas naturais. Eu sempre adorara árvores, mas naquele momento não conseguia evitar estremecer sempre que olhava para a parede de salgueiros ondulantes, de carvalhos e bétulas que rodeava os crematórios.

Numa certa noite do início de maio, fomos acordadas com um grito arrepiante.

– O que foi isto? O que está a acontecer? – perguntou a Danielle, ao meu lado.

Ouvi o que parecia o sibilar de um comboio e depois uma voz a gritar: “*Los! Aufgehen!*” Algumas mulheres começaram a sair das camas, confusas, mas depois a porta abriu-se de repente e a *Blockalteste* apareceu.

– Fiquem onde estão! – gritou ela. – Ninguém sai daqui!

– Parecia um comboio – murmurei para a Danielle.

– Mas eu pensava que só tinham prolongado a linha até ao campo das mulheres para dar algo que fazer às prisioneiras – respondeu ela.

Foi o que todas pensámos naquela primavera estranha e sossegada. O meu corpo ficou muito tenso e questionei-me se não teríamos sido atraídas para uma falsa sensação de segurança. E se as novas casernas e a nova linha não tivessem sido construídas só para nos manterem ocupadas, mas sim para preparar o campo para ainda mais ondas de recém-chegados? E se, em vez de estarem a abrandar as operações, os nazis estivessem a acelerá-las?

Na manhã seguinte, mandaram-nos ir trabalhar para uma secção diferente e fomos proibidas de usar as casas de banho do lado norte do campo. Parecia que estavam a fazer de tudo para nos impedir de ver a nova estação de caminhos de ferro. Naquele dia, o tempo estava enganadoramente bonito, o sol de maio derramava um brilho caloroso e aveludado. Mas senti que era impossível sentir-me quente. Passava-se alguma coisa sinistra no campo, todas o sabíamos, e enquanto éramos levadas para o local onde íamos trabalhar, sentimo-nos subjugadas.

E, efetivamente, enquanto trabalhávamos, um fedor hediondo que nos era familiar começou a espalhar-se pesadamente no ar e duas colunas de fumo denso subiram das chaminés dos crematórios mais próximos. Nessa noite, durante a chamada, as chamas escapavam-se pelo topo das chaminés, como se quisessem incendiar o céu escuro. Como podíamos ter sido tão estúpidas? Como podíamos ter sequer considerado que o pior já tinha passado, pensei para comigo enquanto tentava não respirar o pivete que se agarrava à pele. Na verdade, parecia que o pior estava apenas a começar.

Depois de alguns dias, os guardas das SS, que estavam claramente

preocupados com a dimensão dos novos transportes para o campo, pareciam ter-se esquecido de nós e deixaram-nos à solta para andarmos por onde quiséssemos – dentro dos confins da vedação eletrificada, claro. No domingo à tarde, eu e a Danielle fomos até à nova estação de caminhos de ferro, no coração do campo das mulheres, e vimos algo que me encheu imediatamente de medo. Pessoas, tantas pessoas, que enchiam a estrada larga que ajudáramos a construir, caminhavam em direção às chaminés flamejantes, as pilhas de malas e pertences acumuladas na plataforma. Naquele momento, jurei que se me voltassem a chamar para trabalhar no *Kanada*, iria recusar. Já era suficientemente difícil separar as coisas de pessoas que nunca vira, mas agora seria impossível, pois já tinha visto as mulheres com os seus vestidos elegantes, os homens com os seus fatos. Já tinha visto as crianças a olharem em redor com curiosidade, enquanto seguravam brinquedos. Já ouvira os bebés a chorar.

Descobrimos rapidamente que os comboios que todas as noites chegavam cheios de pessoas vinham da Hungria e traziam tantas coisas que até os prisioneiros tinham permissão para beneficiar do seu espólio. Pedacos de carne de porco curada começaram a aparecer na nossa sopa diária – a primeira vez que encontrei um destes pedaços, foi como se tivesse achado uma pedra preciosa – e começámos a receber porções de queijo e salsichas húngaras ao jantar. Gostava de poder dizer que os meus princípios me levaram a recusar a comida pilhada, mas, infelizmente, a fome que sentia era demasiado avassaladora para conseguir recusar o que quer que fosse.

E como era de prever, foram rapidamente recrutadas novas *Kanada kommandos* para tentar processar tudo o que chegava nos muitos comboios. Não precisei de me preocupar com a recusa ao trabalho, pois havia muitas voluntárias. Mas a Danielle viu-se perante um dilema moral.

– Tenho saudades de ver o Pierre – disse-me num dia, antes de pararmos para almoçar. – Não queria ir para lá trabalhar se isso significasse que podia ver o Tomasz?

Ponderei por um instante antes de perceber que sim, provavelmente queria. Além disso, para mim, a felicidade da Danielle era o mais importante.

– Acho que deves ir – disse-lhe.

– E a Etty também vem? – perguntou ansiosamente.

Abanei a cabeça. E foi assim que, pela primeira vez desde que chegámos ao campo, eu e a Danielle nos separámos – pelo menos durante o dia. Inicialmente, parecia ser algo bom – o meu coração animava-se sempre quando a via a aparecer antes da chamada da noite. Os olhos dela eram tão expressivos que conseguia perceber sempre se naquele dia tinha visto o Pierre, pois ficava com os olhos cintilantes de entusiasmo. Na maior parte dos dias, contudo, via-a bastante abatida.

– O que está a acontecer às crianças? – murmurou, certa noite. – Vejo tantos brinquedos. E hoje vi um carrinho de bebé, a almofada ainda tinha a cova minúscula da cabeça do bebé.

Abracei-a quando começou a chorar.

– Não deves pensar nisso. Tens de pensar noutras coisas. Pensa no Pierre. Queres que te conte uma história?

Desiludindo-me, ela abanou a cabeça.

– Só quero dormir.

Nessa noite, fiquei ali acordada a amaldiçoar-me por a ter deixado a trabalhar sozinha naquele lugar. Talvez na manhã seguinte pudesse oferecer os meus serviços. A felicidade da Danielle era muito mais importante do que os meus princípios estúpidos.

Ouvi ao longe o guincho de um comboio e a orquestra feminina começou a tocar. Tinham agora ordens para tocar todas as noites, presumo que para tentar abafar os gritos de quem ali chegava. Questionei-me sobre como conseguiam as mulheres tocar? Como conseguiam tocar as melodias animadas, sabendo que era a banda sonora para uma marcha de morte? Creio que, como todas nós, aprenderam a bloquear o horror em nome da sobrevivência.

Na manhã seguinte, quando perguntei, a *Blockalteste* disse-me sem papas na língua que os meus serviços não eram necessários no *Kanada* e que ia continuar no grupo encarregado de cavar as valas. Cavei durante o dia inteiro, preocupada com a Danielle e o estado de espírito em que a iria encontrar no final do dia. Mas, para meu deleite, quando regressei, encontrei-a com os olhos a brilhar de alegria.

– Oh, Etty, nunca vai conseguir adivinhar o que aconteceu –

arquejou, quando estávamos na fila para as refeições da noite.

– Acho que talvez consiga adivinhar – respondi. – Começa pela letra P?

– Sim! – exclamou ela. – Vi-o hoje e ele disse-me que não consegue parar de pensar em mim e...

– Há mais? – perguntei, o meu coração a encher-se de alívio.

– Sim! Disse que temos de nos encontrar quando sairmos daqui.

– Como? – interroguei com curiosidade.

– Combinámos que, quando regressarmos a Paris, vamos ambos à Torre Eiffel no primeiro domingo do mês. Assim, se um de nós sair antes do outro, podemos continuar a tentar todos os meses até nos encontrarmos lá. Não é a coisa mais romântica de sempre?

– É, sim. – Enquanto respondia, desejei com todas as forças do meu coração que conseguissem realizar aquele sonho. Também fiquei imensamente aliviada por a Danielle estar mais animada. Com um pouco de sorte, este plano iria dar-lhe forças para continuar, apesar de tudo o que estava a acontecer.

Depois, num feliz dia de junho, a Danielle trouxe-me notícias que nunca me atrevi a desejar.

– Aconteceu algo verdadeiramente incrível, Etty – murmurou ela durante a chamada da noite.

O meu primeiro pensamento foi que tinha conseguido ver novamente o Pierre e que ele a pedira em casamento, mas depois reparei nas mal disfarçadas explosões de felicidade nas nossas filas de cinco.

– Não vai acreditar no que o Pierre me contou – continuou a Danielle.

– Declarou o amor eterno por ti?

– Não! – Abafou uma pequena gargalhada e assim que a *kapo* mais próxima virou costas, aproximou-se. – Os Aliados aterraram em França.

Fiquei tão feliz por ouvir estas palavras que as minhas pernas quase cederam sob o meu corpo, tamanho era o meu alívio. Seria verdade?

– Como é que ele sabe? – sibilei.

– Ouviu de alguém que trabalha no hospital dos alemães. Passou na rádio. Não é a melhor notícia de sempre?

– Se é. Se é! – Olhei para o céu, para lá do fumo revoltante que saía das chaminés, e fixei os olhos numa estrela. Rezei com todas as minhas forças que os Aliados pudessem alcançar a vitória, que expulsassem os ocupantes de França, que libertassem o nosso país e que a Danielle e o Pierre pudessem encontrar-se junto à Torre Eiffel.

Capítulo Trinta e Dois

Auschwitz, agosto de 1944

– Era uma vez um exército chamado Ódio, composto por pulhas e pessoas tão venenosas que faziam com que o próprio ar azedasse e os pássaros chorassem – comecei. Estávamos numa noite quente de agosto e todas as mulheres francesas me escutavam avidamente dos beliches mais próximos. – Este exército era encabeçado por um líder hediondo chamado *Monsieur* Bigode... – Várias mulheres riram, um som agora tão raro que era ainda mais doce do que a orquestra feminina. – O *Monsieur* Bigode acreditava que conseguiria dominar o mundo inteiro. Pensava que podia assassinar toda a gente que se atravessasse no seu caminho, mas subestimou a força e a coragem do seu adversário, um exército chamado Esperança.

Pela primeira vez desde que chegara a Auschwitz, comecei a contar histórias baseadas na verdade, não na fantasia. Os rumores de que os Aliados avançavam, tanto vindos de Este como de Oeste, circulavam diariamente pelo campo, e não havia dúvidas de que correspondiam à verdade, pois conseguíamos ouvir os disparos distantes das metralhadoras e o som ritmado das detonações à medida que os russos avançavam pela Polónia. Melhor ainda, os aviões dos Aliados tinham começado a sobrevoar o campo, a caminho dos bombardeamentos, o que ativava as sirenes e a visão maravilhosa dos nossos captores alemães a fugir para se abrigarem nas valas e trincheiras que andávamos a escavar. Claro que nós, os prisioneiros, não tínhamos permissão para nos abrigarmos, mas creio que ninguém se importava com isso. O mais perto que as bombas dos Aliados estiveram de nós foi quando atacaram uma fábrica alemã nos arredores do campo e todos ficámos inebriados com esta reviravolta. Podíamos finalmente atrever-nos a sonhar em como não estávamos para ali esquecidos, e esta noção impulsionou um novo desejo de viver em todos os que antes quase enlouqueceram de desespero.

Numa tentativa de reforçar esta esperança que nascera em nós, todas as noites, contava histórias com o tema da vitória, cada uma vagamente inspirada pelos guardas do campo, que tinham uma

variedade de fins terríveis. Não tenho certeza se o Solly teria aprovado, mas por esta altura já não conseguia conter o meu desejo de vingança, ainda que apenas na ficção.

Quando cheguei ao fim do meu último conto, no qual a personagem inspirada na Dreschel se afogava numa tina da nossa sopa – como eles lhe chamavam – e a personagem de Irma Grese, conhecida nas minhas histórias como *Cubo de Gelo*, morria engasgada com uma maçã, as mulheres começaram a partilhar as suas fantasias de como sairiam do campo.

– Eu vou ser salva por um soldado russo muito alto – disse uma mulher chamada Colette. – Vai chamar-se Vlad e ter o corpo de um Adónis e o coração de um leão.

Ao meu lado, a Danielle soltou um risinho. Era evidente que a Colette passara bastante tempo a jogar ao jogo das Asas da Imaginação.

– *Pfft!* Eu cá vou salvar-me a mim mesma – anunciou uma mulher de rosto comprido chamada Suzanne. – Mas não sem antes dar a provar às alemãs o seu próprio veneno. Se eu tiver uma palavra a dizer, vai acontecer-lhes bem pior do que morrerem engasgadas com uma maçã.

À medida que a conversa avançava para os sonhos de vingança, a Danielle aninhou-se junto a mim.

– Eu acho que o Pierre e o Tomasz nos vão encontrar aqui e vamos sair do campo os quatro juntos – disse ela calmamente.

– Seria maravilhoso – reagi, mas não consegui deixar de, secretamente, sentir um certo temor. Os alemães já tinham mostrado demasiadas vezes como conseguiam ser cruéis e implacáveis, pelo que não iam, certamente, deixar-se vencer facilmente e libertar-nos sem dar luta.

E, efetivamente, não demorou muito até os transportes do campo começarem a ser feitos em sentido oposto, quando os nossos captores começaram a usar os comboios para levar mulheres de Auschwitz para a Alemanha. Todos os dias, um novo grupo de mulheres era selecionado; levavam-nas para a casa de banho, davam-lhes vestidos cinzentos e as poucas coisas que pudessem ter eram novamente

confiscadas.

– Não nos podem enviar para a Alemanha – disse-me a Danielle, certa noite, depois de metade das nossas companheiras de caserna terem desaparecido. – Não agora que a liberdade está tão perto. – Agarrou-me nas mãos. – E se eles escolhem uma de nós, mas não a outra? Oh, Etty, acho que morro com o coração destroçado se isso acontecer!

– Se fores escolhida, eu exijo ir contigo – respondi. – E entro clandestinamente no comboio, se tiver de ser.

– E eu farei o mesmo – disse a Danielle, com a voz trémula.

– Não! – respondi com firmeza. – Tens de ficar aqui, insisto.

– Mas...

– Mas o quê?

– Não me imagino estar sem si.

– Eu também não – respondi, apertando-lhe as mãos magras.

A Danielle ficou momentaneamente em silêncio e pensei que se preparava para dormir.

– Etty? – murmurou.

– Sim.

– Posso fazer uma pergunta?

– Claro, o que quiseres.

– Quando isto acabar, se conseguirmos sair daqui, podemos... podemos ser a família uma da outra?

– Oh, Danielle, claro que sim. Seria uma honra para mim ser da tua família. Sempre quis ter uma irmã mais nova e irritante – acrescentei, para aligeirar a conversa.

Ela deu-me uma cotovelada nas costelas.

– Não sou irritante!

– Não, não, só quando interrompes as minhas histórias com mil perguntas.

Ela soltou uma gargalhada.

– Isso faz de mim uma irmã mais nova e curiosa.

– Sim, creio que faz. – Ouvi-la dizer estas palavras fez o meu coração explodir de amor.

Seguiu-se mais um momento de silêncio e depois...

– Etty?

– Sim.

– Lembra-se de quando me contou aquela história de como eu e o Pierre estávamos destinados a encontrar-nos?

– Sim, lembro-me.

– Bem, acho que nós as duas também estávamos destinadas a encontrar-nos, a cruzar-nos na tapeçaria da vida. – Parecia mais cansada, as palavras arrastadas.

– Eu não acho, tenho a certeza – concordei, abraçando-a contra mim. Quando a respiração dela se tornou mais suave, pensei no dia em que nos conhecemos e fiquei maravilhada por termos chegado até aqui, por, apesar de toda a perda, do medo e da dor que sofremos, termos conseguido forjar uma ligação tão forte como a de sangue. Que bênção.

Os meus olhos encheram-se de lágrimas. Questionei-me durante tanto tempo como seria a minha vida se a minha mãe tivesse vivido e eu pudesse experienciar o seu amor. Mal sabia eu que um dia ia sentir um amor tão feroz e poderoso como o que uma leoa sentia pela sua cria – mas na pele da pessoa que ama, não da que recebe. Para mim, parecia-me igualmente bom.

No dia seguinte, chegou um novo comboio ao campo, vindo de Itália. Várias mulheres foram enviadas para a nossa caserna, incluindo uma chamada Lucia, que acabou por ficar comigo e a Danielle na nossa cama. Na primeira noite, não parou de chorar. Falava um pouco de francês e consegui contar-nos que as suas duas filhas pequenas lhe haviam sido tiradas na estação e enviadas para outra parte do campo, com o resto das crianças. As palavras dela inundaram-me de um pavor gelado.

– Tenho a certeza de que as vais ver em breve – disse-lhe, mas por dentro a única coisa em que pensava era: já teriam as crianças italianas sido enviadas para a morte?

– Não consigo parar de pensar nas crianças – murmurou a Danielle, ao meu ouvido, quando nos preparávamos para dormir. – E se as mães não voltarem a ver os seus filhos? – Percebi então que esta situação devia trazer recordações dolorosas da sua própria separação da Marguerite e procurei-lhe pela mão sob o cobertor.

– Vão voltar a vê-los, temos de manter a fé – sussurrei.

Como se estivesse a seguir a minha deixa, as sirenes de ataque aéreo começaram a soar.

– *Licht aus! Licht aus!* – ouviu-se o comando vindo da rua, ordenando que desligassem as luzes da vedação de arame farpado. A seguir, começou a ouvir-se o *rat-a-tat-tat* das defesas antiaéreas alemãs e o barulho à medida que os fragmentos dos cartuchos caíam sobre o telhado como a mais doce das chuvas.

– Estás a ver, já não vai demorar muito até sermos libertadas – murmurei, e senti a Danielle a assentir ao meu lado.

Felizmente, ficámos a saber que as crianças italianas não haviam sido mortas. Tinham sido levadas para outra área do campo, o que parecia quase igualmente cruel, já que as mães estavam proibidas de as visitar. Na primeira tarde de domingo depois de chegar, a Lucia pediu-nos, à Danielle e a mim, se podíamos ir com ela e ajudá-la a ver as filhas.

– Certamente, alguma coisa poderei fazer para me deixarem vê-las – disse ela, observando-me com esperança.

Assenti, sem lhe querer destruir as esperanças, e a Danielle mostrou-se ainda mais otimista.

– Juntas, conseguiremos convencer os guardas – disse ela com determinação.

E foi assim que nos encaminhámos na direção da secção vedada do campo, para onde tinham sido enviadas as crianças.

– Oh, parecem tão pequeninas – murmurou a Danielle, quando vimos as crianças a vaguear pelas casernas, um pouco apáticas e atordoadas.

Como podiam estar ali fechadas sem os pais? O que poderia esta situação provocar-lhes? Todas tinham um ar subjugado e nenhuma delas brincava.

– *Bambine!* – gritou a Lucia, correndo para a vedação.

Duas meninas pequenas que iam a andar de mãos dadas pararam e olharam para nós. Um instante depois, desataram a correr em direção à vedação, a chorar pela mãe.

– Oh, Angelina! Isabella! – arquejou a Lucia.

Suspirei de alívio. Pelo menos, estavam vivas.

A mais nova das meninas, que aparentava ter cerca de três anos, atirou as mãos para cima, como se estivesse à espera de que a mãe conseguisse chegar para lá da vedação e pegar nela ao colo. A mais velha, talvez com sete anos, cruzou os braços com força, sem dizer uma palavra. Havia qualquer coisa distante e fechada naquela pose que me fez pensar em mim quando tinha a idade dela, e vê-la despedaçou-me ainda mais o coração do que as lágrimas da irmã mais nova.

A Lucia virou-se para mim e começou a falar rapidamente em italiano. Percebi que estava a pedir ajuda, mas o que podia eu fazer?

O som débil do concerto semanal das mulheres deslizava até nós através da brisa. Uma melodia alegre, completamente contrastante da dolorosa situação da Lucia.

– Precisamos de fazer alguma coisa. Temos de a ajudar – disse a Danielle. – Vamos perguntar às guardas se a deixam entrar.

– Está bem. – Peguei na mão da Lucia. – Anda.

Fomos até ao portão, com as meninas a seguirem-nos do outro lado da vedação e a Lucia a dirigir-lhes palavras de encorajamento. Mas quando chegámos ao portão, o meu coração afundou-se instantaneamente. De sobrolho franzido e expressão taciturna, o guarda das SS que estava de serviço não parecia ter um pinga de compaixão em todo o corpo. E tresandava a álcool.

– Por favor, esta mãe pode ver as suas filhas? – perguntei-lhe, no meu alemão macarrónico.

Ele olhou para mim e fez um sorriso trocista, depois virou os olhos de suíno raiados de sangue para a Lucia, que começou a implorar em italiano.

– *Nein!* – gritou ele, tirando o bastão do bolso. – *Nein!*

Mas a Lucia não se deixou silenciar e, ainda pior, agarrou-o pelas lapelas do casaco. A seguir, caiu de joelhos, a soluçar e a suplicar. A música da orquestra atingiu o crescendo, o som tão contrastante com a cena que aqui se desenrolava que parecia rasgar-me os tímpanos.

– Não! – gritei, quando o guarda sacou do bastão e bateu no lado da cabeça da Lucia.

Quando ela caiu para o chão, a filha mais nova começou a gritar.

– Oh, não, não – murmurou a Danielle.

Felizmente, a Lucia recuperou rapidamente os sentidos, apesar de estar claramente atordoada.

– Voltem para a vossa caserna! – gritou o guarda.

A música terminou por fim e ouviram-se aplausos.

Completamente alheia ao que acabara de se passar ali, uma guarda apareceu vinda do interior da caserna das crianças e abriu o portão. Rápida como um relâmpago, a filha mais nova da Lucia passou pela guarda e atirou-se para os braços da mãe.

– Oh, Angelina! *Bambina!* – exclamou a Lucia.

O rosto do guarda ficou tão vermelho que estava quase roxo de raiva e ergueu a voz uma oitava para começar a gritar um chorrilho de insultos.

Ignorando-o, a Lucia embalou a filha para a frente e para trás. A filha mais velha começou a chorar do outro lado da vedação.

– Para trás! Para trás! – gritou o guarda, tirando a pistola do cinto.

– Não! – gritei. E a seguir tudo abrandou, cada segundo a prolongar-se como se tivesse o propósito de ampliar o horror que estava prestes a acontecer.

O guarda baixou a arma e apontou-a ao colo da Lucia, onde a filha se sentara para a abraçar com força.

– Não! – gritei novamente, e dei um passo na direção delas. Mas a Danielle apareceu à minha frente, bloqueando o meu caminho.

A orquestra começou a tocar uma nova peça. O guarda destrancou a arma.

– Não! – gritei uma terceira vez, mas parecia estar a mover-me ainda mais devagar do que tudo o resto.

Ouviu-se um tiro. Seguido de um grito. Vi a boca da guarda abrir-se em choque. Como podia ele ter alvejado uma criança? Aquele homem tinha mesmo tanta falta de humanidade? Ouvi a Lucia começar a gritar. Depois, ouvi a menina a chorar. Ouvi a menina a chorar! Poderia, por algum milagre, estar viva? E depois, finalmente, o meu olhar recaiu na Danielle. Estava caída no chão. Por que razão estava ela no chão? Vi-a agarrada ao estômago, com uma mancha carmesim a florescer no vestido puído. O tempo recuperou finalmente a velocidade habitual e o meu cérebro processou a terrível sucessão de

acontecimentos. Ela fora alvejada. A Danielle fora alvejada. Devia ter-se posto à frente da pistola para proteger a menina.

– Danielle! – gritei, ignorando os gritos do guarda e caindo de joelhos ao lado dela. – Danielle.

Os olhos dela fecharam-se.

– Danielle, por favor! – Os meus olhos, esses, encheram-se de lágrimas. Pestanejei furiosamente para as afastar. – Por favor. Consegues ouvir-me?

Ela abriu as pálpebras, trémulas.

– Etty?

– Sim, está tudo bem. Vamos buscar ajuda. – Olhei por cima do ombro para a multidão de mulheres que ali se reunia. – Vão buscar ajuda! Alguém vá pedir ajuda! – Voltei a olhar para Danielle. Tinha o rosto branco como a neve e a mancha no vestido era cada vez maior.

– Etty – arquejou ela. – Consegui salvar a menina?

– Sim, meu amor, conseguiste. Agora vamos salvar-te. – Olhei para a guarda. – Por favor, chame um médico. Por favor, suplico-lhe!

Ela olhou para o guarda e ele abanou a cabeça antes de voltar ao seu posto, ao lado do portão. Tive vontade de o estrangular, mas nada me faria largar a Danielle.

– Etty, estou com muito frio – murmurou ela.

– Não faz mal, vou manter-te quente. – Abracei-a, como já fizera tantas vezes desde que chegámos a este lugar infernal. Senti qualquer coisa molhada nas mãos e percebi, com horror, que era o sangue dela a passar pelo vestido. – Eu mantenho-te quentinha.

O som fantasmagórico de um oboé inundou o ar. E lá em cima, no céu, um corvo grasnou.

– Etty, tenho medo.

– Não tenhas, eu estou aqui contigo. Estou sempre contigo. – Abracei-a ainda com mais força. – Estou sempre contigo. – Olhei por cima do ombro. – Por favor, alguém faça alguma coisa!

A respiração da Danielle tornou-se mais breve.

– Estou a morrer?

– Não – disse, incapaz de me impedir de soluçar.

E depois todos os sons desapareceram.

– Mas salvei a menina? – Olhou para mim com um ar esperançoso.

– Sim, salvaste a menina.

Ela suspirou e ofereceu-me o mais débil dos sorrisos enquanto os olhos se fechavam.

– Então, a minha história teve um fim bom.

– O melhor de todos – soluzei, e senti o meu corpo a ficar inerte.

Capítulo Trinta e Três

Auschwitz, agosto de 1944

Mãos – senti mãos a tocarem-me. Algumas a acariciarem-me. Algumas a puxarem-me gentilmente.

– Tens de a largar – disse alguém.

Mas se a largasse, tudo acabaria de verdade. A Danielle estaria morta. E depois aqueles monstros iam deixá-la no exterior da caserna, para ser atirada para a carroça da morte no dia seguinte. Não. Isso não ia acontecer. Eu não o podia permitir. O meu choque começou a desvanecer-se e olhei para aquele rosto bonito em forma de coração. “Minha família”, foi o que ela disse que eu era; fizemos promessas uma à outra e, enquanto familiar, eu ia sepultá-la. Se me matassem por isso, pelo menos estaríamos novamente juntas. Podia voltar a reunir-me com o Solly, a *Macaron* e a Marguerite. Já não havia nada, absolutamente *nada* para mim aqui.

– Vou levá-la. – A minha voz soou-me desconhecida, dura e estridente. Ajoelhei-me lentamente. – Vou levá-la – repeti, mais alto.

As mãos que me tocavam afastaram-se. Pus os braços por baixo do corpo frágil da Danielle e levantei-a. Era leve como uma pena. Quando me levantei, vi que a multidão que nos observava era ainda maior. As mulheres no concerto da casa de banho deviam ter ouvido o disparo. A *kapo* que guardava a nossa caserna durante a noite veio a correr.

– O que estás a fazer? – perguntou-me, com ar chocado. – O que aconteceu?

O que aconteceu? Estas três palavras, esta pequena frase, espoletou em mim um desejo histérico de me rir. *O que aconteceu para que um homem quisesse matar uma criança? O que aconteceu para que as pessoas criassem este Vale da Morte no fim da linha? No fim do mundo. No fim da humanidade.*

– O cabrão matou-a à queima-roupa – alguém gritou em francês.

A guarda disse qualquer coisa em alemão à guarda noturna.

– Vou levá-la para o crematório – disse eu, sentindo uma estranha calma a abater-se sobre mim. Naquele momento, nada mais me importava senão dar à Danielle a dignidade que ela merecia na morte.

A guarda começou a objetar.

– Vocês já a mataram – interrompi – e, se quiserem, a seguir até me podem matar. Mas vou fazer isto.

Atrás de mim, alguém começou a aplaudir, depois outra pessoa juntou-se à primeira, e outra ainda. Em seguida, como se fosse uma demonstração do sentido de oportunidade perfeito de Deus, as sirenes de ataque aéreo começaram a tocar.

As guardas entreolharam-se e, como as cobardes que eram, fugiram para os abrigos. A guarda noturna fitou-me nos olhos e assentiu quase impercetivelmente antes de se virar e fugir.

Olhei para a Danielle, para a minha irmã mais nova e curiosa, que adorava interromper-me com perguntas infundáveis. *Não queria dizer que eras irritante*, tive vontade de chorar. *Queria dizer que te amo*.

– Eu amo-te! – arquejei, as lágrimas a saltarem-me dos olhos e a caírem-lhe sobre o rosto. Ela estava com um ar tão pacífico, apesar da flor carmesim fatal do vestido. Tinha um aspeto tão jovem e tão sereno.

Comecei a caminhar na direção do crematório, percorrendo a estrada que ajudei a construir. Ouvi ao longe o zunir suave dos aviões, e pelo canto dos olhos vi pessoas a caminharem comigo, de ambos os lados da estrada. Vultos esfarrapados com roupas sujas. Mas quando virei a cabeça para lhes encontrar os olhos, a única coisa que vi foram ondas de amor a flutuar na minha direção. Depois ouvi alguém começar a cantar suavemente *La Marseillaise*. Mais uma pessoa se juntou ao coro, a seguir outra e outra. As minhas lágrimas caíam pesadas, a visão ficou turva. Sem saber bem como, aquela estrada da morte transformara-se numa avenida de amor. A canção tornou-se mais sonora até quase abafar as sirenes e o zunido que transformava o ar num rugido contínuo.

Quando cheguei à parede de árvores que rodeava o crematório, com a minha própria Bela Adormecida ao colo, um esquadrão de aviões Aliados passaram sobre o campo, deixando rastros brancos no céu azul. Será que me conseguiam ver? Saberiam o que estava a acontecer aqui em baixo? Se soubessem, certamente bombardeariam todo o local.

As armas antiaéreas começaram a disparar enquanto eu continuava

a percorrer o caminho que já tantos tinham calcorreado para encontrar a morte. Ciente de que não me restava muito tempo, abrandei o passo e olhei para o rosto da Danielle. Eram tantas as coisas que ainda tinha para lhe dizer, tantas conversas que agora não podíamos ter, por isso disse-lhe apenas que, feitas as contas, realmente importava.

– Eu amo-te, Danielle.

– O que está a fazer? – perguntou uma voz masculina, e quando levantei os olhos, vi um *Sonderkommando* – um dos prisioneiros judeus forçados a trabalhar nos crematórios. Apressou-se a vir até mim e viu o vestido da Danielle cheio de sangue. – O que lhe aconteceu?

– O que acha? Por favor, suplico-lhe, pode dar-lhe um fim digno?

O homem olhou por cima do ombro, mas graças ao aviso de ataque aéreo, não havia guardas à vista.

– Posso, mas tem de me entregar.

Abracei a Danielle durante mais um instante antes de a passar para os braços do homem, e depois acariciei-lhe o rosto frio e dei-lhe um último beijo na testa.

– Lamento muito – disse ele.

– Ela era uma pessoa maravilhosa – respondi. Era o mais próximo de um elogio fúnebre que podia fazer. Não que conseguisse encontrar palavras suficientemente belas ou grandiosas para descrever o que a Danielle se tornara para mim.

– Era sua irmã? – perguntou o homem.

– Era, sim. – Virei-me e afastei-me, sentindo a dor a penetrar em todas as células do meu corpo.

Enquanto me afastava, o homem começou a dizer o *Kaddish* numa voz tão plena de ternura que me deu vontade de chorar novamente.

Mais um esquadrão de aviões sobrevoou o campo e a minha mágoa aprofundou-se ainda mais. Eu e a Danielle tínhamos sobrevivido a tanto e agora estávamos certamente perto da libertação. Porquê, mas porquê, não pôde ela viver mais um pouco para a testemunhar? Porquê, mas porquê, teve aquele monstro de a assassinar?

Assim que voltei à estrada, as mulheres ainda ali esperavam em silêncio, e quando continuei para a caserna, seguiram-me numa procissão silenciosa. Os fragmentos das balas antiaéreas caíam à nossa

volta, mas ninguém gritou nem correu para se abrigar. Não sei bem como, consegui chegar à caserna, mas no momento em que cheguei à nossa cama, o meu coração estilhaçou-se. Eu e a Danielle conseguíramos criar aqui um ninho de calor e conforto, e agora a cama parecia-me tão fria e claustrofóbica como um caixão.

Ao deitar-me, a Lucia apareceu, de pé em frente à cama, a cabeça ao nível da minha. Começou a falar apaixonadamente em italiano. Depois parou, e no seu francês quebrado disse:

– Nunca esqueço, tua amiga salvou minha filha.

Assenti, completamente incapaz de falar tal era a raiva que crescia dentro de mim. Era uma raiva que não podia dirigir àqueles que eram os verdadeiros culpados, por isso deixei-a fluir silenciosamente para a Lucia. *Porque tinhas de nos pedir ajuda?*, quis gritar-lhe. *Porque não foste sozinha ao campo das crianças?* Era profundamente injusto, mas senti-me assoberbada, engolida pela dor da perda. Virei-me de lado, de costas para ela, e fechei os olhos, com vontade de bloquear o mundo inteiro. Agora que não tinha a minha adorada Danielle, era um mundo que não significava nada. A minha amada Danielle *Courageuse*. A minha amada Danielle *Très Belle*.

Capítulo Trinta e Quatro

Auschwitz, 1944

Era uma vez um mundo que se tornou num local tão hediondo que as histórias deixaram de existir. Todas as letras do alfabeto se recusaram a unir-se de modo a formar as palavras necessárias para descrever tamanhos horrores, e as contadoras de histórias tornaram-se obsoletas...

Capítulo Trinta e Cinco

Yom Kippur, Auschwitz, setembro de 1944

– Era uma vez duas jovens mulheres francesas inseparáveis...

Quando a minha colega de cama, a Colette, começou a falar, senti-me arrancada do meu torpor deprimido. Já tinham passado vários dias desde que a Danielle fora morta, dias que passei envolta numa névoa de dor e indiferença, arrastando os pés sem saber como para cumprir a rotina dos dias, a chamada para o trabalho, a chamada para dormir. Durante este tempo, mal dissera uma palavra a quem quer que fosse, muito menos contara alguma história, mas agora parecia que a minha companheira de beliche assumira esse papel e aquelas palavras entraram na minha consciência, apesar de eu só desejar o alheamento total.

– Estas duas jovens mulheres eram um exemplo perfeito de uma amizade feminina – continuou a Colette. – Na verdade, podíamos procurar no mundo inteiro e não encontraríamos um exemplo melhor.

Ouvi alguém na cama de baixo murmurar em concordância.

– Apesar de todas as dificuldades por que passaram, o amor entre as duas nunca fraquejou; na verdade, tornou-se cada vez mais forte e bonito, como um diamante forjado no mais intenso calor.

Fechei os olhos, mas estes começaram a inundar-se de lágrimas.

– A mais velha das amigas era um tipo de mulher muito especial, extremamente bondosa e carinhosa, e uma contadora de histórias extraordinária – prosseguiu. – E sempre que a amiga mais nova se sentia triste ou assustada, a contadora de histórias dava sempre o seu melhor para a ajudar com um dos seus contos. Mas o que ela talvez não soubesse era que as outras pessoas também ouviam estes contos. Não porque fossem bisbilhoteiras – acrescentou rapidamente –, mas porque todas dormiam num quarto um tanto ou quanto invulgar.

– Como sardinhas em lata – disse alguém de um dos outros beliches, o que originou uma gargalhada seca.

– Assim, todas as noites, enquanto a amiga mais velha ajudava a mais nova, estava também a ajudar, sem saber, muitas outras pessoas.

Fiquei muito quieta. Estaria ela a dizer aquilo que eu pensava?

Claro que sabia que as outras mulheres ouviam as histórias que eu contava à caserna inteira, mas teriam ouvido também as que contava em privado à Danielle? E estas histórias também as ajudavam?

– Noite após noite, a contadora de histórias de Auschwitz contava novas fábulas à sua jovem amiga para a ajudar a acreditar no amor, no deslumbramento e no poder da imaginação. E noite após noite, as mulheres que dormiam perto das duas eram transportadas para o mundo daquelas histórias, ouviam lições que depois aplicavam às suas próprias vidas. Era como se esta contadora de histórias tivesse poderes mágicos e conseguisse alcançar as profundezas dos corações e das mentes das mulheres para lhes mostrar uma força que elas não sabiam que tinham.

– Sim! – exclamou alguém, e os meus olhos ficaram quentes com as lágrimas.

– Mas depois abateu-se uma tragédia sobre o campo – continuou a Colette. – A mais nova das duas amigas foi brutalmente assassinada e a contadora de histórias ficou paralisada de dor; tamanha era a dor que já nem conseguia falar. E, oh, como as mulheres que ouviam as suas histórias partilhavam também da sua dor, e, oh, como a queriam ajudar, fazer qualquer coisa por ela, como ela fizera por todas.

– Sim, sim – disse outra pessoa, e as lágrimas caíram-me dos olhos fechados para o meu rosto.

– Algum tempo depois, as mulheres perceberam que o melhor presente que podiam dar à contadora de histórias era mostrar-lhe como elas as ajudara tanto. E como ainda era muito amada por entre as mulheres, como todas ainda precisavam dela. – A voz da Colette começou a quebrar. – Todas te adoramos, Etty.

– Sim!

– Adoramos, sim!

Abri os olhos, as lágrimas a correrem-me pelo rosto, sem saber ao certo se estava acordada ou no meio de um sonho. Mas as minhas colegas de beliche estavam todas ali, todas a olhar para mim, a maior parte delas também a chorar.

– Por favor, Etty, não desistas – pediu a Colette.

– Precisamos de ti – acrescentou a Suzanne.

E a palavra “precisamos” acendeu qualquer coisa dentro de mim.

Olhei para elas, que me fitavam tão intensamente, e consegui responder por fim:

– Obrigada.

Capítulo Trinta e Seis

Auschwitz, inverno de 1944

À medida que o verão deu lugar ao outono e o outono ao inverno, começámos a viver para as comunicações de rádio que traziam notícias das vitórias dos Aliados e das derrotas dos alemães. A emancipação de Paris, a sublevação de Varsóvia, tudo nos trouxe grande alegria. Chegaram comboios carregados com polacos, depois partiram comboios carregados com polacos com destino à Alemanha, tão frequentes como a neblina de outubro que entrava e saía do campo. As sirenes que davam conta das tentativas de fuga ecoavam mais frequentemente do que as que avisavam dos ataques aéreos e sempre que as ouvia rezava para que aquela alma corajosa ficasse em segurança. Já não conseguia imaginar qual seria a sensação de querer tanto sobreviver que se estava disposto a arriscar levar um tiro ou ser perseguido pelos cães. Aquela noite em que as minhas colegas de caserna me disseram que precisavam de mim impediu-me de desistir por completo. E desde então que um nó gelado de determinação se instalara no fundo do meu estômago, dando-me coragem para continuar a viver. Se conseguisse sair de Auschwitz com vida, iria contar ao mundo inteiro todo o mal que acontecera aqui – e falaria também de todo o amor que prevalecera, apesar de tudo o que nos tinham feito. Iria iluminar o mundo com as histórias do Solly, da Marguerite, da *Macaron* e da Danielle. Mas para lá desta vontade já não ardia com sonhos sobre o meu futuro. Já não me interessava pelo que me aconteceria. Não tinha outros planos nem desejos para concretizar.

E foi assim que, num dia no início de dezembro, fomos novamente dispostas em filas e me empurraram com um bastão enquanto me diziam para me juntar a uma fila que, presumi, se destinava ao crematório. *Então, é assim, pensei para comigo. Vou finalmente morrer.* E posso dizer com toda a honestidade que não senti qualquer pânico. Mas acontece que a vida tinha mais uma rasteira para me pregar – porque a minha fila se encaminhava para o comboio. Dei por mim novamente conduzida para um vagão de gado.

- Para onde nos vão enviar?
- Deve ser para a Alemanha, para as fábricas de munições.
- Eles não sabem que estão a perder a guerra?

O ar ficou inundado com conversas especulativas. Mas a única coisa em que conseguia pensar era que na última vez em que estivera num destes vagões tinha comigo os meus mosqueteiros, o Solly, a Marguerite e a Danielle. Por que razão só eu fora poupada? Porque não podiam eles estar também aqui. Sentia-me perdida sem os três.

Depois de um par de dias, o comboio parou e mandaram-nos sair. Estávamos no meio do nada e um vento gelado trespassava as nossas roupas, chegando-nos aos ossos. Quando inspirei, tive a certeza de que estávamos perto do mar. Algo que, felizmente, não conseguia cheirar era o fedor a morte que pairava sempre sobre o campo.

Mandaram-nos caminhar durante alguns quilómetros pela floresta antes de chegarmos a outro campo – Bergen Belsen. Felizmente, aqui não havia cheiro a morte nem se via uma macabra chaminé dos contos de fadas a elevar-se sobre as árvores. Fomos alojadas em tendas e agrupadas de acordo com a nacionalidade. Era reconfortante estar na nossa mini-França, ter um vislumbre do que podia ser a nossa vida se pudéssemos regressar à nova e livre França. Mas sempre que sentia a mais efémera centelha de esperança, sentia também culpa por os meus companheiros mosqueteiros não poderem voltar a sentir a liberdade, e voltava a mergulhar na minha bolha sombria de indiferença.

Em fevereiro, chegaram mais centenas de mulheres de Auschwitz, mas tinham sido obrigadas a vir a pé e pareciam cadáveres andantes. Contaram-nos que tinham sido obrigadas a sair antes de os russos chegarem e libertarem o campo. Infelizmente, esta reviravolta trouxe também ao cimo o pior que existia nos guardas, que entraram num frenesim de intermináveis chamadas e mortes, mesmo quando enfrentavam a derrota iminente.

Senti mais uma vez que a morte se aproximava de mim, mas, novamente, a vida tinha outros planos e fui colocada num outro comboio, juntamente com as minhas conterrâneas francesas, com destino a uma fábrica de aviões num lugar chamado Raguhn. Uma vez ali, fomos colocadas numa linha de montagem de motores de aviões, num exercício surreal de absoluta futilidade. As bombas dos Aliados

caíam a toda a volta, mas os alemães continuavam a não aceitar a derrota. Se não me sentisse tão entorpecida, certamente ficaria furiosa.

Até que, um dia, fomos conduzidas para mais um comboio, desta feita com destino a Leipzig. Rapidamente se tornou evidente que algumas pessoas no comboio tinham febre tifoide. E quando nos mantiveram fechadas no vagão durante dias, pensei que era assim que os alemães planeavam acabar connosco. Iam manter-nos ali até a doença nos dizimar e o vagão se tornar num mausoléu. Quando o comboio parou de andar, já havia uma pilha de corpos encostados à porta. Mas eu continuava viva, a morte continuava a recusar-se a acabar com a minha infelicidade. A morte da Danielle deixara um vazio onde o meu coração costumava viver, e juntamente com a exaustão física, sentia-me um verdadeiro farrapo humano. Quando ouvi o som do ferrolho a correr e a porta do vagão a abrir, lembrei-me do momento em que o mesmo som anunciou a nossa chegada a Auschwitz.

Fitei a porta, a minha pele arrepiada à medida que esta se abria lentamente. Certamente, a morte estava a meros instantes. Tinha a certeza de que os soldados alemães iriam abater aquelas de nós que ainda se agarravam à vida. Mas à medida que os meus olhos se adaptavam à luz do dia que entrava, vi um grupo de soldados com uniformes verde-seco, em vez de cinzentos. Não sabia ao certo quem tinha um ar mais atordoado, eles ou nós. Ouvi um deles gritar qualquer coisa em choque e, apesar de não reconhecer imediatamente a língua que falava, de uma coisa tinha a certeza: não era alemão. Eles não eram alemães! Esta constatação fez-me sentir subitamente viva.

– Russos! – arquejou a mulher que vinha caída ao meu lado.

Os russos estavam do nosso lado.

Mexi-me para ficar numa posição um pouco mais hirta. Como tinha isto acontecido? Como podiam os alemães ter-nos entregado aos Aliados? Seria realmente verdade ou apenas mais um truque cruel?

Depois de os soldados nos ajudarem cuidadosamente a sair do vagão, ficámos a saber que o nosso comboio se arrastara pela linha, os guardas alemães tinham-no abandonado um por um e que naquele momento estávamos na recém-libertada Checoslováquia. Demorámos

algum tempo a interiorizar estas informações e ficámos a olhar umas para as outras num silêncio atordoado.

Depois de recebermos com gratidão um pouco de água e pão seco, e de aceitarmos finalmente que o que acontecera não se tratava de uma alucinação bizarra, um grupo de nós decidiu caminhar até Praga, concluindo que teríamos mais possibilidades de regressar a casa a partir daquela cidade. Não me recordo de praticamente nada daquela caminhada, apenas da sensação dos pés doridos e do corpo exausto. Era um milagre conseguirmos caminhar de todo, mas creio que a nossa recém-reencontrada liberdade era um combustível potente. Quando chegámos a Praga, fomos encaminhadas para um campo de repatriamento. Repatriamento: o regresso de um cidadão ao seu próprio país. Mas poderia eu algum dia voltar a sentir que França era o meu país? Afinal, não fora a França que me enviara para uma morte quase certa? Quem sabia o que ia encontrar lá? Seguiram-se mais comboios, mas desta vez em carruagens com bancos, não em vagões de transporte de gado.

Alguns dias depois, chegámos a Paris. Éramos centenas e enchemos a plataforma da Gare d'Orsay, muitas ainda com o uniforme às riscas dos campos de onde tínhamos sido libertadas. Era impossível não reparar nos olhos arregalados dos funcionários que nos conduziam aos autocarros que esperavam no exterior da estação, as expressões plenas de terror e preocupação. Mas para onde nos levavam? Por um terrível instante, pensei que talvez nos mandassem novamente para Drancy, mas o nosso motorista assegurou-nos de que nos encaminhávamos para um hotel.

Naquele que me pareceu o mais surreal dos sonhos, parámos em frente ao Boulevard Raspail, no exterior de um dos mais grandiosos hotéis de Paris, o Lutetia. A rua estava cheia de pessoas com cartazes feitos à mão. Inicialmente, pensei que estavam ali para nos darem as boas-vindas. Mas enquanto saía do autocarro, vi que os cartazes tinham nomes escritos e os rostos das pessoas eram o espelho da angústia.

– Viu o meu filho? – gritou uma senhora, empunhando o cartaz em frente à minha cara. – Sabe se ainda está vivo?

Abanei a cabeça e fitei o chão até passar pela gigantesca porta

giratória do hotel. Há tanto tempo que não via semelhante opulência que senti que me faltava o ar.

Enquanto olhava para o teto ornamentado e o enorme lustre *Art Déco*, uma mulher começou a pulverizar-me com um pó branco.

– Para matar os piolhos – disse-me, num tom que mais parecia um pedido de desculpa.

Assenti, entorpecida.

Depois de sermos desparasitadas, fomos levadas para os duches, mas duches a sério, com água quente e sabonetes; tínhamos enfermeiras a olhar por nós e depois deram-nos um conjunto de roupa lavada. Quando me entregaram os documentos de repatriamento, tive vontade de os queimar ali mesmo. *Se não nos tivessem abandonado, se não tivessem recusado o vosso apoio, se não nos tivessem mandado para a morte, as pessoas que amo ainda estariam vivas*, tive vontade de gritar ao pobre e impotente funcionário que me deu os meus documentos.

No dia seguinte, regressei ao meu apartamento com um serralheiro, porque, como era evidente, já não tinha chave de casa. Quando ele abriu a porta, senti-me inundada de medo. Teriam os alemães levado tudo? Restaria alguma coisa? Mas os meus pertences ainda ali estavam, o que me surpreendeu. Só quando o serralheiro foi embora é que comecei a observar provas de que tinham estado ali intrusos. Um cinzeiro cheio de beatas de cigarros, um copo de vinho com uma fantasmagórica impressão de batom no rebordo. Quando vi que a minha cama tinha lençóis novos, fitei-os, horrorizada. Quem vivera aqui enquanto eu estivera em Auschwitz? O que acontecera neste apartamento enquanto estive fora?

Enquanto andava pelas divisões, senti que estava na casa de um desconhecido, da mesma forma que quando olhei para mim no espelho da casa de banho, senti que estava a olhar para um corpo que não conhecia. Quem era esta pessoa desconhecida com cabelo espetado e ancas ossudas? Para qualquer parte do corpo para onde olhasse, via sinais da barbárie dos alemães, desde as pregas vazias que costumavam ser os meus seios às cicatrizes que os piolhos deixaram sobre a minha pele. E, claro, aquela tatuagem hedionda. As cicatrizes podiam desvanecer-se, o cabelo podia voltar a crescer, mas jamais, jamais conseguiria fugir do número gravado no meu braço. Não que

me importasse com isso. Como podia ralar-me com o que quer que fosse quando vira ser assassinadas todas as pessoas que amava? Sentia-me terrivelmente mal por ter sobrevivido quando todas elas tinham morrido.

Olhei de relance para a banheira e pensei naquela noite, quase cinco anos antes, em que preparei um banho para o Tomasz. Pensei em deitar-me na banheira, abrir as veias com uma faca e esperar que a vida escorresse de mim. Mas depois as palavras que o Tomasz me dissera há tanto tempo regressaram à minha memória. “Tem de contar a história de tudo o que nos estão a fazer.” E lembrei-me da promessa que fizera na minha cama depois de a Danielle morrer. Precisava de escrever uma última história, contar tudo o que aconteceu, falar da Danielle, da Marguerite, da *Macaron*, do Tomasz e do Solly. E de como o amor deles me trouxe luz nos momentos de maior escuridão. Depois, eles poderiam continuar a viver nos corações e na imaginação daqueles que lessem a minha história. Quando acabasse de escrever, entregaria o manuscrito ao Anton e, se fosse preciso, suplicar-lhe-ia que o publicasse. Ele devia-me certamente este favor. Então, depois de assinado o contrato e de ter a certeza de que o livro seria publicado, estaria pronta para deixar que a morte me levasse, porque já não restava nada aqui para mim.

Ao longo do mês seguinte, a minha vida assumiu uma rotina não muito diferente da que tinha em Auschwitz. Sem conseguir aproximar-me da cama, dormia no chão, ao lado da secretária. Acordava às quatro da manhã e depois de beber um chá e de tomar um parco pequeno-almoço, sentava-me a escrever durante horas a fio. Trazer o Solly, a Marguerite, a Danielle e a *Macaron* de volta à vida com as minhas palavras era uma experiência mágica. Sentia as almas deles à minha volta, ouvia-as a falar através de mim. Quando escrevi sobre a morte da Danielle, mal conseguia respirar, mas à medida que as lágrimas me caíam pelo rosto, senti alguma paz e libertação. Já não me sentia consumida pela culpa de ter sobrevivido e eles não, porque a minha sobrevivência tinha um propósito: ia mantê-los vivos no meu livro e depois, claro, iria juntar-me a eles.

Capítulo Trinta e Sete

Paris, setembro de 1945

Setembro ia a meio quando escrevi a palavra *Fim*. Tirei a última página da máquina de escrever e abracei o manuscrito contra o peito. Sentia as páginas vivas com o espírito dos meus amigos. Fiz uma oração de agradecimento por cada um deles, depois preparei-me para sair. Na semana anterior, contactara o Anton para lhe dizer que estava a trabalhar num novo livro. Não sei se foi por se sentir culpado, mas mostrou-se muito ansioso por me oferecer um novo acordo de publicação e convidou-me para almoçar com ele no *Café de la Paix*.

O dia estava lindo, o céu tinha um tom azul-vivo e fiapos de nuvens flutuavam vagarosamente. Apercebi-me de que era a primeira vez que reparava no tempo desde que voltara para Paris. Mal saíra do meu apartamento, dedicara toda a minha concentração à escrita. Encontrei o Anton na mesa habitual, na esplanada, vestido com um fato de veludo verde-mar e a beber um copo de vinho.

Quando me aproximei, olhou para mim de relance sem demonstrar o menor sinal de reconhecimento, antes de olhar uma segunda vez com dramatismo.

– Etty? Etty! – gritou, levantando-se. – Meus Deus, é tão bom voltar a ver-te.

Enquanto me abraçava, deixei-me ficar rígida no meio daquele abraço. O cheiro da água de Colónia e dos cigarros era tão familiar e, contudo, pertencia a uma outra vida que já não existia para mim.

– Não tenho palavras para te dizer como fiquei feliz por receber a tua chamada – continuou ele, recuando e olhando intensamente para mim. – Estava tão preocupado contigo. – Vi-o observar o meu cabelo curto, o corpo esguio. – Estás bem?

Assenti, incitando-me a não chorar, a continuar a ser forte.

– Como estás? – perguntei no que esperava que fosse um tom descontraído.

– Oh, muito melhor agora que os alemães foram derrotados.

Devia ter sido muito bom para as pessoas como o Anton, pensei melancolicamente para comigo, porque podiam sentir que os alemães

tinham sido derrotados, não precisavam de olhar todos os dias para o espelho e ver as marcas da sua vitória espalhadas pelo corpo. Como podiam esperar que nos regozijássemos e continuássemos com as nossas vidas quando já tínhamos passado por tanto, perdido tanto, e continuávamos a sentir-nos atormentados por todos os horrores que nos tinham infligido?

– Sim, imagino que sim – respondi simplesmente, sentando-me à mesa.

– Deixa-me pedir alguma coisa para comeres. – O Anton fez sinal ao empregado. – E que tal um prato da tua sopa de cebola favorita? Ficarás feliz por saber que já tem outra vez caldo de carne.

Olhei para ele sem mostrar qualquer expressão antes de me lembrar da minha ridícula indignação por conta da sopa, no nosso último almoço. Parecia-me agora uma loucura tão grande, depois de anos de fome em Auschwitz. Como podia ter-me queixado de algo tão trivial?

O empregado aproximou-se e o Anton pediu duas sopas.

– E depois da sopa vamos comer o estufado de salsicha – anunciou. Assenti, apesar de o meu estômago ainda não conseguir aguentar refeições fartas. – Então, fala-me do teu novo livro – disse, assim que o empregado se foi embora. – Estou tão contente que tenhas escrito uma nova aventura da Aurélie. É a mesma de que me falaste antes, naquele nosso almoço antes... – Parou de falar e ficou com um ar embaraçado. – Lamento muito, muito mesmo, pelo que aconteceu naquele dia, Etty.

– Não faz mal, Anton. Não podias publicar os meus trabalhos. Eu compreendo. – Tirei o manuscrito da minha carteira. – Este livro não é... uma aventura da Aurélie. É o relato real do que me aconteceu durante a guerra. – Pousei o manuscrito à frente dele e fechei os olhos, incapaz de aguentar uma nova recusa e não conseguir cumprir a promessa que fizera ao Tomasz ou honrar a memória dos meus amigos.

– Oh. – Ele parecia surpreso, mas estaria também desapontado?

Arrisquei entreabrir os olhos. Ele fitava o manuscrito.

– Tinha de o escrever – afirmei. – O mundo precisa de saber o que nos aconteceu, para que nunca mais volte a acontecer.

Para meu alívio, o Anton assentiu.

– Foste enviada para um dos campos? – perguntou num sussurro.

Assenti.

– Para Auschwitz.

– É verdade o que se diz por aí? Dos assassinios em massa e das câmaras de gás?

Voltei a assentir.

– Oh, Etty. Lamento tanto. – Pousou as mãos sobre as minhas. Senti-as tão quentes e fortes que por instantes temi desabar de vez. – Será uma honra publicar o teu livro – disse ele, fitando os meus olhos, e vi que os dele estavam marejados de lágrimas. – Uma honra.

– Obrigada! – exclamei. – Obrigada! – E então as minhas lágrimas começaram a cair sem parar.

O Anton cumpriu a sua palavra. Leu o manuscrito no próprio dia e quando, alguns dias depois, lhe liguei para o escritório, conforme me instruíra, tinha um contrato de publicação à minha espera.

– E agora vais escrever outro romance da Aurélie? – perguntou-me com esperança, enquanto assinava o contrato.

– Talvez – respondi. – Mas antes vou estar fora durante algum tempo.

– Claro. Imagino que queiras estar com a tua família e amigos.

Assenti. Se pelo menos ele soubesse quão verdadeiras eram aquelas palavras.

Decidi voltar a casa pelo Bairro Latino, porque a menção do Anton aos meus amigos fez-me lembrar do Bruno. E se ele tivesse conseguido escapar às garras dos alemães? E se voltasse a encontrá-lo ao balcão do *Era Uma Vez*? A ideia de o voltar a ver fez-me sentir uma minúscula pontada de esperança, mas quando cheguei ao restaurante, vi que as portas e as janelas estavam entaipadas e o letreiro onde antes se lia *Era Uma Vez* fora pintado de preto. Mais uma história abruptamente interrompida.

Regressei ao meu apartamento e esperei que a noite caísse, com a boneca da Aurélie na mão enquanto recordava o dia em que conhecera o Tomasz e como os fios das nossas vidas se entrelaçaram tão breve, mas tão poderosamente.

– Obrigada – murmurei, ao recordar mais uma vez como me incentivara a usar as minhas capacidades de contar histórias para o bem. – Obrigada – repeti, ao pensar no dia em que me ofereceu o ranúnculo. Por muito que me custasse admitir, tinha quase certeza de que ele estaria morto. Foram tão poucas as pessoas a escapar com vida dos campos. Mesmo os que conseguiram sobreviver até ao fim acabaram por morrer nas marchas de morte em que os alemães os enviaram.

Às duas da manhã, decidi que estava na hora. Levei a boneca comigo, como uma criança leva o seu cobertor favorito, saí do apartamento e dirigi-me para a ponte. A ponte onde conhecera o Tomasz. A agudeza das recordações trespassou-me. No céu, pairava uma enorme lua prateada e o seu reflexo fazia o rio cintilar. Era tão bonito, mas sentia-me tão cansada. A única coisa que queria era dormir para sempre.

Depois de ver que não havia por ali ninguém, subi para o parapeito da ponte.

Não faças isto, senti a Aurélie a murmurar, algures do fundo do meu subconsciente. Era a primeira vez que ouvia esta voz em anos, mas ela já não tinha influência sobre mim.

Pousei a boneca no parapeito, olhei para a água e cheguei-me para a frente, pronta para me deixar cair.

– Etty! Etty! Não!

Surpreendida, olhei por cima do ombro, mas não estava ali ninguém. Voltei a fitar a água, mas ouvi novamente uma voz a chamar-me, a pedir-me que não o fizesse. Seria o Tomasz? Ou o Solly?

Ouvia agora um coro de vozes.

– Não faças isso, não desistas – diziam em conjunto. – Queremos que vivas!

As lágrimas ardiam-me nos olhos, obscureciam-me a visão, e por instante pensei que estava a vê-los, os meus mosqueteiros, todos em fila atrás de mim, ao luar, ali mesmo, naquela ponte. O Tomasz, o Solly, a Marguerite, a *Macaron* e a minha amada Danielle.

– Queremos que vivas! – entoaram repetidamente. – Não queremos que a tua história acabe!

Epílogo

Livraria Shakespeare & Company, Paris, 1946

– Por isso, como podem ver, não morri naquela noite – disse, sorrindo para o público enquanto pousava o livro sobre o colo.

Uma onda espontânea de aplausos ecoou pela livraria, aquecendo-me o coração.

– E estamos todos muito felizes por isso! – troou o Anton, do seu lugar na fila da frente.

O meu livro saíra alguns meses antes e tomara França de assalto. Este era o último evento promocional que fazia em Paris antes de viajar para Londres, de modo a participar no lançamento da edição inglesa.

– Muito obrigado pela sua leitura, Etty – disse o dono da livraria e nosso anfitrião naquela noite. – Alguém tem perguntas que queira fazer?

Uma senhora do público levantou a mão.

– Como se sente agora? Diria que já sarou as feridas das experiências por que passou na guerra?

– Não sei se algum dia será possível sarar essas feridas – respondi. – Creio que é mais uma questão de aprender a viver com elas, com as perdas, e de continuar a tentar encontrar centelhas de bondade para libertar, como diria o meu bom amigo Solly.

– Eu adoro o Solly! – exclamou uma jovem mulher, e fiquei tão feliz por a ouvir falar como se o conhecesse pessoalmente, como se ele ainda estivesse vivo. E claro que, de certa forma, estava, tanto no meu livro como no meu coração.

– Também o adoro muito – respondi.

– E o Tomasz? – perguntou um homem na segunda fila. – Chegou a saber se ele sobreviveu?

Abanei a cabeça.

– Tentei encontrá-lo aqui em Paris, mas ele nunca voltou para cá, por isso posso apenas presumir que também faleceu. – Senti uma pontada de dor enquanto dizia estas palavras.

– Acho que é uma tolice fazer presunções – disse outro homem do

fundo da livraria, o seu rosto obscurecido pela luz difusa.

– Talvez seja – respondi. – Mas creio que neste caso é seguro fazer esta presunção. Foram poucas as pessoas que conseguirem regressar de Auschwitz.

– Mas algumas conseguiram – continuou calmamente o homem.

– É verdade, mas nunca o consegui encontrar. E acredite que bem tentei.

– Eu adorei como, no livro, foi honesta a respeito do Tomasz – disse o dono da livraria. – E como admitiu que se enganou acerca dele.

– Obrigada. Enganei-me deveras.

– Pois enganou – comentou novamente o homem ao fundo da livraria.

Olhei ansiosamente para o Anton. Um dos riscos destas sessões de leitura e autógrafos era o facto de não podermos controlar o que as pessoas podiam dizer, mas não estava com disposição para quaisquer provocações relativamente a este assunto.

– Muito bem, receio que hoje não tenhamos tempo para mais – disse o Anton, percebendo a minha deixa e levantando-se. – Muito obrigado a todos por terem vindo. Se quiserem, a Etty vai, em seguida, assinar os vossos livros, basta que os levem à sua mesa.

Bebi um gole de água e comecei a assinar livros. Aparentemente, todos os presentes tinham comprado um exemplar e quando mais um deslizou pela mesa na minha direção, esfreguei o pulso que já me doía.

– Para quem assino? – perguntei sem olhar para cima.

– Tomasz. Tomasz Zolanvari – respondeu a voz de um homem, e senti que o meu coração parou de bater.

Demorei um instante. Inspirei, ainda sem me atrever a levantar os olhos, com medo de que fosse apenas uma partida de mau gosto. Talvez fosse o estranho que estava ao fundo da livraria. Por fim, reuni coragem para olhar. E ali estava ele, a sorrir-me com a cicatriz familiar na face, a covinha no queixo. O corpo estava mais robusto e o cabelo crescera, mas o rosto tinha mais rugas do que antes e os olhos ostentavam sombras por baixo.

– Estás... estás vivo! – arquejei.

– Parece que sim. – Ele abanou a cabeça e suspirou. – Pode ser que

um dia pares de fazer presunções a meu respeito.

– Eras tu que estavas ali atrás. Estás vivo. Estás... – balbuciei enquanto me levantava, meio trôpega. Ele ficara claramente no fim da fila e a livraria já estava vazia. O Anton estava imerso numa conversa com o dono, junto à porta. – Mas... onde estavas?

– Na Polónia. Tinha de saber o que tinha acontecido à minha família. – O sorriso dele desvaneceu-se. – Depois vim à tua procura. Mas já não vives no mesmo apartamento.

– Tive de sair. Não conseguia lá viver – respondi. – Agora tenho um novo, em Montparnasse.

– Compreendo. – O Tomasz sorriu e abanou a cabeça. – Pensei que tinhas morrido. Por isso, imagina a minha surpresa quando comecei a ver cartazes a surgir por Paris como cogumelos, a dar notícia da publicação do teu livro. Já agora, o livro é excelente – acrescentou.

– Leste-o? – Senti um misto de choque e embaraço ao pensar em tudo o que escrevera acerca dele.

– Oh, sim. É muito comovente e espero que deixe o mundo suficientemente chocado para que nunca mais se permita que tamanhas atrocidades sejam cometidas. Mas sinto que devia esclarecer os mistérios com que te deixei.

Estremeci enquanto ele repetia as minhas palavras.

– Ai sim?

– Sim. Lembras-te da noite em que nos encontrámos no Pletzl e de como reagi depois de nos beijarmos?

– Como podia esquecer?

– Não foi porque beijar-te *fosse o equivalente a beber veneno*.

Mais uma vez, estremeci ao ouvir as minhas próprias palavras.

– Foi exatamente o oposto. Fugi porque o beijo foi extraordinário. E porque essa sensação me fez sentir culpado.

– Porque tinhas uma relação com a mulher da fotografia no livro – soltei subitamente.

– Quem? – Ele franziu o sobrolho.

– A mulher que estava na fotografia que guardavas no livro – respondi, grata pela luz difusa da livraria, que ajudava a esconder o meu rosto corado.

– Sim. Mas eu e a Marie não tínhamos uma relação quando eu e tu

nos conhecemos.

– Oh, compreendo. – Embora, na verdade, não compreendesse nada. Tinha a cabeça a rodopiar com tantos desenvolvimentos chocantes.

– Nessa altura, ela já estava morta – disse ele suavemente, baixando o olhar para a mesa. – Foi ela a pessoa que matei.

– O quê? – Fitei-o, horrorizada.

– Não com as minhas próprias mãos, mas é como se o tivesse feito.

– Não entendo.

– Nós estávamos noivos, planeávamos casar. Depois, numa certa noite, tivemos uma discussão horrível. Uma coisa estúpida, por um motivo sem importância, mas ela saiu de casa intempestivamente e eu deixei-a ir. Não a impedi. Quando ia a atravessar a estrada, a Marie foi atropelada por um carro. Creio que estava tão perturbada com a nossa discussão que não olhou antes de atravessar. Morreu instantaneamente. – O Tomasz olhou finalmente para mim. – Nunca pensei que voltaria a ter sentimentos por outra mulher até... – Aclarou a garganta. – Conhecer-te deixou-me mesmo muito confuso e fez-me sentir culpado. Não me achava merecedor deste tipo de sentimentos.

– Compreendo – respondi baixinho, pensando na culpa que sentira depois de a Danielle morrer. – Mas a culpa não foi tua. Todos os casais discutem. Ela foi morta por um carro, não por ti. – Senti-me invadida por uma onda de alívio ao saber finalmente a verdade sobre o Tomasz.

– Eu sei – respondeu ele. – Percebi quando li sobre os teus pais no teu livro. E depois, quando li o final, senti que me libertara também. Senti durante tanto tempo que me estava a afogar em culpa, mas acredito que a Marie queria que eu continuasse a viver, que voltasse a amar. Sobretudo depois de tudo o que aconteceu.

Fitámo-nos por um instante.

– Se quiseres, talvez possa acompanhar-te a casa – ofereceu o Tomasz, num tom suave.

Assenti e os meus olhos encheram-se de lágrimas.

– Gostava muito que me acompanhasses, sim.

Carta da Siobhan

Querido leitor,

Muito obrigada por ter escolhido ler este livro.

Há alguns anos, enquanto estava a pesquisar para o meu romance passado durante a Segunda Guerra Mundial, *The Paris Network*, deparei-me com a história da romancista Irène Némirovsky. Antes da guerra, Némirovsky tinha sido a autora de vários romances que foram sucessos de venda em França, mas quando os alemães começaram a sua ocupação, os autores judeus deixaram de poder publicar neste país. Némirovsky e a sua família fugiram de Paris e, em 1941, ela começou a escrever secretamente um romance intitulado *Suite Française*, inspirado no que estava a acontecer em França. Tragicamente, Irene foi presa pela polícia francesa em julho de 1942 e deportada para Auschwitz, onde viria a morrer no mês seguinte. Felizmente, as duas filhas pequenas de Irene foram salvas pela sua perceptor e permaneceram o resto da guerra escondidas.

Antes de fugirem da casa da família, uma das filhas de Irène, Denise, pegou no enorme caderno de capas de couro para se recordar da mãe. Durante muitos anos depois do fim da guerra, Denise não conseguiu ler o conteúdo do caderno, presumindo que se tratava de um diário pessoal da mãe e imaginando que seria demasiado doloroso ler as suas palavras. Quando finalmente o leu – tendo de recorrer a uma lupa para conseguir decifrar a caligrafia minúscula do interior –, descobriu que, na verdade, aquele era o manuscrito de uma obra-prima em forma de romance sobre a vida na França Ocupada. *Suite Française* foi finalmente publicado sessenta e quatro anos depois da morte de Irène. Se ainda não leu este romance, recomendo vivamente que o faça. Para mim, é ainda mais tocante por saber as circunstâncias em que foi escrito. Depois de ler sobre a história de Irène Némirovsky, não consegui tirá-la da cabeça. Enquanto romancista, parecia-me

impossível imaginar como seria receber do meu editor a notícia de que não poderia continuar a publicar os meus livros por ser judia. Senti-me tremendamente inspirada pelo facto de ela continuar a escrever, o que fez todo o sentido para mim; para um romancista, escrever é tão essencial como respirar e não ter um contrato para um novo livro não vai impedir que o façamos.

Depois li os diários e as cartas de Etty Hillesum. Hillesum morreu em Auschwitz, em 1943, com vinte e nove anos de idade, e é frequentemente referenciada como a Anne Frank adulta. À semelhança de Frank, era uma escritora maravilhosa e uma mulher extraordinária, que conseguiu encontrar e exprimir esperança durante o mais sombrio dos tempos. Os seus diários, escritos em 1941 e 1942, durante o tempo da guerra em Amesterdão, detalham uma incrível viagem espiritual. E mesmo quando Hillesim foi enviada para o campo de concentração provisório em Westerbork, estava determinada a ser “o coração pensante” das casernas; a ajudar os outros a encontrar propósito, esperança e paz interior.

O terceiro autor que inspirou este meu romance foi o Dr. Viktor Frankl, mais especificamente o seu livro *O Homem em Busca de Um Sentido*, que o meu pai me comprou há muitos anos e que me ajudou a ultrapassar um período muito difícil na minha vida. Frankl era psiquiatra que acabou, também ele, por ser deportado para Auschwitz. Embora tenha sobrevivido ao campo de concentração, a sua mulher, os seus pais e o irmão morreram. Depois da guerra, Frankl escreveu sobre a sua experiência em Auschwitz e a sua observação de que, apesar de os prisioneiros terem sido despojados de tudo, foram deixados com a derradeira liberdade – a de escolher a sua atitude perante as circunstâncias. Frankl concluiu que aqueles que tinham sido capazes de encontrar algum tipo de sentido no seu sofrimento conseguiram continuar a crescer, apesar de tudo. Ou, como Nietzsche disse: “Aquele que tem um *motivo* para sobreviver consegue aguentar quase todas as *circunstâncias*.”

Némirovsky, Hillesum e Frankl – cada um destes autores acrescentou um *e se* vital ao início deste romance. E se uma autora francesa de sucesso perdesse o contrato por ser judia e acabasse por ser deportada para Auschwitz? E se ela decidisse que não se deixaria

derrotar, que usaria as suas habilidades para contar histórias para ajudar a encorajar e inspirar os companheiros de cativeiro a procurar um propósito e sentido no que estavam a viver? Foi assim que nasceu a personagem de Claudette Weil.

Apesar de ser uma obra de ficção, este livro baseia-se fortemente em factos reais. Antes de começar a escrevê-lo, mergulhei durante meses em relatos verídicos da vida nos campos de concentração. Por isso, embora as personagens e respetivas histórias sejam fictícias, todos os detalhes a respeito dos campos são verdadeiros. Acontecimentos como os do terrível dia de neve em fevereiro de 1943 são reais, assim como a situação do guarda com a maçã e da sopa deliciosa servida durante o *Yom Kippur* para tentar fazer com que as pessoas interrompessem o jejum. Também me deparei com a história de um pugilista judeu que foi obrigado a lutar contra os oficiais alemães em troca de comida extra, sob a ameaça de que lhe matavam a família caso não obedecesse.

Ao longo da minha carreira de vinte e três anos enquanto autora, escrevi mais de quarenta livros, mas nenhum deles me pareceu mais importante do que este. Quando tinha cerca de doze anos, a minha mãe mostrou-me um livro sobre o Holocausto. Nele havia uma série de fotografias, uma delas a mostrar uma enorme vala comum cheia com os cadáveres emaciados dos prisioneiros de Auschwitz. Foi a primeira vez que vi um corpo morto e jamais me esquecerei do horror daquela imagem, que foi exatamente o que motivou a minha mãe a mostrar-ma. Lembro-me de ela me dizer: “Jamais devemos esquecer que isto aconteceu, pois só assim poderemos impedir que se repita.” Naquela altura, parecia-me impossível imaginar que o Holocausto alguma vez se pudesse repetir e tinha dificuldade em entender como Hitler conseguira fazer tudo o que fez. Porém, nos últimos anos, e devido a uma combinação de vários acontecimentos mundiais atuais e da minha pesquisa intensiva sobre a Segunda Guerra Mundial, comecei a perceber como tudo começou e esta descoberta deixou-me realmente perturbada.

Escrever este romance é uma modesta tentativa de fazer passar o sentimento que a minha mãe me passou há tantos anos: Jamais devemos esquecer que o Holocausto aconteceu, pois só assim

poderemos impedir que se repita. Também queria que este livro fosse um tributo ao poder que é contar histórias enquanto ato de resistência, de inspiração e de recordação, e com este intuito em mente, espero que tenham encontrado nestas páginas algo que vos tenha inspirado.

Siobhan

Agradecimentos

Em primeiro lugar, um GIGANTESCO obrigada a Kelsie Marsden, por ser uma editora tão maravilhosa. Que presente especial foi trabalhar contigo neste romance. Jamais esquecerei. E, como sempre, um enorme agradecimento a toda a equipa da Bookouture, Sarah Hardy, Kim Nash, Noele Holten, Ruth Tross, Alex Crow, Alex Holmes e Alba Proko, para mencionar só algumas pessoas. Muito amor e agradecimentos a Jane Willis, da United Agents, por todo o teu apoio. E a Mara Bergman, por ser a minha leitora de sensibilidade, por todo o apoio que me deste, e aos meus livros, ao longo dos anos.

Estou igualmente em dívida para com todas as pessoas que despenderam o seu tempo a avaliar os meus outros romances históricos, *An American in Paris*, *Beyond This Broken Sky*, *The Paris Network* e *The Secret Keeper*, nos seus blogues, Goodreads, NetGalley e Amazon. São demasiadas para mencionar aqui e detestaria esquecer-me acidentalmente de alguém, mas saibam que leio e agradeço cada avaliação, assim como todo o trabalho que fazem para ajudar os autores e a indústria editorial.

Não tenho a certeza se poderia ter escrito este livro se não tivesse os meus pais. Acho que o facto de se terem conhecido numa reunião anti-*Apartheid* (organizada pelo meu pai) já diz tudo sobre eles. Sinto-me muito grata por me terem incutido desde muito nova a necessidade de erguer a minha voz contra o ódio e a opressão. E tenho de admitir que a personagem do Solly é ligeiramente baseada no meu pai e muitas das fábulas e crenças que o Solly partilha neste livro são, na verdade, coisas que o meu pai foi partilhando comigo. Assim sendo, um enorme e sentido obrigada a Anne Cumming e Michael Curham.

Sinto-me extremamente grata aos meus amigos e familiares que tanto têm apoiado os meus livros de ficção histórica. Um agradecimento especial a Alice Curham, Steve O'Toole, Lacey Jennen,

Gina Ervin, Amy Fawcett, Charles Delaney, Carolyn Miller, Thea Bennett, Linda Lloyd, Sara Starbuck, Pearl Bates, Marie Hermet, Caz McDonagh, Sass Pankhurst, Linda Newman, Diane Sack Pulsone, Jan Silverman, Patrica Jacobs, Mavis Patcher, Mike Davidson, Liz Brooks, Fil Carson, Jackie Stanbridge, Pete Haynes e Abe Gibson.

Por fim, os últimos, mas não menos importantes, OBRIGADA a todos os leitores que me enviaram mensagens tão agradáveis a respeito dos meus romances sobre a Segunda Guerra Mundial. Escrever pode ser uma tarefa muito solitária, por isso significa muito para mim saber como os meus livros foram importantes para todos vocês.